



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA MÍDIA**

**RICELLI DE ARAÚJO MEDEIROS**

**O ACONTECIMENTO E A INFLUÊNCIA DOS CIRCUITOS COMUNICACIONAIS:  
O EPISÓDIO DA PROFESSORA POTIGUAR AMANDA GURGEL**

**NATAL-RN**

**2015**

RICCELLI DE ARAÚJO MEDEIROS

**O ACONTECIMENTO E A INFLUÊNCIA DOS CIRCUITOS COMUNICACIONAIS:**

**O EPISÓDIO DA PROFESSORA POTIGUAR AMANDA GURGEL.**

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de Mestre.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA  
ANGELA PAVAN  
Linha de Pesquisa: Estudos da Mídia e  
Produção de Sentido.

NATAL-RN

2015

Catálogo da Publicação na Fonte.  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA).

Medeiros, Riccelli de Araújo.

O acontecimento e a influência dos circuitos comunicacionais: o episódio da professora potiguar Amanda Gurgel / Riccelli de Araújo Medeiros. – 2015.  
180 f.: il. -

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte.  
Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em  
Estudos da Mídia, 2015.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Maria Angela Pavan.

1. Comunicação de massa – Aspectos sociais. 2. Televisão. 3. Freitas,  
Ananda Gurgel. I. Pavan, Maria Angela. II. Universidade Federal do Rio  
Grande do Norte. III. Título.

RN/BSE-CCHLA

CDU 316.774

RICCELLI DE ARAÚJO MEDEIROS

**O ACONTECIMENTO E A INFLUÊNCIA DOS CIRCUITOS COMUNICACIONAIS:**

O EPISÓDIO DA PROFESSORA POTIGUAR AMANDA GURGEL

Dissertação apresentada em cumprimento às exigências do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para obtenção do grau de Mestre.

ORIENTADORA: PROF<sup>a</sup>. DR<sup>a</sup>. MARIA ANGELA PAVAN  
Linha de Pesquisa: Estudos da Mídia e Produção de Sentido.

DISSERTAÇÃO DEFENDIDA E APROVADA EM \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

*BANCA EXAMINADORA*

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Angela Pavan

(Orientadora – Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Allyson Carvalho de Araújo

(Universidade Federal do Rio Grande do Norte)

---

Prof<sup>o</sup> Dr. Jefferson Garrido de Araújo Neto

(Universidade Estadual do Rio Grande do Norte)

“Tenho uma dor de concha extraviada.  
Uma dor de pedaços que não voltam.  
Eu sou muitas pessoas destroçadas”.

Manoel de Barros

*Aos meus pais, Aprígio e  
Raimundinha, nessa saudade que me  
acompanha nos dias de sol e de  
chuva.*

## AGRADECIMENTOS

*Dou respeito às coisas desimportantes  
e aos seres desimportantes.  
Prezo insetos mais que aviões.  
Prezo a velocidade  
das tartarugas mais que a dos mísseis.  
Tenho em mim esse atraso de nascença.  
Eu fui aparelhado  
para gostar de passarinhos.  
Tenho abundância de ser feliz por isso.  
Meu quintal é maior do que o mundo.*  
**Manoel de Barros**

Algumas conquistas ao longo da vida sempre foram difíceis e solitárias. Não seria diferente, se não fosse comigo. Esse desejo de conquistar a graduação de mestre pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte também seguiu um caminho cheio de percalços.

Mas, aprendi desde cedo, a importância do agradecimento, do incentivo e do apoio que se precisa para caminhar...

Externo então, meu muito obrigado....

À minha família, que de perto e de longe estão presentes na minha vida.

À minha orientadora e querida Maria Angela Pavan, que além do conhecimento científico e acadêmico, me mostrou um novo jeito de enxergar a vida. Cada palavra e conselho que me foram presenteados estão guardados. Obrigado pela leveza de ser.

Aos companheiros de redação da TV Assembleia do RN, pelos momentos em que precisei me ausentar no horário de trabalho para assistir aulas e cumprir os créditos exigidos pelo PPGEM. É muito bom compartilhar esse ofício diário com vocês.

À secretária municipal de educação de Natal, professora Justina Iva de Araújo Silva, que gentilmente compreendeu a necessidade da minha licença como servidor público para estudo, como determina a Lei Complementar nº. 058/2004. Grato pelo apoio.

À brilhante professora Eloisa Klein, pela inspiração no caminho da minha escrita e pelas contribuições no seminário de orientação e no processo de qualificação.

À professora Lisabete Coradini, pelo olhar de humanidade ao meu trabalho e as contribuições no processo de qualificação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia da UFRN, pelos conhecimentos ao longo desse período.

Ao amigo Cleber Femina, companheiro de curso, que nesse agradecimento, representa todos os colegas de turma. Vamos em frente!

A querida Juliana Bulhões, pelo incentivo e contribuição na decisão de regressar ao universo acadêmico. Você é referência!

*Quem conta a sua história reconstrói sua memória, percebe a dimensão do que realizou e reafirma a capacidade de decidir e participar da história de um lugar. Ao compartilhar seu depoimento, toma consciência do contexto maior em que está inserido. Percebe que as situações de vidas sempre se estendem além da experiência individual (PAVAN e VELOSO, 2012, p. 325).*

## **RESUMO**

A pesquisa busca o entendimento dos circuitos comunicacionais na produção de sentidos a partir de um acontecimento envolvendo a imagem de uma professora da rede pública estadual do Rio Grande do Norte, chamada Amanda Gurgel, que protagonizou um acontecimento comunicacional por meio de uma narrativa durante uma audiência pública na Assembleia Legislativa do RN, no dia 10 de maio de 2011. No momento que ocorria um movimento paredista entre professores da rede estadual de ensino e o poder público, o relato da docente alcançou vários espaços midiáticos a partir de um vídeo postado no Youtube, como uma entrevista ao vivo da professora no telejornal RNTV 1ª Edição, veiculado pela InterTV Cabugi, afiliada da Rede Globo de Televisão, no dia 19 de maio do mesmo ano, e a participação dela durante 25 minutos ao vivo no programa Domingão do Faustão, da Rede Globo de Televisão, veiculado no dia 22 de maio do mesmo ano. Com interesse de compreender a circulação de notícias em torno desse acontecimento, a pesquisa objetiva também verificar de que forma a imagem da professora Amanda Gurgel foi enquadrada pelo telejornal local e pelo programa de entretenimento com abrangência nacional. A proposta visa ao mesmo tempo identificar a representatividade da professora nos circuitos comunicacionais, buscando embasamento teórico nas discussões sobre acontecimento do filósofo francês Louis Quéré e da pesquisadora brasileira Vera Regina Veiga França, das proposições sobre os circuitos comunicacionais do pesquisador José Luiz Braga, nas teorias de representação e enquadramento do antropólogo e sociólogo canadense Erving Goffman, nos estudos sobre imagem do professor e pesquisador Adilson Citelli, além do aporte das discussões de Henry Jenkins e Clifford Geertz.

**Palavras-chave:** Acontecimento. Circuitos Comunicacionais. Representação. Amanda Gurgel.

## ABSTRACT

The present research seeks the understanding of communication circuits in the production of meaning from an event involving the image of Amanda Gurgel, teacher of a public school of Rio Grande do Norte. The teacher starred a communication event through a narrative at a public hearing happened in the Legislative Assembly of the RN on May 10<sup>th</sup>, 2011. At the time, it happened a striker movement among teachers of state schools and the government. The teacher's report reached several media spaces started from a video posted on Youtube as a live interview of the teacher on the news RNTV 1st Edition on May 19<sup>th</sup> of that year, broadcast by InterTV Cabugi, an affiliate of the Globo Television Network. She has also participated for 25 minutes live on “Domingão do Faustão” a Globo Television program broadcasted on 22<sup>nd</sup> May of that year. With interest to understand the circulation of news around this event, the research aims to check how the image of Amanda Gurgel was framed by local television news and also on entertainment programs with national coverage. The proposal aims to identify the representativeness of the teacher in communication circuits, seeking theoretical basis in discussions about events of the French philosopher Louis Quéré and Brazilian researcher Vera Regina Veiga France, the propositions on the communication circuits of the researcher José Luiz Braga, theories representation and framing of Canadian anthropologist and sociologist Erving Goffman, in studies of image from professor Adilson Citelli, and the contribution of Henry Jenkins and Clifford Geertz discussions.

**Keywords:** Event. Communicational circuits. Representation. Amanda Gurgel.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b> – Print Screen de notícia publicada na Tribuna do Norte .....	25
<b>Figura 2</b> – Plano aberto da audiência pública.....	29
<b>Figura 3</b> – Discurso do deputado Hermano Moraes.....	30
<b>Figura 4</b> – Fala da secretária Betânia Ramalho .....	31
<b>Figura 5</b> – Discurso do professor José Arnoud .....	31
<b>Figura 6</b> – Fala do secretário Obery Rodrigues.....	32
<b>Figura 7</b> – Plano aberto do plenário e chegada do presidente da Assembleia Legislativa, Ricardo Motta.....	33
<b>Figura 8</b> – Fala do presidente Ricardo Motta .....	34
<b>Figura 9</b> – Fala da promotora de educação e primeira aparição da professora Amanda Gurgel .....	35
<b>Figura 10</b> – Fala da professora Eleika Bezerra.....	36
<b>Figura 11</b> – Fala do professor Rudemberg Lisboa .....	36
<b>Figura 12</b> – Discurso do deputado Fernando Mineiro.....	37
<b>Figura 13</b> – Fala da deputada Larissa Rosado .....	38
<b>Figura 14</b> – Fala da sindicalista Janeayre Souto.....	39
<b>Figura 15</b> – Fala da estudante Samara Martins .....	39
<b>Figura 16</b> – Amanda Gurgel se dirige ao púlpito para falar e se pronuncia em defesa do magistério .....	40
<b>Figura 17</b> – Fala da sindicalista Fátima Cardoso.....	41
<b>Figura 18</b> – Fala da professora Luciana Lima .....	42
<b>Figura 19</b> – Fala do professor José Teixeira .....	43
<b>Figura 20</b> – Fala do professor Anselmo Pamplona .....	44
<b>Figura 21</b> – Discurso do deputado Getúlio Rêgo .....	45
<b>Figura 22</b> – Registro da saída da professora Amanda Gurgel da audiência pública .....	45
<b>Figura 23</b> – Comparativo das imagens de duas professoras da rede pública .....	56
<b>Figura 24</b> – Sequencia do gestual de Amanda durante o discurso na AL .....	59
<b>Figura 25</b> – Print screen do blog que repercutiu a matéria publicada no portal do deputado que postou o vídeo inicialmente.....	60
<b>Figura 26</b> – Print screen das publicações em Twitter.....	61
<b>Figura 27</b> – Amanda na AL do RN .....	66

<b>Figura 28</b> – Amanda Gurgel acompanha audiência no plenário .....	67
<b>Figura 29</b> – Print Screen da conta/perfil de Vanderei Nascimento no Youtue .....	72
<b>Figura 30</b> – Print Screen da conta perfil do witter do soldado wWanderlei Felipe.....	73
<b>Figura 31</b> – Print screen de comentários no Youtube.....	74
<b>Figura 32</b> – Print screen de comentários no Youtube.....	76
<b>Figura 33</b> –Lídia Pace e Amanda Gurgel no RNTV 1ª Edição .....	83
<b>Figura 34</b> – Comparativo da imagem de Amanda Gurgel em duas ocasiões .....	85
<b>Figura 35</b> – Anúncio de Fausto Silva e chegada de Amanda Gurgel ao programa.....	87
<b>Figura 36</b> – Amanda entrevistada por Fausto Silva.....	89

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Reflexos de um espelho em que me olhei .....</b>	<b>13</b>
<b>2 CONTEXTO HISTÓRICO .....</b>	<b>22</b>
<b>2.1 Um embate paredista: motivações para uma narrativa .....</b>	<b>22</b>
<b>2.2 O espaço público e a oportunidade ocasional para se comunicar .....</b>	<b>26</b>
<b>2.3 Imagem do professor e o conceito discutido por Adilson Citelli .....</b>	<b>47</b>
<b>3 ACONTECIMENTO: O QUE OCORREU NO DIA 10 DE MAIO DE 2011? .....</b>	<b>51</b>
<b>3.1 Uma conceituação contemporânea nas discussões de Louis Quéré e Vera França. 51</b>	
<b>3.2 Oito minutos para Amanda: a narrativa e a primeira vida do acontecimento.....</b>	<b>56</b>
<b>3.3 Outros momentos e a notícia: a segunda vida de um acontecimento .....</b>	<b>62</b>
<b>3.4 Personagem e protagonista do acontecimento: Amanda Gurgel é a professora que o Brasil parou para ouvir.....</b>	<b>65</b>
<b>4 CIRCUITOS COMUNICACIONAIS E O ESPALHAMENTO DA NOTÍCIA .....</b>	<b>71</b>
<b>4.1 Autonomia individual na disseminação da notícia: a ação do soldado militar Vanderlei Felipe e o vídeo no Youtube .....</b>	<b>71</b>
<b>4.2 RN TV 1ª Edição e a abertura de espaço ao vivo para a professora Amanda Gurgel .....</b>	<b>80</b>
<b>4.3 Repercussão nacional: 25 minutos ao vivo no Domingão do Faustão .....</b>	<b>85</b>
<b>4.4 O enquadramento na imagem e na representação de uma professora da rede pública .....</b>	<b>91</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>95</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>105</b>
<b>Apêndice A - Transcrições dos vídeos .....</b>	<b>105</b>
<b>Apêndice B – Transcrição de entrevista ao vivo no RN TV 1ª Edição .....</b>	<b>159</b>
<b>Apêndice C –Transcrição de trecho do Programa Domingão do Faustão.....</b>	<b>162</b>

<b>Apêndice D – Transcrição da entrevista de Vanderlei Felipe Nogueira .....</b>	<b>170</b>
<b>Apêndice E – Transcrição da entrevista de Amanda Gurgel de Freitas .....</b>	<b>173</b>

# 1 INTRODUÇÃO

## 1.1 Reflexos de um espelho em que me olhei

Durante toda minha vida fui aluno da rede pública de ensino. Desde o período da pré-escola até a conclusão do ensino médio, estudei no interior do Rio Grande do Norte. Na minha cidade Acari, distante 210 km da capital, eu vivenciei uma escola pública que possibilitava aos alunos um processo de ensino-aprendizagem incentivador. Mesmo distante dos grandes centros, e com a ausência de alguns recursos para serem utilizados como instrumentos metodológicos e pedagógicos de ensino, os meus professores se esforçavam para apresentarem o melhor que dispunham e contribuíssem com a minha formação e dos meus colegas de classe.

Acredito que no meu período escolar entre as décadas de 1980 e 1990<sup>1</sup>, as condições do ensino público no Brasil já atravessavam uma crise em questões de investimento e reconhecimento da figura do professor. O desestímulo e até mesmo a insatisfação com a profissão já eram presentes. Porém, tive o privilégio de não ser afetado diretamente por esse processo de desvalorização da categoria docente. Lembro que durante todo esse período fiquei menos que uma semana sem aula em decorrência dos movimentos paredistas, envolvendo os professores e o poder público.

[...] não se trata de ofuscar os problemas vividos pela educação formal, que conheceu gigantesco crescimento nos últimos 30 anos, chegando, hoje, a 52 milhões de alunos no ensino básico e quase 6,5 milhões no superior, entre graduação e pós-graduação. A este inegável processo de ampliação do acesso à escola, é imperioso promover outro movimento, agora voltado aos ajustes que permitam um salto de qualidade no ensino. (CITELLI, 2012, p.10).

A dedicação dos professores das escolas em que estudei, se sobrepunha às condições oferecidas pela máquina pública ao sistema educacional. Devo levar em consideração que em um município pequeno do interior do Rio Grande do Norte, neste período que relato, a militância sindical não detinha força suficiente para arregimentar um movimento paredista.

Sempre ouvi relatos que em décadas passadas, pelo menos até o início dos anos de 1960, a figura do professor elevava o profissional que tinha o ensino como ofício a uma condição de prestígio na sociedade. Era comum que toda boa família desejasse ter um professor entre os

---

<sup>1</sup> Para registro: fui aluno da Escola Estadual Tomaz de Araújo de 1982 até 1985. Do ano de 1986 até 1989 estudei na Escola Estadual Dr. José Gonçalves de Medeiros. Durante os anos de 1990 e 1992, conciliei a formação no curso de Magistério na Escola Estadual Professora Iracema Brandão de Araújo, com a formação técnica em Contabilidade, na Escola Municipal Dr. Odilon Guedes da Silva.

membros. Com o passar dos anos, a precarização da profissão, principalmente na rede pública, subjogou o professor a uma condição inversa à que ocupou no passado. Hoje, se noticia a falta de interesse de muitos jovens pela formação acadêmica no universo das licenciaturas<sup>2</sup>.

Quando cursava a graduação de licenciatura e bacharelado em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, eu consegui por meio da Secretaria Estadual de Educação, um estágio remunerado na Escola Estadual Manoel Villaça, na Zona Sul de Natal, para lecionar a disciplina de História de 5ª a 8ª série e de segunda a sexta-feira. E foi, exatamente nesse momento, que passei a vivenciar uma educação pública que até então desconhecia. Era tudo novo para mim. Chegava a ser assustador. A realidade que encontrei foi bastante diferente das memórias em sala de aula na minha terra natal.

Conheci professores desestimulados, cansados, indignados e apáticos, diante das condições de infraestrutura das escolas públicas em funcionamento na capital. Ouvi relatos de docentes que já tinham desistido do “ser professor”, e apenas cumpria burocraticamente o ofício diário, na certeza de manter pelo menos os meios de sobrevivência da família. Muitos aproveitavam os momentos de greve da categoria, ou mobilizações sindicais para descansarem o corpo e o espírito em casa, sem nenhum envolvimento com a luta sindical.

Quando no ano 2000, fui aprovado em um concurso público da Prefeitura de Natal, fui designado para lecionar na Escola Municipal Professora Maria Cristina Osório Tavares, na Zona Oeste da cidade, especificadamente no bairro de Felipe Camarão – que quantificava nesta época os maiores índices de violência urbana da cidade - encontrei um cenário parecido do meu tempo como estagiário. Dois anos depois, consegui uma transferência para outra escola da rede

---

<sup>2</sup> Na edição de fevereiro de 2010, a revista Nova Escola, publicou reportagem com o título “Por que a docência não atrai”, mostrando que baixos salários, desvalorização social e más condições de trabalho são fatores preponderantes e que não desperta o interesse de jovens pela docência, segundo um estudo desenvolvido pela Fundação Victor Civita. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/politicas-publicas/carreira/docencia-nao-atrai-535101.shtml>>. Acesso em: 18 mar. 2015. “Pesquisa mostra que apenas 2% dos jovens querem ser professores”. Essa foi uma das manchetes do jornal “O Globo” na edição do dia 14 de novembro de 2011. A reportagem trata da falta de professores qualificados no Brasil, e a desvalorização da carreira, fazendo com que muitos jovens prefiram outras profissões. Nesta edição foi mostrada ainda uma pesquisa da Fundação Carlos Chagas, apontando que apenas 2% dos jovens querem cursar Pedagogia ou alguma licenciatura. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/pesquisa-mostra-que-apenas-2-dos-jovens-querem-ser-professores-3234641>>. Acesso em: 18 mar. 2015. O jornal Tribuna do Norte publicou a seguinte manchete no dia 18 de novembro de 2012: “Procura por cursos de licenciatura fica estagnada”. Na reportagem, dados do Censo do Ensino Superior de 2011, do Ministério da Educação, apontando uma queda de 8% na formação de novos professores de Física e de 6% em Matemática, totalizando um universo de 14 mil universitários nas áreas destacadas, enquanto 95 mil bacharéis concluíram o curso de Direito. Disponível em: <<http://tribunadonorte.com.br/noticia/procura-por-cursos-de-licenciatura-fica-estagnada/236844>>. Acesso em: 18 mar. 2015.

municipal. Desta vez, fui lecionar na Zona Norte de Natal, em um bairro com uma população bastante carente e com os mesmos índices de violência da localidade de Felipe Camarão.

Porém, posso relatar que na Escola Municipal Professor Waldson José Bastos Pinheiro, no bairro de Nossa Senhora da Apresentação, encontrei um grupo de professores com mais estímulo e vontade de fazer a diferença. Hoje, embora não esteja mais lecionando, mantenho contato com alguns colegas de profissão que conheci e com um grupo de aproximadamente 12 ex-alunos que pelo menos uma vez ao ano, nos encontramos para uma confraternização e para falarmos sobre a vida, das conquistas desses meninos e meninas que de alguma maneira se identificaram com minha maneira de agir e de enxergar o mundo. A maioria deste grupo já está na universidade e isso é de imediato um grande contentamento.

Concilieei o exercício da docência na rede pública de ensino municipal, com minha formação em Comunicação Social (habilitação em Jornalismo) pela UFRN, pouco tempo depois de entrar no serviço público. Concilieei também o planejamento das aulas, a correção de provas e atividades, com o mercado de trabalho da comunicação. Uma dupla jornada e duas realidades profissionais diferentes. Em muitos aspectos semelhantes.

Como jornalista, percebi o interesse dos meios de comunicação, nas redações em que trabalhei com as causas voltadas à educação pública, desde os primeiros anos como profissional da comunicação. A cobertura de movimentos grevistas de professores é pauta constante. O incentivo à leitura e a construção de bibliotecas públicas também. A cobrança da sociedade por uma educação de qualidade, valorização do professor da rede pública e os bons exemplos de professores e alunos estão sempre em discussão nas redações de jornais impressos, emissoras de televisão e portais de internet.

E ao pensar em realizar essa pesquisa a primeira preocupação foi com relação à metodologia que possibilitasse uma melhor compreensão do objeto de estudo, levando em consideração o contexto social, os atores envolvidos e a até mesmo a inter-relação minha enquanto pesquisador com os aspectos temáticos envolvidos no estudo, que é o de compreender a circulação de notícias diante do acontecimento e do episódio comunicacional em torno da imagem da professora da rede pública estadual do Rio Grande do Norte, Amanda Gurgel.

Debruçado em leituras tratando sobre metodologias e técnicas recorrentes na pesquisa em comunicação, tracei um caminho enquanto pesquisador, que mais tarde percebi não ter nenhuma relação com o método que até então, acreditava está executando.

Então, compreendi que ao dar encaminhamento na minha pesquisa, da maneira como estava sendo realizada, os caminhos me levavam a etnografia. De acordo com o imprescindível

Aurélio (FERREIRA, 1999, p.849), a etnografia é definida de duas maneiras distintas: “parte dos estudos antropológicos que corresponde à fase de elaboração de dados obtidos em pesquisa de campo e estudo descritivo de um ou de vários aspectos sociais ou culturais de um povo ou grupo social”.

Mas, fui acometido de certo temor enquanto pesquisador, uma vez que, tenho diretamente uma relação com um dos aspectos envolvidos na pesquisa: o ofício de professor. Embora, esteja há bastante tempo sem lecionar, permanecem marcadas na minha trajetória de vida, todos os sentimentos que envolvem a realidade do professor da rede pública de ensino, como se fosse piscadelas e piscadelas presentes no processo de pesquisa como “estruturas superpostas de inferências e implicações através das quais o etnógrafo tem que procurar o seu caminho continuamente (GEERTZ, 2008, p. 6).

Para concretizar minha pesquisa, busquei o distanciamento, o estranhamento do universo que tenho conhecimento e que permanece ativo e presente dentro da pesquisa. De acordo com o antropólogo Roberto DaMatta (1978), no artigo referência na área e titulado “O ofício de etnólogo, ou como ter anthropological blues”,

[...] vestir a capa de etnólogo é aprender a realizar uma dupla tarefa que pode ser grosseiramente contida nas seguintes fórmulas: (a) transformar o exótico no familiar e/ou (b) transformar o familiar em exótico. E, em ambos os casos, é necessária a presença dos dois termos (que representam dois universos de significação) e, mais basicamente, uma vivência dos dois domínios por um mesmo sujeito disposto a situá-los e apanhá-los.(DA MATTA, 1978, p.28).

Diante da afirmação de DaMatta, a pesquisa segue a segunda fórmula, que é exatamente, a ação do antropólogo de pesquisar a própria sociedade em que está inserido, procurando encará-la de maneira diferente, dentro da própria cultura.

Senti também a necessidade do desprendimento do verbo “julgar”. Na condição de professor do ensino público, nunca me detive ou mostrei interesse nos movimentos sindicais, nem em filiações partidárias que de alguma maneira interferisse diretamente ou indiretamente no exercício da minha profissão.

Isso não significa que me calo diante de injustiças e favorecimentos. Mas, de frente para a pesquisa que decidi empreender de maneira etnográfica, esse exercício se mostrou de imediato como prioritário. “Na etnografia é fundamental, antes de tudo, desfazer-se de si mesmo para não julgar o que se observa (PAVAN; VELOSO, 2014 p.226).

Seguindo adiante com a missão que me propôs, percebi que praticar a etnografia não se limita apenas ao pesquisador o exercício de estabelecer relações, transcrever, selecionar

informantes, mapear campos, manter um diário com anotações, uma vez que, a pesquisa poderia parecer óbvia diante do que se dispunha em campo. No entanto, como afirma Clifford Geertz (2008), o que “define o empreendimento é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma descrição densa”, questão superior do que qualquer técnica ou processo de formatação.

Com essas definições estabelecidas, a pergunta norteadora do problema de estudo, se delimita em: investigar de que maneira os circuitos comunicacionais (BRAGA, 2012) compreendem a narrativa da professora Amanda Gurgel na audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, no dia 10 de maio de 2011, e como a professora se transformou em personagem de um acontecimento (QUÉRÉ, FRANÇA, 2012), com proporções nacionais a partir da circulação de um vídeo disponível em um canal de compartilhamento (Youtube)? Penso que a dinâmica das redes sociais, se configura não somente como uma reverberação dos acontecimentos, mas também como um palco de contínua circulação midiática.

E nesse momento de questionamentos e investigação, a “descrição densa”, vai se desenhando, pois como escreveu Clifford Geertz (2008),

[...] pois a maior parte do que precisamos para compreender um acontecimento particular, um ritual, um costume, uma ideia, ou o que quer que seja está insinuado como informação de fundo antes da coisa em se mesma ser examinada diretamente (GEERTZ, 2008, p. 7).

Na busca pelo entendimento desse acontecimento que colocou em destaque a educadora como protagonista de uma ação, traçamos como objetivo principal compreender os circuitos comunicacionais em torno de um acontecimento iniciado em uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte envolvendo diretamente a professora Amanda Gurgel.

Complementando essa ideia, buscamos verificar de que forma a imagem (CITELLI, 2012) da professora Amanda Gurgel foi enquadrada (GOFFMAN, 2012) pelo telejornal RNTV 1ª Edição do dia 19 de maio de 2011, produzido e veiculado pela InterTV Cabugi, afiliada da Rede Globo de Televisão, e com abrangência estadual, e pelo programa de entretenimento Domingão do Faustão, veiculado pela Rede Globo de Televisão, do dia 22 de maio do mesmo ano, com veiculação em todo território brasileiro; entender o acontecimento que desencadeou a circulação da notícia em torno do vídeo postado no canal Youtube com a narrativa da professora, e por fim, avaliar o papel da personagem Amanda Gurgel na construção da representatividade (GOFFMAN, 1989) da profissão de professor.

Uma boa questão que se pode apontar de forma prioritária neste trabalho, é de que, caso não estivéssemos vivendo um momento de profusão dos circuitos comunicacionais na sociedade, o discurso da professora Amanda Gurgel não teria alcançado a dimensão social que tornou a educadora uma personagem e protagonista de um acontecimento.

Outra questão problematizadora é de que, caso não houvesse a circulação da notícia de forma independente, a professora Amanda Gurgel, não teria conquistado naquele momento a representatividade diante da categoria profissional pertencente em meio a uma disputa paredista.

Desta forma, a hipótese da pesquisa é a de que há uma consolidação do papel dos circuitos comunicacionais pesquisados por José Luiz Braga na difusão da notícia e na construção da imagem que se pode garantir uma representatividade social a partir de um acontecimento singular.

Importante reforçar que esse circuito comunicacional ocorre a partir do momento em que a professora se posiciona como participante ativa de um evento público, transmitido ao vivo pela emissora TV Assembleia do RN; da iniciativa de um parlamentar em publicar no portal de divulgação das ações de mandato uma reportagem e o vídeo editado apenas com o trecho da participação da professora em questão; da reprodução desse vídeo numa publicação em uma conta do Youtube pertencente a um cidadão; e do interesse dos veículos de comunicação em abrir espaço para a protagonista de um acontecimento, que naquele momento de embate paredista se posicionou como figura representativa de uma categoria profissional.

Esse processo que foi se desencadeando em torno da professora Amanda Gurgel, remete a história contada por Henry Jenkins, em seu livro “Cultura da Convergência”, quando uma história que circulou no outono de 2001, envolvendo Dino Ignacio, um estudante secundarista filipino-americano, que criou no Photoshop uma colagem do Beto, personagem de Vila Sésamo (1970), interagindo com o líder terrorista Osama Bin Laden, como parte de uma série de imagens chamada “Beto é do Mal”.

Do seu quarto, Ignacio desencadeou uma controvérsia internacional. Suas imagens cruzaram o mundo, algumas vezes veiculadas por meios comerciais, culturais, outras, por meios alternativos. E, no final, inspirou seguidores de sua própria seita. Com sua popularidade crescendo, Ignacio ficou preocupado e finalmente decidiu tirar seu site do ar. [...] Bem-vindo à cultura de convergência, onde as velhas e as novas mídias colidem, onde mídia corporativa e mídia alternativa se cruzam, onde o poder do produtor de mídia e o poder do consumidor interagem de maneiras imprevisíveis. (JENKINS, 2009, p. 27).

Para estruturar todo o escopo da pesquisa, utilizando a etnografia como preceito metodológico, a composição do trabalho busca aferir entendimento e compreensão de dois eventos comunicacionais que participam após o acontecimento protagonizado pela professora Amanda Gurgel, necessitando também para acrescentar ao corpus, as entrevistas gravadas e autorizadas devidamente pela professora Amanda Gurgel e pelo policial militar Vanderlei Felipe Nogueira

Além de reunir o referencial teórico necessário, foi prioritária também a compilação das imagens em vídeo determinadas para o estudo; a transcrição na íntegra desse material; a captura das imagens por meio do dispositivo *printscreen* - que é uma tecla comum aos teclados de computador e quando pressionada, captura em forma de imagem o que se apresenta na tela - e duas entrevistas abertas, ou seja, com questões que foram surgindo ao longo da conversa entre o entrevistador e o entrevistado<sup>3</sup>, e que foram gravadas e transcritas na íntegra.

Voltando um pouco as imagens dos vídeos compilados para a pesquisa, é preciso que se detalhe de que maneira utilizei o material disponível para estudo. Quando do trecho do vídeo disponibilizado no canal do Youtube pelo policial militar Vanderlei Felipe, optei pelo recurso de baixar e salvar o arquivo no computador, uma vez que, a necessidade de assisti-lo em vários momentos, iria interferir diretamente na contagem de acessos do vídeo na conta/perfil do militar.

Quanto da gravação na íntegra da audiência pública transmitida pela TV Assembleia, e que não está disponível em nenhum canal de compartilhamento de imagens, solicitei a emissora da qual sou funcionário, uma cópia em DVD do material, justificando diante da direção do veículo, a necessidade do conteúdo para pesquisa.

Com relação aos vídeos que retratam a participação da professora Amanda Gurgel, no telejornal RNTV 1ª Edição e o programa Domingo do Faustão, solicitei o serviço de uma empresa especializada em clipagem eletrônica e adquiri em DVD o material, destacando que no caso do telejornal, foi disponibilizado além da entrevista na íntegra, a chamada da apresentadora para a entrevista no início do jornal, e na virada dos dois intervalos.

Todo esse material foi transcrito na íntegra sem alterar nem mesmo qualquer concordância verbal ou nominal que por ventura tenha sido proferida pelos atores presentes nos vídeos em questão. As entrevistas empreendidas com a professora Amanda Gurgel e o policial

---

<sup>3</sup> De acordo com Travancas (2012) [[NÃO ENCONTREI NAS REFERÊNCIAS ESTE AUTOR, PRECISA INSERIR]], existem várias formas de se fazer uma entrevista, desde a definição do tempo, do local e das questões que serão abordadas, até de seus usos. A princípio, tudo o que está sendo dito interessa e é importante, em maior ou menor grau.

Vanderlei Felipe, no dia 18 de setembro de 2014, também seguiram os mesmos critérios de transcrição.

O etnógrafo “inscreve” o discurso social: ele o anota. Ao fazê-lo, ele o transforma de acontecimento passado, que existe apenas em seu próprio momento de ocorrência em um relato, que existe em sua inscrição e que pode ser consultado novamente. (GEERTZ, 2008, p. 14).

A importância do trabalho se estabelece na necessidade de compreender a formação dos circuitos comunicacionais a partir de um episódio que se pode caracterizar também com o surgimento de um acontecimento, que se dá da representatividade midiática de uma figura importante no desenvolvimento da sociedade: o professor.

Historicamente, o professor passou por modificações com relação ao seu *status quo*, em uma sequência da desvalorização profissional e de identidade. Durante muito tempo, ser professor exercia certo fascínio e reverberava em um poder simbólico na sociedade. Depois, há uma depredação desta imagem, que passou a ser associada diretamente a uma categoria com baixos salários, condições precárias de trabalho e falta de prestígio e credibilidade na sociedade.

Para Citelli (2012), o discurso midiático que aponta uma imagem do professor do ensino básico no Brasil parte de um processo de representação. “O conceito de representação tem forte ancoragem na história do Ocidente e vem sendo desdobrado por várias áreas do conhecimento e diferentes compreensões teóricas” (CITELLI, 2012, p. 11).

Nesta perspectiva, fixamos como contribuições do trabalho para o campo acadêmico a possibilidade de estudar todo o circuito comunicacional que se desenvolveu a partir do acontecimento protagonizado pela professora Amanda Gurgel, com o interesse de verificar a saliência da circulação de notícias e a capacidade de se estabelecer uma imagem representativa de uma categoria e da presença desse indivíduo nos circuitos de comunicação. A compreensão que se tem é de que, a circulação dos significados políticos e midiáticos em espaços sociais acontece de uma maneira muito emaranhada.

Também é importante destacar a compreensão do enquadramento de sentidos dos meios envolvidos nesses circuitos que posicionaram a imagem da protagonista do acontecimento estudado, e como este enquadramento efetivou a figura da professora de forma representativa diante da circulação social que está inserida.

Do ponto de vista comunicacional, o trabalho pode dar uma possibilidade para que os profissionais de comunicação que atuam nas redações de televisão possam repensar conceitos e pré-conceitos acerca da imagem do professor, incidindo sob a elaboração de textos, imagens e enquadramentos de sentidos.

Para a sociedade, é essencial que se dê voz aos profissionais da educação, para que se entenda melhor a influência da mediação no processo de valorização ou desvalorização em determinadas categorias profissionais. Além da importância da compreensão dos circuitos comunicacionais que se desenvolvem todo momento no cotidiano das pessoas e como esse espalhamento de informações modifica os meios e as mediações no universo da informação. É importante destacar que segundo JENKINS (2009), o conteúdo, o público e o status social podem mudar ou subir ou cair, mas uma vez que um meio se estabelece, ao satisfazer alguma demanda humana essencial, ele continua a funcionar dentro de um sistema de opções de comunicação.

## 2 CONTEXTO HISTÓRICO

### 2.1 Um embate paredista: motivações para uma narrativa

*“A greve, no fundo, é a linguagem dos que não são ouvidos”. Martin Luther King*

No dia 02 de maio de 2011, o Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Rio Grande do Norte (SINTE-RN), comunica por meio de documento oficializado ao gabinete da governadora do estado, Rosalba Ciarlini Rosado (DEM), a deflagração do movimento de greve. A entidade sindical alega, naquele momento, que até então, não havia, por parte do poder executivo, nenhuma resposta a pauta de reivindicações<sup>4</sup> da categoria, apresentada ainda no início de janeiro do mesmo ano, que entre tantos apelos, estava à implantação do Plano de Cargos, Carreira e Remuneração.

Considerando a profunda insatisfação dos profissionais da educação, em assembleia realizada nesta quinta-feira dia 28 do mês de abril do ano em curso e após a leitura da nota dirigida a este sindicato decidiu pela: deflagração do movimento paredista por tempo indeterminado.<sup>5</sup>

Após oficializar junto ao poder executivo estadual o início do movimento de greve, anteriormente aprovado em assembleia, a entidade representativa dos docentes divulgou junto aos professores associados e aos que não contribuem mensalmente com a entidade, por meio de panfletos distribuídos nas escolas da rede, um calendário de atividades e ações durante o movimento paredista que aconteceram em Natal, como mostra o quadro abaixo.

---

<sup>4</sup> Pauta do Sinte-RN apresentada ao governo do estado: escalonamento do pagamento do efeito retroativo a abril 2011 dos 34% que corresponde à implantação do piso salarial no estado; escalonamento do pagamento dos 34% proposto pelo governo para o magistério estadual em três parcelas iguais nos meses de julho, agosto e setembro; dar as garantias da implantação dos 21,76% na carreira do magistério, decorrente da correção do piso salarial para 2012 o que pode afastar a hipótese de uma nova greve no estado; dar garantia de implementação da tabela salarial do magistério proposta pelos trabalhadores em educação, apresentando um escalonamento de implementação até o primeiro semestre de 2012; dar garantias da implementação imediata após o término da greve da instalação da comissão que irá trabalhar na revisão do Plano de Cargos Carreira e Remuneração (PCCR) do magistério, conforme lei complementar nº. 322/06; implantar no contracheque dos servidores no mês de julho os 30% referente ao pagamento da lei complementar 432/10, para os 7.800 servidores que ainda não tiveram os efeitos financeiros do PCCR implantados no seu contracheque; escalar o pagamento dos 70% referentes ao pagamento do restante do PCCR dos servidores da administração da seguinte forma: 30% no mês de setembro, 20% no mês de outubro, 10% no mês de novembro e 10% no mês de dezembro. As informações foram transcritas dos arquivos do Sinte-RN no dia 20 de outubro de 2013.

<sup>5</sup> Trecho do Ofício nº 041/11 encaminhado pelo Sinte-RN ao gabinete da governadora RosalbaCiarlini:

**Quadro 1** – Calendário de Ações da Greve

09/05/11 – 15 h	Realização de plenária na Escola Estadual Winston Churchill e busca de audiência na Casa Civil.
10/05/11 – 09 h	Audiência Pública “O cenário atual da educação pública no RN”, na Assembleia Legislativa.
10/05/11 – 15 h	Audiência com os deputados e presidente da Assembleia Legislativa para falar sobre a negociação com o governo.
11/05/11 – 14 h	Parada Nacional. Assembleia Geral na Praça Gentil Ferreira e caminhada com panfletagem pelas ruas do bairro do Alecrim.
12/05/11 – 07 h	Arrastão na Secretaria Estadual de Educação no Centro Administrativo do RN.
12/05/11 – 15 h	Concentração na Escola Estadual Francisco Ivo e caminhada no bairro DixSept Rosado.
13/05/11 – 09 h	Reunião no Sinte-RN com diretores de escolas para tratar da participação dos professores seletivos e estagiários na greve. Instalação do Fórum Estadual em Defesa da Educação do RN no auditório da Escola de Música da UFRN.
18/05/11 – 14 h	Assembleia Geral da categoria no Sinte-RN.

Fonte: Sinte-RN.

De acordo com dados fornecidos pela Secretaria Estadual de Educação do RN, no ano de 2011, o quantitativo de professores da rede estadual era de 15.921, sendo que desse total, 8.426 estavam em sala de aula e 7.495 fora de sala de aula por questões como licenças – para estudo, interesse particular e tratamento de saúde - e cessão para outros órgãos.

No processo de construção da greve, os veículos de comunicação passaram a acompanhar o desenrolar dos acontecimentos do início ao fim do movimento paredista que durou de 02 de maio a 20 de julho, totalizando 52 dias letivos. Aqui se reforça o processo de midiática que compreende uma crescente e permanente influência midiática nas instituições e nas interações sociais e culturais.

O trabalho apresenta para registro em tabela abaixo, os títulos das reportagens publicadas pelo jornal impresso Tribuna do Norte<sup>6</sup>, desde o anúncio do movimento de greve até a o anúncio da audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do RN no dia 10 de maio de 2011, que adiante é relatada nesta pesquisa. A escolha pelo jornal Tribuna do Norte, para exemplificar

<sup>6</sup> Todas as reportagens estão disponíveis no <<http://www.tribunadonorte.com.br/>>. Acesso em: 15 mar. 2014.

o acompanhamento da greve dos professores do RN, nos meios midiáticos, se justifica pelo fato de ser esse o jornal com maior tiragem e circulação no Rio Grande do Norte. De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>7</sup>, em maio de 2011, a Tribuna do Norte circulava aos domingos com uma média de 14 mil exemplares, e no período de terça a sábado, esse valor era reduzido a média quase 10 mil exemplares.

**Quadro2** – Notícias publicadas pelo jornal Tribuna do Norte

08/05/11	Audiência discute problemas da educação
07/05/11	Rosalba faz apelo aos professores
05/05/11	Rosalba quer ajuda para pagar piso dos professores
04/05/11	Plano de Cargos e Salários da Educação pode ser revisto
03/05/11	Greve dos professores estaduais se expande pelo interior
03/05/11	Governo diz que negociação só com professores em sala
02/05/11	Secretaria não atenderá reivindicações dos professores
30/04/11	Professores do Estado para dia 2

Fonte: <[www.tribunadonorte.com.br](http://www.tribunadonorte.com.br)>. Acesso em: 30 de maio de 2014.

Interessante apontar que no quadro acima, os títulos das reportagens mostram claramente os dois posicionamentos envolvidos no movimento de greve. De um lado, a postura do governo do estado, e do outro, a categoria liderada pelo movimento sindical. Essa dicotomia mostra que na sociedade de midiatização, a circulação passa a expressar um lugar de produção de sentidos, quando as intenções de um e de outro lado se mostram alinhados e em caminhos distintos.

A notícia com o anúncio da realização da audiência pública na Assembleia Legislativa do RN no dia 10 de maio de 2011, foi publicada na edição do dia 08 de maio (domingo). As segundas-feiras não há circulação do impresso e a audiência pública aconteceu na terça-feira (11). Abaixo a figura com o *print screen* da notícia anunciando a realização da audiência pública pelo jornal Tribuna do Norte.

<sup>7</sup> As informações do IVC relativas ao mês de maio de 2011 foram fornecidas pelo Departamento Comercial da Tribuna do Norte.

**Figura 1** – Print Screen de notícia publicada na Tribuna do Norte

## Audiência discute problemas da Educação

Publicação: 2011-05-08 08:40:00 | Comentários: 0

Numa iniciativa do deputado Hermano Moraes(PMDB) com o apoio dos demais deputados estaduais, a Assembleia Legislativa realiza audiência pública na próxima terça-feira (10), a partir das 9h30, sobre a Educação no Rio Grande do Norte, com ênfase para a greve dos professores da rede estadual de ensino.

Irão participar da audiência a secretária estadual de Educação, Betânia Ramalho, e representantes do Ministério Público, Sindicato dos trabalhadores em Educação(Sinte-RN), e outras instituições ligadas à área educacional do estado.

“A Assembléia vai dar sua contribuição na tentativa de que haja uma solução para a greve dos professores”, diz Hermano Moraes.

No dia 10 de maio de 2011, na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, acontece a audiência pública titulada “O cenário atual da educação pública no RN”<sup>8</sup>, presidida pelo deputado estadual, Hermano da Costa Moraes, filiado ao Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB) e presidente da Comissão de Educação da Assembleia Legislativa. O debate foi transmitido ao vivo pela TV Assembleia RN (Canal 50 aberto e 09 Cabo TV).

O tópico seguinte deste capítulo introdutório vai apresentar toda a estrutura e desenrolar da audiência pública do dia 10 de maio de 2011, como instrumento disponível para qualquer cidadão, debater junto ao poder público constituído, assuntos relevantes e de importância emergencial ao desenvolvimento igualitário de uma sociedade organizada.

<sup>8</sup> No requerimento encaminhado pelo deputado Hermano Moraes a presidência da Assembleia Legislativa do RN, o parlamentar justifica a realização da audiência da seguinte forma: “O requerimento em tela propõe uma ampla discussão sobre os investimentos, as perspectivas e o atual cenário da educação no Rio Grande do Norte, contribuindo, assim, para a formulação de propostas, diretrizes e na promoção de atividades que visem à melhoria da qualidade deste serviço essencial para a formação de crianças e adolescentes do nosso Estado”.

## **2.2 O espaço público e a oportunidade ocasional para se comunicar**

O Brasil vive um regime democrático. Desde o ano de 1988 quando foi promulgada no dia 5 de outubro, a Constituição Federal – legislação suprema – do país, que o povo brasileiro passa a desenhar uma nova história da participação popular diante dos acontecimentos e dos fatos que constroem a sociedade de um chamado “país continental”. Nesse processo democrático, a presença do cidadão vai deixando de ser meramente de expectador diante do poder público constituído legalmente, para exercer com plena liberdade, o direito de opinar, exigir e contribuir com o desenvolvimento do país.

Essa contextualização inicial abre espaço para se buscar o entendimento de um instrumento presente no regime democrático, em que a participação do poder público e do cidadão se encontram com objetivos específicos e comuns, na busca por soluções ou por propostas que possam modificar a estrutura e o funcionamento de um determinado cenário ou segmento da sociedade.

Sem o interesse de burocratizar esse trabalho, mais exclusivamente com a proposta de conhecimento sobre a estrutura e funcionamento da audiência pública, como espaço aberto ao debate, e que no corpus dessa pesquisa, se mostra como cenário inicial para o acontecimento e circulação comunicacional envolvendo a narrativa da professora Amanda Gurgel, é que se faz necessário o entendimento de como funciona uma audiência pública.

Buscando uma conceituação mais simples, para não enveredar para o universo das ciências jurídicas, a audiência pública é um instrumento que possibilita uma decisão política ou legal com transparência e legitimidade, além de ser um canal de conscientização comunitária, que funciona como veículo para uma legítima interação dos participantes em torno de um tema de interesse público. (SOARES, 2002, p. 3).

No exercício do meu ofício de repórter de televisão, tenho constantemente a oportunidade de acompanhar a realização de audiências públicas, tanto na Câmara Municipal de Natal, como na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Nessas ocasiões, além da condição de profissional de comunicação, com o dever de realizar uma cobertura jornalística daquele evento, me coloco também, como mero expectador.

Para expressar o sentimento que tenho em todas essas ocasiões, me remeto à afirmação de Georges Balandier, citada no livro da antropóloga Ana Lúcia Pastore Schritzmeyer, “Jogo, Ritual e Teatro – um estudo antropológico do Tribunal do Júri”, ao afirmar categoricamente

que “todo sistema de poder é um dispositivo destinado a produzir efeitos, entre os quais os que se comparam às ilusões criadas pelas ilusões do teatro” (SCHRITZMEYER, 2012, p.172).

Faço essa observação ao compreender que naquele momento em que autoridades constituídas e a população se encontram em um espaço público e ambas com direito a expressar pensamentos, opiniões e discordâncias, uma espécie de espetáculo teatral se realiza, como se fosse um ritual pré-estabelecido, tendo cada participante um papel definido durante aquele momento.

O termo ritual se justifica no pensamento de Erving Goffman, quando ele diz que “estou lidando com atos em que o ator, através do componente simbólico desses atos, mostra o quão digno ele é de respeito ou o quão dignos ele sente que os outros são de respeito”. (GOFFMAN, 2011, p. 26)

Provavelmente acontece durante uma audiência pública, a personificação mais clara do que estabelece o parágrafo único do artigo 1º da Constituição Federal do Brasil, ao prevê que “todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”.

São essas as minhas impressões como expectador de uma audiência pública, ao fazer também a crítica como profissional de comunicação, de que não reconheço na prática, resultados concretos de discussões que demoram horas em cada audiência pública que participo como repórter de televisão. “A dramatização política consagra, comemora, difunde ideias e procura adesões através do espetáculo”. (SCHRITZMEYER, 2012, p.186). Porém, é importante destacar que esse instrumento, mesmo com uma carga de teatralidade, coloca em espaços públicos de discussões e opiniões divergentes, questões prioritárias para o fortalecimento do poder estatal e da própria sociedade.

A audiência pública mostra-se um mecanismo eficiente na busca do aperfeiçoamento dos mecanismos de definição das prioridades de investimentos estatais nas chamadas políticas públicas, uma das atribuições dos governantes que maiores críticas têm gerado nos últimos tempos. (DAL BOSCO, 2002, p. 20).

Na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, o Regimento Interno do Poder Legislativo, consolidado por meio da Resolução 10/2003, estabelece no título IX, a participação da sociedade civil e destaca os seguintes artigos:

Art. 313 - A iniciativa popular no processo legislativo será regulada em Lei (Constituição, artigo 46, parágrafo 2º).

Art. 315 - A participação da sociedade civil poderá, ainda, ser exercida através do oferecimento de pareceres técnicos, exposições e propostas oriundas de

entidades científicas e culturais, de associações e sindicatos, e demais instituições representativas.

Art. 316 - As Comissões podem, inclusive em reuniões conjuntas, realizar audiência pública com cidadão ou entidade da sociedade civil para instruir matéria legislativa em trâmite, bem como para tratar de assunto de interesse público relevante, mediante proposta de qualquer Deputado, ou a pedido da entidade interessada.

Parágrafo único - O Presidente da Comissão organizará a audiência pública, cuidando para que as diversas correntes de opinião sejam ouvidas.

(p. 92-93)<sup>9</sup>

Desta forma, seguindo o regimento interno, o deputado estadual Hermano Morais (PMDB), no exercício do primeiro mandato, e presidindo na época a Comissão de Educação da Assembleia Legislativa, requereu junto à presidência do Poder Legislativo, a realização de uma audiência pública com o tema “O cenário atual da educação pública no RN”<sup>10</sup>, com data para acontecer no dia 10 de maio de 2011, às 14 horas, no auditório Robinson Faria, no Palácio José Augusto, sede do poder legislativo. Por questões de agenda do parlamentar que propôs a discussão, a audiência foi antecipada para 09 horas da manhã e teve uma duração de quatro horas e 15 minutos.

As Audiências Públicas são um dos principais instrumentos de ação dos deputados estaduais da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Norte. Elas são requeridas pelos parlamentares e realizadas através do Centro de Estudos e Debates. Qualquer deputado pode solicitar a realização de uma audiência pública, bastando apresentar um requerimento relatando o tema proposto com a devida justificativa.<sup>11</sup>

A estrutura para o funcionamento da audiência pública aconteceu com a formação da mesa de autoridades e convidados, presidida pelo parlamentar Hermano Morais. A partir deste momento a pesquisa se volta para a essência da etnografia, buscando na característica interpretativa, que é o fluxo do discurso social, salvar o dito de tal discurso e inscrever de forma pesquisável, buscando empreender uma discrição que possibilite todo o entendimento de como se foi arregimentando o episódio vivenciado pela professora Amanda Gurgel. E por isso, é dever da teoria etnográfica, fornecer um vocabulário no qual possa ser expresso o que o ato simbólico tem a dizer sobre ele mesmo – isto é, sobre o papel da cultura na vida humana (GEERTZ, 2008).

---

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.al.rn.gov.br/portal/regimento>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

<sup>10</sup> O requerimento que justifica o tema da audiência “O cenário atual da educação pública no RN” diz o seguinte: o requerimento em tela propõe uma ampla discussão sobre os investimentos, as perspectivas e o atual cenário da educação no Rio Grande do Norte, contribuindo, assim, para a formulação de propostas, diretrizes e na promoção de atividades que visem a melhoria da qualidade deste serviço essencial para a formação de crianças e adolescentes do nosso estado”.

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.al.rn.gov.br/portal/p/audiencia-publica>>. Acesso em: 30 mar. 2015.

Inicialmente, foram convidados a integrarem a mesa: a professora Betânia Leite Ramalho, secretária estadual de educação do Rio Grande do Norte; o professor José Rômulo Arnoud, representante do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do RN (Sinte-RN); Francisco Obery Rodrigues Júnior, secretário estadual de planejamento e finanças do RN; professor Rudemberg Honório Lisboa, presidente da União dos Dirigentes Municipais de Educação no RN (Undime-RN); a promotora de justiça da educação, Danielle de Carvalho Fernandes e a professora Eleika Bezerra Guerreiro, coordenadora do Instituto de Desenvolvimento da Educação (Ide). Na platéia da audiência transmitida ao vivo pela emissora legislativa (TV Assembleia RN) sintonizada no canal 50 (aberto) e 09 (Cabo Telecom), parlamentares, professores e alunos da rede pública estadual. “Na audiência pública, a coletividade é parte interessada e ativa, com direitos de natureza procedimental a ser respeitados, direitos de oferecer e produzir provas e controlar as que são produzidas e de fazer alegações”. (DAL BOSCO, 2002, p. 12).

**Figura 2** – Plano aberto da audiência pública



Não existe por parte do cerimonial da Assembleia Legislativa do RN, nenhum documento que estabeleça normas seqüenciais para a condução da audiência. No entanto, se convencionou ao longo dos anos, o seguinte andamento depois de formada a mesa de autoridades e convidados: o autor da iniciativa se dirige ao púlpito e faz uso da palavra por 15 minutos. Nesse momento, é solicitado de outro parlamentar que ocupe a presidência da mesa. Na audiência que se relata nesta pesquisa, o papel foi dirigido ao deputado estadual Walter Alves (PMDB), enquanto o deputado Hermano Moraes discursava como proponente da audiência e justificava a preocupação com a realidade da educação pública no estado:

[...] resolvemos então conjugar esforços no sentido de promover aqui uma audiência bastante representativa, e, esperamos também, bastante produtiva,

principalmente no momento em que temos aí as atividades da rede pública estadualparalisadas em função de um movimento paredista.<sup>12</sup>

**Figura 3** – Discurso do deputado Hermano Morais



Logo na sequência do discurso do deputado Hermano Morais, agraciado com aplausos dos presentes, o parlamentar reassume a presidência da audiência pública e concede a palavra para a professora Betânia Leite Ramalho, secretária estadual de educação do RN, representante do Governo do Estado por 20 minutos (tempo diferenciado que foi combinado anteriormente). Diante do tema proposto para a audiência e pelo cenário de greve da categoria de professores da rede estadual, as primeiras palavras da professora Betânia Ramalho foram às seguintes:

[...] na conversa inicial com o deputado Hermano Morais, eu pensei em trazer pra uma discussão, um panorama não do que todos já sabem, que é a condição de precarização que nós estamos vivenciando na educação, porque isso já não é novidade pra ninguém. [...] A categoria dos professores, que é vítima de um histórico ruim, pontuado pela desvalorização e desrespeito que se manifestam nas aposentadorias represadas há anos. (informação verbal).<sup>13</sup>

**Figura 4** – Fala da secretária Betânia Ramalho

<sup>12</sup> Trecho da transcrição do discurso do deputado estadual Hermano Morais (PMDB), presidente da audiência pública do dia 10 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN.

<sup>13</sup> Trecho da transcrição do discurso da secretária estadual de educação do RN, professora Bethânia Leite Ramalho, durante audiência pública do dia 10 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN.



Seguindo um ritual convencional ao formato das audiências públicas, depois do registro de aplausos para a fala da representante do Governo do Estado, o presidente da mesa, confere a palavra ao representante do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do RN, o professor José Rômulo Arnoud pelo tempo estabelecido de 10 minutos para os demais representantes da mesa. Na fala do representante sindical, o relato das reivindicações da categoria junto ao poder público e do processo de negociação entre grevistas e governo.

Nós temos que avançar sim, temos que melhorarmos os salários dos professores, temos que avançarmos na questão da qualificação desses profissionais, temos que avançar também na questão das instalações físicas das escolas pra que a gente possa sair desse impasse e que a gente possa tirar o Rio Grande do Norte da situação que se encontra (informação verbal).<sup>14</sup>

**Figura 5** – Discurso do professor José Arnoud



Ao retomar a condução da audiência, o deputado Hermano Moraes, antes de conceder espaço para o próximo orador, faz a leitura nominal para registrar a presença na audiência de convidados e as respectivas entidades e instituições que representam naquele momento, em uma

<sup>14</sup> Trecho transcrito do discurso do professor José Rômulo Arnoud, representante do Sinte-RN durante a audiência pública do dia 11 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN.

demonstração de reverência e respeito à presença do público e que por uma questão logística, não estão dispostos na mesa de autoridades.

Toda essa sequencia de nomes, a referência de entidades e autoridades representadas, compõe um jogo político e teatral liderado nesse momento pelo parlamentar que conduz a audiência pública. A necessidade de conduzir o roteiro e direcionar esse momento como se fosse um espetáculo, revela que é “essa forma teatral de regular a vida cotidiana dos homens em sociedade é tão poderosa e onipresente que pode ser encontrada por trás de todas as formas de arranjo da sociedade e de organização dos poderes” (SCHRITZMEYER, 2012, p.166).

Dando continuidade a condução da audiência, é concedido espaço para se pronunciar ao secretário estadual de planejamento e finanças, Francisco Obery Rodrigues Júnior, que pede licença e quebra o protocolo convencional, ao se pronunciar da mesa das autoridades em vez de utilizar o púlpito. No discurso de aproximadamente 20 minutos (tempo extrapolado), Obery Rodrigues se detém em apresentar números e cálculos orçamentários referentes aos cofres públicos estaduais, que justificam naquele momento, as dificuldades, segundo relato, do governo do estado conceder reajuste salarial para a categoria de professores em greve deflagrada.

Mas, no geral, como é que se melhoraria essa situação, do governo do estado? Melhorando a escola, estancando a perda de matrícula principalmente pra rede privada, acho que o poder público tem o dever de inverter esse processo, trazer os alunos da rede privada pra rede pública. E só vai fazer isso se avançar na questão da qualidade, não tem outro caminho. (informação verbal).<sup>15</sup>

**Figura 6** – Fala do secretário Obery Rodrigues



<sup>15</sup>Trecho da transcrição da fala do secretário estadual de planejamento e finanças, Obery Rodrigues Júnior, durante a audiência pública do dia 11 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN.

Durante a exposição do secretário Obery Rodrigues, a imagem da TV Assembleia RN muda de ângulo e passa a enquadrar o plenário da audiência, e registra ao mesmo tempo, a chegada do então presidente da Assembleia Legislativa do RN, o deputado Ricardo Motta (PMN), que ocupa um lugar no plenário destinado ao público presente.

Essa mudança de câmera e novo direcionamento, é conduzida pelo diretor de imagem da emissora, que tem acesso ao mesmo tempo no *master* da TV aos três equipamentos (câmeras) que estão dispostas no plenário, fazendo a transmissão da audiência pública.

**Figura 7** – Plano aberto do plenário e chegada do presidente da Assembleia Legislativa, Ricardo Motta



Depois de concluída a explanação do secretário de governo, o deputado Hermano Moraes, retoma a condução da audiência, e mais uma vez, refaz o caminho do controle da vida em cotidiano da sociedade e das estruturas de poder, ao registrar a presença dos deputados Tomba Farias (PSD) e do então presidente da Assembleia Legislativa, o deputado Ricardo Motta (PMN), modificando inclusive, a sequência dos oradores inscritos, para priorizar naquele momento a fala do presidente do Poder Legislativo do RN, fortalecendo a afirmação de que “qualquer universo político é um cenário ou, mais genericamente, um lugar dramático em que são produzidos efeitos” (SCHRITZMEYER, 2012, p.197), ou seja, a prioridade de quem detém o poder permanece, mesmo diante de um espaço público, que em tese, todos os cidadãos estão nas mesmas condições de igualdade.

Corroborando o pensamento da antropóloga Ana Lúcia Pastore Shcritzmeier, desse lugar dramático e de poder, o presidente do legislativo estadual, se pronuncia por menos de cinco minutos, apenas para afirmar que o espaço público da Assembleia Legislativa permanece aberto ao debate para todos os assuntos pertinentes ao funcionamento da sociedade e do povo do Rio Grande do Norte.

A nossa palavra é de satisfação, é de alegria em saber que a Assembleia Legislativa mais uma vez cumpre com o seu desejo, o seu programa, a sua determinação em abordar temas tão relevantes para o nosso estado. Dizer que a nossa Casa Legislativa mais uma vez traz a este plenário a questão da educação, que é um tema tão atual, inclusive com o que diz respeito a denúncias, mas eu quero dizer que o plenário da nossa Casa, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte tá de portas abertas para tentar ajudar, mediar, fazer aquilo que vier de encontro, vier na convergência das soluções desses problemas. (informação verbal).<sup>16</sup>

**Figura 8** – Fala do presidente Ricardo Motta



Após a fala do deputado Ricardo Motta, o parlamentar cumprimentou os integrantes da mesa, e se retirou do local, e a audiência pública, retoma a ordem dos oradores previamente inscritos. O presidente da audiência concede então, a palavra para a representante do Ministério Público Estadual, a promotora Danielle de Carvalho Fernandes.

A fala da promotora – que também permaneceu na mesa - relatou as ações do Ministério Público na fiscalização do sistema de ensino no Rio Grande do Norte, e das ações que são dimensionadas para que se alcance uma educação de qualidade. Durante o pronunciamento da representante do Ministério Público, a TV Assembleia muda o ângulo da transmissão e novamente abre a câmera para a plenarinho. Nesse momento, pela primeira vez, a professora Amanda Gurgel aparece no vídeo durante a audiência pública.

O discurso da promotora reflete o pensamento institucional do órgão, uma vez que, na ocasião, ela representava a titular responsável pela promotoria de educação.

[...]Acho que se houvesse tempo pra fazer uma audiência pública por mês sobre educação, a pauta não iria se esgotar, porque é uma pauta extremamente extensa, e quando eu vi o tema “cenário atual da educação no RN”, eu pude imaginar que aqui dentro desse tema iriam caber dezenas de discussões, mas

<sup>16</sup>Trecho da transcrição da fala do deputado estadual Ricardo Motta, então presidente da Assembleia Legislativa do RN, durante audiência pública no dia 10 de maio de 2011.

sabemos que essa audiência, ela tem como pano de fundo esse momento complexo que nós vivemos da greve, mas a educação é muito mais do que isso [...] (informação verbal).<sup>17</sup>

**Figura 9** – Fala da promotora de educação e primeira aparição da professora Amanda Gurgel



Na sequência de aplausos, o presidente da audiência agradece, retoma o registro de outros presentes no evento e em seguida concede a palavra para a professora Eleika Bezerra Guerreiro<sup>18</sup>, representando na ocasião o Instituto de Desenvolvimento da Educação (Ide). Durante a fala da professora Eleika Bezerra que durou aproximadamente 15 minutos, o discurso foi interrompido em quatro ocasiões por aplauso dos participantes.

Realmente, ser professor hoje faz até um pouco de vergonha, né? Pela remuneração que existe, nós precisamos ter uma remuneração digna, nós precisamos assumir a nossa função, nós temos que correr atrás também de avaliação, por que não? Podemos e queremos ser avaliados. (informação verbal).<sup>19</sup>

<sup>17</sup> Trecho do discurso da promotora de justiça, Danielle Fernandes, durante a audiência pública do dia 10 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN

<sup>18</sup> Participante da audiência pública do dia 10 de maio de 2011, a professora aposentada e representante do Instituto de Desenvolvimento da Educação (IDE), vai se encontrar novamente com a professora Amanda Gurgel, na Câmara Municipal de Natal, na condição de vereadora. Na mesma eleição municipal em que a professora Amanda Gurgel foi eleita vereadora de Natal em 2012, a professora Eleika Bezerra também conquistou uma vaga no legislativo municipal com 2.210 votos pelo Partido da Social Democracia Cristã (PSDC).

<sup>19</sup> Trecho da transcrição do discurso da professora Eleika Bezerra Guerreiro, representante do Ide.

**Figura 10** – Fala da professora Eleika Bezerra



Ao término da fala da professora Eleika Bezerra, o deputado Hermano Moraes convida o presidente da União dos Dirigentes Municipais de Educação no RN (Undime-RN), o professor Rudemberg Honório Lisboa. O representante da Undime-RN também permaneceu na mesa de autoridades durante a fala, e destacou a necessidade de abertura de diálogo entre o governo do estado e a entidade sindical que representa os professores da rede estadual. Rudemberg Lisboa foi o último integrante da mesa a se pronunciar e utilizando um tempo inferior ao permitido para cada integrante da mesa.

[...] fazer também um apelo aqui à Secretaria do Estado e também ao Sinte, que sentem, dialoguem, ponderem e cheguem a um denominador comum em prol sim dos estudantes, que são os mais prejudicados. Afinal, são 310 mil alunos que estão sem aulas. (informação verbal).<sup>20</sup>

**Figura 11** – Fala do professor Rudemberg Lisboa



<sup>20</sup> Trecho da transcrição da fala do representante da Undime-RN, o professor Rudemberg Lisboa durante audiência pública no dia 10 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN

Ao assistir o vídeo da audiência pública, se percebe que durante a fala do representante da Undime-RN, o presidente da mesa, o deputado Hermano Moraes, se afasta do evento, e no lugar dele, assume a presidência o deputado estadual Getúlio Rêgo (DEM). Ao término da fala do professor Rudemberg Lisboa, o deputado Getúlio Rêgo, concede a palavra ao deputado estadual Fernando Mineiro (PT), pelo tempo de 10 minutos. Ao iniciar o discurso, o deputado do PT, justifica de imediato que o deputado Hermano Moraes, se ausentou por um instante para conceder entrevista para uma emissora de televisão local.

Durante o período que se pronunciou, o deputado Fernando Mineiro, destacou a falência do sistema educacional público no Brasil, e também questionou os números apresentados pelo secretário de planejamento e finanças do RN, Obery Rodrigues.

Eu acho que essa polêmica sobre a concepção de educação, sobre a importância que tem o processo educacional de desenvolvimento. Nós educadores temos aqui uma larga tradição de muitos debates sobre esse tema e tenho consciência, a educação do nosso estado é uma educação falida, no fundo do poço. (informação verbal).<sup>21</sup>

**Figura 12** – Discurso do deputado Fernando Mineiro



Ao retomar a presidência da audiência pública, o deputado Hermano Moraes, esclareceu que os questionamentos feitos pelo parlamentar do PT, iriam ser respondidos ao final do evento, concedendo a palavra para a deputada do PSB, Larissa Rosado.

A parlamentar do PSB, se posicionou preocupada com a evolução do movimento paredista entre professores da rede estadual e governo, e se colocou à disposição para atuar como mediadora no processo de negociação entre as partes. Uma das falas da parlamentar vai ser criticada adiante durante o posicionamento da professora Amanda Gurgel.

<sup>21</sup> Trecho da fala do deputado estadual Fernando Mineiro (PT), durante audiência pública do dia 10 de maio de 2011 na Assembleia Legislativa do RN.

A gente pode discutir a estrutura física, a gente pode discutir transporte escolar, efeitos da educação nas outras áreas da nossa sociedade, mas nós não teremos essa educação se nós não tivermos o professor dentro da sala de aula, contribuindo para a educação dos nossos filhos e filhas. (informação verbal).<sup>22</sup>

**Figura 13** – Fala da deputada Larissa Rosado



Antes do próximo orador, o deputado Hermano Moraes, nominou a presença de professores de algumas escolas do interior do estado e também da capital. Nesta oportunidade, o nome da professora Amanda Gurgel, da Escola Estadual Myriam Coelli<sup>23</sup>, foi citado pela primeira vez durante a audiência. Junto com a professora Amanda Gurgel, o parlamentar mencionou mais três professoras da mesma unidade de ensino presentes ao evento e fazendo o registro da presença.

Na lista de inscritos, os participantes ouviram o discurso da sindicalista Janeayre Souto, representando a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, que embora tenha sido anunciada como professora, logo no início da fala, a oradora corrigiu a informação e se apresentou como servidora técnica da educação.

Eu tenho dito por onde eu passei: a queda de braço, a busca de quem pode mais, não nos interessa. [...] é preciso que a gente tenha dinheiro pra comer. É preciso que a gente tenha condições pra se transportar e é preciso que a gente tenha condições de sobreviver. E ao chegar aqui, pra concluir, ao cumprimentar a professora Eleika, eu dizia, como dizia o poeta: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.” (informação verbal).<sup>24</sup>

<sup>22</sup> Trecho da fala da deputada Larissa Rosado (PSB) durante audiência pública e que foi criticada no posicionamento da professora Amanda Gurgel.

<sup>23</sup> A Escola Estadual Myriam Coeli fica localizada na Rua dos Caroads, S/N Conjunto Nova Natal, Lagoa Azul, em Natal.

<sup>24</sup> Trecho da fala da sindicalista Janeayre Souto durante a audiência pública do dia 10 de maio de 2011.

**Figura 14** – Fala da sindicalista Janeayre Souto



Na lista de inscritos, o presidente da audiência convida para se pronunciar e falar em nome dos estudantes da rede estadual, Samara Martins, da União dos Estudantes Secundaristas Potiguares (Uesp), que se posicionou de maneira articulada, declarando apoio ao movimento grevista dos professores. A estudante trouxe para a audiência pública o discurso e a indumentária do movimento estudantil, representada em uma vestimenta com a imagem do revolucionário cubano Ernesto Che Guevara e a frase “Rebele-se”.

[...] nós estudantes, apesar do que foi levantado aqui, de ter o problema do calendário e da agenda escolar, nós estudantes também apoiamos a greve dos professores. Entendendo que a valorização dos professores é importante pra que tenha um avanço na educação, uma melhoria da qualidade da educação. (informação verbal).<sup>25</sup>

**Figura 15** – Fala da estudante Samara Martins



<sup>25</sup> Trecho da fala da estudante secundarista Samara Martins da União dos Estudantes Secundaristas Potiguares

Finalizada a fala da estudante e militante Samara Martins, o deputado Hermano Moraes convida para se pronunciar pelo tempo de 10 minutos estabelecido para todos os oradores inscritos, a professora da rede estadual de ensino, Amanda Gurgel, lotada na Escola Estadual Myriam Coeli, na região Norte da capital.

Para não sair do formato que se desenha este capítulo e pelo fato de que, em capítulo posterior, o relato da professora Amanda Gurgel, ganha destaque dentro dos conceitos de acontecimento e circulação, neste momento, a exposição aqui, segue o mesmo direcionamento de todos os outros oradores apresentados.

A professora Amanda Gurgel relatou as angústias do exercício da docência na rede pública estadual do Rio Grande do Norte, e as dificuldades dos professores que necessitam por uma questão de sobrevivência ter mais de um vínculo empregatício, criticando na construção do discurso, a fala dos oradores que lhe antecederam.

Durante cada fala aqui, eu pensava em como organizar a minha fala. Porque assim, são tantas questões a serem colocadas e tantas angústias do dia-a-dia de quem está em sala de aula, de quem está em escola, e eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias. [...] Parem de associar a qualidade da educação com professor dentro de sala de aula. Parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários em sala de aula, certo? (informação verbal).<sup>26</sup>

**Figura 16** – Amanda Gurgel se dirige ao púlpito para falar e se pronuncia em defesa do magistério



Ao encerrar o discurso que foi interrompido por 13 vezes em função dos aplausos dos presentes no plenário, a professora retornou ao lugar em que se encontrava sentada assistindo a audiência pública. Retomando o comando da audiência, o deputado Hermano Moraes afirmou o constrangimento que sentia naquele momento, diante da fala da professora. Na sequência das

<sup>26</sup> Trecho da fala da professora Amanda Gurgel na audiência pública do dia 10 de maio de 2011.

inscrições, se pronunciou a professora Fátima Cardoso, dirigente do Sindicato dos Trabalhadores em Educação do RN (Sinte-RN).

Na fala da sindicalista, que reafirmou a preocupação com o cenário da educação nas escolas da rede pública no RN e ao movimento paredista, uma menção ao discurso da professora Amanda Gurgel e também a preocupação com o processo que descaracteriza a identidade do professor ao longo dos anos dentro da sociedade.

A gente está nessa luta há muito tempo e tem escutado, nesses sucessivos anos, os discursos sobre educação[...] Essa realidade que a Amanda acabou de colocar aqui, como profissional da área de educação, de uma vivência que extrapola a capacidade humana de resistir a determinados momentos em que se é necessário estabelecer o conflito, se é necessário estabelecer a contradição [...]Outro dia eu participei de uma audiência pública na outra casa que tratava do *bullying*, e todo mundo falava de uma forma geral e esqueceu do professor baixinho, magrinho, de óculos, aquele careca, assim como ele é autodenominado, como ele é visto, com uma perda de identidade. A sociedade tem trabalhado isto, tem expropriado a identidade desse profissional. Além de expurgar dele aquilo que lhe é mais caro, que é o direito de ter cidadania também.” (informação verbal).<sup>27</sup>

**Figura 17** – Fala da sindicalista Fátima Cardoso



Ao término da fala da professora Fátima Cardoso, o deputado Hermano Moraes convida a professora Luciana Lima, e ao mesmo tempo anuncia que na sequência ainda restam dois inscritos, antes das considerações finais dos membros da mesa. Com 23 anos de magistério na rede estadual, a professora Luciana Lima fez referência durante a fala às colocações da professora Amanda Gurgel.

<sup>27</sup> Trecho da fala da professora Fátima Cardoso do Sinte-RN, durante a audiência pública na Assembleia Legislativa do dia 10 de maio de 2011.

[...]eu me senti muito contemplada com a fala da Amanda, porque eu também fiz uma listinha de coisas para serem ditas aqui. Começava também pelo meu salário, por coincidência, porque eu tenho 23 de estado. [...] porque como Amanda disse aqui, a gente sempre ouviu os mesmo discursos. Infelizmente, estamos ouvindo mais uma vez. [...]Hoje o professor, ele não... o professor que trabalha os três horários, como colocou a professora Amanda aqui, manhã, tarde e noite, como é que ele planeja suas aulas? (informação verbal).<sup>28</sup>

**Figura 18** – Fala da professora Luciana Lima



Concluída a participação da professora Luciana Lima, o presidente da audiência convida mais um professor com representatividade junto ao sindicato da categoria. O tempo de 10 minutos foi concedido ao professor José Teixeira, que fez um comparativo com o desestímulo dos profissionais da educação em permanecerem na rede estadual, em comparação com as redes municipais de ensino, no que se refere ao salário pago pelo estado e a salário pago pelos municípios depois da implantação do piso nacional da categoria. O professor sindicalista também mencionou a professora Amanda Gurgel durante a fala.

[...] nós vivemos já um momento onde professores das redes municipais não queriam ser professores, ou seja, ganhavam taxas simbólicas e torciam pra ser professor da rede estadual [...]. Queriam, na verdade, ganhar status sendo professores da rede estadual. E hoje já se inverteu a lógica, viu Amanda, companheiros e companheiras. (informação verbal).<sup>29</sup>

**Figura 19** – Fala do professor José Teixeira

<sup>28</sup> Trecho transcrito da fala da professora Luciana Lima na audiência pública da Assembleia Legislativa do RN.

<sup>29</sup> Trecho transcrito da fala do professor José Teixeira na audiência pública da Assembleia Legislativa do RN.



Ao finalizar o discurso do professor José Teixeira é anunciada a participação do último orador inscrito pelo cerimonial responsável pela audiência pública. A palavra é concedida ao professor Anselmo Pamplona, que também integra o quadro de representantes do sindicato da categoria.

Comovido com o momento de discussão, o professor fala de maneira emocionada da trajetória de vida como docente, das dificuldades enfrentadas para sobreviver em decorrência da remuneração salarial e da oportunidade de participar de uma discussão importante em um espaço público, citando que a sede do poder legislativo é “a casa do povo”. Declarando versos autorais, encerra a participação na audiência com aplausos dos presentes.

Me permitam recitar com clareza e emoção. É tão triste ver fechar uma escola no sertão. E o governo anuncia que vai fechar um montão. Entra governo, sai governo, e não tem resultado, não. Para o meu Rio Grande do Norte, é sofrimento para a educação. (informação verbal).<sup>30</sup>

**Figura 20** – Fala do professor Anselmo Pamplona

<sup>30</sup> Trecho do verso declamado pelo professor Anselmo Pamplona na audiência pública na Assembleia Legislativa do RN.



Ao encerrar a participação dos inscritos que participam da audiência no plenário da casa legislativa, o deputado Hermano Moraes, anuncia a palavra do deputado Getúlio Rêgo (DEM), justificando na ocasião que o parlamentar detinha a função de líder do governo no legislativo estadual.

No discurso do parlamentar democrata, a defesa das ações governamentais e do nome da professora Betânia Ramalho, escolhida dentro dos quadros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, para ocupar o cargo de secretária estadual de educação. O deputado defendeu naquele momento que a greve da categoria não se colocava como a melhor alternativa para negociar com o governo do estado, e citou no discurso a professora Amanda Gurgel.

Eu compreendo o sofrimento dos professores pelos baixos salários. Eu entendi o desabafo da professora Amanda, que tem todo um potencial na formulação que fez e colocando a emoção como instrumento da sua apresentação. Esse momento, repito: é novo. (informação verbal).<sup>31</sup>

---

<sup>31</sup> Trecho da fala do deputado Getúlio Rêgo do DEM na audiência pública do dia 10 de maio de 2011.

**Figura 21** – Discurso do deputado Getúlio Rêgo



Encerrada a explanação do deputado líder do governo, o presidente da audiência retoma o uso da palavra e explica que a partir daquele momento passam a acontecer as considerações finais, levando em conta que membros da mesa foram provocados em questionamentos pelos oradores e que terão garantido o direito de responderem as indagações prévias. O parlamentar aproveita o momento para fazer alguns anúncios e avisos relevantes aos interessados na questão educacional.

Neste momento, o ângulo da câmera de transmissão da TV Assembleia muda de enquadramento, e registra a saída da professora Amanda Gurgel do plenário, enquanto o deputado Hermano Morais, na sequencia concede a fala para a promotora de justiça, Danielle Fernandes, ao secretário de planejamento e finanças, Obery Rodrigues, e por último a titular da educação estadual, a professora Betânia Ramalho.

**Figura 22** – Registro da saída da professora Amanda Gurgel da audiência pública



Durante as considerações finais da promotora de justiça, a representante do Ministério Público apenas reforçou o discurso anterior que pronunciou, ao colocar o papel institucional em fiscalizar os recursos destinados à educação, e a efetiva garantia dos 200 dias letivos e das 800 horas/aula destinadas à rede pública de ensino.

Na ordem previamente apresentada pelo presidente da audiência, a palavra foi concedida para o secretário estadual, Obery Rodrigues que disse se “dar o direito também” de externar a indignação dele diante da situação, pois também é um servidor público. Obery Rodrigues retornou as explicações sobre orçamento e contas públicas do governo.

Alterando a ordem que tinha apresentado anteriormente, o deputado Hermano Moraes, concedeu mais uma vez, a palavra ao deputado Fernando Mineiro com a justificativa de ser feito um esclarecimento acerca das palavras do secretário de planejamento e finanças.

Ao retornar ao púlpito do plenário, o deputado Fernando Mineiro volta a criticar os números apresentados com relação aos orçamentos, contas e repasses do governo por parte do secretário de planejamento e finanças. Nesse momento, passa a acontecer uma discussão individualizada entre Fernando Mineiro e Obery Rodrigues, até que a secretária de educação, Betânia Ramalho interfere na discussão, passando a partir de então, ela – a secretária – a discutir com o parlamentar petista.

De maneira diplomática, o deputado Hermano Moraes, interrompe a discussão, agradece a participação do deputado Fernando Mineiro, e concede a palavra para a professora Betânia Ramalho.

Na fala de aproximadamente 15 minutos, a secretária Betânia Ramalho relatou o processo de decisão em aceitar o cargo de auxiliar direta da governadora RosalbaCiarlini, da trajetória que construiu ao longo de anos na UFRN e como presidente da Comissão Permanente de Vestibular, agora denominado Núcleo Permanente de Concursos (Comperve), e da realidade que encontrou na estrutura da rede estadual de ensino no RN. Na fala direcionada aos professores, a secretária Betânia Ramalho, mencionou a professora Amanda Gurgel.

Eu tenho muita condição de entender o que a professora Amanda falou, porque eu vivi essa experiência como professora, seis anos na rede pública no município de João Pessoa, e que muitas vezes o ganho não dava pra pagar o transporte e meu pai tinha que bancar. Eu não trabalhava apenas por vontade, era por necessidade, como no caso de muitos professores e professoras. Aliás, o magistério tem uma identidade muito forte porque nós entramos no magistério muito jovens. (informação verbal).<sup>32</sup>

---

<sup>32</sup> Trecho do discurso da secretária Bethania Ramalho encerrando a participação dela na audiência pública da Assembleia Legislativa do RN.

Como autor da iniciativa da audiência pública, o deputado Hermano Morais, que presidia a Comissão de Educação, discursou encerrando a audiência e destacando o espaço público de discussão como cenário ideal para que a sociedade dentre os vários segmentos possa se reunir e abordar com representantes do poder público e da sociedade civil organizada, fazendo circular a partir de então, os anseios e desejos da população, como também as críticas e questionamentos acerca do funcionamento dos serviços públicos.

A estrutura das audiências públicas perfaz a propagação de que na atualidade, o cidadão comum, que trabalha, paga impostos e vive o cotidiano das cidades, não é apenas agora, coadjuvante ou expectador das ações do poder público. Com a efetivação do exercício dos direitos garantidos em constituição, ele se posiciona como cumpridor de deveres, mas da liberdade em relação ao poder público, e como titular mesmo que parcialmente de uma função em momentos de decisão. O cidadão faz circular a opinião individual, de um segmento ou categoria. Ele busca se fazer ouvir.

### **2.3 Imagem do professor e o conceito discutido por Adilson Citelli**

Muitos aspectos entrelaçados ao longo da vida me levaram ao caminho da docência na minha primeira formação acadêmica. Entre eles, a imagem de respeito que tinha e detenho até hoje de alguns professores, que na memória de um menino interiorano e aluno da escola pública se mostravam grandiosos.

Sábios no universo geográfico em que atuavam, detinham conhecimento além do senso comum da maioria de uma população em uma cidade do interior nordestino. Esses mestres se mostravam como referência, e a opinião acerca de qualquer assunto, em discussões do cotidiano, tomavam um direcionamento, quando esses professores se posicionavam.

Hoje, mesmo não tendo muita clareza dos motivos dessa primeira escolha profissional, esse universo em que habitaram os meus professores surge como um depositário de valores que foram determinantes nessa minha decisão. “O magistério é uma referência onde se cruzam muitas histórias de vidas tão diversas e tão próximas” (ARROYO, 2000, p. 14).

Na rotina diária do exercício de professor esse profissional carrega vivências e práticas. Nessa luta cotidiana no universo da rede pública, as dificuldades e o alento de alegria nas pequenas conquistas, no desenvolvimento do aluno e até mesmo quando acontece o reconhecimento público, se questiona intimamente, quem é esse profissional, para onde vai e o que leva. Muitas questões permanecem sem respostas.

A imagem do professor da rede pública foi ao longo das últimas décadas, sendo recoberta por estereótipos que, no geral, traduzem para a sociedade uma imagem negativa, e isso sempre me trouxe incômodo. Para Citelli (2012), essa situação passa a receber tradução concreta, por exemplo,

Na figura do professor de avental, braços carregados de cadernos, ou, em chave negativa, sendo agraciado com sintagmas do tipo: por serem mal pagos, os docentes fingem que ensinam, assim como os alunos fingem que aprendem. Em lugar do profissional respeitado, reconhecido pelo saber, pelo labor de ensinar os nossos filhos, pela (ad)miração, sobreveio um tipo que vive à beira do ataque de nervos, da busca de licença médica, do baixo salário, da inapetência formativa. (CITELLI, 2012, p. 10).

Para o Citelli (2012), o discurso mediático estrutura um ponto de vista uniforme da imagem do docente, que ao mesmo tempo minimiza temas e figuras e os coloca em circulação social através dos diferentes veículos.

No primeiro semestre de 2013 tive a oportunidade de assistir ao filme-documentário “Pro dia nascer feliz”<sup>33</sup>, produzido pelo documentarista João Jardim. Filmado entre abril de 2004 e outubro de 2005, a produção mostra um pouco à realidade no sistema educacional existente no Brasil e que se fragmenta de forma bem solidificada para a sociedade, no ensino público e no privado. Partindo desse ponto para realidades opostas, em que até então, determinam uma continuidade da estratificação social no país.

A estrutura do documentário prenuncia a chegada em cada lugar, cada escola e grupo de personagens por meio de uma viagem, um meio de transporte e a permanência de um grupo de pessoas (documentarista, produção e técnicos), em determinados ambientes. Dessa forma, é apresentado o cotidiano das seguintes unidades de ensino: Escola Estadual Coronel Souza Neto em Manari (PE), Escola Estadual Dias Lima em Inajá (PE), Colégio Guadalajara em Duque de Caxias (RJ), Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba (SP), Colégio Santa Cruz e Escola Estadual Levi Carneiro, em São Paulo (SP).

Alunos e professores protagonizam depoimentos intercalados com imagens e histórias de vida. A impressão que as imagens repassam ao expectador é de que alguns lugares são comuns. Ou seja, em algum momento do documentário, você vai ter a impressão que já esteve em algum daqueles lugares ou em outro muito semelhante, na condição de professor ou aluno.

Pro Dia Nascer Feliz mostra o aluno e o professor na essência de cada um. Apresenta o aluno e o professor da escola pública e pobre, sem motivação e interesse. Inseridos num

---

<sup>33</sup> PRO DIA nascer feliz. Direção, roteiro e edição: João Jardim. 2007. 1 DVD.

ambiente desfavorável e sem nenhuma condição que viabilize o processo de ensino-aprendizagem, que possa resultar em avanço intelectual ou que favoreça no futuro, estrutura para competir no mercado.

Retrata, também, o aluno e o professor da escola pública que ainda resistem em modificar uma realidade social estratificada pelas desigualdades do sistema capitalista. Evidencia toda diferença socioeconômica dos alunos da rede privada e do professor bem remunerado e com capacidade de conduzir o aprendizado com os recursos didáticos pedagógicos fundamentais na formação dos estudantes. Nesse caso, a cobrança da própria escola e dos pais pode ser a imposição ou exigência que infelizmente não acontece na rede pública de ensino.

Praticamente todos os personagens me impressionaram bastante. A realidade da adolescente Valéria Fagundes, nordestina moradora do município de Manari (PE), é o retrato mais fiel da realidade de muitos alunos da rede pública nas pequenas cidades do interior do Nordeste.

Porém, na condição de professor, o depoimento da docente Celsa Pastorelli, da Escola Estadual Parque Piratininga II em Itaquaquecetuba (SP), corrobora com a fala de Citelli (2012), de um profissional que vive em condições de saúde preocupantes e encontrando no afastamento da sala de aula, a solução para se manter trabalhando.

Aos 28 anos (idade referente ao período em que foi filmado o documentário) e 10 de profissão, Celsa declara em “Pra o dia nascer feliz”, que falta às aulas por cansaço, que “ser professor, envolvido com a profissão e com os alunos, é uma carga física e mental muito grande, é mais do que o ser humano pode suportar”, e que é visto como inimigo pelos alunos.

De acordo com Celsa, o professor está abandonado, e por isso, ela tende a “deixar pra lá”, acreditando que o professor não tem mais dignidade e que tudo está muito maquiado. Celsa revela no depoimento que faz terapia uma vez por mês.

O enredo da vida dos professores da rede pública é o que podemos chamar de complexo. O cotidiano se mostra repleto de dilemas que em sala de aula se transformam em desafios para o profissional. Com o passar do tempo, se pode perceber que a experiência não é suficiente para a solução de tantos problemas cotidianos. E é nesse universo que ocorre esse processo de caminhar e em muitas situações, o docente caminha para o universo fora da sala de aula. Essas mudanças provocadas na trajetória docente despertam o interesse das estruturas midiáticas de maneira que

o professor, dado, assim mesmo, como figura genérica, ganha, nos media, contornos discursivos modelares, cuja difusão pública registra vasta genealogia: indo da caricata, passando pela constatação do desprestígio, da pura acusação de incompetência, inapetência profissional, até as versões apocalípticas do fim de uma espécie que poderíamos chamar de homosdocentis. (CITELLI, 2012, p. 15).

Acredito que a imagem de uma profissão ou de um profissional em específico, tem muito daquilo que os membros são, da exteriorização das suas ações e valores, e do que fazem. Durante o período em que permaneci em sala de aula, lecionando diariamente, travei durante os intervalos, na sala dos professores, com meus colegas, inúmeras discussões, em torno dessa imagem de “coitado” e de “pobreza extrema” que particularmente, não me enquadrava.

Nos últimos anos, temos observado que o professor tem sido um dos principais difusores da imagem que, em última análise, tornou-se a imagem da pobreza. O que nos chama atenção é que mesmo docentes que não recebem baixos salários e não convivem com dificuldades econômicas parecem tê-la assumido de um modo tão intenso que, por vezes, chegamos a desconfiar da existência de um número significativo de integrantes da categoria que faz questão de apresentar-se desse modo e manter esse tipo de imagem (FERREIRA, 2000, p. 113).

É preciso que se supere essa imagem disseminada de “pobrezinho” ou de “coitado” e que tem a corroboração dos espaços midiáticos nessa circulação social de informações e notícias. Mesmo em momentos em que o professor se posiciona na condição de aguerrido guerreiro na busca por direitos trabalhistas e melhores condições de vida.

E foi nessa conjuntura de se mostrar e revelar as condições de trabalho, mas sem ter vergonha do ofício de vida escolhido, que a professora Amanda Gurgel protagonizou um acontecimento em um espaço público, e que por meio da circulação, o nome e a narrativa, exposta pela professora potiguar percorreu os mais variados espaços midiáticos.

No capítulo seguinte o acontecimento envolvendo a professora Amanda Gurgel e que diante da circulação colocou a professora na condição de protagonista vai ser discorrido buscando as conceituações do filósofo francês Louis Quéré e da pesquisadora brasileira Vera Regina França

### 3 ACONTECIMENTO: O QUE OCORREU NO DIA 10 DE MAIO DE 2011?

#### 3.1 Uma conceituação contemporânea nas discussões de Louis Quéré e Vera França

É da vida vivida. É no cotidiano das pessoas que as coisas se desenrolam e tomam sentidos. Quando um fato chama atenção de um indivíduo ou de um coletivo, ou uma ocorrência foge a rotina estabelecida de um grupo, instintivamente ou por força de hábito, costumamos chamar esse momento de “acontecimento”. É como se aquele fato, ao ocorrer e se concretizar em uma ação, despertasse o interesse de todos e por motivos distintos a cada indivíduo. É momentâneo e passageiro, mas pode e geralmente percorre o tempo e alavanca em casos específicos o surgimento de outros, a partir do primeiro. “Nesse processo o principal efeito de sentido é mostrar que os acontecimentos escapam às mediações, até então organizadas por “falas intermediárias”, como os do campo midiático” (FAUSTO NETO, 2012, p.299).

O acontecimento mantém uma relação intrínseca com a história. Porém, respeitando nomes da filosofia norte-americana, como Charles Sanders Peirce, John Dewey e George Herbert Mead – que preconizaram os estudos sobre o acontecimento ao longo dos anos e permanecem referências -, vou buscar na estruturação deste trabalho, as discussões provocadas pelo sociólogo francês Louis Quéré (que busca como arcabouço para compreensão e entendimento os filósofos americanos mencionados), e pela professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Minas Gerais e pesquisadora do CNPq, Vera Regina Veiga França.

A escolha em torno dos escritos do sociólogo francês e da pesquisadora brasileira como embasamento teórico desta pesquisa se justifica pela contemporaneidade das discussões e pelo interesse que tenho do assunto, a partir também de um entendimento mais atual daquilo que pode se tornar um acontecimento e do acontecimento midiaticizado e as imbricações com o universo da comunicação. De maneira pragmática, Quéré(2012, p. 21) diz:

Para se saber se a própria noção de acontecimento sofreu alguma alteração em seus usos, seria necessário proceder, sem dúvida, a uma pesquisa de semântica histórica. Mas nada indica que a palavra “acontecimento” tenha deixado de significar o que significou sempre em nossa linguagem corrente: o acontecimento é o que vem de fora, o que surge, o que acontece, o que se produz, o excepcional que se desconecta da duração.

Buscando um pouco mais o pensamento do filósofo francês, no direcionamento de uma linha racional que possa contribuir no entendimento do que efetivamente pode ser apontado

como acontecimento, Louis Quéré, destaca características intrínsecas ao acontecimento, como algo que passa a ser e não apenas, algo que acontece em um espaço. Esse momento que emerge com desfechos e transições passa a se desenvolver, cada um de acordo com a lógica própria, e como resultado de um movimento, culmina em o que se conceitua como acontecimento.

Quando se vislumbra o cotidiano com olhos de uma vida que se vive, invariavelmente pode se desconhecer qualquer conceituação de que determinado momento e ações praticadas por sujeitos ou fenômenos da natureza caracterizem um acontecimento.

É de conhecimento de todos que o homem que vive no semi-árido nordestino convive com o fenômeno da seca, da falta de chuva por longos períodos. Ele sofre, convive com as agruras desse tempo de dificuldades, perde animais, passa fome e sente sede. Mas, na vida cotidiana desse sertanejo, a estiagem prolongada é algo que não altera o “eu” do indivíduo. Há nessa convivência sem espanto, uma resiliência de que a seca está ali e não altera o viver da vida.

Mas, observando o cenário de seca no semi-árido nordestino, é visível e concreto a mudança. Quando a estiagem se instala, a normalidade é alterada, invariavelmente, por mais que o sertanejo fortalecido pelas dificuldades possa compreender que o gado vai morrer de fome, que a lavoura de milho e feijão não vai prosperar, e que “inté mesmo a asa branca bateu asas do sertão” (informação verbal)<sup>34</sup>, imortalizada no cancionário brasileiro, na voz do pernambucano Luiz Gonzaga.

A linguagem utilizada pela pesquisadora Vera Regina Veiga França, corrobora com esse processo de entendimento do acontecimento, ao utilizar de afirmações verdadeiramente perceptíveis e de uma compreensão fácil, como se fosse uma conversa que se tem cotidianamente com o vizinho de frente de casa, afirmando que:

[...] um acontecimento acontece a alguém; ele não é independente nem autoexplicativo, não são suas características intrínsecas que fazem o seu destaque, mas o poder que ele tem de afetar um sujeito – uma pessoa, uma coletividade. O acontecimento o é porque interrompe uma rotina, atravessa o já esperado e conhecido, se faz notar por aqueles a quem ele acontece” (FRANÇA, 2012a, p. 13).

Diante do que constitui o acontecimento de interesse desta pesquisa e seu desenrolar, faz-se necessário agregar as explicações até agora dadas, que o momento também se configura num processo de ruptura.

---

<sup>34</sup> Trecho da canção Asa Branca, composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em 03 de março de 1947.

O acontecimento transforma o ambiente ao pensarmos que a normalidade foi desinstalada quebrando uma sequência e conseguindo desorganizar no primeiro momento, todo o presente. O acontecimento surge e provoca um impasse, multiplica visões e opiniões, e todo o desdobramento do momento se compromete. A partir do acontecimento as interrogações divagam pelos mais variados caminhos e pensamentos. O exato momento tem o poder de transformar e alterar uma normalidade e construir a partir daí outras realidades.

Mais adiante retorno a discorrer sobre essas questões de ruptura, do que é esperado, do sair da normalidade, ao detalhar a narrativa da professora Amanda Gurgel na audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do RN, no dia 10 de maio de 2011, buscando as explicações que justificam como acontecimento a narrativa da professora e os seus desdobramentos nos circuitos comunicacionais. “O acontecimento advém no presente; é uma emergência. Seu vir a ser é que lhe confere sua identidade e sua singularidade (QUÉRÉ, 2012, p. 25).

Em cada momento, enquanto elaboro meu pensamento e busco compreensão sobre “acontecimento” me guiando pelas discussões de Louis Quéré e Vera França, vou esmiuçando na memória e revendo o vídeo com a narrativa da professora Amanda Gurgel, para entender algumas questões relacionadas ao acontecimento e aos desdobramentos envolvendo a protagonista em questão:

- a) se a professora Amanda Gurgel não tivesse participado da audiência pública;
- b) caso não tivesse se inscrito no espaço aberto aos participantes;
- c) se não detivesse consigo a capacidade de se comunicar com eloquência;
- d) se não tivesse na história de vida uma identidade ligada às lutas sociais;
- e) se o vídeo com o trecho da narrativa da professora não tivesse sido postado no portal de um deputado estadual;
- f) se o policial militar não tivesse a iniciativa de reproduzir o vídeo em uma conta pessoal no Youtube;
- g) teria aquele espaço público de debate se transformado em um acontecimento no referido dia 10 de outubro de 2011 na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte?

Pois, sobre todas essas indagações, o filósofo francês se pronuncia:

Somos levados a pensar não só no acontecimento como o que se produz, mas também que, uma vez transcorrido, ele está encerrado e é irrevogável: se ocorreu, ocorreu. Teria sido possível que não tivesse acontecido, que tivesse

sido diferente ou tivesse conseqüências diferentes, mas, uma vez que ocorreu já não podemos modificá-lo”. (QUERÉ, 2012, p. 27).

Mas, é preciso aprender a tratar e lidar com o acontecimento. Faz-se necessário solidificar os referenciais teóricos para não traçar inúmeros caminhos, que porventura podem levar o pesquisador a se perder diante das possibilidades de estudos, pesquisas e discussões. Para evitar uma tenuidade e implicações é preferencial que se faça escolhas, que se defina o que é prioridade e o que é importante.

De acordo com Vera França (2012a), o filósofo francês Louis Quéré estabeleceu formas de tratamento e abordagens para o acontecimento no universo dos estudos comunicacionais. Desta forma, Vera França aponta para duas abordagens dentro da concepção empirista que considera relevantes com os estudos da comunicação: a construtivista e a ritualística.

Irei apontar algumas considerações às duas abordagens selecionadas por Vera França e que também terão papel norteador desta pesquisa. No que se refere à temática construtivista, é a que se pode considerar mais presente no universo da academia e que busca tratar, entender e explicar o acontecimento enquanto construção midiática (FRANÇA, 2012a, p. 41).

A abordagem construtivista funda-se na idéia de que os acontecimentos que nos são apresentados pela mídia não são imagens puras e simples daquilo que se passa no mundo, mas o resultado de um processo socialmente organizado, e socialmente regulado, de formatação, encenação e atribuição de sentido às informações (QUÉRÉ, 1997, p. 416 apud FRANÇA, 2012b, p. 41).

Outro aspecto da abordagem construtivista apontado por Vera França destaca a relevância do papel dos dispositivos midiáticos e formatos discursivos que desempenham papel na atribuição de sentidos e na ampliação de caráter público das inúmeras ocorrências da vida cotidiana, mas também na ocultação de outras (FRANÇA, 2012a, p. 42).

Porém, nem tudo pode ser considerado perfeito, e a abordagem se apresenta também frágil e limitada que “peca por seu excesso” ao atribuir todo poder as ações da mídia e omitir outros mecanismos que possam alterar a vida pública, e até mesmo a ação dos sujeitos sociais (FRANÇA, 2012a, p. 42).

Para explicar a abordagem ritualística, a pesquisadora revela logo o sentimento de que “parece contraditório” em se tratando de acontecimento, uma explicação que detalhe um ritual. Ora, enquanto todas as definições sobre acontecimento apontam para uma “imprevisibilidade” e “ruptura”, como se imaginar algo com características de ritual?

Nesta minha pesquisa, todas as conexões surgem a partir da narrativa da professora Amanda Gurgel, que discorrendo sobre as condições de trabalho e vida dos professores da rede

pública de ensino, despertou o interesse de um conjunto de engrenagens que possibilitaram por meios de circuitos de comunicação, um olhar amplo para uma realidade historicamente já sedimentada: a falta de estrutura, condições de trabalho e remuneração insuficiente dos docentes do ensino público. É como se a narrativa da professora se apresente apenas como uma reprodução do que fala cada professor ao longo dos anos, ao enfrentar os mesmos obstáculos e vivenciar os revezes do ofício profissional.

Pressupõe-se que no momento que Amanda Gurgel deu início a sua jornada profissional, ela foi armazenando dentro de suas emoções, todas as angústias, sonhos, decepções e esperanças dos professores que compartilhavam com ela o exercício da docência nas unidades de ensino que atuou.

Se pode então, vislumbrar que aquele momento - o acontecimento - se preparava ao longo dos anos, e que alguém, executaria exatamente como a professora Amanda Gurgel, numa espécie de ritual, que “por sua vez, é antes o revestimento atemporal de uma ocorrência, que vem inscrevê-la na ordem da repetição e de um sentido preexistente”. É como se ocorresse uma epifania e “a expectativa, o suspense, as chamadas e flashes operam como uma preparação ritual para um momento simbólico marcado por forte carga emocional” (FRANÇA, 2012a, p. 43).

O momento simbólico que abordaremos a seguir se configura como um processo de ruptura de uma inércia aparente. Tomada pela atmosfera circulante do ambiente e também do processo que era vivenciado em outros espaços diante do movimento de greve, a professora Amanda Gurgel saiu do lugar comum, e provavelmente, não vislumbrava naquela ocasião todos os circuitos que ela e a voracidade da sua fala iriam percorrer.

### 3.2 Oito minutos para Amanda: a narrativa e a primeira vida do acontecimento

Foram precisamente oito minutos e quinze segundos de fala. A professora Amanda Gurgel depois de ouvir a convocação<sup>35</sup> do presidente da audiência pública, o deputado estadual Hermano Moraes (PMDB), se deslocou até a tribuna do plenarinho da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte com uma agenda e um pedaço de papel na mão e se pronunciou. Na indumentária com a qual se apresentou na ocasião, a professora vestia uma calça jeans e uma blusa estampada em tons que predominava o amarelo e matizes de verde. Tinha consigo as cores representativas do povo brasileiro. O cabelo preso em um *coque* e brincos delicados.

Comparando as imagens abaixo de uma professora da rede pública estadual de São Paulo<sup>36</sup> em sala de aula e da professora Amanda Gurgel no púlpito da Assembleia Legislativa do RN, se percebe que o aspecto visual da professora Amanda Gurgel não difere das imagens recorrentes dos docentes da rede pública de ensino, que prezam por uma discrição e/ou simplicidade na maneira de se apresentar no que se refere à imagem visual da categoria. Essa caracterização é singular e homogênea e independente da localização geográfica.

**Figura 23** – Comparativo das imagens de duas professoras da rede pública



A partir deste momento, a professora da rede estadual de ensino, rompeu com o esperado, estabeleceu a diferença, o contraditório e provocou o acontecimento.

<sup>35</sup> “Nós agradecemos a estudante Samara Martins, aqui representando a UESP, União dos Estudantes Secundaristas Potiguares. Dando continuidade e respeitando as inscrições, vamos ouvir a palavra agora da professora Amanda Gurgel”. Transcrição na íntegra das palavras do deputado estadual Hermano Moraes (PMDB), que presidia a audiência pública no momento que chamou para se pronunciar a professora Amanda Gurgel. O vídeo compartilhado na internet que circulou no espaço comunicacional começa exatamente neste momento.

<sup>36</sup> A imagem creditada a A2 Fotografia está disponível no <<http://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-divulga-novidades-sobre-remocao-de-docentes-em-estagio-probatorio>>. Acesso em: 15 maio 2014.

Eles fazem pensar, suscitam sentidos, e fazem agir (têm uma dimensão pragmática). E tais ocorrências curto-circuitam o tempo linear; ocorrendo no nosso presente, eles convocam um passado e re-posicionam o futuro. (FRANÇA, 2012a, p. 14).

Para que se entenda esse primeiro momento e no capítulo seguinte, possa se explicar detalhadamente os circuitos que percorreu o acontecimento em estudo, e que podemos denominar de “segunda vida”, é necessário compreender inicialmente a discussão de Louis Queré ao buscar fundamento para a “primeira vida” do acontecimento que ele conceitua como existencial.

[...] na experiência em que enfrentamos a pressão externa das mudanças que se produzem e em que experimentamos a qualidade única de cada uma, a indeterminação dessas mudanças nunca é total: elas são apreendidas sob um aspecto, ou com um mínimo de forma, em particular, como roteirizadas. Nós a experienciamos essencialmente como uma base emocional e prática, sem transformá-las em objetos de conhecimento propriamente dito. Podemos, no entanto, desenvolver o componente de simbolização e transformá-las em objetos de pensamento e de julgamento. Ao proceder assim, transformamos a qualidade intrínseca e a pressão externa – ou seja, as características de um acontecimento existencial - em um objeto propriamente dito, acrescentando-lhe a determinação e estabelecendo seu significado. Esse objeto assume, então, o lugar do acontecimento existencial como fator suscetível de entrar na organização de nossa conduta. (QUÉRÉ, 2012, p. 30).

Corroborando com as afirmações do filósofo francês, Vera França diz da primeira vida que “trata-se do acontecimento que percebemos, que nos toca, que congestiona o nosso cérebro, dificulta nossa respiração, acelera o nosso coração”. (FRANÇA, 2012a, p. 14).

A pesquisa vai disponibilizar em anexo a transcrição na íntegra da narrativa da professora Amanda Gurgel para que se possa compreender todo o impacto e ruptura da “normalidade” que se estabelecia e que em pouco mais de oito minutos de fala, modificou um espaço e um momento.

Para que se possa adiantar e buscar compreensão para essa “primeira vida” do acontecimento, e de alguma maneira mensurar o que “dificulta nossa respiração”, como afirma Vera França, faço o recorte de trechos da fala da professora, que foram destacados posteriormente nos circuitos comunicacionais em que a protagonista esteve presente e que serão apresentados em capítulo seguinte desta pesquisa.

Mas também como as pessoas apresentam muitos números, e como sempre colocam “os números são irrefutáveis”, eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala, que é um número composto por três algarismos, apenas; bem diferente dos outros números que são apresentados aqui, com tantos algarismos; que é o número do meu salário. Que é um nove, um três e um zero, meu salário-base. R\$ 930. E aí eu gostaria de fazer uma

pergunta a todos e todas que estão aqui, em nível superior com especialização. Se vocês conseguiram, mas respondam só se não ficarem constrangidos, obviamente. Se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vida que vocês mantêm com este salário?”.

[...]em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso estado, na nossa cidade, no nosso país, a educação foi uma prioridade”.

Estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil, é isso? Salas de aula superlotadas, com os alunos entrando a cada momento com carteira na cabeça, porque não tem carteiras nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo”.

[...] eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa concepção. É errônea, extremamente equivocada. Eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá. Inclusive além, propriedade até maior do que grandes estudiosos. Parem de associar a qualidade da educação com professor dentro de sala de aula. Parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores três horários em sala de aula, certo? Porque é assim que os professores multiplicam os R\$ 930. R\$ 930 de manhã, R\$ 930 à tarde e R\$ 930 à noite. Pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume francês”.

Pedir à Promotoria que esteja com a fiscalização efetiva ao Ministério Público, que não seja pra dizer “professor não pode comer desse cuscuz não”, porque é um cuscuz alegado, que a gente come, o cuscuz da merenda. Porque a Promotoria tá ali pra dizer que a merenda é do aluno, não é do professor. Certo? É assim que funciona. Diga-se de passagem, nós não temos recursos pra estar nos alimentando diariamente fora de casa. Não temos pra isso”.<sup>37</sup>

Importante destacar que a escolha por esses trechos não diminui nem obscurece a importância das outras partes da narrativa que estruturam o discurso da professora Amanda Gurgel. Porém, como já justificado, esses trechos, e que a partir do vídeo postado em um site de compartilhamento de imagens pelos usuários através da internet, foram destacados na edição

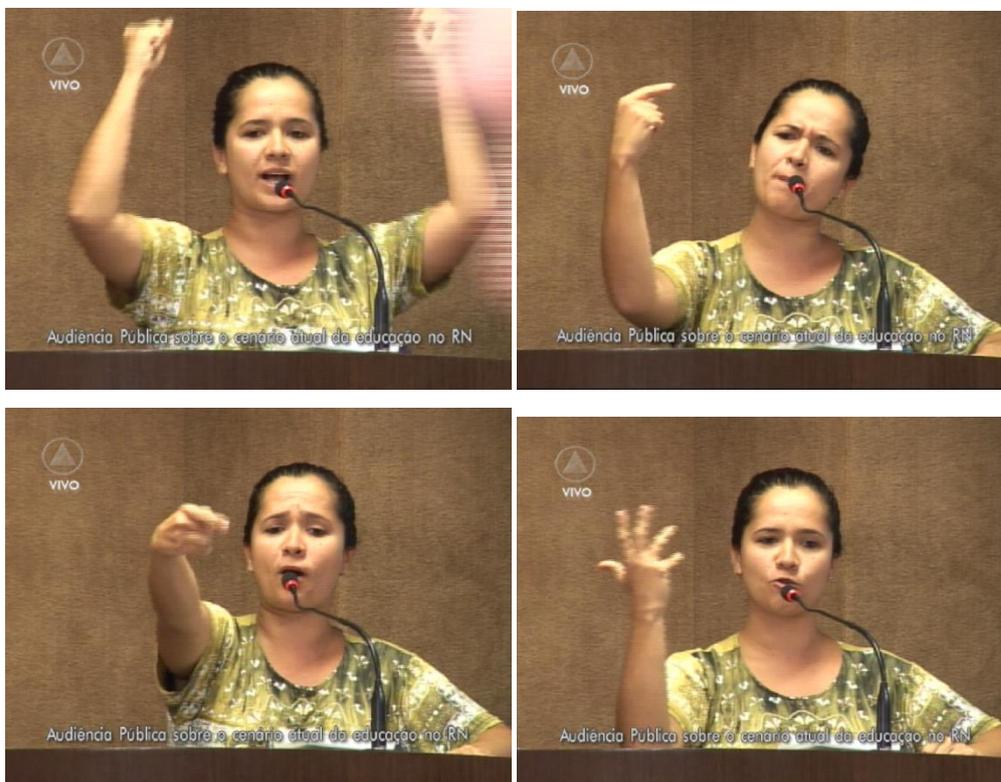
---

<sup>37</sup> Sobre a proibição da distribuição da merenda escolar por parte do Ministério Público do RN, a polêmica continuou circulando nos meios comunicacionais durante meses. No blog “Território Livre” da jornalista Laurita Arruda uma publicação com título “Professora critica merenda racionada”, no dia 17 de setembro de 2011, mostra o depoimento de uma professora da rede estadual: A professora Ivete Bezerra usa o espaço do leitor deste Território Livre para criticar a postura do Ministério Público em relação à fiscalização da merenda nas escolas do Estado. Confirmam. Laurita, Gostaria de falar sobre a humilhação que a promotora da educação está nos fazendo passar. Nós, professores das escolas públicas da capital, estamos sendo humilhados ostensivamente pela promotora, ao colocar nutricionistas para “PASTORAR” a distribuição da merenda escolar. Essas “pastoradoras” estão indo para as escolas para fazer valer a “recomendação” do ministério público para que apenas os alunos sejam os consumidores da merenda escolar. A humilhação reside no fato de que não precisamos de uma “pastoradora” de merenda, porque os próprios diretores de escola já estão assustados e se sentindo como uns criminosos, por ter, em algum dia, distribuído merenda escolar aos professores da escola. É uma pressão desnecessária e descabida, que, para nós, os professores, não tem outro objetivo que vá além da humilhação no próprio ambiente de trabalho. Isso poderia se caracterizar como assédio moral? Obrigada pelo espaço. Os professores da escola pública de Natal estão se sentindo humilhados, espeznados, maltratados. Nesse tipo de ambiente não nos sentimos motivados para melhorar o nível de ensino, nem de cobrar de nossos alunos maiores conhecimentos. Disponível em <http://lauritaarruda.com.br/professora-critica-merenda-racionada/83007> Acesso 17 de março de 2013.

de texto e imagens, no material que compõem a circulação de notícias selecionado na pesquisa para compreensão dos circuitos de comunicação.

Outra observação que se pode ressaltar é que durante todo o momento em que se deteve ocupada da narrativa, a professora Amanda Gurgel, usou de gestual e flexões de voz acentuadas, demonstrando uma espécie de emoção, de liberdade de se pronunciar e se fazer ouvir, chamando atenção pelo conteúdo da oratória, pela segurança na fluência verbal e pela apropriação de gestos que simbolizam e teatralizam performaticamente o discurso. “As emoções se efetivam em pessoas implicadas em situações e são geradas pela indeterminação e suspense inerentes a estas últimas”. (QUÉRÉ, 2012, p. 36).

**Figura 24** – Sequencia do gestual de Amanda durante o discurso na AL.



Os trechos da narrativa da professora citados neste corpus configura o significado do que interessa, atinge e incomoda uma coletividade. “É isso que eu quero dizer”. Foi assim, que a professora Amanda Gurgel concluiu a narrativa daquela manifestação popular e de exercício de cidadania.

De acordo com Vera França (2012a, p. 19),

a pauta de acontecimentos de uma sociedade – daquelas ocorrências que explodem, congregam, fazem fazer – nos fornece o seu retrato”, e aponta para

a conjuntura social, do cotidiano dos grupos, de valores e da maneira de se cobrar ações de mudança e de estruturas.

Quando do início desta pesquisa, o acesso a informação direta no portal do parlamentar Fernando Mineiro do Partido dos Trabalhadores não foi possível, uma vez que, a plataforma passou por uma reformulação gráfica, e a informação deixou de constar, por uma questão de logística de armazenamento de arquivos no endereço do sitio do parlamentar, conforme contato direto com a equipe de comunicação que integra o gabinete do deputado.

No entanto, a notícia foi encaminhada via e-mail pela assessoria de imprensa do deputado para outros meios e repercutida na integra. No printscreen abaixo, um exemplo de um blog<www.vozdeareiabranca.com.br> que publicou a notícia, creditando o texto à assessoria de imprensa do parlamentar.

**Figura 25** – Print screen do blog que repercutiu a matéria publicada no portal do deputado que postou o vídeo inicialmente.



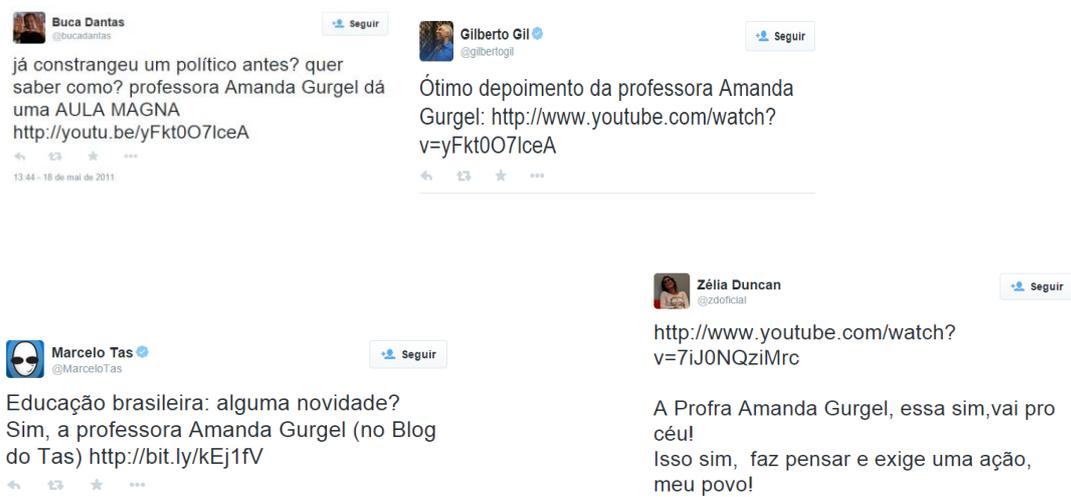
Quando o processo de circulação midiático em torno do discurso da professora passa a acontecer posteriormente, os canais se multiplicaram, como relata a reportagem assinada por Rafael Duarte, no Novo Jornal do dia 22 de maio de 2011.

Até sexta-feira passada, o depoimento já tinha sido acessado por mais de meio milhão de pessoas em todo o país. No micro blog Twitter, onde as pessoas costumam fazer comentários sobre qualquer assunto em até 140 caracteres, o nome Amanda Gurgel apareceu entre os mais digitados do país durante toda a semana. No Google, principal site de buscas da internet, ao digitar a frase

“professora Amanda Gurgel” a página te leva a outros 17.500 sites com reportagens, comentários e análises sobre o vídeo (DUARTE, 2011, p. 9).

No momento de efervescência do micro blog Twitter no Brasil, personalidades nacionais como os cantores Gilberto Gil e Zélia Duncan e o jornalista Marcelo Tas destacaram o discurso da potiguar Amanda Gurgel. O jornalista e cineasta potiguar Buca Dantas, também fez referência ao acontecimento. As postagens apresentadas aqui em formato de figura foram publicadas todas no dia 18 de maio de 2011.

**Figura 26** – Print screen das publicações em Twitter



Ao retomar para a cadeira que ocupava no espaço destinado aos participantes da audiência pública, a professora em sua consciência não imaginava os desdobramentos em torno da própria vida e do que deixou registrado no enquadramento que recebeu naquele momento das câmeras da TV Assembleia RN, que transmitia ao vivo e gravava para o arquivo digital da emissora, mais uma ação de iniciativa do parlamento estadual do RN. Naquele espaço de tempo, o acontecimento passaria a existir apenas como um passado. Mas, “o passado se modifica porque o presente passa por mudanças: um presente diferente faz surgir um passado diferente”. (QUÉRÉ, 2012, p.27).

Como num emaranhado de fios que a minha avó materna tecia sobre a almofada, na agilidade do manuseio dos bilros de madeira e que ainda distante no tempo, soam como um barulho de castanholas na minha memória, as conexões em torno do acontecimento discutido até agora nesta pesquisa, se espalharam. E o que seria apenas o passado, a primeira vida, ganharam contornos e foram alongados, circulando por outros espaços. O fio inicial se entrelaça em outras linhas. É a segunda vida do acontecimento que surge.

### 3.3 Outros momentos e a notícia: a segunda vida de um acontecimento

Complexo dissociar a primeira da segunda vida do acontecimento. Existe uma interdependência para que elas possam coexistir, como explica Vera França (2012a, p. 14):

[...] vivemos acontecimentos que se vêem marcados não apenas por suas características intrínsecas, mas também por outras representações que fazem parte de nosso repertório e são a eles associadas no processo de sua simbolização. Muitas vezes, experimentando uma determinada situação forte, somos invadidos por outras cenas – do já vivido, do já visto, e que sobrevive na forma de imagens simbólicas.

Naquele momento em que Amanda Gurgel, relatava enfaticamente o cotidiano da profissão de professor no sistema público de ensino, ela e outros tantos professores, enfrentavam um movimento de greve contra o governo estadual no Rio Grande do Norte. Inúmeros sentimentos elencados pela professora correspondiam não apenas a realidade dela, mas de outros tantos, que comungavam naquele momento, e a posteriori das sensações e do desejo de narrar esta história.

A consciência da narrativa não se torna verdade apenas da protagonista. A narrativa se tornou objeto de luta ao simbolizar a partir daquele momento, a representação mais plausível do que se poderia justificar o movimento paredista. Os acontecimentos como afirma Louis Queré, “tornam-se, assim, agentes da história que se faz”.

Os acontecimentos deixam de ser, assim, simples mudanças existenciais. Eles se transformam em objetos dos quais nos tornamos conscientes, em “coisas com significados”, porque são estes – e, em particular, a causalidade, a individualidade e as potencialidades do acontecimento – que suscitam, na prática, nosso interesse (QUERÉ, 2012, p. 31).

Tendo discutido aqui algumas questões fundamentais para o entendimento do acontecimento, não se pode deixar de apontar a intrínseca relação que existe com a mídia e esse momento que como aponta Louis Queré e Vera França, podemos chamar de “segunda vida”. Portanto, faz-se necessário discorrer também acerca desta relação tão comum e consensual na área de comunicação. A pesquisadora Vera França, discute este vínculo, tomando como esteio, conceitos da fenomenologia para buscar as imbricações de

como a nova realidade midiática (e a mídia como espaço de repercussão e criação de acontecimentos) incide na configuração e dinâmica da realidade de nossa vida cotidiana, e na forma de convivência e atravessamento entre as múltiplas realidades que compõem o mundo da vida (FRANÇA, 2012a, p. 11).

A nova realidade midiática e contemporânea estabelece uma relação direta com tecnologias em constante processo de evolução e principalmente, com a capacidade de proporcionar uma interação entre os sujeitos sociais, descentralizando o espaço da informação dos meios tradicionais de comunicação. Essa nova mídia discutida e que se entrelaça com os acontecimentos, “constitui um novo espaço de troca, de convivência, de consulta, de convocação; um espaço de encontro e de circulação, como o são a rua, a praça, os estádios, os cafés, os bares”. (FRANÇA, 2012a, p. 11).

A relação das pessoas com a mídia a cada momento toma caminhos distintos e se apresenta com inúmeras possibilidades. Para que a informação se dissemine e alcance um universo populacional de receptores em uma cidade, um estado, país ou continente, não é necessário e de forma genérica esperar ser surpreendido pelo plantão urgente do noticiário televisivo, ou pelo programa de rádio que se ouve no carro na volta do trabalho, ou enquanto é preparada a refeição da família, ou mais demorado ainda, receber apenas no outro dia pela manhã o exemplar do jornal impresso. Hoje, a informação é imediata.

Importante lembrar que hoje a incorporação das mídias e tecnologias digitais, estão cada vez mais presente no cotidiano dos sujeitos. Essa realidade transforma as interações a ponto de, como exemplo, ser uma imagem habitual, nos dias de hoje, observar um grupo de amigos que se reuniram para conversar e beber em um bar descolado e da moda, mas que cada um está entretido em seu respectivo aparelho celular.

Os dispositivos existentes proporcionados pelos avanços tecnológicos propiciam aos sujeitos sociais as condições de informar e ser informado em um curto espaço temporal. Faz-se necessário destacar critérios de confiabilidade e responsabilidade na contribuição individual de difundir e/ou validar uma informação no universo circulante do espalhamento de notícias

. No mundo contemporâneo, a mídia “é uma das instituições da sociedade, e congrega os múltiplos dispositivos através dos quais essa sociedade produz e faz circular as informações e representações”. (FRANÇA, 2012a, p. 12).

De resto, a mídia constitui talvez a instituição que melhor caracteriza o cenário contemporâneo; a face da nossa sociedade, nosso comportamento, nossas ações são hoje o que são porque dispomos de tais meios, espaços, instrumentos para nos informarmos, nos exprimirmos, formatarmos nossas ações e nosso cotidiano. A mídia é o espaço privilegiado no qual a sociedade fala consigo mesma, a propósito de si mesma. (FRANÇA, 2012a, p. 12).

Na multiplicidade dos meios e das mediações, o acontecimento protagonizado pela professora Amanda Gurgel, foi difundido por inúmeros instrumentos. No próximo capítulo

deste trabalho, que irá tratar exatamente dos circuitos comunicacionais percorridos pelo acontecimento iremos pontuar em específico, a iniciativa individual do policial militar Vanderlei Felipe, ao compartilhar a narrativa da professora em um canal de compartilhamento de vídeos; a participação da professora no telejornal RN TV 1ª Edição do dia 19 de maio de 2011, veiculado pela Inter TV Cabugi, afiliada da Rede Globo em uma entrevista ao vivo, e da presença da protagonista no programa de entretenimento Domingão do Faustão, veiculado nacionalmente pela Rede Globo.

Porém, para que se possa também mensurar a amplitude das dimensões em que o acontecimento a partir da “primeira vida” circulou no universo midiático, mencionaremos brevemente alguns dos outros caminhos, como possibilidades também de estudo e interesse acerca da imbricação entre o acontecimento e os dispositivos de circulação.

No dia 19 de maio de 2011, depois de ser entrevistada ao vivo no telejornal RN TV 1ª Edição da InterTVCabugi, a professora Amanda Gurgel volta a ser destaque no RN TV 2ª Edição. Na chamada da matéria, a apresentadora Margot Ferreira diz:

Ela não imaginava a repercussão de suas palavras numa audiência pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte. Seu desabafo sobre as precárias condições de trabalho e de salário foi parar nas redes sociais. E foi assim que Amanda Gurgel, professora do estado, ganhou a simpatia de milhares de pessoas por todo o Brasil (informação verbal)<sup>38</sup>.

Ainda no dia 19 de maio, a circulação do acontecimento também ocupou espaço no Jornal da Band, veiculado pela Rede Bandeirantes. Na chamada da reportagem o apresentador Ricardo Boechat, anuncia:

Mais de trezentos mil alunos estão sem aula no Rio Grande do Norte por causa de uma greve de professores. O desabafo de uma educadora sobre os motivos da paralisação virou sucesso na internet. O vídeo já teve mais de 200 mil acessos no Youtube e é um dos assuntos mais comentados no Twitter” (informação verbal).<sup>39</sup>

Apresentador do Jornal das 10 na Globo News, o jornalista André Trigueiro chama a reportagem sobre a professora Amanda Gurgel utilizando do texto:

---

<sup>38</sup> A reportagem apresentada no RN TV 2ª Edição foi assinada pela repórter Érica Zuza com duração de dois minutos e onze segundos. Na escalada do jornal, a apresentadora anuncia a reportagem da seguinte maneira: “Profissão professora. Depois do discurso na Assembleia Legislativa, a educadora Amanda Gurgel ganha as redes sociais e reacende o debate sobre a precariedade da educação no Brasil. O RN TV começa agora”.

<sup>39</sup> Na volta da reportagem assinada pelo repórter Geider Henrique Xavier, com duração de dois minutos, o apresentador retornou o assunto da seguinte maneira: “Parabéns para essa professora. A secretaria de educação, Bethânia Ramalho disse que na semana que vem vai discutir com os professores uma alternativa para encerrar a greve. Lembrando que esse depoimento da professora, o desabafo foi na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte”.

Amanda Gurgel era uma desconhecida. Uma, entre muitas professoras do ensino público no Rio Grande do Norte. Até que um discurso dela virou um dos vídeos mais acessados e comentados na internet em todo o Brasil. Foi um desabafo numa audiência pública para tratar da situação da educação no estado. Ela não se intimidou diante das autoridades, e expôs as feridas do sistema, como a falta de infraestrutura nas escolas e os baixos salários dos professores. O Jornal das 10 foi conhecer Amanda, e ouvir o que mais ela tem a dizer”. (informação verbal).<sup>40</sup>

Os exemplos apresentados constituem o emaranhado dos circuitos de comunicação que integram o prolongamento do acontecimento inicial. A pesquisa não se deteve em outros meios que também corroboraram no espalhamento da informação, como por exemplo, os jornais impressos e as redes sociais como Twitter e o Facebook.

Para além da narrativa da professora Amanda Gurgel e dos meios que circundam os circuitos de comunicação, a pesquisa busca agora apresentar um pouco do perfil que constitui a protagonista do acontecimento em discussão.

### **3.4 Personagem e protagonista do acontecimento: Amanda Gurgel é a professora que o Brasil parou para ouvir**

Nascida em Natal (RN) no dia 1º de agosto de 1981, Amanda Gurgel de Freitas ficou órfã ainda pequena e foi criada por uma tia. Solteira e sem filhos, é formada em Letras com habilitação em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte no ano de 2005 e tem especialização em Educação de Jovens e Adultos (EJA). Durante o período como aluna de graduação participou efetivamente do movimento estudantil, e integrou o Centro Acadêmico de Letras e o Diretório Central de Estudantes da UFRN.

No ano de 2005, ingressou no serviço público por meio de um concurso promovido pela Prefeitura Municipal de Natal. A professora lecionou nas escolas municipais João XXIII, Professor Amadeu Araújo e Professor Zuza. Em julho de 2007, Amanda Gurgel ingressou também por meio de concurso público na rede estadual de ensino, sendo lotada na Escola Estadual Myriam Coeli, na Zona Norte de Natal. Sensibilizada com as lutas sociais e de classe, a professora se filiou ao Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do RN (Sinte-RN). Em entrevista ao repórter Rafael Duarte, do Novo Jornal no dia 22 de maio de 2011, Amanda declarou a forma como se relacionava com a entidade sindical.

---

<sup>40</sup> A reportagem apresentada pelo Jornal das 10 na Globo News com duração de quatro minutos e vinte e cinco minutos foi assinada pela repórter Érica Zuza, e produzida pela afiliada da emissora no Rio Grande do Norte.

Ao ingressar na categoria dos trabalhadores em educação, toda a imagem de movimento sindical que eu construía ao longo da minha vida foi sumariamente desconstruída quando constatei a forma como a direção do PT/PCdoB dirigia a nossa entidade e utilizava a categoria como moeda de troca para benefícios próprios. Na segunda assembleia que participei, já era oposição convicta. (DUARTE, 2011, p. 9).

Um aspecto interessante na identificação dessa personagem é a declaração da professora Amanda Gurgel no plenário da Assembleia Legislativa ao dizer “estão me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil, é isso?”, externando com gestual uma crítica ao poder público, que cobra a presença dos professores em sala de aula. Nos registros do jornal Tribuna do Norte, sete dias antes da realização da audiência uma reportagem trazia o seguinte título: “Governo diz que negociação só com professores em sala”<sup>41</sup>

**Figura 27** – Amanda na AL do RN



No entanto, na reportagem de Rafael Duarte publicada no Novo Jornal em 22 de maio de 2011, o jornalista destaca que há pouco mais de um ano, Amanda Gurgel trabalhava na biblioteca da Escola Estadual Myriam Coelli, e na Escola Municipal Amadeu Araújo, a professora estava lotada no laboratório de informática. “Há pouco mais de um ano, a professora não dá aulas. Uma depressão, que ela ainda não se sente à vontade em comentar publicamente a tirou de perto dos alunos”. (DUARTE, 2011, p. 9).

Quando do movimento de greve e da sua participação na audiência pública na Assembleia Legislativa do RN, no dia 10 de maio de 2011, a professora relata:

Aquela audiência, ela entrou como uma das atividades do calendário da greve de 2011. Os professores da rede estadual estavam em greve naquela ocasião, acho que fazia mais ou menos 30 dias de greve, por aí, e a gente tinha tido

<sup>41</sup> Reportagem disponível no <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/governo-diz-que-negociacao-so-com-professores-em-sala/180187>>. Acesso em: 16 mar. 2013.

uma assembleia na mesma semana que ficou encaminhado da gente participar. Aí eu fui participar da audiência como uma atividade do calendário da greve”. (sic)<sup>42</sup>

Outro aspecto relevante é a comprovação por parte da professora Amanda Gurgel de que aquela ocasião se configurava como a primeira participação dela em uma audiência pública promovida pelo Poder Legislativo. Na imagem abaixo, o registro do lugar escolhido pela professora para assistir o debate em companhia de uma colega de profissão.

**Figura 28** – Amanda Gurgel acompanha audiência no plenário



Eu não sabia como funcionava. Eu nunca tinha participado de uma audiência pública. Aí quando eu cheguei lá, eu vi que tinha algumas pessoas se inscrevendo pra falar e eu perguntei como era que fazia. O rapaz prontamente me ofereceu a lista das inscrições e eu me inscrevi, mas eu não tinha essa determinação de falar, até porque eu nunca gostei muito de aparecer publicamente, assim. Mas, eu costumava falar nas assembleias da categoria, mas também tinha outros professores mais experientes do que eu, e inclusive quando eles chegaram, que eu fui uma das primeiras a chegar, aí quando outras pessoas foram chegando, eu disse “só tem uma vaga que eu me inscrevi, não tem mais, mas se você quiser, você pode ficar no meu lugar, você fala no meu lugar.” E todo mundo “não, não. Fale você!”. Mas, eu não tinha esse objetivo de falar”.

A pesquisa pode se valer no significado do “acaso” para justificar a primeira vida do acontecimento envolvendo Amanda Gurgel, a partir desta citação que integra a entrevista concedida pela professora e a elevação do “eu” a personagem que se constrói a partir de um acontecimento. E foi exatamente esse processo que ocorreu com a professora Amanda Gurgel.

<sup>42</sup> Trecho da entrevista concedida pela professora Amanda Gurgel, gravada e transcrita com autorização da professora comprovada em assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Importante ressaltar que a professora Amanda Gurgel afirma na entrevista que o movimento de greve já ocorria há 30 dias. No entanto, conforme documento oficial do Sinte-RN e já mencionado nesta pesquisa, a deflagração do movimento paredista começou no dia 02 de maio, ou seja, oito dias antes da data da audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do RN.

Ao se permitir interagir de forma direta com o ambiente e com os atores envolvidos naquele ato público, a professora passou a ser sujeito pertencente ao acontecimento. Ou seja, personagem daquele acontecimento, Amanda Gurgel, não pôde dissociar a imagem dela de todas as conexões envolvendo o acontecimento. “O acontecimento envolve, assim, um agir e um suportar: ele é construído por ações realizadas pelos sujeitos e desencadeia outras ações em seus desdobramentos”. (LANA; SIMÕES, 2012, p. 217). A professora da rede pública, com militância sindical e anônima no universo externo do exercício profissional, passou a partir do acontecimento que protagonizou, a revestir e refletir sua imagem ao universo de uma pessoa pública.

Essas personagens se destacam publicamente no momento de grande visibilidade de um acontecimento e se tornam protagonistas da condução da experiência com o evento. Esses indivíduos, anônimos até o momento em que o acontecimento irrompe na cena pública, encontram-se no centro das atenções de todos em função da situação de exposição em que se envolvem”. (LANA; SIMÕES, 2012, p. 223).

Com uma vivência longe dos holofotes proporcionados pelos meios de comunicação de massa, a professora Amanda Gurgel estranhou o protagonismo e a representatividade que ela passou a ter naquele momento como personagem.

Eu reagi muito confusa, era muito difícil refletir sobre aquilo. Não dava tempo, na verdade. Era uma entrevista atrás da outra [...] Eu tava determinada a cumprir esse papel, não de representante dos professores, porque eu não fui eleita pra isso em nenhum lugar; mas, de qualquer maneira, como uma pessoa que tem propriedade pra falar sobre o assunto porque vivenciei [...] (informação verbal)

Não é atribuição da pesquisa se aprofundar no universo da professora Amanda Gurgel, além dos circuitos que envolveram a narrativa dela na audiência pública que foi cenário do “primeiro” acontecimento e que irão compor em um próximo capítulo, o corpus da pesquisa. No entanto, tenciona-se abrir espaço para outros aprofundamentos, ao mensurar a permanência da figura pública da professora Amanda Gurgel nos circuitos comunicacionais. “A astúcia desse tipo de personagem refere-se ao prolongamento da extensão de seu estatuto de reconhecimento público para além da duração do acontecimento” (LANA; SIMÕES, 2012, p. 224).

A permanência da professora nos circuitos comunicacionais se deu pela relação agora partidária e de filiação que a docente mantém com o Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU), e o interesse da legenda em utilizar a imagem da professora no processo eleitoral, lançando-a como candidata a cargo eletivo nas eleições de 2012. As manchetes “Fenômeno na internet, professora Amanda Gurgel vai avaliar campanha de vereadora”,

“Professora que virou fenômeno na Internet será candidata a vereadora em Natal”, e “Partidos de oposição tendem a lançar candidatos próprios”<sup>43</sup>, publicadas em datas distintas pelo jornal Tribuna do Norte corroboram com astúcia da personagem que compreendeu a oportunidade de solidificar a imagem própria nos circuitos comunicacionais

Quando permanecem no espaço da visibilidade despertando o interesse de todos, esses personagens são iluminados pelo acontecimento ao encarnar sentidos que dialogam com o contexto da experiência que permitiu que emergissem publicamente. O acontecimento originário se encerra, mas suas reverberações permanecem empiricamente nesse tipo de personagem. (LANA; SIMÕES, 2012, p. 224).

Para suscitar, no entanto, outra pesquisa, a permanência da professora Amanda Gurgel nos circuitos da comunicação se deu com a candidatura nas eleições de 2012 ao cargo de vereadora no município de Natal (RN) pelo Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado (PSTU).

Eleita em 1º de outubro de 2012, com 32.819 votos, Amanda Gurgel tomou posse no dia 1º de janeiro de 2013 para um mandato de quatro anos (2013-2016) na Câmara Municipal de Natal. No palácio Padre Miguelinho, sede do poder legislativo municipal, a professora Amanda Gurgel, integra a bancada de oposição a administração do prefeito Carlos Eduardo Nunes Alves (PDT), e compõe as comissões técnicas de “Educação, Cultura e Desporto” e de “Direitos Humanos, Trabalho e Minorias”.

Mais que uma questão de conteúdo, para se manter na experiência pública, a pessoa pública precisa de uma destreza para desempenhar seu papel de acordo com formatos específicos de performance, que dizem respeito às características da visibilidade midiática. Assim como a instituição de sentidos do acontecimento é situada, a competência exigida para a elaboração de um papel em público varia em cada caso. Pode-se demandar, por exemplo, a boa articulação da fala, o uso de ferramentas na internet, a beleza, a simpatia ou outros atributos que colaboram para o bom desempenho dessas personagens na cena pública. (LANA; SIMÕES, 2012, p. 225).

O cargo de parlamentar garante pelo menos durante os quatro anos do exercício de mandato, a possibilidade da professora Amanda Gurgel continuar reverberando o conteúdo do acontecimento que projetou a imagem dela como figura pública, principalmente pelo fato de se

---

<sup>43</sup> As reportagens estão disponíveis em <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/fenomeno-na-internet-professora-amanda-gurgel-vai-avaliar-campanha-de-vereadora/226861>>; <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/professora-que-virou-fenomeno-na-internet-sera-candidata-a-vereadora-em-natal/202952>>; <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/partidos-de-oposicao-tendem-a-lancar-candidatos-proprios/202994>>. Acesso em: 15 mar. 2013.

posicionar como agente público em constante defesa da educação e da classe trabalhadora. Mas essa discussão em torno desse momento, não incorpora a priori a proposta da pesquisa.

Para compreender toda estruturação e os emaranhados de circuitos de comunicação envolvidos no acontecimento protagonizado pela professora Amanda Gurgel, o próximo capítulo desta pesquisa vai discorrer sobre os conceitos de circuitos comunicacionais e suas imbricações propostos por José Luiz Braga.

## 4 CIRCUITOS COMUNICACIONAIS E O ESPALHAMENTO DA NOTÍCIA

### 4.1 Autonomia individual na disseminação da notícia: a ação do soldado militar Vanderlei Felipe e o vídeo no Youtube

Toda a cena construída em torno do acontecimento envolvendo a professora Amanda Gurgel e a representatividade dela como docente, de alguma forma, se estrutura em torno do circuito comunicacional e midiático. O que foi se desenhando a partir do momento em que a professora se pronunciou ativamente na audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, pode ser visto como um intrincado e complexo processo de midiaticização construído no fluxo da vida cotidiana.

Na sociedade em midiaticização, a interação se manifesta mais claramente como um fluxo sempre adiante. Com a emissão de uma mensagem, seja televisual, cinematográfica ou por processos informatizados em rede social, o “receptor”, após apropriação de seu sentido (o que implica a incidência das mediações acionadas), pode sempre repor no espaço social suas interpretações. Isso ocorrerá seja em presencialidade (em conversações, justamente), seja por outras inserções midiaticizadas – cartas, redes sociais, vídeos, novas produções empresariais, blogs, observatórios, etc. Os circuitos aí acionados – muito mais abrangentes, difusos, diferidos e complexos – é que constituem o espaço das respostas “adiante” na interação social. (BRAGA, 2011, p. 68).

Nessa convivência contemporânea e em midiaticização, como destaca José Luiz Braga, a combinação entre as atuais estruturas comunicacionais de massa – fortemente vinculadas à vida social e ainda com forte poder de mediação – e as redes sociais com todo o aparato da internet proporcionou uma grande mudança no modo como vivemos e nos relacionamos com o outro indivíduo.

Em um momento de grande conexão, de trocas simbólicas permanentes entre sujeitos e circuitos comunicacionais de massa, construímos uma relação tecnológica comunicacional, em que os indivíduos estabelecem uma relação, sem ao menos, imaginarem quem é o “outro” com quem mantém naquele momento uma troca, um contato, um diálogo virtual.

No dia 14 de maio de 2011, por iniciativa do soldado da policial militar do Rio Grande do Norte, Vanderlei Felipe Nogueira, o trecho da audiência pública realizada na Assembleia Legislativa no dia 10 de maio de 2011, e anteriormente publicada no portal do deputado Fernando Mineiro (PT), com o discurso da professora Amanda Gurgel foi postado por ele numa

conta pessoal em um canal de vídeos (Youtube) e compartilhado na conta @Vanderleinatal no Twitter. No dia 15 de maio, ele voltou a republicar o vídeo no Twitter.

Vanderlei Felipe é usuário da internet e ingressou na Polícia Militar do RN em 1997. Mantém atualizada uma conta no Facebook e acessa diariamente e-mails para troca de mensagens pessoais e de trabalho. Porém, depois da publicação do vídeo da professora Amanda Gurgel no portal de compartilhamento de imagens, ele demorou um ano para publicar outro vídeo, que coincidentemente também remete ao exercício da docência. O documentário “Além do que se vê”, com 11 minutos de duração foi produzido por universitários do curso de jornalismo da Universidade Estadual de Minas Gerais. A conta do militar no Youtube tem 17 vídeos publicados

O vídeo postado com o título de “Depoimento da professora Amanda Gurgel”, foi o primeiro que o militar publicou na referida conta. Casado com uma professora da rede pública estadual, Vanderlei Felipe tomou conhecimento do discurso da professora, por meio da companheira de vida, que naquele momento de paralisação da categoria, engrossava as fileiras do movimento grevista. Também servidor público, o militar justificou a iniciativa de publicar o vídeo.

Porque as palavras dela foram muito realistas, da situação atual da educação no Brasil, e não só a situação da educação em si, mas sim de todo o sistema da rede pública. Ensino, saúde e segurança. Não é muito diferente da situação da educação. As palavras dela foram muito realistas nesse sentido. (informação verbal).<sup>44</sup>

**Figura 29** – Print Screen da conta/perfil de Vanderei Nascimento no Youtube

**Depoimento da professora Amanda Gurgel**

Vanderlei Natal

Inscrição: 561

2.457.483

+ Adicionar a    Compartilhar    Mais

21.993    190

Enviado em 14 de mai de 2011

Professora Amanda Gurgel silencia Deputados em audiência pública.  
 Depoimento Resumindo o quadro da Educação no Brasil.  
 Educadora fala sobre condições precárias de trabalho no RN/BRASIL.  
 (10/05/2011)

Categoria: Pessoas e blogs  
 Licença: Licença padrão do YouTube

<sup>44</sup> Entrevista concedida por Vanderlei Felipe Nogueira, gravada e transcrita com autorização do policial militar comprovada em assinatura no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

**Figura 30** – Print Screen da conta perfil do Twitter do soldado Wanderlei Felipe



Além da justificativa em torno das palavras e provocações da professora Amanda Gurgel, o policial militar disse que estava acompanhando a movimentação grevista em solidariedade a esposa, e compreendeu que o vídeo era importante para divulgar a greve, por isso, além da postagem no Youtube, ele compartilhou o vídeo com pessoas que mantêm uma rede de relacionamentos na área de educação, saúde, segurança, amigos e familiares.

O sistema de interação social sobre a mídia (seus processos e produtos) é um sistema de circulação diferida e difusa. Os sentidos midiaticamente produzidos chegam à sociedade e passam a circular nesta, entre pessoas, grupos e instituições, impregnando e parcialmente direcionando a cultura. Se não circulassem, não estariam “na cultura”. (BRAGA, 2006, p.27).

Outro ponto destacado na entrevista concedida por Vanderlei Felipe foi à repercussão em torno do vídeo - que ele publicou com a intenção de contribuir de alguma maneira com o movimento grevista dos professores - e da professora Amanda Gurgel. Sobre a circulação do vídeo, Vanderlei avalia:

Foi muito rápido. Ele começou a ter reconhecimento muito rápido. De inicial, foi mais de duas mil visitas na minha página, em coisa de quinze dias. Daí foi só aumentando. Hoje tá em média de dois milhões e quatrocentos e alguma coisa...dois milhões e quinhentas mil visitas. [...] A partir do momento que começou a aparecer no Yahoo e os canais de televisão começaram a entrevistar a professora Amanda, né. Eu não tive nenhuma intenção dessa dimensão desse vídeo. Coloquei pra compartilhar entre os amigos mesmo, só que tomou um rumo muito grande.<sup>45</sup>

Em pouco tempo o vídeo postado pelo policial militar passou a ser acessado por muitos internautas e a professora Amanda Gurgel se tornou personagem do que podemos chamar de

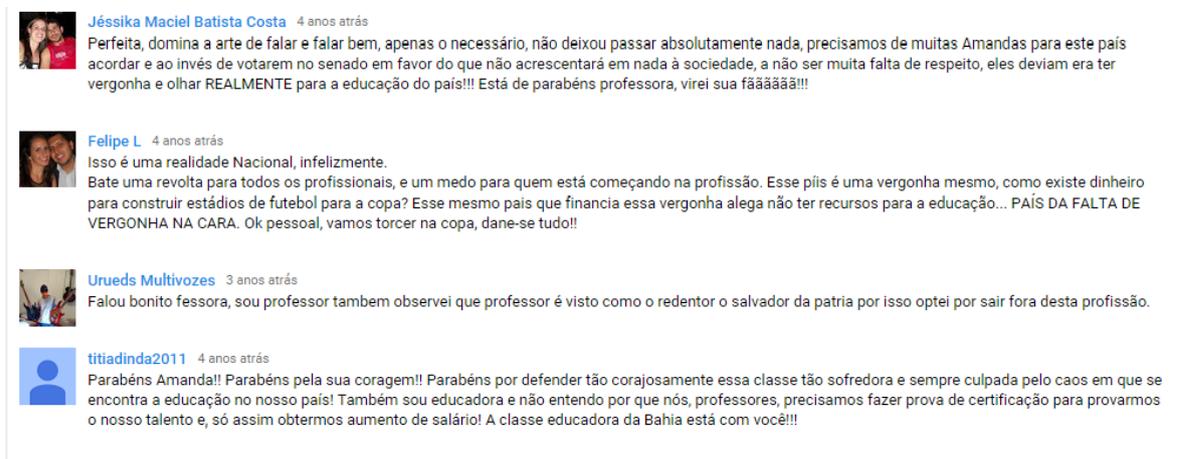
<sup>45</sup> Trecho da entrevista concedida por pelo policial militar Vanderlei Felipe.

um fenômeno comunicacional, que se realiza em episódios de interação entre pessoas e/ou grupos, de forma interpessoal ou midiaticizada (BRAGA, 2011).

O número de acessos ao vídeo postado pelo policial militar chega a 2.457.567. O dispositivo de “marcar como gostei” registra 21.993 curtidas e o de “não gostei” é de 190 curtidas. O quantitativo de comentários é de 8.999. Os números foram verificados no dia 15 de abril de 2015. Abaixo, a figura registra os quatro primeiros comentários efetuados no vídeo há quatro anos, com o detalhe de que o primeiro comentário induz que o autor da postagem, denominado “titiadinda2011” se encontrava na Bahia (estado em que a professora Amanda Gurgel morou os primeiros 19 anos de vida).

Esse quantitativo de visualizações, comentários e curtidas “positivas” e “negativas”, pode ser considerado (BRAGA, 2011) como resultado da sociedade organizada para tratar de sua própria mídia, construído dispositivos sociais, com diferentes graus de funcionamento e que dão consistência e continuidade a determinados modos de tratamento, disponibilizando e fazendo circular, esses modelos sociais. A própria interação com o produto circula, faz rever e gera processos com possibilidades de interpretações.

**Figura 31** – Print screen de comentários no Youtube



De acordo com Braga (2006) quando se trata de valores simbólicos e da produção e recepção de sentidos, o que importa mais é a circulação posterior à recepção. O sistema de circulação interacional é essa movimentação social dos sentidos e dos estímulos produzidos inicialmente pela mídia. Para compreender a atualidade do vídeo e a permanência da circulação do acontecimento, as figuras abaixo registram os comentários realizados nos anos seguintes a 2011 pela ordem, e selecionados de maneira aleatória.

No ano de 2012 os comentários ainda refletem o apoio e o incentivo de maneira corajosa para o discurso da professora Amanda Gurgel, como desabafo e crítica a estrutura política e

governamental, e ao pagamento de salários defasados aos professores da rede pública. O perfil “Renato ZF” publicou o seguinte:

Parabéns a professora, mas povo brasileiro, acordem, levantem da cadeira e falem com as autoridades de forma eficaz e de maneira correta (e falar com propriedade e objetivo). Tenho certeza que se começamos a agir, o Brasil muda, não podemos ficar só na fala com amigos.

Nos comentários publicados em 2013, a reafirmação a iniciativa e coragem de exposição pública da professora em se manifestar diante de uma casa legislativa com um discurso de crítica e desabafo diante da realidade enfrentada pela categoria de professores. No entanto, um dos comentários assinado por “RicReborn, faz alusão ao fato de que “de salário ela não reclama nunca mais”, uma vez que no ano de 2012, Amanda foi eleita vereadora em Natal, e tomado posse em 1º de janeiro de 2013.

Três anos depois da veiculação do vídeo, os comentários publicados em 2014, ainda registram a importância do discurso da professora Amanda Gurgel, e a comparação com a realidade enfrentada também por outros professores. De maneira equivocada, ao chamar a professora Amanda Gurgel de “deputada”, o perfil denominado “SuperJoyvan”, critica a professora e opina: “para mim essa professora meio que se vendeu para um mundo de corrupção virando deputada”.

Os mais recentes comentários foram verificados em abril de 2015. A representatividade do professor é corroborada ainda em comentários de ordem positiva. Nesse contexto, o perfil da professora Amanda Gurgel, na condição de vereadora do município de Natal, utiliza o espaço para promover a circulação das ações parlamentares do mandato que representa pelo PSTU no Palácio Padre Miguelinho, sede do poder legislativo municipal. O perfil “Vereadora Amanda Gurgel” convida o internauta a circular outros espaços midiáticos e publica: “Confira a página oficial da vereadora Amanda Gurgel pelo PSTU em Natal. Acompanhe as ações do mandato e as lutas da professora em defesa da educação”.

 **Marilene Ferreira** 3 anos atrás  
Aplausos e aplausos, professora! Sou advogada e fiquei feliz de saber que existem pessoas assim, que lutam e dizem a VERDADE cara-a-cara. Disseste muito bem. Conte comigo! Certamente se não pudermos ver uma mudança do discurso hipócrita dos governantes, pelo menos teremos nesse discurso da professora Amanda Gurgel ânimo para sonhar, lutar por condições compatíveis com as necessidades da educação e reconstruir este Brasil que deveria ser de todos, mas ainda serve apenas a uma minoria. Marilene

 **Alvaniraleal** 3 anos atrás [em resposta a jaaaaneeee](#)  
@jaaaaneeee prazer não enche a barriga, infelizmente, se alguém reconhecesse o trabalho de um professor não teria necessidade de tantos protestos. Todo trabalhador é digno de seu salário. Para se ter dignidade é preciso ter condições ao menos de comer. É preciso lembrar que professor tem filhos, tem família que depende de seu trabalho para ser sustentado. É muito injusto se trabalhar sem receber algo digno. Você, não tendo quem te sustentasse, conseguiria trabalhar árduamente só por prazer?

 **pedro henrique Zilli** 3 anos atrás  
Gostei bastante dos vídeos da Professora Amanda Gurgel, esperamos que desta vez vá pra frente a EDUCAÇÃO e os políticos façam algo pra melhorar. Eu já fui Professor e abandonei por não ganhar um salário digno e por faltarem material pra se fazer um excelente trabalho.  
Agora ficam eles divulgando que o número de analfabetos diminuiu, mais a verdade que é tudo mentira, o pessoal sabe maumente fazer o nome, ou seja, são semi-analfabetos.  
Deixo aqui meu comentário. Tenham um bom dia.

 **Renato Zf** 3 anos atrás  
Parabéns a professora, mas povo brasileiro, acordem, levantem da cadeira e falem com as autoridades de forma eficaz e de maneira correta (E FALAR COM PROPRIEDADE E OBJETIVO).  
Tenho certeza que se começarmos a agir, o Brasil muda, não podemos ficar só na fala com amigos.

Figura 32: Print screen de comentários no Youtube.

 **Katya Lays** 2 anos atrás  
Sem palavras...  
A verdade seja dita.

 **Ric Reborn** 2 anos atrás  
de salário ela não reclama nunca mais.

 **Paulo Magal** 2 anos atrás  
A Educação Publica de Qualidade é o inimigo publico numero hum dos corruptos dos ilícitos e dos inimigos do Estado. Direita LIXO

 **Yolanda Oliveira** 2 anos atrás  
ADMIRO DEMAIS ESSA MULHER!

 **Piragodaia Sam** 2 anos atrás  
162 indivíduos são políticos.

Figura 33: Print screen de comentários no Youtube

 **ramon mian** 1 ano atrás  
muito bom  
Responder .  

 **Eduardo Guilherme Brandt** 1 ano atrás  
Sim, o salário do professor do ensino básico é o cerne do problema de educação no Brasil. Deixemos a demagogia de lado: Quem vai se dedicar pra fazer bem algo que não lhe sustenta, não trás benefícios a contento?  
-  
Eu mesmo fui para o ensino superior em busca dos melhores salários. Eu não seria professor se me pagassem esse salário do ensino básico. Já fui professor ganhando pouco... e tive dificuldade de planejar bem as aulas, pois tinha que ter outro emprego para complementar meu salário... SIMPLES ASSIM!  
Responder .  

 **Jorgerenato Marques** 1 ano atrás  
PARABÉNSSSSSSSSS, FALOU TUDO  
Responder .  

 **SuperJoyvan** 1 ano atrás  
para mim essa professora meio que se vendeu para um mundo de corrupção virando deputada  
~ ~ ~ ~ ~

Figura 34: Print screen de comentários no Youtube

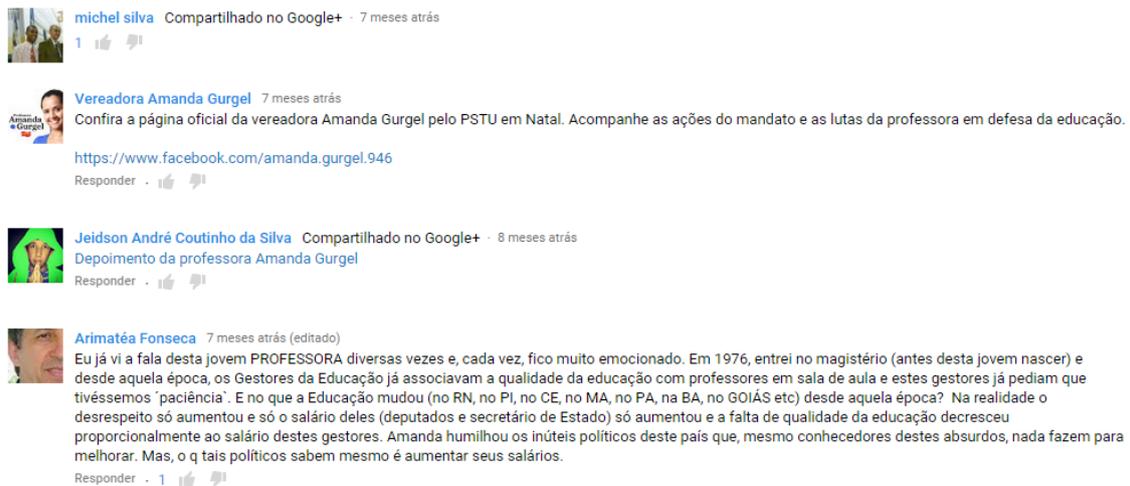


Figura 35: Print screen de comentários no Youtube.

Depois da publicação do vídeo pelo policial militar Vanderlei Felipe no Youtube, outros internautas também tiveram a mesma iniciativa, dando continuidade naquele momento ao processo de circulação e espalhamento do acontecimento transformado em fenômeno comunicacional.

A pesquisa identificou mais de 50 contas/perfis que republicaram o vídeo postado anteriormente pelo militar. Isso corrobora com a afirmação (BRAGA, 2012) de que “a rigor, não é “o produto” que circula – mas encontra um sistema de circulação no qual se viabiliza e ao qual alimenta”. Algumas dessas contas/perfis mantiveram o mesmo título - “Depoimento da professora Amanda Gurgel” - , e outros reescreveram uma nova legenda de apresentação, além de inserir na edição, uma apresentação própria, como no caso do vídeo publicado pelo professor e deputado estadual do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) pelo estado de São Paulo, Carlos Giannazi.

O parlamentar paulista, publicou na conta/perfil do Youtube “jefsg” no dia 27 de maio de 2011, trecho de um pronunciamento dele no plenário da Assembleia Legislativa de São Paulo, onde depois de falar por alguns minutos, mostra na íntegra o vídeo da professora. O vídeo foi publicado com o título “Depoimento da professora Amanda Gurgel sobre a realidade dos professores”, e registrou até abril de 2015, 2.280 acessos, com 14 curtidas para o dispositivo “gostei” e zero para “não gostei”.

Aleatoriamente a pesquisa selecionou algumas contas/perfis para corroborar com os caminhos e a compreensão da circulação midiática que acontece voluntariamente por iniciativa dos indivíduos em uma sociedade contemporânea, como mostra o quadro abaixo. Todas as

contas/perfis foram verificadas em abril de 2015, e justifica exatamente o que diz José Luiz Braga:

O produto, entretanto, é um momento particularmente auspicioso da circulação – justamente porque, consolidado em sua forma que permanece (e que se multiplica, na sociedade em midiatização), pode continuar circulando e repercutindo em outros espaços. O produto, por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, torna-se um especial objeto de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve. (BRAGA, 2012, p.41).

**Quadro 3 – Contas/Perfis no Youtube que publicaram vídeo no Youtube**

<b>Conta/Perfil</b>	<b>Informações</b>
Celso Galli Coimbra	Publicado como “Depoimento da professora Amanda Gurgel”, no dia 16 de maio de 2011. O vídeo obteve 329.725 acessos, 637 comentários e nenhuma curtida nos dispositivos existentes.
Jefsg	Publicado como “Depoimento da professora Amanda Gurgel sobre a realidade dos professores, no dia 27 de maio de 2011. O vídeo obteve 2.280 acessos, 02 comentários e 14 curtidas no dispositivo “gostei”.
Sílvio Persi Sudoeste Agora	Vídeo publicado com o título “Amanda Gurgel professora do RN”, no dia 19 de maio de 2011. O registro é de 22.380 acessos, 55 comentários e 126 curtidas positivas e 04 negativas.
DJ Nardao	Vídeo publicado com o título “Depoimento da professora Amanda Gurgel”, no dia 20 de maio de 2011. O vídeo registrou 27.479 acessos, 27 comentários e 50 curtidas positivas e nenhuma negativa.
Encontro Nova Consciência	Publicado com o título “Professora Amanda Gurgel silencia deputados em audiência pública – A educação no Brasil, no dia 17 de maio de 2011. O registro é de 351.635 acessos, 1.141 comentários, 3.282 curtidas positivas e 21 negativas.
Helen Michel	Publicado com o título “Depoimento da professora Amanda Gurgel sobre a realidade dos professores, no dia 02 de março de 2015. O vídeo obteve 46 visualizações, 0 comentário e nenhuma curtida nos dispositivos existentes.

Os milhares de acessos e comentários ao vídeo, a reprodução em outras contas pessoais no Youtube, às discussões nas redes sociais, e a procura da mídia em apresentar a professora, fez com que em poucos minutos fosse traçado um retrato pessoal do cotidiano do docente da rede pública, reforçando o interesse da mídia em abordar questões ligadas à educação, tendo como protagonista para esse momento de circulação de notícias, a trajetória de vida e profissão da professora Amanda Gurgel, que passou a atuar como protagonista desse assunto na circulação de notícias.

Embora os processos sociais se voltem para maximizar a instantaneidade da circulação, paralelamente vê-se ampliada sua potencialidade para a circulação diferida e difusa, dada a permanência possível dos produtos e das falas em geral; assim, os ritmos da circulação se encontram modulados por articulações diversas possíveis entre as táticas da instantaneidade que procuram abreviar o tempo de acesso e de circulação; e as táticas de acervo, voltadas para a permanência e para a recuperação. (BRAGA, 2012, p. 39).

A participação do policial militar nesse processo de circulação não foi ampliada além das ações já relatadas. No entanto, na entrevista Vanderlei Felipe contou que foi procurado por uma jornalista, que no contato por e-mail, não esclareceu qual o veículo de comunicação que pertencia e desejava apenas uma informação.

Bem, uma repórter de São Paulo me procurou, mas na realidade ela queria saber se eu conhecia Amanda Gurgel. Eu disse que não conhecia e ficou por isso mesmo. (informação verbal)

Embora tenha atrelado quase que anonimamente o nome a imagem da professora Amanda Gurgel, o policial militar na entrevista concedida para essa pesquisa, de que não conhece pessoalmente a professora em questão e que nunca manteve nenhum tipo de contato com ela.

Sem o direcionamento de que foi uma iniciativa solitária, e que o único interesse no momento, era divulgar o movimento, como incentivo para sua esposa, o militar Vanderlei Felipe compreende que contribuiu diretamente com a “divulgação” em torno da protagonista de um episódio midiático com abrangência e circulação de grande amplitude. No tópico seguinte, o relato e a compreensão dos caminhos circulantes midiáticos em torno do acontecimento protagonizado pela professora Amanda Gurgel.

#### **4.2 RN TV 1ª Edição e a abertura de espaço ao vivo para a professora Amanda Gurgel**

O telejornal RNTV 1ª Edição veiculado de segunda a sábado pela Inter TV Cabugi no Rio Grande do Norte, segue o formato padrão estabelecido pela Rede Globo de Televisão para as emissoras afiliadas. A Inter TV Cabugi - antes apenas TV Cabugi - foi instalada no RN no ano de 1987.

No livro RNTV – A notícia no ar, escrito pelo jornalista Francisco Júnior, contrato da emissora como repórter, e que relata em um processo histórico o surgimento da afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Norte, além dos processos de modificações aplicadas ao formato do telejornal ao longo dos anos, o autor explica que a intenção do telejornal é fornecer uma maior identidade ao noticiário local. Veiculado sempre a partir das 12h, o RN TV 1ª Edição tem duração de aproximadamente 50 minutos. A segunda edição do noticiário acontece às 19h15horas, com duração de apenas 15 minutos.

Por se tratar de um produto regional, o RNTV é voltado para o jornalismo de serviço e comentários sobre os fatos mais importantes do dia, com entrevistas ao vivo, notícias sobre esporte, previsão do tempo, temas comunitários e informações do trânsito (JUNIOR, 2014, p. 33).

Na era da internet e diante de todo arsenal tecnológico disponível, que possibilita o acesso ilimitado aos mais variados canais de informação, o telejornal continua – pelo menos no espaço geográfico do Rio Grande do Norte – a suscitar interesse e garantir audiência necessária para se manter no ar. No entanto, a relação do canal televisivo passa a conviver de maneira diferenciada com outros caminhos que direcionam a informação.

Essa permanência corrobora com o pensamento da pesquisadora Vera França ao afirmar que novos formatos e meios não estão substituindo os anteriores, mas provocando processos de adaptações e modificações permanentes em um ambiente midiático (FRANÇA, 2009, p.28).

Com o crescimento das redes sociais, percebemos que estava em nossas mãos uma ferramenta poderosa para divulgar e até orientar o que as pessoas queriam assistir. Isso levando em conta que um dos princípios dos meios de comunicação é oferecer ao público o que ele quer. Em muitos casos, as postagens e comentários no Twitter levantaram temas e deram proporções que outros meios não conseguiriam com tanta eficiência. (JUNIOR, 2014, p. 142).

Esse processo de convivência entre as mídias fomenta um momento de estímulo e alimentação recíproca. “A TV tem sabido conviver bem com a internet, se apropriar de seus recursos e estabelecer com ela uma relação não de concorrência, mas de extensão” (FRANÇA, 2009, p.28). Por outro lado, essa convivência justifica (FAUSTO NETO, 2012) a ressalva de

que as mídias através do seu campo profissional, não são mais a instância que engendraria, com exclusividade, processos de produção e de mediação dos acontecimentos.

Percebendo esse caminho, a afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Norte, compreendeu e buscou se adequar a esse momento, buscando então, uma maior interação com os interesses dos telespectadores, e utilizando das redes sociais, como caminho para definição de conteúdos e temas a serem tratados na programação diária. A pauta dos telejornais passou a observar os interesses discutidos pelo telespectador nas redes sociais, reafirmando também uma circularidade social e de informação.

Como todo fenômeno de massa, que desperta interesse das pessoas, o caso logo conquistou espaço na imprensa. Todos queriam uma palavra de Amanda para que ela pudesse falar da repercussão e discutir a situação dos mestres em sala de aula. As palavras da professora ainda ecoavam e, por isso, muita gente queria saber melhor o que ela tinha a dizer, além daquilo que já estava publicado. Então, foi feito o convite para uma entrevista ao vivo no estúdio do RNTV 1ª Edição, além da gravação de reportagem para os telejornais locais e da Rede Globo. (JUNIOR, 2014, p.142).

A televisão vive um momento em que responde a tendência de buscar uma proximidade maior com o cotidiano das pessoas e interagir de maneira que o indivíduo na sala de casa e diante do aparelho de TV possa se sentir próximo e íntimo de repórteres e apresentadores. Contar no âmbito dos telejornais o cotidiano das pessoas (saúde, educação, violência, gestos de solidariedade e histórias de vida e superação) parece ser uma fórmula que tem obtido resultados positivos. (BRAGA, 2006) A televisão, particularmente, e a mídia, em seu conjunto, apresentam características relacionadas há “inclusividade” e a “penetrabilidade”.

Na conversa entre amigos, em casa ou no ambiente de trabalho, é comum ouvirmos alguém relatar a emoção que sentiu ao acompanhar pela televisão histórias de personagens como o adolescente morador da periferia de Fortaleza (CE), João Victor Claudiano dos Santos, que acertou 95% das questões do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), em 2014 e que relata na história de vida, momentos de dificuldades, superação, *bullying* e a até mesmo a ausência de um par de sapatos para caminhar diariamente até a escola pública e a paixão pelos livros. O esforço da mãe de João Victor, que não frequentou a escola - mas que não mede esforços para que os filhos possam ter melhores oportunidades na vida - comove pessoas e repercute um novo momento da televisão, em buscar esses personagens “reais” e que retrata na maioria a história de outras tantas pessoas. “A televisão fala do mundo – mas até quando fala do mundo, ela parece estar sempre retornando ao cotidiano, ao aqui de nossos corpos, o agora de nosso presente” (FRANÇA, 2009, p.38).

Acompanhando esse processo de proximidade com o telespectador, o RN TV 1ª Edição abriu espaço para a participação da professora Amanda Gurgel, na edição do dia 19 de maio de 2011 em uma entrevista ao vivo nos estúdios da emissora. Importante destacar que uma entrevista é um processo comunicativo. Sobre as entrevistas de televisão, Cárilda Emerim (2006, p. 160), explica:

As entrevistas televisivas, em suas diferentes formas de estruturação e formato, em princípio, parecem por em contato e fazem interagir, na tela, diante dos olhos dos telespectadores, mídia e sociedade, relacionando-as a partir de alguma coisa que aconteceu ou que está em curso. A entrevista responderia, assim, à curiosidade que os telespectadores têm sobre os outros homens, sobre as coisas do mundo.

Apresentado pela jornalista Lúcia Pace, o telejornal abriu a edição com a escalada<sup>46</sup> “Olá, boa tarde. Aqui no estúdio, uma entrevista com a professora Amanda Gurgel, que fez uma declaração sobre o ensino público no estado e chamou a atenção de todo mundo”, chamando o telespectador para acompanhar a entrevista ao vivo com a professora que naquele momento protagonizava o enredo dessas conversas cotidianas na hora do almoço da família reunida, dos amigos pelos corredores da universidade, ou até mesmo no *happy hour* do fim de expediente no escritório e despertando o interesse dos repórteres e editores nas redações de televisão, jornais impressos e portais de internet.

Durante a chamada do intervalo comercial do primeiro bloco do telejornal, a apresentadora também fez referência à presença da professora: “E daqui a pouco Amanda Gurgel, professora que fez uma declaração sobre o ensino público no estado, participa de uma entrevista aqui no estúdio”. O anúncio também se repetiu na chamada do bloco seguinte: “E depois do intervalo, professora do estado e município, Amanda Gurgel, que fez uma declaração sobre o ensino público, será entrevista aqui no RNTV”.

Com a mobilidade de transitar pelo estúdio durante a exibição do telejornal, a apresentadora caminha ao encontro da professora Amanda Gurgel – sentada em uma poltrona – enquanto faz a apresentação da entrevistada:

Ela ganhou destaque na mídia nacional depois de participar de uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, na semana passada. Em plenário, fez um relato da vida de um professor no Rio Grande do Norte. Expôs a realidade que passa dentro e fora de sala de aula de forma simples, sincera, do ponto de vista de quem vive, de quem persiste viver da

---

<sup>46</sup> Escalada são as manchetes do telejornal, sempre no início de cada edição. Serve para atrair a atenção do telespectador no início do jornal e informar quais serão as principais notícias daquela edição.

educação. Amanda Gurgel é professora de Português. Obrigada por aceitar nosso convite e estar aqui hoje no RNTV. (informação verbal)

**Figura 33** –Lídia Pace e Amanda Gurgel no RNTV 1ª Edição



Foram exatamente cinco minutos e onze segundos, desde o momento que a apresentadora inicia a apresentação da professora Amanda Gurgel como entrevistada do RNTV 1ª Edição, até o momento que agradece e encerra a entrevista ao vivo e finaliza a edição do telejornal.

Antes de realizar o primeiro questionamento, a apresentadora convida a professora Amanda para rever um trecho do discurso dela na Assembleia Legislativa. O trecho apresentado faz referência o momento em que a professora destaca o valor do salário que recebe na rede estadual de ensino, em contraposição aos números apresentados até então na audiência pelos representantes do poder público.

Ao retornar a imagem para o estúdio, a apresentadora questiona de imediato se a professora Amanda Gurgel imaginaria o espaço de repercussão que o discurso dela estava tomando naquele momento. “Agora, você imaginaria que quando você foi até a bancada falar pra aqueles deputados, falar também pras pessoas que estavam ouvindo em todo o Rio Grande do Norte, a repercussão seria tão grande?”

A resposta ao primeiro questionamento foi de que “jamais imaginei”, afirmando naquele momento, que o teor do discurso proferido é um hábito na vida como professora pública. “Então, jamais imaginei que pudesse causar tanta repercussão uma coisa que é tão óbvia”.

O outro questionamento da apresentadora tratou de entender se a construção do discurso da professora tinha sido pontuada antes por ela, se ela já tinha desenvolvido o discurso de maneira planejada. A resposta foi de que o discurso surgiu de maneira espontânea, reforçando o “óbvio” citado anteriormente.

Em seguida, Lídia Pace questiona se a professora acredita que como resultado desse momento de circulação do discurso dela por inúmeros caminhos midiáticos, a possibilidade de

mudança ou melhorias na educação pública. A professora responde que é preciso extrapolar a mobilização que acontece virtualmente, para uma ação prática de cobrança ao poder público.

Lídia Pace volta a questionar a professora Amanda Gurgel sobre a repercussão do discurso no universo virtual e de que maneira ela se relaciona com as redes sociais, como Twitter e Facebook. Naquele momento, já circulava perfis falsos construídos com o nome da professora.

Sim, fiquei sabendo, fiquei preocupada, inclusive. Eu não participo dessas redes, ironicamente, até por falta de tempo. E por não ter muito esse perfil de quem está sempre mexendo com a internet. Eu não faço parte desse mundo. É engraçado.<sup>47</sup>

Para finalizar os questionamentos direcionados a professora Amanda Gurgel, a apresentadora aponta que ela vive um momento importante, e que essa situação reflete nas pessoas um sentimento de admiração pela imagem dela como representante não só de uma categoria profissional, mas para quem de alguma maneira, se sentiu tocado com a realidade exposta no discurso proferido em uma audiência pública.

Como resposta a professora se coloca apenas como mais um profissional da educação indignado com uma realidade de dificuldades muito tempo e desencadeada naquele momento por movimento grevista.

A apresentadora agradece a participação da entrevista, e afirma que a emissora de televisão vai continuar acompanhando e informando sobre o movimento de greve, e encerra o noticiário. Durante todo esse momento de transmissão ao vivo da entrevista da professora Amanda Gurgel ao telejornal RNTV 1ª Edição, desde a chamada no início do jornal, é comentado no livro de Francisco Júnior, “RNTV: a notícia no ar”, de que a rede social Twitter tinha registrava altos índices de citação com as chamadas “twittadas”.

Enquanto esteve no ar, a professora Amanda Gurgel e o RNTV ficaram em primeiro lugar no ranking dos assuntos mais comentados no Brasil. Uma pessoa comentava, a outra respondia, todos repassavam e por aí a informação ia sendo transmitida a mais pessoas. Não sabemos ao certo a quantas, mas que repercutiu com grande força isso não temos dúvida. (JUNIOR, 2014, p.143).

Um ponto observado é que diferente da imagem retratada durante a audiência pública na Assembleia Legislativa, a professora Amanda Gurgel se apresentou e se portou de maneira diferente durante a entrevista ao vivo no telejornal.

---

<sup>47</sup> Trecho da entrevista de Amanda Gurgel ao RNTV 1ª Edição do dia 19 de maio de 2011.

De cabelos soltos e cacheados, a professora estava levemente maquiada e com uma calça jeans azul e uma blusa preta com o um decote à mostra. A cor preta geralmente caracteriza a intenção de mostrar sobriedade e discrição, mas também reflete sentimentos, como o de tristeza e de revolta.

É comum durante mobilizações sindicais e de greve que trabalhadores utilizem a cor preta na indumentária de protestos. Os gestos e movimentos teatralizados registrados durante a audiência pública da professora, não foram percebidos durante a entrevista. A professora usou um tom de voz mais comedido do que o discurso na Assembleia Legislativa.

**Figura 34** – Comparativo da imagem de Amanda Gurgel em duas ocasiões



A respeito dessas diferenças de imagem nas duas ocasiões retratadas acima, a professora Amanda Gurgel justifica

Na verdade isso não foi uma mudança. Até os meus colegas da escola, eles comentaram isso. “*Amanda, não acredito. Se você imaginasse que esse vídeo ia acontecer isso tudo, tu não ia nem com aquela roupa nem com aquele cabelo*”, porque não era o meu habitual. Eu sempre fui... não de ser arrumada chique, até porque a gente não tem essa condição, professor, né. E também não é o meu estilo, mas eu sempre fui mais cuidadosa de usar maquiagem, de usar no mínimo o pó, a máscara para os cílios, o batom e o blush. No mínimo, pelo menos isso, né. Mas, naquele dia, especificamente, eu amanheci como todo mundo amanhece às vezes, principalmente as mulheres. Tem dia que a gente amanhece assim, não tá com disposição pra se arrumar muito, enfim, não está com essa disposição.<sup>48</sup>

### 4.3 Repercussão nacional: 25 minutos ao vivo no Domingão do Faustão

<sup>48</sup> Trecho da entrevista concedida pela professora Amanda Gurgel no dia 18 de setembro de 2014.

Ouvi de um amigo apaixonado por televisão que ao longo da história a TV foi se estruturando como uma indústria de entretenimento para aproximar as pessoas, os lugares, para diminuir distâncias e tirar de um indivíduo solitário diante do aparelho de televisão, sentado no sofá em um domingo cinzento, uma risada ecoando fortemente dentro de um apartamento, ou fazer descer pelo rosto uma lágrima de emoção.

Mesmo sem ter conhecimento específico da área, esse amigo vai concordar com a afirmação de que “o entretenimento nos leva cada vez mais para dentro dele e de nós mesmos” (TRIGO, 2003). Corroborando com esse pensamento, Vera França (2009, p. 36) afirma que:

Sem causar grandes perturbações, a televisão tem que fazer sentir – fazer rir, fazer chorar, provar medo ou comoção. Ela fala para alguém que, como Zeca Baleiro, está “à flor da pele”. A estética da televisão é uma estética do roçar; é feita para causar arrepios, e não para deslocar (o que não significa que tal não possa acontecer).

Esses sentimentos estão sempre presentes nos programas de auditório e de entretenimento. Ao longo dos últimos 26 anos, inúmeros brasileiros acompanham todo o domingo pela Rede Globo de Televisão a um dos programas de entretenimento de maior longevidade na televisão brasileira. Exibido desde o dia 26 de março de 1989, o programa *Domingão do Faustão*, é comandado ao vivo a partir das 15 horas, pelo apresentador Fausto Silva e direção-geral de Jayme Praça.

Com um formato que possibilita ao apresentador uma mobilidade no palco e improvisos na narrativa, o programa apresenta números musicais, quadros de variedades, entrevistas, brincadeiras e jogos, sempre com a participação da plateia, de pessoas anônimas e de artistas convidados e/ou integrantes do elenco de contratados da emissora<sup>49</sup>.

Seguindo no passo do que se discute, comenta e se fala nas redes sociais e no universo cotidiano das pessoas comuns, distantes do estrelato ou da fama, programas de entretenimento como o do apresentador Fausto Silva, passaram a apostar na utilização dessa circulação midiática, como meio para não “perder o bonde” do que realmente acontece e interessa ao telespectador que se coloca diante da televisão, por alguns minutos ou horas consecutivas.

Com a repercussão em torno do discurso da professora Amanda Gurgel, ela foi convidada para participar do programa ao vivo, tendo inclusive, todas as despesas de transporte e hospedagem custeadas pela emissora. Na edição do dia 22 de maio de 2011, o apresentador inicia o programa falando de uma professora que “estremeceu o Brasil”: “Diretamente dos

---

<sup>49</sup> Informações em <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditório-e-variedades/domingao-do-faustao/formato.htm>>. Acesso em: 18 dez. 2014.

estúdios da Globo de São Paulo pra essa super galera, começa o Domingão. O Domingão destaca: essa professora estremeceu o Brasil essa semana. Olha o que ela fala sobre a qualidade do ensino no Brasil”, e de imediato o apresentador pede para ser veiculado o trecho do vídeo com o discurso da professora que tinha sido previamente determinado com a equipe de produção em um VT de 45 segundos. Após a exibição da imagem, o apresentador contextualiza o público a respeito do vídeo e convida para entrar no palco, a professora Amanda Gurgel.

Na verdade, era uma reunião com a secretária de educação do Rio Grande do Norte, deputados, e essa professora, que é solteira, órfã aos quatros anos de idade, criada pelos tios da Bahia, mas que nasceu, mora e nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte; resolveu pedir a palavra, e aí incendiou a galera. Mas, com consistência, com conteúdo. Por isso, você vai conhecer agora... você sabe o quanto é importante a questão da educação. E educação não é só aquele negócio de você não arrotar na mesa, não comer com os cotovelos em cima da mesa. Educação é você se instruir pra você saber quais são os seus direitos, quais são suas obrigações, pra você ter consciência e lutar pra melhorar esse país. E isso é fundamental, é essencial. E é um problema. Não é do governo da dona Dilma, que tá começando agora, nem do outro, nem do Fernando Henrique. É um problema desde que Cabral chegou aqui, o problema é sempre o mesmo. Então um tem que começar. Pelo menos ela tá fazendo a parte dela. Ela é Amanda Gurgel que vem aí.<sup>50</sup>

**Figura 35** – Anúncio de Fausto Silva e chegada de Amanda Gurgel ao programa



Recebida com aplausos e com a platéia de pé, a professora entra em cena para permanecer por 25 minutos ao vivo e “em horário nobre”, como costumeiramente se faz referência, respondendo aos questionamentos do apresentador, das auxiliares de palco e do público presente.

Antes de fazer o primeiro questionamento para Amanda Gurgel, o apresentador Fausto Silva, relatou dados estatísticos mostrando também um quadro do sistema público de ensino, e enfatizando na fala, que o discurso da professora Amanda Gurgel tem um dimensionamento

<sup>50</sup> Trecho da transcrição do programa Domingão do Faustão do dia 22 de maio de 2011.

nacional, e que as angústias e as dificuldades que ela tornou públicas, estão presentes nos quatro cantos do Brasil.

O assunto tratado pela professora não é caracterizado por nenhum ineditismo, mas é necessário que permaneça circulando nos contextos sociais e de mediação, para que os responsáveis em alterar e modificar a estrutura do ensino público tome de alguma maneira as atitudes necessárias. A primeira indagação do apresentador foi saber em quem momento a professora decidiu que falaria durante a discussão pública. “Quando é que deu na tua cabeça a ideia de levantar? Você foi preparada pra enfrentar as feras todas e falar o que você tava pensando, Amanda, ou não? Na hora, deu uns cinco minutos e falou: hoje é o dia?”

A dinâmica inicial da participação da professora no programa foi intercalada com trechos do vídeo que circulou nas redes sociais, com os questionamentos do apresentador e claro, as respostas da entrevistada e aplausos como segue abaixo:

**Faustão:** Olha, por exemplo, e vê se você concorda ou não com o que fala a professora Amanda Gurgel sobre a questão professor e merenda.

**Amanda Gurgel (no vídeo):** [...] pedir à Promotoria que esteja com a fiscalização efetiva ao Ministério Público, que não seja pra dizer “professor não pode comer desse cuscuz não”, porque é um cuscuz alegado, que a gente come, o cuscuz da merenda.

*(aplausos)*

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Porque a Promotoria tá ali pra dizer que a merenda é do aluno, não é do professor. Certo? É assim que funciona. Digasse de passagem, nós não temos recursos pra estar nos alimentando diariamente fora de casa. Não temos pra isso.

*(aplausos)*

**Faustão:** Quer dizer, com o salário que ganha um professor, ele não tem direito nem de pagar a merenda que vai pro aluno, é isso?

**Amanda Gurgel:** Justamente. O fato dos professores se utilizarem também da merenda do aluno, se alimentarem com aquela merenda, é considerado pela Justiça como um desvio da merenda. Existe uma fiscalização em relação a isso. A promotora, ela se dispõe até a visitar as escolas pra saber se realmente a merenda, ela está sendo entregue apenas aos alunos.

**Faustão:** E o professor recebe vale-refeição?

**Amanda Gurgel:** Não, não recebe, até porque cada vínculo que nós temos são vínculos que não chegam a ser de 8 horas diárias de trabalho. Então nenhuma instituição que nos emprega tem obrigação legal de fazer isso, mas a verdade é que nós somos obrigados a trabalhar o dia inteiro e às vezes até à noite, como eu falei naquele dia, sem que nenhum desses órgãos se responsabilize por essa parte, que é a alimentação.

Ao ampliar o diálogo com a entrevistada, o apresentador indaga uma das auxiliares de palco (Carla Prata), disposta no meio da platéia. Nesse momento, a discussão passa a contar com outro agente interagindo e ampliando a circulação do diálogo.

**Faustão:** Carla Prata, você não ia ser professora?

**Carla Prata:** Pois é, Faustão. Eu cheguei a cursar quatro períodos de Matemática, mas desisti.

**Faustão:** Por que você desistiu?

**Carla Prata:** Lá faltava água, não tinha como a gente fazer xixi. Faltava luz, então a gente ficava num calor absurdo, tendo que ter aula naquele calor. Faltava água pra beber, a gente não tinha como beber água no colégio. Inclusive faltavam professores pra algumas matérias. Então isso me fez desistir de dar aula.

**Faustão:** Imagina se na formação o professor já pega isso, o que ele pode esperar do futuro, né Amanda?

**Amanda Gurgel:** Pois é. Isso é frustrante e mais frustrante ainda é saber que os secretários e os governos diante de toda essa realidade, eles acreditam que a escola funciona como um depósito de crianças. Porque a preocupação maior deles, no momento em que nós estamos como hoje no Rio Grande do Norte, no Ceará, em Santa Catarina, em Duque de Caxias, todos esses estados e cidades que eu tô colocando aqui, que são estados em que estamos em greve. A maior preocupação deles é o fato de os alunos estarem em casa e as mães ou os pais estarem encontrando dificuldade pra sair pra trabalhar.

**Figura 36** – Amanda entrevistada por Fausto Silva



Para dimensionar ainda mais o debate sobre a questão educacional, e ouvir questionamentos e opinião do público presente, o apresentador recorre da participação de outra auxiliar de palco (Carol Nakamura), que conduz pessoas da platéia a também dialogarem com a professora Amanda Gurgel.

**Faustão:** Carol Nakamura, quem tá com você aí?

**Carol:** Comigo está Leila, que é professora de Português e Artes aqui em São Paulo.

**Faustão:** A Leila é professora de Português e Artes, vai fazer a pergunta e vai fazer o desabafo. Fala o que você quiser.

**Leila:** Em primeiro lugar, parabéns, viu Amanda? Pela força, tá? E eu gostaria de saber como é que você tá se sentindo depois dessa repercussão do seu vídeo da internet, e poder estar hoje aqui com o Faustão?

**Amanda Gurgel:** Olha, eu estou me sentindo com a responsabilidade e com o dever de nesse momento emprestar a minha voz a todos os professores do Brasil. Não estou vaidosa, não acho que isso seja um momento que sirva para a promoção da minha imagem; isso nunca foi a minha intenção. Jamais imaginei que isso pudesse acontecer, mas estou disposta como estou aqui hoje,

não para isso, não para me promover, mas porque me sinto sim na obrigação de, já que foi aberto esse espaço, aberto espaço em diversos locais, inclusive, para denunciar esses problemas e falar em nome dos meus colegas professores do Brasil inteiro.

*(aplausos)*

**Faustão:** Quer dizer, você botou a cara e tá pronta pra encarar a responsabilidade. Lembrando: essa moça aqui que é forte, com esse tamanho todo, ela ficou órfã aos 4 anos de idade e foi criada por tios. Não faltou a ela o apoio da família, né; da Dona Teresinha, avó dela, da Andressa, Andréia e as irmãs. Ela foi fazer faculdade, foi à luta, o que ela quer apenas é ter condição pra trabalhar e exercer a profissão que ela escolheu, mas com o mínimo de dignidade. Carla, quem tá com você?

**Carol:** É a Cláudia, de Curitiba.

**Faustão:** Cláudia, o que você quer fazer? Que pergunta?

**Cláudia:** Oi Amanda, parabéns pelo seu trabalho. Eu gostaria de saber qual a situação mais precária que você já enfrentou numa sala de aula.

**Amanda Gurgel:** Olha, situação precária assim... não dá nem pra dizer a mais precária. No início do ano letivo, por exemplo, na escola da rede estadual na qual eu trabalho, nós iniciamos o ano sem ter metade do quadro dos professores formado ali, certo? Faltava metade dos professores e como a colega falou ali, não é, faltam professores pras matérias, faltam carteiras, muitas vezes faltam lâmpadas nas escolas, falta merenda, falta tudo. Então assim, esse caos é um caos generalizado e que não é só no Rio Grande do Norte, não é só em Natal. É no Brasil inteiro, pelo descaso dos governos.

Depois de abrir espaço para a participação do auditório, o apresentador continua conversando com a professora e encerra a participação dela agradecendo. No entanto, Amanda aproveita o espaço e anuncia uma mobilização nas redes sociais citando a hashtag #dezporcentodoPIBjá, talvez revelando nesse instante, a ativa participação dela nas redes sociais, uma vez que, ao se tornar protagonista de um acontecimento que circulou no campo da midiatização, ela deixou claro nos veículos de comunicação em que foi entrevistada, que não participava até aquele momento como usuária das redes sociais.

É salutar destacar também aqui a imagem da professora Amanda Gurgel durante a participação no programa Domingo do Faustão. Diferente da indumentária que participou na audiência pública e da utilizada na entrevista ao vivo no telejornal RNTV 1ª Edição do dia 19 de maio de 2011, Amanda Gurgel se apresentou também de calça jeans azul, e uma blusa preta – igual à usada no RNTV 1ª edição – e utilizou um casaco de lã na cor lilás, provavelmente em decorrência da temperatura comum ao mês de maio no estado de São Paulo, que geralmente é estranha ao nordestino acostumado com os longos meses do ano com dias e noites de calor.

Sobre essas minúcias em torno da apresentação visual da professora Amanda Gurgel - nos três momentos midiáticos em selecionados e integrantes do corpus desta pesquisa - , serão detalhadas no tópico posterior que vai tratar do enquadramento na imagem e na representação

da professora da rede pública protagonista de um acontecimento com reverberação nos circuitos comunicacionais.

#### **4.4 O enquadramento na imagem e na representação de uma professora da rede pública**

A discussão acerca do enquadramento ultrapassa mais de duas décadas de evolução nos estudos da comunicação. Na construção dessa pesquisa se vislumbrou a utilização do conceito como mais um bom referencial teórico para construção do corpus.

A problemática do enquadramento tem as referências nos estudos e discussões propostas pelo sociólogo e antropólogo canadense Erving Goffman, falecido em 1982, que se apresenta como princípios de organização das experiências que vivenciamos, e que operam uma espécie de “corte artificial”, sobre a realidade, estabelecendo a partir de então, um sentido e definindo a forma como podemos interpretar as situações, mas também como se pode interagir com os outros. Mas, em uma linguagem mais adequada ao universo acadêmico e da pesquisa, o termo “quadro” ganhou o sentido mais adequado.

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos – pelo menos os sociais – e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar. Esta é a minha definição de quadro. Minha expressão “análise de quadros” é um slogan para referir-me ao exame, nesses termos, da organização da experiência. (GOFFMAN, 2012, p. 34).

A discussão aqui proposta não vai apontar objetivos tão ambiciosos no universo goffmaniano, mas se deter no aspecto particular do enquadramento midiático e representativo da professora Amanda Gurgel, como protagonista de um episódio circulante entre os canais de comunicação estabelecidos nesta pesquisa e na produção de sentido, uma vez que, compreendo ser de responsabilidade do enquadramento, o desempenho de duas ações: organizar a realidade midiática - neste caso, dos canais que circulam as imagens, que definem o quadro exibido - e a imagem disponibilizada e visualizada por um sujeito, como resultado de um produto. Todos os enquadramentos apresentam a professora Amanda Gurgel em um contexto social, educacional e político do meio em que está inserida como cidadã e profissional da educação.

Para referenciar ainda mais essa discussão, se atrela também outro conceito discutido por Erving Goffman, e que compreende uma das buscas de entendimento da pesquisa: a

representação. E nesse caminho, a vida cotidiana das pessoas ganha uma dimensão teatral nos estudos do filósofo e antropólogo canadense.

Segundo Goffman (1989), as pessoas estão permanentemente representando seus papéis sociais. O indivíduo na condição de personagem pode aprender seu papel, construir o “eu”, a partir da interação com outros sujeitos. Nesse processo, ele é na vida cotidiana, dramaturgo da própria história, mudando o texto e o contexto em que se apresenta, atuar como ator (protagonista), participar como coadjuvante e ter o arbítrio de fazer parte ou não de determinado enredo.

Nesse caminho é salutar detalhar algumas considerações dentro de uma perspectiva temática, para que se busque conferir um sentido coerente a realidade apresentada nos três conteúdos midiáticos integrantes dessa pesquisa: o vídeo com o trecho da audiência pública gravada ao vivo pela TV Assembleia RN e veiculado no Youtube com o discurso da professora Amanda Gurgel; a entrevista concedida pela professora ao telejornal RNTV 1ª Edição, da afiliada da Rede Globo de Televisão no RN e a participação de Amanda Gurgel ao vivo no programa Domingão do Faustão também da Rede Globo.

O vídeo disponibilizado no canal de compartilhamento de pouco mais de nove minutos é um recorte de uma transmissão ao vivo realizada por uma emissora legislativa com duração de quatro horas e 15 minutos, em um espaço público, que reuniu autoridades públicas, representantes sindicais, professores da rede pública e alunos beneficiados com o sistema de ensino estadual. No obstante, o vídeo com o discurso da professora Amanda Gurgel, não sofreu nenhuma edição prévia, no que se refere à narrativa da professora.

No que se refere aos enquadramentos de imagem, três câmeras são utilizadas e oferecem ângulos diferenciados: um plano aberto mostra o público, a mesa de autoridades e púlpito em que a professora se posiciona para discursar; outro enquadra a mesa de autoridades e o púlpito com a professora ao fundo e por fim, o ângulo que permanece por mais tempo, apenas com a professora em um enquadramento individual. Esse jogo de câmeras (ângulos) acontece durante todo o discurso da professora. O vídeo não foi editado de maneira intencional. Ele se construiu como um produto midiático e resultado de um acontecimento que não se compreende ter ocorrido de maneira intencional.

Nesse cenário, Amanda Gurgel assumiu a representação de uma professora com carga histórica de militante sindicalista e defensora da categoria na busca por melhores condições de trabalho e por um ensino público de qualidade.

Quando um ator assume um papel social estabelecido, geralmente verifica que uma determinada fachada<sup>51</sup> já foi estabelecida para esse papel. Quer a investidura no papel tenha sido primordialmente motivada pelo desejo de desempenhar a mencionada tarefa, quer pelo desejo de manter a fachada correspondente, o ator verificará que deve fazer ambas as coisas. (GOFFMAN, 1989, p. 34).

Retorno as minúcias de gestual, tonalidade de voz e indumentária da professora Amanda Gurgel nessa primeira apresentação midiática dos produtos que estão elencados na pesquisa. A professora se apresenta com o perfil estético e discurso disseminado da categoria que integra a rede pública. “Quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” (GOFFMAN, 1989, p.41).

O segundo elemento midiático integrante da pesquisa é o trecho do telejornal RNTV 1ª Edição, produzido e veiculado pela afiliada da Rede Globo no Rio Grande do Norte, em que a professora Amanda Gurgel foi entrevista ao vivo nos estúdios da emissora, pela jornalista e apresentadora Lídia Pace.

A entrevista foi à primeira participação da professora em um telejornal, como entrevistada, cinco dias após a veiculação do vídeo no Youtube. Em estúdios três câmeras enquadram à apresentadora e a entrevistada.

O primeiro enquadramento em sentido aberto apresenta a professora acomodada em uma poltrona e de perfil, enquanto a apresentadora dialoga visualmente com a câmera e se remete também para Amanda Gurgel. Outro ângulo disposto por uma das câmeras também oferece um enquadramento aberto, porém, com maior profundidade, e conseqüentemente deixando as personagens do enquadramento em questão, distante de uma área de visualização. O terceiro enquadramento direciona totalmente a imagem para a professora Amanda Gurgel, porém é percebida nitidamente a ausência de habilidade com as lentes da câmera, ficando com o olhar direcionado praticamente durante toda a entrevista para a apresentadora. Nos últimos momentos do vídeo, a professora encara a lente da câmera de frente.

O enquadramento está centrado em reflexões acerca dos modos como é possível, para cada sujeito, identificar a situação da qual se encontra presencialmente. A interpretação de uma situação, assim sendo, vai resultar sempre de uma resposta a um primeiro questionamento que acredito deva ser: o que está se desenrolando na cena à minha frente? “Doravante, dificilmente

---

<sup>51</sup> De acordo com Goffamn (1989), é conveniente denominar de fachada à parte do desempenho do indivíduo que funciona regularmente de forma geral e fixa com o fim de definir a situação para os que observam a representação. Fachada, portanto, é o equipamento expressivo de tipo padronizado durante sua representação.

haverá uma representação, em qualquer área da vida, que não conte com o toque pessoal para exagerar o caráter de ineditismo das transações entre ator e plateia” (GOFFMAN, 1989, p. 53).

Por fim, o enquadramento disponibilizado durante a participação da professora Amanda Gurgel no programa de entretenimento Domingão do Faustão, da Rede Globo de Televisão, embora tenha sido o de maior duração, em que a professora permaneceu por 25 minutos em rede nacional, tenha apresentado um enquadramento mais homogêneo durante a participação da professora, sem ângulos de câmeras com à professora muito distintos. Embora tenha existido uma maior mobilidade na troca dos enquadramentos, as mesmas imagens se repetiam em uma sequencia sem roteiro estabelecido. O enquadramento busca a conceituação de como cada sujeito particular se envolve subjetivamente em uma dada situação social, principalmente quando este momento, não estabelece a normalidade do cotidiano da vida.

Quanto ao processo de representação, é importante apontar que uma noção geral de que fazemos uma representação de nós mesmos para os outros não é nenhuma novidade. “O que deveria ser acentuado, para concluir, é que a própria estrutura do “eu” pode ser considerada segundo o modo como nos arranjamos para executar estas representações na nossa sociedade” (GOFFMAN, 1989 p. 230)

A noção de que os enquadramentos podem variar, passando a existirem como realidades múltiplas, é fundamental para a compreensão não somente das variações que ocorrem na vida social, exigindo do sujeito/individuo referencias interpretativas para os quadros, mas também para que se possa reconhecer os acontecimentos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o percurso vivenciado desde a intenção e desejo de cursar uma pós-graduação na busca pela titulação acadêmica de mestre, e da ampliação de novos conhecimentos, até o momento de finalizar, por enquanto este estudo, o projeto inicial tinha como objetivo algo bem diferente do atual.

A proposta passava pelo incômodo de receber da mídia – ou de compreender - uma imagem do professor da rede pública, sempre na condição de “coitado” e “injustiçado” no que se refere à qualidade da remuneração e da imagem que ele próprio - o professor - ajuda a construir, e na maioria em uma perspectiva negativa. O intuito era compreender o porquê do direcionamento e enquadramento dado pelos canais de comunicação a esse personagem (professor), sempre numa mesma perspectiva.

Mas a pesquisa tomou outro rumo, e embora não tenha no fundo perdido a essência, ampliou os horizontes para um direcionamento mais instigante e que possibilitou um olhar mais crítico e observador aos processos de circulação midiáticos, que vivenciamos cotidianamente, e que mesmo na condição de profissional da comunicação passa despercebido.

Então, o desafio foi se debruçar sobre o acontecimento vivenciado por uma professora da rede pública estadual de ensino do Rio Grande do Norte no ano de 2011, em um momento de greve, e que durante uma discussão aberta, se posicionou de maneira contundente na presença de autoridades da esfera pública e relatou todas as condições de trabalho e de sobrevivência que os profissionais do ensino público vivenciam no cotidiano. E é importante aqui se fazer uma retomada histórica do acontecimento.

Era um momento de greve da categoria. Toda a discussão foi transmitida ao vivo por uma emissora legislativa. O relato da professora Amanda Gurgel constrangeu autoridades, mas corroborou com o discurso dos colegas de profissão. Chamou atenção.

Com acesso ao material veiculado pela emissora legislativa, um parlamentar de oposição ao governo estadual na época, publicou no portal do mandato dele, exatamente o trecho do discurso da educadora. Mais de 90% da categoria estava paralisada. O momento era efervescente no processo de disseminação das redes sociais.

Para incentivar o movimento de greve, em que a esposa participava ativamente, um policial militar publicou em uma conta pessoal o vídeo antes disponibilizado no portal do parlamentar. Foi o bastante para que em poucos dias, a anônima professora Amanda Gurgel,

vivenciasse o papel de protagonista de uma circulação midiática com uma dimensão superior ao universo da categoria que pertence ou da audiência limitada da emissora legislativa.

Nesse processo a pesquisa se fundamentou para entender porque o discurso da professora Amanda Gurgel foi transformado em um acontecimento e as imbricações que proporcionaram uma circulação midiática nos mais variados espaços. Como foi estruturada a circulação e se de alguma maneira a educadora se posicionou na condição de representante social dos pares.

Toda a fundamentação teórica foi direcionada as discussões propostas pelo filósofo francês Louis Quéré e pela pesquisadora brasileira Vera Regina Veiga França sobre acontecimento; dos conceitos de representação e enquadramento discutidos há algumas décadas pelo antropólogo e sociólogo canadense Erving Goffman e dos estudos sobre circuitos comunicacionais do pesquisador José Luiz Braga. A imagem do professor discutida por Adilson Citelli contribuiu para o entendimento dos questionamentos sempre tensionados sobre o assunto. A contribuição do antropólogo Clifford Geertz sobre etnografia possibilitou o direcionamento da pesquisa para um universo menos árido na construção deste material.

A sociedade contemporânea tem hoje já estratificada no cotidiano dos indivíduos a vivência dos mais diversos aparelhos que possibilitam uma circulação de informações com agilidade instantânea. O homem em sua essência se mostra desejoso pelo novo e cada vez mais, o acesso ao que se configura como informação precisa ser digerida de maneira muito instantânea. O que poderia existir de forma simples e muito comum, se torna excepcional e foge ao controle do indivíduo. Para Quéré (2012), se transforma em acontecimento aquilo que vem de fora, que se produz e se desconecta da duração.

Quando discursou por quase 10 minutos na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, na manhã de 10 de maio de 2011, a professora Amanda Gurgel, não relatou nenhuma situação ou vivência inusitada. Não existiu ineditismo na fala da professora. O conteúdo do discurso é algo recorrente aos integrantes da categoria há alguns anos. Desde que o sistema público de ensino começou a vivenciar um processo de desvalorização e precarização, que milhares e milhares de professores contam e recontam todas as agruras vivenciadas no exercício da docência.

No entanto, a professora Amanda Gurgel discursou em um espaço público – e isso também não seria inédito – já freqüentado por outros profissionais da educação, principalmente aos ligados na luta sindical. Mas, a professora Amanda Gurgel discursou em um tempo de

ampliação, disseminação e propagação das redes sociais, do acesso aos mecanismos digitais e de mídiatização.

Amanda protagonizou um discurso em um tempo de total descrédito da classe política e de falência dos serviços públicos. Amanda se revelou em um tempo que os sujeitos procuram referências e representantes que possam contar outra história, ou que tenham outro contexto social vivenciado.

Com uma história de vida intrínseca às lutas sociais, passando pelo movimento estudantil, sindical de professores, filiação partidária e de crítica ao funcionamento da mídia tradicional, Amanda Gurgel não se manteve distantes desses canais. No processo de circulação comunicacional em que ela, como protagonista se posicionou, a professora foi inserida muito rapidamente no contexto das mídias tradicionais, contribuindo ela própria, para a permanência da circulação em torno do episódio que vivenciou como acontecimento.

Nesse contexto de mudança da sociedade contemporânea, e dos sujeitos que interagem ativamente e influenciando a circulação comunicacional, a professora Amanda Gurgel surgiu publicamente em um momento que os meios tradicionais de mídia buscam mudanças na pauta convencional, desejam uma interação maior com o indivíduo consumidor e se abrem dentro das limitações a posicionamentos políticos, sociais e de representação, que buscam um enquadramento diferente e que possibilitem o surgimento de uma nova relação com os sujeitos e com um produto que, (BRAGA, 2012) por sua permanência e também porque se molda ao mesmo tempo em que busca moldar os ambientes em que se põe a circular, ele se torna um objeto especial de observação para inferências sobre os processos mais gerais em que se inscreve.

Essa pesquisa se propôs contribuir com o campo da Comunicação apresentando caminhos para o entendimento mais próximo dos acontecimentos vivenciados pelo cotidiano dos indivíduos e de como esses episódios passam a caminhar e circular nos espaços midiáticos; além e trazer a discussão para o universo das estruturas responsáveis pela formatação de conteúdos e circulação de conteúdos midiáticos; e deixar aberta a discussão da participação do indivíduo (sujeito) como contribuinte individual desse processo.

Outro endereço de contribuição dessa pesquisa remete ao sistema público de ensino, especificadamente ao profissional docente, que se debruce na discussão da imagem que os mais variados canais midiáticos recortam da condição de professor público, e de como esse indivíduo como profissional da educação contribui e constrói a imagem dele diante dos circuitos

comunicacionais. A proposta é fomentar discussões sobre o tema para quem de alguma maneira se sentir interessado, incomodado ou reflexivo sobre o assunto.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Elton. Enquadramentos; considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p.85-99, dez. 2009.

ARROYO, Miguel G. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2000.

BICUDO, Maria Aparecida Vigiani. **Fenomenologia: Confrontos e Avanços**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.

BRAGA, José Luiz. Para começar um projeto de pesquisa. **Comunicação & Educação: Revista do Departamento de Comunicação e Artes da ECA/USP**, São Paulo, ano X, n. 3, set./dez. 2005.

\_\_\_\_\_. **A Sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

\_\_\_\_\_. Processos de aprendizagem para uma sociedade de interação mediatizada. **Mediatização, Sociedade e Sentido (Seminário Prosul)**, 2007, São Leopoldo. **Mediatização, Sociedade e Sentido - Anais do Seminário Prosul de Comunicação 2007**. São Leopoldo: Projeto Prosul de Comunicação, 2007. v 1. p. 1-14.

\_\_\_\_\_. Dispositivos Interacionais. In: **ENCONTRO COMPÓS**, 20., 2011, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2011. [Texto apresentado no GT Epistemologia da Comunicação]

\_\_\_\_\_. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, Maria Ângela; JANOTTI JUNIOR, JedeR; JACKS, Nilda (Org.). **Mediação & Mdiatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compos, 2012.

BRAMBILLA, Ana. **Para entender as mídias sociais**. [s.l.]: [s.n.], 2011.

BURGESS, Jean; GREEN, Joshua. **Youtube e a revolução digital: como o maior fenômeno da cultura participativa transformou a mídia e a sociedade**. Trad. Ricardo Giassetti. São Paulo: Aleph, 2009.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede: a era da informação: economia, sociedade e cultura**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. **A galáxia Internet**: reflexões sobre Internet, negócios e sociedade. Lisboa: FCG, 2004. 325 p.

CITELLI, Adilson (Org.). **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012.

COSTA, Elisangela Rodrigues da. Nas telas da TV: a representação do professor na “Turma 1901”. In: CITELLI, Adilson (Org.). **Educomunicação**: imagens do professor na mídia. São Paulo: Paulinas, 2012.

COUTINHO, Iluska. Leitura e Análise da Imagem. DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

COUTINHO, Iluska; LEAL, Paulo Roberto Figueira (Org.). **Identidades midiáticas**. Rio de Janeiro: E-papers, 2009.

COUTINHO, Iluska; SILVEIRA JUNIOR, Potiguara Mendes da. **Comunicação**: Tecnologia e Identidade. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

DAL BOSCO, Maria Goretti. Audiência Pública como direito de participação. **Revista Jurídica UNIGRAN**, Dourados, MS, v. 4, n. 8, jul./dez. 2002.

DUARTE, Elizabeth Bastos; CASTRO, Maria Lília Dias de (Org.). **Televisão**: entre o mercado e a academia. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2006.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

DUARTE, Marcia Yukiko Matsuuci. Estudo de Caso. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação**. 2.ed. São Paulo: Atlas, 2012.

DUARTE, Rafael. Amanda e seus 15 minutos de fama. **Novo Jornal**, Natal, p. 9, 22 maio 2011. Cidades.

FAUSTO NETO, Antônio. Miatização da enfermidade de Lula: sentidos em circulação em torno de um corpo-significante. In: JANOTTI JUNIOR, Jeder; MATTOS, Maria Angela; JACKS, Nilder (Org.). **Mediação & Miatização**. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2012.

FERREIRA, Rodolfo. Magistério, mídia e imagem: o jogo das expectativas. In: OLIVEIRA, Valeska Fortes de (Org.). **Imagens de professor: significações do trabalho docente**. Ijuí: Ed. Unijuí, 2000.

FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Org.). A televisão porosa: traços e tendências. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

\_\_\_\_\_. **O acontecimento para além do acontecimento: uma ferramenta heurística**. In: FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Org.). **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012a.

\_\_\_\_\_. **O acontecimento e a mídia**. *Galáxia (São Paulo, Online)*, n. 24, p. 10-21, dez. 2012b.

\_\_\_\_\_. **Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012c.

\_\_\_\_\_. TRINDADE, Vanessa Costa. Televisão e quadros de sentidos: o trabalho de enquadramento em programas de entrevista. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, n. 38, abr. 2009.

GERMANO, José Willington. **Estado militar e educação no Brasil (1964-1985)**. Cortez Editora, 1992.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

\_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. 4. ed. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1989.

\_\_\_\_\_. **Ritual de Interação: Ensaio sobre o comportamento face a face**. Trad. Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis: Vozes, 2011.

\_\_\_\_\_. **Os quadros da experiência social: uma perspectiva de análise**. Trad. Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Televisão e Realidade**. Salvador: EDUFBA, 2009.

HALL, Stuart. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

\_\_\_\_\_. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

JENKINS, Henry. **Cultura de Convergência**. Trad. Susana Alexandria. 2. ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JUNIOR, Francisco. **RNTV: a notícia no ar**. Natal: edição do autor, 2014.

KLEIN, Eloísa Joseane da Cunha. Circulação crítica de Profissão Repórter: análise de comentários em blogs. **Novos Olhares**, p. 32-45, jun. 2013. ISSN 2238-7714.

LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. Florianópolis: UFSC - Insular, 2001.

LANA, Lígia; SIMÕES, Paula Guimarães. Duas vinculações possíveis entre personagens públicos e acontecimentos: diferentes modos de atuação na vida pública. In: **FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Org.). Acontecimento: reverberações**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

LELO, Thales Vilela; GROHMANN, Rafael. A diversidade do conceito de circulação nos estudos de comunicação. **ECCOM**, São Paulo, v. 5, n. 9, jan./jun. 2014.

LEMOS, A. **Cibercultura: Tecnologia e Vida social na cultura contemporânea**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LOPES, Maria Immacolata Vassallo de. **Pesquisa em comunicação: formulação de um modelo metodológico**. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em comunicação**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2005.

MALDONADO, Alberto Efendy. **Metodologias de pesquisa em comunicação: olhares, trilhas e processos**. 2. ed. ampl. e atual. Porto Alegre: Sulina, 2011.

MARCUSHI, Luiz Antônio. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1991.

MARTINEZ, Monica e SILVA, Paulo Celso. Fenomenologia: o uso como método em Comunicação. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: E-compós**, Brasília, v.17, n. 2, maio/ago. 2014.

PAVAN, Angela; VELOSO, Socorro. Identidade, histórias de vida e memória: um exercício de comunicação audiovisual. In: MALDONADO, Efendy; BARRETO, Virgínia Sá; LACERDA, Juciano de Sousa (Org.). **Comunicação, Educação e Cidadania: saberes e vivências em teorias e pesquisa na América Latina**. Natal: EDUFRN; João Pessoa: Editora da UFPB, 2011.

QUÉRÈ, Louis. A dupla vida do acontecimento: por um realismo pragmatista. In: **FRANÇA, Vera Regina Veiga; OLIVEIRA, Luciana de (Org.). Acontecimento: reverberações. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.**

RIBEIRO, Maria Luísa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 13. ed. São Paulo: Autores Associados, 1993.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil**. 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura**. 4.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

SCHRITZMEYER, Ana Lúcia Pastore. **Jogo, ritual e teatro: um estudo antropológico do Tribunal do Júri**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: edições Loyola, 2002.

SOARES, Evanna. A audiência pública no processo administrativo. **Jus Navigandi**, Teresina, ano 7, n. 58, 1 ago. 2002.

SOARES, Rosana de Lima. De palavras e imagens: estigmas sociais em discursos audiovisuais. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**: E-compós, Brasília, v.12, n. 1, jan./abr. 2009.

SODRÉ, Muniz. **A máquina de Narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1990.

\_\_\_\_\_. **Antropológica do Espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. 6.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SOUZA, Tânia C. Clemente de. A análise do não verbal e os usos da imagem nos meios de comunicação. **Ciberlegenda**, n. 6, 2001. Disponível em: <[www.uff.br/mestcii/tania3.htm](http://www.uff.br/mestcii/tania3.htm)>. Acesso em: 17 mar. 2016.

STAMATTO, Maria Inês Sucupira. **A educação no Rio Grande do Norte**: fontes oficiais. Natal: EDUFRRN, 1997.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 5.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

VILCHES, Lorenzo. **A Migração Digital**. Trad. Maria Immacolata Vassallo de Lopes. São Paulo: Edições Loyola; Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2003.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

## APÊNDICES

### Apêndice a - Transcrições dos vídeos

**Audiência Pública “O cenário atual da educação pública no RN”**

**Local: Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte**

**Data: 10 de maio de 2011**

**Iniciativa: Deputado Estadual Hermano Morais (PMDB)**

**Duração: 4 horas e 15 minutos.**

**Deputado Hermano Morais:** Bom dia a todos e a todas. Com a graça de Deus, vamos dar início a mais uma atividade dessa Casa Legislativa. Hoje, através de audiência pública, para tratar de um assunto de interesse de toda a sociedade norte-rio-grandense. Hoje aqui estamos reunidos para discutir sobre o cenário atual da educação pública no estado do Rio Grande do Norte. Agradecendo a presença de todos, passaremos agora a fazer a composição da mesa diretora dos trabalhos. Para tanto, convidamos as seguintes autoridades: professora Betânia Ramalho, secretária estadual de Educação e Cultura do Rio Grande do Norte; professor José Rômulo Arnoud, representante do Sindicato dos Trabalhadores em Educação – SINTE/RN; Dr. Obery Rodrigues Júnior, secretário estadual de Planejamento e Finanças do estado do Rio Grande do Norte; professor Rudemberg Honório Lisboa, presidente da UNDIME/RN, União dos Dirigentes Municipais de Educação; dra. Danielle de Carvalho Fernandes, representando nesta oportunidade o Ministério Público Estadual. Convidamos ainda a professora Eleika Bezerra, coordenadora do Instituto de Desenvolvimento da Educação – IDE. Composta a mesa, queremos registrar com satisfação que a iniciativa desta audiência pertence à Comissão de Educação dessa Casa Legislativa, comissão que tenho a honra de presidir e que tem também como membros aqui presentes o deputado Walter Alves e o deputado Poti Júnior. Gostaria também de registrar com satisfação a presença do colega deputado Getúlio Rêgo, líder do governo nesta casa. Convidaria o deputado Walter Alves para que pudesse conduzir os trabalhos nesse início, a fim de que nós pudéssemos já tecer alguns comentários a respeito dos propósitos dessa audiência. Em seguida, teremos a oportunidade de ouvir a participação da secretária de Educação e demais integrantes da mesa.

**Deputado Walter Alves:** Bom dia a todos. Com a palavra, o deputado Hermano Morais.

**Deputado Hermano Morais:** Bom dia a todos. Colega deputado Walter Alves, demais colegas, deputados já nominados, integrantes da mesa, público aqui presente. Primeiro, gostaria de deixar claro que o propósito dessa audiência é discutir os rumos da educação pública nesse estado, motivo de interesse, de preocupação de toda a sociedade potiguar, diante dos números que vêm sendo aferidos e divulgados pelo Ministério da Educação, e diante também do início de uma nova gestão que esperamos que seja bem sucedida e trate a educação realmente como prioridade, como deve ser feito em qualquer

governo que tenha interesse em promover o desenvolvimento da sociedade. Nós anotamos alguns assuntos à guisa de provocar o debate e provocar também a opinião da secretária Betânia Ramalho, que tem uma responsabilidade imensa de conduzir a educação pública no âmbito do governo do estado. Registro também com satisfação a presença do deputado Fernando Mineiro, que além de deputado é educador e que tinha, inclusive, o propósito também de promover essa educação. Como nós já tínhamos marcado, resolvemos então conjugar esforços no sentido de promover aqui uma audiência bastante representativa, e, esperamos também, bastante produtiva, principalmente no momento em que temos aí as atividades da rede pública estadual paralisadas em função de um movimento paredista. Consideramos justas as reivindicações que dizem respeito ao piso salarial e também a revisão do Plano de Cargos e Salários dos servidores. No entanto, é motivo de muita preocupação nossa, no início de ano letivo, termos essa interrupção diante da gravidade em que se encontra e que temos conhecimento, a educação desse estado. Então, nós a veremos também, ao longo dessa audiência, de discutir essa questão das negociações, que esperamos que aconteçam de forma satisfatória, o mais breve possível, e garanta o retorno das aulas dos professores, dos servidores, enfim, a normalização das atividades da educação pública desse estado. Mas, gostaríamos de levantar aqui algumas questões, algumas ideias, acalentadas - acredito - por todos que estão nesse plenário, por todos que desejam uma educação de melhor qualidade no estado do Rio Grande do Norte. Por exemplo, uma experiência já bem sucedida em alguns estados, com relação a uma nova forma de se fazer educação, de promover educação, uma forma mais estimulante para o alunado e uma forma, eu diria, mais consequente para nós termos uma educação de melhor qualidade. Eu me refiro à possibilidade, e aí vou levantando as questões para que num momento oportuno, a secretária, que terá dentro de instantes, a oportunidade de fazer uma explanação sobre a situação da educação no estado e os seus propósitos, suas ideias da sua equipe, os projetos que pretende empreender ao longo dessa gestão. Mas, por exemplo, a possibilidade da implantação da escola em tempo integral, uma forma de nós mudarmos esse cenário, que nós sabemos e reconhecemos como algo já ultrapassado e deficiente. Temos uma preocupação, por exemplo, com uma informação veiculada pela imprensa, sobre a possibilidade de fechamento de escolas estaduais por falta de aluno, ou seja, em função de uma alta evasão de alunos, e queremos saber se há realmente esse propósito, e como isso se dará e quais suas motivações e consequências também. Já que nós verificamos uma alta evasão na escola pública estadual, temos aqui alguns dados, que pra economia de tempo não vou apresentar, mas são dados muito preocupantes, tanto na escola regular como também na educação que é ofertada para jovens e adultos, aquele esforço também de garantir o retorno à sala de aula daqueles que por qualquer motivo, dela se afastaram ao longo da vida. Não poderíamos deixar também de questionar ou perguntar sobre a oferta e qualidade da merenda escolar ofertada na rede pública estadual, já que foi motivo inclusive de uma matéria veiculada por um programa de grande repercussão, envolvendo os municípios, mas o estado também tem as suas responsabilidades, e aí queremos como anda sendo tratado esse assunto que é tão importante para o bom desempenho dos alunos em sala de aula. Temos notícias também alvissareiras,

mas que não são motivo de acomodação, por exemplo, a redução do analfabetismo no Rio Grande do Norte, pelos dados que nós aferimos, de fato nós temos uma redução nos últimos anos do índice de analfabetismo. O Rio Grande do Norte hoje tá abaixo da média regional, tendo conseguido alguns avanços nos últimos anos. É importante também que nós registremos aquilo há de positivo, os dados positivos no combate ao analfabetismo que nós aqui temos, são dados interessantes, embora ainda preocupantes, já que nos últimos 5 anos o Rio Grande do Norte conseguiu reduzir a taxa de analfabetismo de 22% em 2004 para 14,7% em 2009. Então isso é animador, mas ainda estamos com muitas pessoas analfabetas em nosso estado, que precisam ter o direito do acesso à educação, a fim de poderem melhor exercerem a sua cidadania. Temos uma outra questão que tem sido motivo, inclusive nos últimos dias, de discussão também, que é a questão da Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Inclusive, exige autonomia diante das dificuldades enfrentadas, inclusive orçamentárias. Nós temos aqui o secretário de Planejamento que poderá também falar a respeito da redução dos cortes que foram feitos, inclusive a Universidade Estadual. Por outro lado, levanto aqui com toda a tranquilidade também um assunto que deve ser objeto de reflexão; são os recursos que são destinados para a Universidade Estadual, nós sabemos que é importante, que soma, que cria oportunidade, inclusive em vários campos instalados nos Rio Grande do Norte, mas que têm um alto custo. Isso poderá estar, inclusive, influenciando na diminuição dos recursos que são destinados para o ensino básico e médio, enfim. Essa é uma questão também que tem que ser discutida, e o nosso sentimento ao provocarmos - e falo aqui enquanto Comissão de Educação dessa casa - é exatamente nós levantarmos esses questionamentos, no sentido de provocar e contribuir para os avanços que todos nós desejamos na educação do estado do Rio Grande do Norte. Temos também, por último, para não ser muito demorada a nossa participação, uma questão que hoje está preocupando a toda a comunidade escolar, e porque não dizer toda a sociedade potiguar. No início de ano letivo, com previsão de no mínimo 200 dias de aula, nós temos aí uma greve instalada, um movimento paredista, há mais de uma semana. Não sabemos por quanto tempo esse movimento vai se prolongar. Esperamos que ele seja interrompido o mais breve possível, dentro de uma negociação que deva acontecer ou que está acontecendo de forma satisfatória, que atenda minimamente às partes, mas que reestabeleça as atividades na escola pública estadual. Pelos dados que foram divulgados pela imprensa ontem, pelo menos 80% das escolas estaduais, alguns chegam até ao índice de 90%, alguns comentários, alguns dados divulgados também, 90% de paralisação das nossas escolas públicas estaduais, o que é muito preocupante. Então nós temos aqui um governo muito bem representado, que poderá falar sobre esse assunto. Tem divulgado notas explicativas, inclusive, mas fato é que essa greve permanece e nós sabemos e queremos aqui dizer, até por reconhecermos na educação o único caminho capaz, e a história assim comprova, de promover o desenvolvimento socioeconômico de um povo, nós entendemos que esse trabalho terá êxito, além da infraestrutura instalada, que tem que ser satisfatória - que nem sempre é encontrada -, nós temos que valorizar os nossos recursos humanos. É uma questão histórica, é uma luta antiga, nós temos tido alguns

avanços, temos agora definido um piso salarial nacional que vem também provocando essa insatisfação dos professores em nível estadual. Temos também uma discussão iniciada ainda no governo anterior com relação à revisão do Plano de Cargos e Salários, ouvindo professores e demais servidores da educação e que terminaram por provocar, entre outras questões, esse movimento paredista. Mas, o propósito dessa Casa Legislativa - e esse papel também lhe está reservado -, é exatamente contribuir, seja mediando, sugerindo, mas buscando, sobretudo, um caminho que possa reestabelecer a normalidade das atividades e, principalmente, provocar mudanças em prol da melhoria da qualidade do ensino público no estado do Rio Grande do Norte. Então, ao fazer ou tecer esses comentários, nós não poderíamos também incluir uma provocação - no sentido positivo da palavra - a necessidade de investirmos mais em qualificação profissional. Essa é uma discussão que acontece em todo o Brasil. Há projetos do governo federal e nós queremos saber quais os propósitos do governo estadual, recém-instalado, exatamente para melhorar a qualificação profissional dos nossos jovens. Diante de tantas oportunidades que estão por surgir nesse processo de desenvolvimento experimentado pelo Rio Grande do Norte nos últimos tempos. Nós temos aí uma grande série de investimentos que vai exigir mão-de-obra qualificada; no entanto, já se verifica hoje em vários setores da economia, a deficiência de pessoal, exatamente pela falta de qualificação, não pela falta de pessoas desejosas a ingressar ou participar do mercado de trabalho. Daí, a necessidade do governo do estado no âmbito da educação também ter uma política bem direcionada para esse segmento, sem com isso deixar de reconhecer o esforço que é feito também por outros segmentos, como o sistema S aqui representado, que vem investindo há muito tempo na qualificação profissional. E sem deixar aqui de reconhecer o trabalho que vem sendo feito por instituições da sociedade civil, e aí eu destaco a presença do Instituto IDE, um instituto sem finalidade lucrativa, formado por educadores que vêm há muito estudando essa realidade, apresentando sugestões no sentido de nós revertermos esse quadro que é tão preocupante. Afinal, todos nós desejamos educação de qualidade e educação pública, essa que atende a grande maioria da nossa população; ela precisa, de fato, de mais investimento e melhores condições de funcionamento para atingir o seu objetivo principal, que é exatamente formar gerações, formar bem gerações para ajudar a promover o desenvolvimento desse estado e fazer um trabalho efetivo de inclusão social. São essas as nossas palavras iniciais, desejando que o nosso debate, ele alcance o seu objetivo, que nós possamos avançar através das ideias que aqui vão surgir, nas propostas apresentadas e que essa Casa possa ajudar também como mediadora na superação desse impasse hoje existente com a deflagração do movimento paredista que está posto e que realmente precisa ser resolvido o mais breve possível. Muito obrigado.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Nós queremos registrar também aqui um ofício encaminhado pela deputada Márcia Maia nos seguintes termos: “ao Excelentíssimo Senhor Deputado Hermano Morais, cumprimentado-o em forma a Vossa Excelência que em virtude de compromisso trabalhos agendados anteriormente, fico impossibilitada de participar de audiência pública sobre o tema “cenário atual da

educação no Rio Grande do Norte”. Não obstante, gostaria de registrar o nosso mandato a essa causa tão valorosa que é a educação do nosso estado, digna de reconhecimento e luta pelos legisladores do Rio Grande do Norte. Atenciosamente, deputada Márcia Maia do PSB.” Nós vamos conceder, no primeiro momento, a palavra à secretária estadual de Educação, que terá, inclusive, um tempo diferenciado pra que ela possa fazer uma exposição sobre o assunto principal dessa audiência, que é a situação em que se encontra a educação pública no estado do Rio Grande do Norte. Por isso, combinamos aqui 20 minutos pra que ela faça essa exposição. Em seguida, nós ouviremos também os demais integrantes da mesa. Então, a sra. professora Betânia Ramalho, diga-se de passagem, uma técnica muito qualificada nos quadros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, foi convocada pro atual governo e que tem essa missão árdua hoje de promover essa revolução toda que nós desejamos na educação do estado. Com a palavra, a professora Betânia Ramalho.

**Secretária Betânia Ramalho:** Bom dia a todos e a todas. Inicialmente, eu parablenizo a iniciativa da Assembleia Legislativa em trazer uma discussão tão pertinente e oportuna. Ao mesmo tempo eu cumprimento, em nome do deputado Hermano Moraes, a mesa, as autoridades presentes na mesa; as demais autoridades presentes aqui nessa plenária; os colegas professores; técnicos administrativos; a imprensa em geral. No convite que me foi feito pra participar dessa audiência pública e na conversa inicial com o deputado Hermano Moraes, eu pensei em trazer pra uma discussão, um panorama não do que todos já sabem, que é a condição de precarização que nós estamos vivenciando na educação, porque isso já não é novidade pra ninguém, mas eu fiz opção em elaborar um texto, onde, nesse texto, fica claro qual é a intenção do projeto de educação que estamos iniciando na Secretaria de Educação, ao mesmo tempo em que eu vou procurar dialogar com o contexto atual, vou procurar dialogar e informar como é que nós estamos nos conduzindo nestes 4 meses e alguns dias de atuação à frente da Secretaria de Educação. Bom, eu inicio falando, portanto, que a complexidade do mundo contemporâneo traz desdobramentos, exigências e desafios para a sociedade como um todo. Traz reflexos importantes para o fenômeno educativo e formativo das nações em geral. A educação pública colocada em lugar de centralidade no projeto sociopolítico do estado nos propõe um dilema não-original na sua forma, mas seu conteúdo cada vez mais exigente e desafiador. Recuperar a imagem da educação pública pela via de se fazer realidade algo do qual todos nós compartilhamos. A educação como um fator chave, estratégico do desenvolvimento da sociedade. A educação vista como fenômeno social, que pertence a todos, com a qual todos temos responsabilidade, compromisso e vontade de se fazer melhor. Aos antigos problemas, somaram-se outros novos, e não menos complexos, cujas soluções exigem, no dizer do conhecido sociólogo e educador Edgar Morin, um enfoque transformador sistêmico, transdisciplinar, emergente e urgente. Um ponto de partida há de ser a reflexão crítica e propositiva mais aprofundada sobre nossas ações que devem ser potencializadas pelo diálogo entre aqueles e aquelas que se reconhecem co-responsáveis pelo processo de produção da política educacional. O desafio de melhorar a educação pública do Rio Grande do Norte exige, portanto, assegurar a implementação de um novo projeto de

educação de estado que possa ser duradoura, fundamentada no direito do aluno e seus familiares em serem beneficiados com a educação esperada, que é a educação de qualidade. É aquela que nós sempre almejamos pra todos os nossos filhos, sobrinhos, netos, enfim. Pensar e definir qual educação a sociedade do Rio Grande do Norte deseja para seus cidadãos se torna um imperativo. Essa definição deve nortear as políticas e as ações de todos nós. Sem um projeto de educação transpartidário, que como uma bússola nos guie e nos permita ações a longo prazo, continuaremos com o imediatismo, o ativismo e a desunião. Perderemos possibilidade de diálogo, de metas comuns no contexto das contradições dialéticas necessárias que movimentam o desenvolvimento. Isso significa reverter os péssimos indicadores da educação básica traduzidos na avaliação do SAEB, por aqueles já conhecidos, programas avaliativos como a Prova Brasil, Provinha Brasil, o IDEB e ENEM, para em seguida reverter a conhecida imagem negativa e péssima da educação do nosso estado. Precisamos de uma escola atrativa, formadora e de elevada qualidade educacional e social para cumprirmos o papel da educação nos dias atuais, que passa por medidas com foco na universalização do acesso à escola, na correção das distorções idade/série, na redução da evasão e da taxa de analfabetismo, entre outros. Nesse sentido, precisamos avançar também com as avaliações das escolas e das metas de qualidade que proporcione um olhar mais detalhado do sistema educacional. Já estamos, portanto, com um pré-projeto de informatização das escolas estaduais a ser implementado pela UFRN. Teremos, portanto, o nosso SIGAA na educação do estado. SIGAA é o sistema acadêmico da Universidade que faz o gerenciamento de toda a universidade, seja da parte acadêmica, pedagógica, de compras... então é um grande sistema que tem colocado a Universidade num outro patamar. Assim posto, fica aqui entendido como metas primeiras para o novo projeto de educação do estado, que as crianças, os jovens e os adultos, adolescentes, tenham acesso à escola e não a abandonem, nas séries apropriadas à sua idade, sem repetências e com nível de aprendizagem e proficiência adequados à sua série. Como educadora e pesquisadora das questões dos professores, seu trabalho e formação, vivencio com responsabilidade um desafio extraordinário. Meus colegas reivindicam direitos inalienáveis e os alunos, o centro de nossa existência profissional e humana, sem receber o direito maior que a Constituição lhe garante. É uma contradição e tanto. Temos iniciado, à frente da Secretaria, profundas mudanças, as quais, embora ainda não perceptíveis, conduzirão a uma nova cultura na gestão e colocará os alunos e professores à educação na sala de aula e outros espaços educativos. Isso é indispensável. Consideramos, portanto, que uma educação pública tão falada de qualidade, concebida com o direito inalienável do aluno e da população, não pode continuar a ser uma retórica, um mero discurso e refém de interrupções anuais no ano letivo e das mudanças de governo. Devemos pensar a educação como projeto de estado. Admitimos que muito têm sido os entraves. A precarização do financiamento da educação no conjunto do país tem trazido sérias implicações para as condições de funcionamento das escolas, fomentando a histórica situação de desvalorização do magistério, que é, além de financeira, é também pedagógica. A categoria dos professores, que é vítima de um histórico ruim, pontuado pela desvalorização e desrespeito que se manifestam nas aposentadorias

represadas há anos, mais de 1000 na Secretaria, já assinamos mais de 700, e no não-cumprimento de vantagens e benefícios, como são as progressões horizontais, verticais, entre outros direitos desconsiderados, além das promessas eleitoreiras não-cumpridas, como os acordos para um Plano de Cargos e Carreiras para o magistério do Rio Grande do Norte. O governo passado, que sequer honrou o piso, assinou para o plano de cargos que também não atendeu. Estamos, pois, no centro das contradições. Desejamos valorizar os professores, dignificar sua atividade profissional tão necessária para a sociedade, recuperar a situação financeira precária, uma herança política também indesejável. Reconhecemos que as condições objetivas, como dimensão do profissionalismo, são necessárias à profissionalização dos professores. Essa compreensão é da sra. Governadora, que não há deixado, em algum momento, de pensar como resolver sobre as condições que lhe são impostas em tal situação. Ciente das condições históricas, procuramos construir um novo projeto de educação para os professores, com os professores e com toda a sociedade, focada no processo formativo no ensino e na aprendizagem do alunado, na valorização do professor em sala de aula. Prioritariamente, o governo reconhece como legítimas as reivindicações e a luta dos professores na defesa de uma educação de qualidade e de um magistério reconhecido e forte, o qual precisamos estar juntos para uma educação diferenciada e de qualidade. Ciente da sua responsabilidade como gestor, que tendo recebido como herança um estado fortemente deficitário, devedor, o estado sabe que a lei do piso salarial precisa ser cumprida, especialmente quanto à data-base e o aumento conforme o índice previsto na referida regra, mas estando no limite prudencial, a retenção desse aumento até que a situação do estado se estabilize. É uma realidade difícil. O querer deve se combinar com as possibilidades de se poder fazer. Na sociedade do conhecimento e da informação, privar os alunos da informação, dos saberes que crescem de forma exponencial é hoje uma forma de exclusão social tão brutal como a exclusão à alimentação, ao saneamento básico, etc. Em atenção ao atual momento em que se inicia uma nova gestão da educação do estado e em razão de mais uma greve no calendário anual das escolas, cabe esclarecer que o governo do RN, tendo assumido compromisso de dar atenção especial à educação, realizará a reorganização dos ensinos fundamental e médio do estado, tendo como objetivo, entre outros, a melhoria da qualidade da formação dos seus alunos, dos seus gestores, dos seus professores e a sua preparação, portanto, no que diz respeito ao aluno, para a cidadania e o mercado de trabalho. Temos iniciado processos relevantes, como a construção dos referenciais curriculares do estado, condição necessária para se melhorar o ensino e a aprendizagem nas escolas; as articulações para se iniciar o processo de construção do Plano Estadual de Educação; a reorganização da estrutura funcional da Secretaria, para torná-la mais eficiente; a definição das metas e prioridades para um plano estratégico que possibilite uma visão a longo prazo da educação, com articulação da dispersão sem medida das ações que caracterizam o trabalho hoje da Secretaria; o levantamento de caracterização dos problemas estruturais das escolas, etc. Outra opção importante a ser implementada diz respeito ao programa de incentivo por meio de bolsas e 14º salários por resultados alcançados no qual as escolas cumpram a meta de qualidade que, se alcançadas, geram esse novo salário

para o professor e demais servidores da escola. Isso é um projeto que está sendo construído, mas essa gestão não se limitará a elas. É preciso modernizar a estrutura da Secretaria de Educação que gerencia cerca de mais de 310 mil alunos, 718 escolas e é baseada em um modelo técnico-administrativo anacrônico, ineficiente e burocrático. O Brasil precisa dos professores. Nosso objetivo maior é, portanto, a valorização desses profissionais do ensino público no Rio Grande do Norte. Inegavelmente, o ponto em que o Brasil não conseguiu avançar diz respeito à qualidade da educação em todos os níveis. Também não conseguiu avançar no atendimento quantitativo as necessidades educacionais da faixa etária correspondente ao ensino médio, por exemplo. Penso que há dois pontos de estrangulamento que impedem o desenvolvimento efetivo da educação brasileira. O primeiro se refere ao financiamento. Sem aumentar significativamente e de forma imediata o montante de recursos destinados à educação, os problemas de quantidade e, principalmente, da qualidade da educação brasileira, não poderão ser resolvidos nem a curto, nem a médio, nem a longo prazo. O outro ponto de estrangulamento diz respeito à questão dos profissionais de educação, tanto no aspecto das condições do exercício que envolvem a definição da carreira do magistério e os níveis salariais, como no aspecto da formação docente. Sem que se tomem medidas capazes de atrair os jovens mais dedicados e talentosos para a carreira docente, os problemas de qualidade da nossa educação, permanecerão também insolúveis. Pra concluir frente ao exposto, a Secretaria renova nesse momento o chamado ao SINTE para que seja retomado o diálogo, para que dê um voto de confiança aos atuais gestores da educação do estado e que implementemos a mesa de negociação nos moldes apresentados no documento entregue ao SINTE. Reitera juntos aos professores e diretores de escolas o seu compromisso em viabilizar melhores condições de trabalho e valorização do magistério e que está buscando soluções para honrar o piso nacional no marco da lei. Solicita a compreensão dos professores, mais uma vez, e da sociedade, face ao esforço que a Secretaria de Educação está fazendo para a construção do novo projeto de educação que não se constrói num passe de mágica, não se constrói em 4 ou 6 meses de gestão. Nesse projeto, o foco está no processo ensino-aprendizagem, na gestão pedagógica desse processo e em resultados efetivos da aprendizagem. A interrupção do ano letivo a cada ano acumula um prejuízo incalculável para o alunado e seus familiares e para as medidas que visem a qualidade do ensino no âmbito do projeto de educação em construção. A repetição das greves fadigam e banalizam o processo didático e pedagógico das escolas, e o mais grave: tempo perdido na educação não se recupera. Esclarece ainda, que em razão do concurso público para cargos de docentes, para avançar na renovação do quadro de professores, face às aposentadorias, principalmente, o governo agir com responsabilidade na condução de um planejamento estratégico e financeiro, de modos que possa, a médio prazo, avançar no projeto de educação e de valorização do magistério de maneira definitiva. Reitera que o diálogo está aberto e que a intolerância e a intransigência não constroem a educação. As greves e os ganhos delas recorrentes não têm repercutido fortemente na qualidade da educação. O ano letivo deve seguir o seu curso, deve ser preservado, em respeito ao direito dos nossos alunos e seus familiares. Precisamos da cooperação de todos, um diálogo construtivo para

resolver essa situação de uma forma justa, mas que no seu contexto temporal tem implicações sérias para todos. Isso exige criatividade, solidariedade, respeitando as diferenças, as contradições que nos fazem crescer. Essa situação é essencial. Devemos olhar as escolas e a educação com novos prismas, no enfoque sobre o que acontece de problemático. O que acontece de bom e o que possa nos orientar para tomar as boas e necessárias soluções, definitivamente. Pleiteamos, portanto, que precisamos trabalhar com todos e com todas para o bem de todos e para o bem do nosso estado, e para o bem da educação do Rio Grande do Norte. Muito obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Walter Alves:** Agradecemos à secretária de Educação e, com a palavra agora, o sr. José Rômulo Arnor, que é do Sindicato dos Trabalhadores em Educação. Ficou combinado aqui com a mesa 10 minutos para o senhor José Rômulo. Com a palavra...

**Professor José Rômulo:** Bom dia a todos e a todas. Gostaria de saudar a mesa, o membro da Comissão deputado Walter Alves e gostaria de saudar o plenário, o professor e deputado Fernando Mineiro, que também tem sempre contribuído com as questões da educação. Me permitam plagiar aqui o historiador Carlos Guilherme Mota; ele costuma dizer que o século XXI é um século que os desafios são imensos e os problemas são muito grandes. Mas, a consciência de que ele existe também é muito maior. Então se nós trazermos isso pra educação, o desafio de melhorarmos a educação no país é imenso, mas a sociedade começa a tomar conta, começa a sentir necessidade de avançarmos e avançarmos muito na educação. Dito isto, eu gostaria de... eu tava pensando em qual viés eu vou fazer a fala, e aí eu acho assim, que a gente não precisa melhorar a educação. Nós temos que melhorar a educação, por uma razão muito simples, por uma questão de sustentabilidade. Ou esse país avança e avança muito na educação ou não teremos sustentabilidade. Com a decisão do Supremo Tribunal, só pra citar um exemplo, precisaremos, na questão do terço da carga horária, precisaremos contratar 400 mil novos professores, num país que já tem um déficit de 250 mil. Precisaremos de milhares de engenheiros, milhares de profissionais em várias áreas. Como daremos conta disso se não investirmos maciçamente em educação? São muitos os problemas da educação e eu preferi anotar aqui três, que não necessariamente nessa ordem, mas são grandes problemas. Um é a descontinuidade das políticas públicas. É incrível nesse estado do Rio Grande do Norte, nos últimos 8 anos, e colocando esse ano agora, nós estamos com 9 secretários de Educação. 10, né, professora? A gente perde até a conta. 11? É porque teve um que só passou uma semana. Voltou, né? Então vamos contar 11 secretários de Educação. Como podemos ter continuidade das políticas públicas na área de educação desse jeito? Uma certa vez eu até disse que no Rio Grande do Norte nós não temos nem política de governo na área de educação, nós temos política de secretário. Nós tivemos secretário aqui que assumiu a sua gestão e desfez tudo que o secretário anterior fez. Então isso provoca uma descontinuidade e gera problemas imensos na educação e temos que resolver isso. Porque pra mim, política na educação e pro SINTE e pra sociedade, a política na educação tem que ser política de estado, com perspectiva de estado. Nós não podemos estar a cada secretário que

entra, mudando tudo e fazendo novos projetos. Então é preciso atacarmos esse problema e esse gargalo da educação. Um outro problema é um problema de gestão. No Rio Grande do Norte, por força da luta do SINTE e dos trabalhadores em educação, nós conquistamos a gestão democrática. É um avanço, porém nós nos ressentimos da formação dos gestores. É preciso avançar na formação desses gestores pra que eles tenham condição de implantar políticas dentro da escola. E o outro fator que eu acho que é problema sério é a questão da promoção e valorização profissional. Essa é fundamental. Nós precisamos valorizar os nossos profissionais na educação. Funcionários, professores, especialistas... pra que isso aconteça, é necessário, claro, aumentarmos o financiamento e aí a CNTE, o SINTE defende que no PNE, no Plano Nacional de Educação, que nós devemos ter que o estado, o país deve investir no mínimo 10% em educação. Hoje não chegamos nem a 5%. Na lei que foi para o Congresso, trabalham com a perspectiva de 7%. Então é necessário elevarmos a quantidade de recursos pra educação. Mais do que isso: temos que melhorar a qualidade da aplicação dos recursos. Numa pesquisa, num instrumento recente de avaliação dos gastos dos recursos, fazendo uma abordagem, uma aferição, apenas 1% do que foi pesquisado nas prefeituras e estados, quase todos têm desvio de recursos, ou se não desvio, mau uso, uso inadequado dos recursos. Então é preciso investirmos mais, mas investirmos principalmente com mais qualidade. E aí, feito isto, nós queremos colocar aqui pra sociedade, pro governo, que nós estamos sim dispostos a negociar. Nós queremos negociar. Agora se negocia quando se tem proposta, né? Como é que eu vou negociar sem termos proposta? É necessário que o governo aplique a lei do piso imediatamente e que podemos trabalhar com a perspectiva com a implantação definitiva do plano de carreira dos funcionários e também da revisão do plano de carreira do magistério. E por que é que precisamos trabalhar? Porque algumas pessoas têm nos perguntado: “você estão reivindicando quanto de reajuste?” Nós estamos trabalhando com percentual, nós estamos trabalhando é com a perspectiva de criarmos o princípio da isonomia e da paridade dentro da escola. Ora, se os funcionários da escola e os funcionários de outras secretarias, num nível médio, quando o plano de carreira dos funcionários estiver implantado, irão receber R\$ 1530 de piso, nada mais justo do que se tenha o princípio da isonomia. Profissionais com o mesmo nível de escolaridade ganhar salários iguais, porque senão a gente quebra a hierarquia dentro da escola. Então a gente está aberto sim a negociação, queremos negociar, mas é preciso que o governo apresente imediatamente uma proposta pra que possamos negociar, porque só se negocia quando se tem proposta. Claro que nós nos manteremos sempre aberto a negociação, iremos a todas as reuniões que tivermos, agora é preciso urgentemente o governo apresentar uma proposta, porque a greve, ela não é boa pra ninguém, já foi dito aqui. A greve não é boa pra ninguém. Não é boa pra sociedade, não é boa pros alunos, provoca a descontinuidade que a gente comentou aqui. Agora é óbvio que quando a gente passa quatro meses sentando com o governo e o governo não apresenta nenhuma proposta e ainda pede 120 dias pra apresentar uma nova proposta, isso pra nós é um disparate. Uma ofensa. É necessário, até porque os números desmentem a fala do governo. O deputado Fernando Mineiro está aqui, ele pode comprovar isso. Nos quatro primeiros meses deste ano, o governo do Rio

Grande do Norte teve um aporte financeiro a mais, só de recursos do FUNDEB, de 54 milhões. O governo do Rio Grande do Norte, só nos três primeiros meses, incluindo ICMS e outros impostos, teve um acréscimo de receita de mais de 200 milhões. Ou o governo, se não aconteceu isso, que mostre os números. É necessário abriremos a caixa-preta do estado. É com essa perspectiva, de que se os números estão aí, se os recursos estão, é necessário que o governo apresente imediatamente uma proposta pra que a gente possa estar construindo um consenso e voltarmos às aulas. Agora a forma como está, a disposição da categoria é de continuar em greve, continuar paralisado, porque não aguenta mais. Nós temos que avançar sim, temos que melhorarmos os salários dos professores, temos que avançarmos na questão da qualificação desses profissionais, temos que avançar também na questão das instalações físicas das escolas pra que a gente possa sair desse impasse e que a gente possa tirar o Rio Grande do Norte da situação que se encontra. Infelizmente, em quase todos os instrumentos de aferição da qualidade de educação no Rio Grande do Norte, nós aparecemos nos últimos lugares. Isso a gente diz com tristeza, né? Certamente, eu tenho dito isso, que se isso está acontecendo, não é culpa dos abnegados profissionais da educação, porque profissionais da educação que terminam o curso superior e recebem um salário de R\$ 1074, é inconcebível que uma pessoa que uma pessoa que tenha uma formação superior possa estar ganhando esse salário. Então é preciso avançarmos, é preciso que a gente possa estar construindo uma unidade, mas é preciso valorizarmos imediatamente os profissionais a partir da formação e, principalmente, a partir dos salários. Obrigado.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Nós queremos agradecer pela participação do professor José Rômulo Arnoud, nessa oportunidade representando o Sindicato dos Trabalhadores em Educação, ele que é um dos seus coordenadores. Mas gostaríamos, antes de passar ao próximo integrante da mesa, o pronunciamento, de registrar outras presenças, como a do secretário de Educação do município de São Tomé, professor Manoel Amador Soares Neto; registrar a presença da professora Fátima Cardoso, também uma das coordenadoras do SINTE/RN; professora Clotilde Godeiro, da Secretaria Estadual de Educação e coordenadora dos programas RN Caminhando e Brasil Alfabetizado, além do programa Amigos da Escola; registrar também a presença da professora Tássia Pereira e também do professor Raimundo Silva, além da professora Eleika, que está na mesa, representando o Instituto de Desenvolvimento da Educação, o instituto IDE; a presença também da professora Teresa Moraes e da professora Ísis Brandão, que são do IBRAPES/UVA, duas instituições aqui também representadas; professora Maria Ferrondina Freitas, secretária executiva da UNDIME/RN, instituição representada aqui na mesa; professora Ray Almeida, da Secretaria Estadual de Educação; professor Enoch Gonçalves Vieira, do SINTE; professor José Erick Silva, também do SINTE; sr. Luiz Carlos Mendes, da assessoria da deputada Márcia Maia, com ausência justificada mas muito bem representada pela sua assessoria; professor Aduino Medeiros, da Escola Estadual Alfredo Mesquita, em Macaíba; do estudante Marcos Aurélio, do curso de Administração Pública e também integrante do DCE da Faculdade Maurício de

Nassau; o sr. João Marques Lima da Silva, integrante da assessoria do deputado Fernando Mineiro, também aqui presente; professora Maria Dalva Medeiros, da Escola Estadual Auta de Souza do município de Macaíba; o sr. Gutemberg Medina, delegado do Plano Diretor; e outras presenças nós vamos registrar ao longo desta audiência. Agradecemos a todos pela presença e agora vamos conceder a palavra ao doutor Obery Rodrigues Júnior, secretário estadual de Planejamento e Finanças do estado do Rio Grande do Norte.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Muito bom dia a todos, eu quero pedir licença ao presidente da sessão aqui pra falar aqui da bancada mesmo...

**Deputado Hermano Morais:** Fique à vontade.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Cumprimentá-lo pela iniciativa de convocar essa audiência pública, cumprimentar os demais membros da mesa, o professor José Arnor; a professora Eleika Bezerra; professor Rudemberg Lisboa; a promotora Danielle Fernandes; cumprimentar os deputados aqui presentes, o deputado Getúlio Rêgo, líder do governo; deputado Fernando Mineiro; deputado Walter Alves, que estava aqui presente, não estou vendo agora; cumprimentar os servidores públicos aqui presentes, os professores, profissionais de educação. Eu vou ser muito breve aqui na minha explanação, e, evidentemente, vou me ater à questão da caixa-preta. E me surpreende, essa expressão, porque o esforço que o atual governo tem feito desde que assumiu, em cerca de quatro meses, vamos arredondar aí pra quatro meses, conseguir por no ar com muita dificuldade, no ar que eu digo é disponível na rede mundial de computadores, na Internet, um Portal da Transparência que ainda não é um Portal da Transparência ideal, mas que já se assemelha, assim, aos portais da transparência tidos como referências, a partir do Portal da Transparência da União. Ou seja, nós, com um esforço muito intenso, com o apoio de alguns servidores dessa área de informática do próprio governo, conseguimos em cerca de quatro meses, por, disponibilizar à sociedade o Portal da Transparência que o governo passado em 19 meses não conseguiu disponibilizar à sociedade. A Lei Complementar 131, que é de maio de 2009, ela concedeu um prazo de um ano para que a União, os estados, o Distrito Federal e os municípios com população superior a 100 mil habitantes disponibilizassem à sociedade em tempo real, que aí é uma expressão um pouco complicada, porque até hoje ninguém conseguiu disponibilizar essas informações da execução orçamentária em tempo real, em tempo instantâneo, na medida em que ela está acontecendo, ela está disponibilizada, então os que avançaram mais - entre os quais agora nós nos incluímos - atualizam essa informação diariamente, e eu acho que cumpre a sua finalidade de mostrar à sociedade, de permitir a sociedade que tenha o acesso à execução orçamentária e financeira do governo. Dito isto, eu vou confirmar aqui alguns números. Nesse primeiro quadrimestre de 2011, o governo do estado teve receitas, comparando com o mesmo período de 2010 - janeiro, fevereiro, março e abril -, comparativamente ao primeiro quadrimestre de 2010, nós tivemos um acréscimo de receita própria, receita de transferências, de R\$ 299.774.256,26. 300 milhões de reais, arredondando. Comparativamente, repito, à receita do mesmo período de 2010. Comparando essa receita realizada com

a receita prevista no orçamento de 2011, na proposta que foi encaminhada pelo governo anterior, cumprindo as determinações da lei e que foi aprovado por esta Casa, nós temos uma “perda” de R\$ 12.903.439,50. Ou seja, tá mais ou menos equilibrado. Nós temos um acréscimo de ICMS, mas continuamos com a perda do Fundo de Participação dos Estados, o FPE. Então, do que tá projetado no orçamento, nós temos aí um déficit de receita de 13 milhões de reais. Bom, esses são os números gerais da receita, o comportamento da receita nesse primeiro quadrimestre. FUNDEB. O FUNDEB, evidentemente, acompanhando essa evolução da receita, ele tem crescido também, as receitas do FUNDEB. É preciso, acho que é importante fazer um registro sobre o FUNDEB. Acho que os senhores já sabem, mas como nós estamos falando pra sociedade através do canal da TV Assembleia, a receita do FUNDEB e a contribuição do FUNDEB no Rio Grande do Norte é a soma das contribuições das receitas do governo do estado, do ICMS, do Fundo de Participação, do IPVA, IPCD, enfim. Todas as receitas que a lei determina, sobre as quais incide o percentual de 20% e é destacada essa receita pra compor o FUNDEB e também as receitas de todos os municípios do estado, que aí no caso o IPTU, ISS, parte também dos municípios do IPVA, enfim. Imposto Territorial Rural, parece que entra agora também. Esse bolo compõe aí o bolo da receita do FUNDEB, e é distribuído em razão da matrícula de cada rede de ensino. O Rio Grande do Norte, juntamente com Sergipe, são dois estados diferenciados no nordeste brasileiro, porque são os dois únicos estado que, pelo menos até o presente momento, não recebe complementação da União. Não recebe porque a per capita do FUNDEB aqui do Rio Grande do Norte - e a de Sergipe também - é maior do que a per capita nacional. Ou seja, nós somos estados diferenciados em termos de receita. Ou então somos um estado diferenciado em termos de incapacidade de ter matrícula na rede pública. Porque essa relação tem esses dois... o denominador é a quantidade de matrículas. O governo do estado, vou dar os dados só de março e abril aqui, contribuiu com 111 milhões em março e retornou para o estado 45 milhões de reais. Ou seja, 65 milhões foram distribuídos, foram transferidos para os municípios. em abril, contribuiu com 119 milhões de reais e retornou 58. Aí tem quase 70 milhões de reais que o governo do estado transferiu para os municípios. A Secretaria de Planejamento e Finanças tem uma prática, todos os relatórios, todas as planilhas, coloca isso como perda. Eu já tenho repetido ao pessoal lá que não concordo com esse termo. Acho que é transferência. O estado não perde. Se ele tivesse transferido pra outra área, de segurança, que não a educação, aí ele tá perdendo. Não, mas ele tá transferindo pros municípios. Ele tá transferindo, certamente, porque a qualidade da escola do município é melhor que a qualidade da escola do estado. Eu só tenho essa leitura a fazer. Só tenho essa leitura a fazer. Mas, no geral, como é que se melhoraria essa situação, do governo do estado? Melhorando a escola, estancando a perda de matrícula principalmente pra rede privada, acho que o poder público tem o dever de inverter esse processo, trazer os alunos da rede privada pra rede pública. E só vai fazer isso se avançar na questão da qualidade, não tem outro caminho. Não vai dar dinheiro direto pro aluno, você tem que melhorar a escola, ter uma escola de boa qualidade, com bons professores, enfim. Isso aí eu não vou entrar no mérito, porque os senhores conhecem muito mais do que eu pra

inverter esse processo aí, fortalecer a rede pública de educação. Bom, mas nós temos aqui um saldo de 300 milhões de reais aqui dessa receita do primeiro quadrimestre. Mas, eu vou passar uns dados para os senhores e senhoras. A despesa de pessoal com recursos próprios do governo, com recursos ordinários do governo, em janeiro de 2010, estava no patamar de 173 milhões de reais/mês. Recursos ordinários, não tô falando de FUNDEB. Em dezembro, essa despesa bruta com pessoal passou pra 236 milhões de reais. Não é que ela tenha passado de 173 pra 263 dum pulo, não. Foi mês a mês, tenho aqui a evolução mensal dessa despesa com pessoal. Aqui eu tô falando da despesa total de pessoal, incluindo os outros poderes. Isso significa dizer simplesmente o seguinte: que a despesa de pessoal saltou de um patamar para outro patamar de 63 milhões de reais/mês. O estado, no período de um ano, de janeiro a dezembro de 2010, passou de 173 milhões, eu repito, para 236 milhões. Ou seja, ele passou a se obrigar, a despesa pessoal é incompressível, você não retorna, a não ser que você demita, de 63 milhões de reais/mês. Então você analisando isso, dá 756 milhões de reais, sem incluir o 13°. Se você incluir o 13°, isso vai pra 820 milhões de reais por ano. Por ano. Aí vem a questão: nós temos aqui um aumento de receita de 299 milhões, há de se admitir, então, que tenham um saldo, que tenham aplicado no banco 300 milhões de reais, porque as despesas permaneceram as mesmas. Eu acho que não. Tá comprovado, e aqui eu queria fazer um registro. Independentemente do Portal da Transparência estar aí, há de se admitir até que haja alguma dificuldade de acessar, é uma coisa que eu lido nessa área há muito tempo. Tenho dificuldade. Eu fico com o pessoal lá: “vamos acessar, vamos buscar aquela informação daquela despesa que foi feita pra secretaria tal, e eu quero saber o que foi comprado, os itens que foram comprados.” E eu quero um caminho fácil pra que o cidadão entre no Portal da Transparência, olhe e veja, olhe quem recebeu diária, olhe quem fez isso, quem fez aquilo. Tem que estar lá. O portal é da transparência. Bom, então essa questão da despesa, ela tá aqui. A origem e a comprovação de que o estado não tem 300 milhões aplicados em banco e, retomando o raciocínio do Portal da Transparência, independentemente dele estar no ar, acessível aí na rede dos computadores, na Internet, a Secretaria de Planejamento e Finanças está aberta para o SINTE, para esta Casa, não precisa dizer, inclusive eu peço desculpas por não trazer aqui recursos audiovisuais para projetar esses números, mas cumprindo as determinações legais, eu sei que vou ter que comparecer e aguardo ansiosamente a convocação desta Casa para discutir os números relativos ao primeiro quadrimestre, que vai ser publicado aí os relatórios resumidos de execução orçamentária e o relatório de gestão fiscal referente ao primeiro quadrimestre, mas a Secretaria está aberta pra receber, a professora Betânia sabe disso. Pra receber o sindicato. Vamos ver os números, vamos abrir. Se há alguma desconfiança com relação a essa caixa-preta, tá submetida a análise, auditoria, o que quiser. Tá aberta, a Secretaria de Planejamento e Finanças. Nesse governo, está. Bom, nós temos hoje, numa conta de aplicação, 40 milhões de reais. Aliás, sexta-feira ela tava em 40 milhões e 663 mil reais, que é referente ao provisionamento para o pagamento do 13° do dia 20 de julho, se Deus quiser. Isso é uma obrigação legal, isso tá na lei, mas eu digo constrangidamente que não tivemos condição de fazer isso no mês de abril. Vamos ter que fazer, eu já determinei ao setor lá que

nós vamos ter que fazer isso agora em maio, fazer os dois, 20 milhões que não fizemos em abril e 20 milhões de maio, pra que ao chegar em junho, nós tenhamos aí uns 100 milhões, cento e poucos milhões, 110 milhões necessários, líquidos, pra pagar, pra cumprir essa obrigação de antecipar os 40% do 13º salário. Bom, eu não sei se fui claro. Se nós temos um aumento de receita, nós temos um aumento significativo de despesa. Basta fazer as contas pra ver que não há esse saldo. Além disso, eu quero dizer que nesses quatro meses nós fizemos, o governo teve a ousadia de, num esforço enorme, aportar recursos de contrapartida para impedir que recursos disponibilizados através de convênios, voltassem. Nós tivemos que pagar até o dia 30 de abril 97, quase 98 milhões de despesas, de dívidas herdadas do governo anterior. Que dívidas são essas? A começar pelas transferências aos municípios que o governo não deixou os recursos em caixa. Transferir os 14,5 milhões do FUNDEB, também que o governo não deixou em caixa. As consignações da folha de dezembro, que o governo não deixou em caixa, quase 20 milhões de reais... e uma série de outras despesas de cooperativas médicas, transferência de convênio da Liga do Câncer, do Hospital Infantil, enfim. Um conjunto de despesas que totalizava, em 30 de abril, quase 98 milhões de reais. Eu disse que ia falar pouco, eu peço desculpas ao presidente, mas enfim. Só pra concluir, dizer que os números são esses e que a Secretaria de Planejamento está de portas abertas para receber os sindicatos, representantes desta Casa... para discutir, abrir os números. Se há dúvida com relação a isso, vamos nos sentar e vamos ver de uma forma muito clara, muito transparente, como é que tá a execução orçamentária do presente governo. Muito obrigado, senhores.

(aplausos)

**Deputado Hermano Morais:** Queremos registrar, entre nós também, as ilustres presenças do deputado Tomba Farias e do presidente dessa Casa, o deputado Ricardo Motta, que em virtude de outros compromissos agendados, compromissos administrativos, pede a oportunidade de proferir algumas palavras. Então já concedo a palavra ao presidente da Casa, deputado Ricardo Motta. Em seguida, nós vamos retomar aqui a palavra dos que integram a mesa.

**Deputado Ricardo Motta:** Desejar um bom dia a todos, o deputado Hermano Morais, que mais uma vez demonstra o seu interesse em bem servir ao Rio Grande do Norte através dos temas importantíssimos para o nosso estado. É claro e evidente, o país não podia deixar de tratar da educação. O deputado Fernando Mineiro também, uma pessoa extremamente ligado ao tema e tem defendido o nosso plenário, tem sido um defensor intransigente dos direitos da categoria; o deputado Getúlio Rêgo, companheiro e amigo, líder do governo; o deputado Tomba Farias também ilustra com sua presença essa presente audiência pública; a secretária Betânia, desejar também a nossa satisfação em recebê-la aqui no nosso plenário; o secretário Obery Rodrigues, amigo de longas datas; professora Eleika, amiga e que muito tem feito pela educação do nosso estado; dr. Rudemberg Honório Lisboa; dra. Danielle de Carvalho, promotora, coordenadora da CAOPS Cidadania e senhores professores, senhores servidores da Casa, jornalistas, minhas senhoras, meus senhores. A nossa palavra é de satisfação, é de alegria em saber que a Assembleia Legislativa mais uma vez cumpre com o seu desejo, o seu programa, a sua determinação

em abordar temas tão relevantes para o nosso estado. Dizer que a nossa Casa Legislativa mais uma vez traz a este plenário a questão da educação, que é um tema tão atual, inclusive com o que diz respeito a denúncias, mas eu quero dizer que o plenário da nossa Casa, da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte tá de portas abertas para tentar ajudar, mediar, fazer aquilo que vier de encontro, vier na convergência das soluções desses problemas. Sabemos todos nós que o governo está iniciando, tem as suas dificuldades, aqui externou o secretário Obery com números, e números são irrefutáveis, da mesma forma que a nossa secretária Betânia e todos os ilustres membros que compõem a mesa dos trabalhos deverão se manifestar. Portanto, com essas palavras eu também externo a minha solidariedade a todos os que fazem a educação no Rio Grande do Norte, dizer que o nosso plenário, não só esse como o nosso plenário municipal também está aberto a todos aqueles que queiram ajudar a colaborar com o desenvolvimento do Rio Grande do Norte e dizer que é um tema tão importante que nós temos nas comissões temáticas no que diz respeito também à educação. Eu, com essas palavras curtas, mas quero dizer que em nome da presidência da Casa, em nome do poder legislativo dos deputados estaduais, desejamos a todos uma audiência bastante profícua e aguardamos sugestões para que nós possamos fazer um encaminhamento formal através de projetos no nosso plenário, para ajudarmos ao governo do estado e à categoria a chegarem a um denominador comum, ao consenso. Muito obrigado e uma boa audiência a todos. Parabéns, deputado, meu prezado amigo Hermano Morais.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Nós agradecemos a presença e também agradecemos pelo apoio do presidente dessa Casa, deputado Ricardo Motta, que tem estimulado uma maior dinamização dos trabalhos aqui realizados, apoiando todas as iniciativas e fazendo o esforço de sempre prestigiar as audiências públicas realizadas nesse plenário. Nós ouviremos agora a palavra da dra. Danielle Fernandes, promotora de Justiça e coordenadora do CAOPS Cidadania, nesta oportunidade representando o Ministério Público Estadual. Antes de conceder a palavra, eu peço licença apenas para fazer o registro das presenças da professora Vilma Geruza; da assessoria da deputada Fátima Bezerra; da estudante Samara Martins, da União dos Estudantes Secundaristas Potiguares; Eliane de Moura, da Escola Estadual José Vieira; professora Ivanosca Toscano, coordenadora de aprendizagem do SENAC, representando, nessa oportunidade, a direção geral do SENAC; dr. Elder Cavalcante; sra. Francineide Pereira Gomes, diretora do SINTE; Janeayre Almeida de Souto, também do SINTE; Luciano Costa de Andrade, Núcleo Municipal do SINTE-RN; e outras presenças também que haveremos de registrar ao longo da audiência. Com a palavra, a doutora Danielle Fernandes, representante do Ministério Público Estadual.

**Promotora Danielle Fernandes:** Bom dia a todos, excelentíssimo deputado Hermano Morais, na pessoa de quem eu cumprimento todos os demais integrantes da mesa; trabalhadores da educação aqui, professores, membros da comunidade escolar; senhoras e senhores interessados na temática da educação. O Ministério Público primeiro quer manifestar a sua satisfação em estar presente sempre em

todos esses debates que envolvem temas fundamentais, de interesse da coletividade. Esse é o nosso papel, essa é a nossa razão de ser, de existir. Nós temos atuado da maneira mais firme, mais dedicada possível no sentido de buscar efetividade aos direitos fundamentais, consagrados na Constituição Federal. Queremos parabenizar o deputado Hermano Moraes pela iniciativa de chamar esse tema ao debate, tema sempre atual. Acho que se houvesse tempo pra fazer uma audiência pública por mês sobre educação, a pauta não iria se esgotar, porque é uma pauta extremamente extensa, e quando eu vi o tema “cenário atual da educação no RN”, eu pude imaginar que aqui dentro desse tema iriam caber dezenas de discussões, mas sabemos que essa audiência, ela tem como plano de fundo esse momento complexo que nós vivemos da greve, mas a educação é muito mais do que isso, e eu quero trazer outros pontos pra nossa reflexão, sem deixar de abordar também a temática da greve. Então eu acho que devo aqui fazer uma explanação sobre o papel do Ministério Público, o que a instituição vem priorizando na defesa da educação, como ela vem trabalhando... o Centro de Apoio Operacional às Promotorias de Defesa da cidadania, que é o CAOPS Cidadania, coordenado por nós, é um órgão interno do Ministério Público que ele articula a atuação dos promotores de justiça na áreas de saúde, educação, defesa do consumidor e cidadania, pelo estado, a gente busca uniformizar essa atuação, harmonizar pra que o Ministério Público atue de uma forma coesa em todo o estado, sem se restringir a iniciativas pontuais, nessa ou naquela comarca. Claro que respeitando a autonomia e independência funcional dos promotores de justiça e a realidade de cada comarca, mas a gente busca trabalhar assim, lançar um olhar institucional sobre os temas que extrapolam os limites de uma comarca, e educação é um tema caro e dramático em todo o estado. Então, além dos promotores de justiça em todo o estado, que atuam nas suas comarcas em diversas áreas, a gente sabe que o promotor de justiça no interior, ele é um generalista ou é um semi-generalista, dependendo da comarca. Além disso, nós temos na capital, três promotorias especializadas em educação, que são titularizadas pela dra. Carla Amico, que atua diretamente focada na rede estadual, a dra. Zenilde Alves, que atua direcionada para a rede municipal de Natal e o dr. Raimundo Sílvio Dantas Filho, que atua na questão da gestão democrática, do fortalecimento dos conselhos, do fomento à participação de todos os segmentos implicados na comunidade escolar, ele faz um trabalho realmente bem corpo-a-corpo mesmo, dentro das escolas. Especificamente em relação à atuação voltada pra rede estadual, que ela é capitaneada pela dra. Carla Campos Amico, ela está de férias e eu tô aqui representando a instituição, eu tenho a dizer que eh do nosso conhecimento que ela vem lutando já há algum tempo, desde 2008, pela reposição dos quadros da educação. Quem acompanha mais de perto, sabe disso. Duas ações civis públicas foram ajuizadas, buscando a reposição via concurso público, diante da iminência na época, iminência de não se começar o ano letivo. Se ajuizaram ações, foram ajuizadas ações civis públicas no sentido de garantir a reposição, ao menos dos falecidos e dos aposentados, que eram em grande e expressivo número. Essas ações caminharam até que foi celebrado um acordo extrajudicial e que foi depois homologado nesses autos, pondo fim, pelo menos naquele momento, a essas ações civis públicas, esse acordo foi celebrado entre o Ministério Público Estadual, o Ministério

Público do Trabalho e o estado, através da Secretaria de Educação, da Procuradoria Geral do Estado e da Controladoria Geral do Estado, à época. E o estado assumiu o compromisso, foi tolerada a permanência dos alunos estagiários até o final de 2011, desde que o estado assumisse o compromisso de realizar, abrir e concluir, até dezembro de 2010 – e não o fez – um concurso público para repor esses quadros. Foi feita uma seleção, um processo seletivo para contratação de professores temporários pelo prazo de um ano, prorrogável por mais um, mas o concurso público que o estado se comprometeu mediante esse termo de acordo que foi homologado judicialmente pelo juiz da 4ª Vara da Fazenda Pública, dr. Cícero Macedo, neste ponto o acordo não foi cumprido, e apesar da dra. Carla Amico ter acompanhado, ela não engavetou esse termo, ela ficou cobrando do estado permanentemente uma posição a respeito disso. Eu cheguei a participar com ela já em janeiro desse ano, quando o descumprimento já estava configurado, eu cheguei a participar com ela lá na sede da Procuradoria Regional do Trabalho, de uma audiência à qual estavam presentes representantes do estado e ficou aquele impasse, o estado alegando o limite prudencial e que não tinha folga orçamentária para realizar esse concurso sem que incidisse nas penalidades da Lei de Responsabilidade Fiscal. Na oportunidade lá, nós argumentamos, o próprio estado também questionou o número de vagas que estava previsto naquele acordo, dizendo que o déficit de professores não era tamanho, que isso tinha que ser reavaliado, enfim. E quase que voltamos pra estaca zero naquela oportunidade. Apesar do Ministério Público ter argumentado que a Lei de Responsabilidade Fiscal, o limite prudencial não se aplica à reposição de quadros da educação e saúde decorrentes de falecimento e aposentadorias. Enfim, dali pra cá conseguiu-se avançar porque enfim, houve uma nova reunião, o diálogo com o estado foi retomado, e foi assim, a grande novidade é que foi celebrado um acordo já em sede judicial, também em audiência com o dr. Cícero Macedo, então foi celebrado um novo acordo, mediante o qual o estado já da atual gestão se comprometeu a, no mês de abril, elaborar o edital do concurso e constituir a comissão do concurso e resolver a questão, a forma da contratação da empresa que iria desenvolver essas atividades, e até o final do mês de maio – o prazo ainda está correndo – para o estado lançar, publicar o edital desse concurso, e o Ministério Público está acompanhando de perto, ciente de que esse déficit de pessoal, ele é um dos fatores – claro, não é o único, mas é um dos fatores – que contribuem de veras, imensamente pra as dificuldades da educação atualmente. A gente vê que com esse déficit de professores, de profissionais com um vínculo efetivo, com a formação adequada, o estado fica se utilizando de profissionais com vínculo precário, com uma formação questionável e isso repercute diretamente na qualidade do ensino, não resta dúvida. O Ministério Público vem também atuando no acompanhamento do redimensionamento da rede, a dra. Betânia tem contato frequente com a promotora Carla Amico e sabe disso. A gente vem buscando, apesar de as reportagens, as matérias na imprensa, elas muitas vezes terem um viés muito apocalíptico, “vão fechar centenas de escolas”, etcetera e tal, a gente sabe que é uma realidade, existem escolas totalmente obsoletas, existem escolas hoje, escolas próximas, duas ou três escolas em uma área muito próxima, onde numa escola falta professor de matemática, na outra falta

professor de português, na outra falta equipamento tal e nenhum aluno tem escola boa em lugar nenhum. É preciso fazer um reordenamento da rede, obviamente que o Ministério Público jamais irá compactuar com qualquer medida que prejudique a demanda, que deixe alunos fora da escola, a gente não trabalha pra isso, a gente trabalha ao contrário, pra que o aluno tenha direito à escola, tenha acesso à escola, mas não uma escola qualquer, uma escola de qualidade, uma escola que funcione, uma escola que o motive a permanecer nela. Hoje a gente não luta só pelo acesso à educação, que já está bastante democratizado, houve um avanço muito grande nos últimos anos em termos de universalização da educação. Hoje a gente luta por qualidade da educação. Então claro que o Ministério Público jamais irá concordar com qualquer medida administrativa que deixe alunos fora da escola ou que prejudique a demanda existente. Mas, na verdade, a gente precisa estudar essa rede pra acabar com as escolas subutilizadas, pra racionalizar esses recursos humanos e materiais de modo a prestar, assim, um melhor serviço. Sabemos que existe uma resistência muito grande por parte da categoria, dos professores, dos servidores, etc. Existe um corporativismo em torno da escola, a comodidade de anos a pessoas estar ali, enfim. Mas, a gente procura sempre analisar as questões por um viés coletivo, a gente não está aqui para defender interesse de quem quer que seja, a gente está aqui pra defender a educação, a qualidade da educação. E o Ministério Público também, outra frente importante, que é desenvolvida pelo dr. Raimundo Sílvio Dantas Filho, ele tem atuado de uma forma muito presente dentro das escolas no sentido de buscar fortalecer a gestão democrática, participação dos membros da comunidade escolar através dos conselhos escolares. Ele tem comparecido às reuniões de pais de alunos, tem trabalhado conjuntamente com o projeto Ronda Escolar, que é desenvolvido por uma companhia da Polícia Militar no sentido de diminuir a violência na escola, de aumentar o sentimento de segurança, de respeito dentro das escolas, e também junto com o PROERD, que é o Programa de Erradicação das Drogas e da Violência, que também é desenvolvido com muito êxito pela Polícia Militar e a gente vem lutando pra expandir isso, o Ministério Público também está trabalhando neste momento na concepção, na formação de um projeto conjunto entre os centros de apoio que atuam na área de saúde, na área criminal e na área da infância e juventude, visando o enfrentamento às drogas, visando voltar o Ministério Público para isto também e, no início dessa gestão, também foi bastante divulgado na imprensa que a instituição, o Ministério Público apresentou, convocou a então candidata eleita, ainda nem tinha tomado posse, a então candidata eleita Rosalba Ciarlini; ela compareceu ao Ministério Público, numa audiência pública, foi amplamente divulgada, e nesta ocasião o Ministério Público apresentou oficialmente, entregou a ela um documento com as questões que nós, como conhecedores da realidade, com interlocutores da sociedade, questões que nós acompanhamos há muito tempo e consideramos que não avançaram o suficiente, questões que nós consideramos prioritárias a serem enfrentadas por essa gestão, que na época tava se iniciando, em todas as áreas. É um documento bem extenso, onde a gente aponta as questões que nós consideramos mais dramáticas e que nós entendemos que o governo deve olhar como prioridade nas áreas de educação, de saúde, de segurança pública, de assistência social, e por aí vai. Esse documento não foi só entregue

em papel, mas foi apresentado também na ocasião por vários promotores de justiça que atuam nas respectivas áreas, e a partir daí houve um segundo momento de reunião com os secretários de cada pasta, onde nós, promotores de justiça, fomos tratar com cada titular de cada pasta essas questões prioritárias. Por fim, eu devo ressaltar aqui que, em relação à greve, não podemos deixar de falar, o Ministério Público tem uma postura, e aqui eu falo em nome da dra. Carla, que assim me colocou qual é a posição dela, realmente, nós temos uma postura de respeito ao direito de greve, nós reconhecemos que obviamente ninguém faz greve pelo mero prazer de fazer, existe um sentimento de insatisfação que precisa ser tratado, precisa ser discutido, mas a gente respeita o exercício do direito de greve, e a questão da declaração eventual ilegalidade da greve é uma medida que se tiver de ser buscada, deverá ser buscada pelo estado, o Ministério Público não vem atuando nessa frente. A gente entende que a greve é um direito, mas por outro lado, a educação é um dever. Então a gente não assume a postura de manifestar apoio a qualquer um dos lados, mas a nossa busca é pela continuidade do direito à educação. Claro que nosso interesse é que essa paralisação, ela dure o mínimo de tempo possível e que se consiga alcançar uma solução razoável pra ambos os lados, mas assim, a postura do MP é de estar atenta e vigilante no sentido de cobrar a reposição do calendário, a reposição das aulas independentemente de quanto tempo essa greve venha a durar. Certamente, a Promotoria de Justiça da Educação, como tem feito em outras paralisações, irá adotar as medidas necessárias para que isso se efetive, pra que não sejam desrespeitados os 200 dias letivos e 800 horas/aula que estão preconizados na Lei de Diretrizes Básicas da educação nacional. Então a nossa postura é essa. Claro que a gente sabe que a reposição, ela jamais será no mesmo nível que seriam as aulas. A professora Betânia colocou muito bem que tempo perdido na educação não se recupera. A reposição é paliativa, então a gente sabe que prejuízos, eles já estão sendo sentidos por todos os alunos. A gente coloca uma reflexão para o sindicato, sabendo, sensível com relação às dificuldades, a gente sabe o quanto nesse país ainda o magistério não é suficientemente valorizado, respeitado, e isso reflete, isso é a cara do Brasil. A gente sabe que quanto maior o nível de desenvolvimento de um país, mais valorizado é o professor, menos mortalidade materna existe, enfim. Existem vários indicadores que mostram isso, então a gente sabe que a educação é um ponto central que, se não avança num ritmo que deveria, isso reflete no desenvolvimento do país, no grau de consciência das pessoas, no próprio exercício da cidadania, pessoas que não têm conhecimento, que não têm educação, elas também não têm como, o instrumental para lutar pelos seus direitos efetivamente, pra cobrar das autoridades, para conhecer a legislação, pra saber reivindicar aquilo que lhe cabe. Então nós, reconhecendo, respeitando essa questão, esse direito de greve, nós fazemos esse apelo de sensibilidade também ao sindicato no sentido de ver que a greve, ela é um caminho, ela não é o único caminho. Existem outras formas também de se lutar pelos direitos que são, por aquilo que é justo, realmente. Então assim, a gente tem que pensar que a greve penaliza uma população que não tem o poder realmente de resolver a questão, que não tem poder de decisão, não tem resolutividade, e que vai ficar penalizada mesmo, por mais que se reponha, mas nunca é no mesmo nível, intensidade, qualidade que seria a aula

ministrada no tempo oportuno. Então é mostrar, é fazer essa reflexão, que a greve é um caminho, mas não é o único. Existem outros instrumentos, até judiciais. O sindicato tem legitimidade para postular na Justiça, cobrando algumas coisas que realmente são justas e que são legítimas. Então é isso, é reiterar a disposição do Ministério Público em ser parceiro da educação e lutar pela educação. Então nós estamos aqui para isso, essa é uma das nossas principais missões e que eu tenho certeza que os nossos colegas aqui das promotorias de educação de Natal pensam o mesmo e estão lá de portas abertas também, e sempre acessíveis à sociedade para lutar pela efetivação desse direito fundamental tão importante. Obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Nós agradecemos à dra. Danielle de Carvalho Fernandes, representando o Ministério Público pela sua participação. Queremos fazer um agradecimento ao jornalista Oliveira Wanderley, coordenador do Centro de Estudos e Debates dessa Casa Legislativa, que muito tem contribuído na organização e realização das audiências públicas como esta hoje realizada. Queremos registrar também com satisfação a presença da nossa querida colega Larissa Rosado, além de registrar novamente as presenças do deputado Getúlio Rêgo, aqui presente desde o início; deputado Fernando Mineiro e também do deputado Tomba Farias, entre outros que aqui já estiveram participando dessa audiência pública. Queremos também registrar a presença do ex-deputado e professor Osvaldo Garcia, aqui entre nós; do jornalista Eugênio Parcelle, também muito dedicado à educação de jovens. E agora concedemos a palavra a um representante da sociedade civil organizada, ela que é professora, educadora, ex-secretária de Educação e que hoje tem a responsabilidade de coordenar o Instituto de Desenvolvimento da Educação, o IDE. Eu concedo a palavra agora à professora Eleika Bezerra, que tem, juntamente com sua equipe, realmente dado uma contribuição ou se esforçado pra dar uma contribuição à educação desse estado.

**Professora Eleika Bezerra:** Boa tarde, quase. Daqui a 10 minutos... tentarei ser breve, inclusive. Tentarei também vencer um pouco essa, talvez o excesso de fala, mas eu sei que o tempo tá avançado e cumprimentando a mesa, em nome do deputado Hermano, os demais deputados aqui presentes, deputado Tomba, Getúlio Rêgo, Mineiro, Larissa Rosado e a mesa, um cumprimento especial à secretária, minha ex-professora – ela é muito mais jovem do que eu, é porque quando eu fui ser aluna dela, não faz muito tempo – e aos colegas professores e ao pessoal, os representantes aqui do sindicato, minhas colegas do IDE, finalmente. Todos nós aqui. Vou fazer um esforço para ser sintética. Lógico que falar sobre a educação para uma pessoa que tem paixão pela causa, tenho verdadeira paixão, é verdade. Então não é fácil uma problemática dessa que estamos vivendo, mas eu vou tentar aqui tocar em alguns pontos. O primeiro é o seguinte: eu gostaria aqui de estar representando, lógico, o IDE, mas em especial de estar representando Jéssica. E quem é Jéssica? Jéssica foi uma aluna, foi o nome que eu mais encontrei enquanto eu era secretária de Educação de Natal, e que eu chegava nas salas de aula e sempre perguntava, dialogando, e me impressiono a quantidade de Jéssicas. Então eu resolvi escolher este nome

Jéssica. Então aqui nós falamos em nome, os representantes dos professores, os representantes do governo do estado e dificilmente tem alguém que represente o aluno, não é? Ou seja, pra quem existe um sistema de educação aí? Então eu gostaria, de nessa hora, estar representando aqui as Jéssicas. Bom, inclusive eu sempre preconizei que quando se chegasse numa escola, não deveria ter o retrato do governante, do dirigente, mas o retrato de um aluno, pra se saber que aquela escola não existe pro governante, entende? Seja ele quem for. Mas, existe pro aluno.

*(aplausos)*

**Professora Eleika Bezerra:** E acho que a gente esquece muito, sabe? Enquanto secretária de Educação, nas duas experiências que tive, eu me impressionava muito porque nós éramos procurados geralmente pra tratarmos de assuntos não do interesse do aluno, e isso muito me impressionou, então nessa hora eu gostaria de aqui dizer que vamos pensar mais no aluno. Ou pagando melhor os professores ou dando aula, ou distribuindo melhor os recursos financeiros, sem desperdício e sem desvios, não é? Tendo mais recursos financeiros, não desperdiçando nem a água. Me desculpe, eu acho que a gente tem que aprender o desperdício zero. Eu me impressiono até com a água, o copo tá aí pela metade e já se leva... desculpe, é uma crítica, aqui. Nas repartições públicas, os copos são geralmente muito grandes, eu não entendo; certamente é água mineral, tem um custo, e eu não sei por quê. A gente desperdiça água, a gente desperdiça o papel na escola, a gente desperdiça tudo mais. Então quando me perguntam o que eu acho sobre recursos financeiros, eu acho que é preciso mais recursos financeiros, claro. Um bom serviço tem um custo, o bom serviço tem. Mas, é preciso também nós trabalharmos em cima do desperdício que existe, muito, não tenho a menor dúvida. A partir do pingo da torneira que tá lá, e também o desvios que existem também, infelizmente. Então recurso financeiro é preciso mais, mas é preciso o não-desperdício, um melhor gerenciamento e não-desvios. Bom, um ponto que eu queria tocar aqui, mais específico. É claro que nunca a gente tem recurso suficiente pra fazer tudo que deseja. Mas, no Rio Grande do Norte, há uma distorção que eu não sei por que não se acordou ainda, e olhe que estamos numa casa importantíssima, uma casa política, e que nesse instante eu gostaria de falar outra vez. Já escrevi no jornal alguma coisa, mas gostaria de levantar outra vez. Deputado Mineiro, que se preocupa muito com as questões da educação, deputado Hermano também, que veio somar essa preocupação, mas eu não entendo porque o estado do Rio Grande do Norte sustenta um ensino superior quando não é da sua competência. Eu não compreendo.

*(aplausos)*

**Professora Eleika Bezerra:** E acho que isso precisa ser revisto, e acho que esta casa pode ter um papel importantíssimo, porque é uma questão também política. Nada contra a UERN, por favor. Nada. Mas, não é possível, e aí eu uso aqui uma analogia que qualquer criança compreende. Não é possível o estado do Rio Grande do Norte cuidar da cobertura de um edificio antes de que se cuide dos alicerces das paredes. Não é possível, mais.

*(aplausos)*

**Professora Eleika Bezerra:** Então aqui fica um desafio enquanto uma organização da sociedade civil, indagando por que a gente fala nos recursos financeiros tanto e por que um estado desse sustenta o ensino superior que é competência da União. O estado tem que se preocupar com a educação básica e em especial com o ensino médio, que é a grande problemática, o ensino médio é realmente um grande desafio. Eu tive o privilégio, de ao fazer o meu mestrado, me dedicar à questão do ensino médio, e tô vendo que a questão continua muito grave sob muitos aspectos, não vou aqui esgotar isso, mas aqui o IDE deixa o seguinte questionamento: como é que um estado deste financia o ensino superior sem dar conta do ensino do infantil, do fundamental, e, sobretudo, do médio? Aqui fica pros senhores deputados, e aí que bom que são vários aqui presentes, mas aí fica esse desafio. É preciso encontrar um caminho. Federalizar a UERN ou coisa semelhante a isso. E esses recursos iriam realmente suprir as necessidades da educação básica, minha gente. Não é em vão que o nome é “educação básica”. Se fala aí todo dia, a imprensa fala, é preciso esse país ter qualificação de mão-de-obra, não se faz qualificação, não se tem sustentabilidade econômica sem educação básica. No século XXI não dá mais. Você podia até ter um pedreiro no século passado que aprendia o seu ofício somente com uma pá de pedreiro, mas nos dias de hoje não dá mais. Todos os dias a imprensa publica a necessidade de qualificação de mão-de-obra. Sem educação básica, sem o ler e escrever, contar e pensar conscientemente, não se tem qualificação profissional no século XXI. E eu quero dizer muitas outras coisas, mas eu vou tentar abreviar essa questão. Enquanto IDE, nós trabalhamos muito na linha não só do controle social, de críticas, mas também da questão da leitura, não é possível a gente no século XXI não saber ler e escrever e contar. Existe aí já uma lei aprovada e promulgada sobre a questão da leitura literária no Rio Grande do Norte, nós fazemos um apelo aqui à sra. secretária no sentido de que se agilize realmente a aplicação dessa lei, o que pode significar uma população que vai ler. Uma população hoje que não lê, não se informa, ela não se conscientiza, ela não se qualifica. É tão óbvio, que desculpe eu estar aqui repetindo, mas eu quero aqui finalmente, seriam muitos outros assuntos, eu vou tentar abreviar. Dizer que enquanto IDE, nós confiamos na secretária, a consideramos uma profissional muito séria, muito competente, e diria à classe política e aos dirigentes do estado: deixem a professora trabalhar.

*(aplausos)*

**Professora Eleika Bezerra:** Eu escrevi um artiguinho... deixem a professora trabalhar. Pelo contrário, contribuam pra isso. Porque são muitos entraves, eu já passei em certas circunstâncias aí de administração e nem sempre a prioridade é Jéssica, e é preciso que a prioridade seja Jéssica. E tenho convicção, professora Betânia, que você tá aí com as melhores intenções. Então aqui encerro, e entre muitas outras coisas, parabeno o deputado Hermano e que bom, que outras situações possam acontecer como essas, e queremos dizer que o IDE está à disposição da Secretaria, da Assembleia Legislativa, dos nossos colegas do SINTE pra inclusive dialogarmos um pouco. Realmente, ser professor hoje faz até um pouco de vergonha, né? Pela remuneração que existe, nós precisamos ter uma remuneração digna, nós precisamos assumir a nossa função, nós temos que correr atrás também de avaliação, por que não?

Podemos e queremos ser avaliados. Também as mães de Jéssica. Eu chamo inclusive as professoras, com todo o empenho, desculpe um pouco de feminismo que vai aqui, mas eu chamo as “heroínas do cotidiano”.

*(aplausos)*

**Professora Eleika Bezerra:** São pessoas que trabalham, muitas vezes estudam, têm que deixar comida pronta quando sai, têm que dar conta dos filhos, são verdadeiras heroínas que fazem seu heroísmo no dia-a-dia e no minuto a minuto. Desculpe o entusiasmo, a paixão, mas eu acho que as coisas só acontecem quando se tem um pouco de emoção e de paixão, não é? Muito obrigada. Parabéns, Hermano.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Nós agradecemos à professora Eleika Bezerra, que tão logo a convidamos, se prontificou a participar, e vem ao longo de sua vida profissional e como cidadã, especialmente junto com outros educadores, dedicando a contribuir para melhoria da qualidade do ensino que é oferecido na esfera pública, educação de um modo geral. Então, muito importante a sua palavra enquanto representante da sociedade. Queremos também, e esse assunto foi até levantado há pouco, eu pude tratar desse assunto rapidamente no primeiro momento, e a professora Eleika agora fez até um questionamento, e será objeto de uma audiência pública, e aqui eu faço a divulgação a pedido da deputada Larissa Rosado; por sua iniciativa, teremos no próximo dia 17 de maio, próxima terça-feira às 10 horas, não nesta casa, mas no plenário da Câmara Municipal de Mossoró, uma audiência pública sobre a autonomia financeira na Universidade Estadual do Rio Grande do Norte. Então esse assunto deverá ser discutido de uma forma mais aprofundada, mas precisa realmente de uma discussão, porque pelo que nós percebemos, no estágio em que se encontra, não há recurso suficiente para o funcionamento da universidade pelo seu crescimento, pela sua extensão. Por outro lado, os recursos que são direcionados à universidade estão faltando para a atender, deslocando o atendimento do ensino básico. Então esse é um assunto que inclusive a Comissão de Educação quer também participar, quer também promover o debate. Mas aqui já reconhecemos e enaltecemos a iniciativa da deputada Larissa Rosado, que já provoca essa discussão. Nós ouviremos agora a palavra do último integrante da mesa que ainda não se pronunciou, o professor Rudember Honório Lisboa, que é presidente da UNDIME/RN, União dos Dirigentes Municipais de Educação. Eu pediria ao deputado Getúlio Rêgo que pudesse assumir a presidência dos trabalhos enquanto eu me retiro rapidamente. Já concedo a palavra ao professor Rudemberg Lisboa.

**Professor Rudemberg Lisboa:** Quero saudar aqui o nobre deputado Hermano de Morais, o qual eu saúdo toda a mesa; saudar também todos os participantes aqui da Assembleia, o qual eu dou uma boa tarde, já que passa do meio-dia; quero agradecer o convite em nome de todos os secretários municipais do estado, o qual eu tô representando; dizer à nossa colega, secretária do estado, que somos solidários às suas angústias, que também vivenciamos essa dificuldade, essas dificuldades; claro, em parâmetros menores; fazer também um apelo aqui à Secretaria do Estado e também ao SINTE, que sentem,

dialoguem, ponderem e cheguem a um denominador comum em prol sim dos estudantes, que são os mais prejudicados. Afinal, são 310 mil alunos que estão sem aulas. Sabemos das dificuldades, dos problemas que é pertinente não só ao estado, mas também a vários municípios desde a estrutura física à qualificação profissional, enfim. Dificuldades financeiras também. Então é justo que sentamos, ponderamos e chegarmos a um denominador para por fim a essa greve. Sabemos das reivindicações que são justas, mas temos que após a exposição, a explanação aí do nosso secretário, estamos vendo a realidade financeira do estado. Temos também vários outros fatores negativos, mas que é pertinente hoje a questão da greve, né. Então tá feito aqui o nosso apelo, dizer também que estamos sempre à disposição e agradecer mais uma vez e parabenizar a nobre casa pela iniciativa dessa belíssima audiência pública. Que seja a primeira de muitas que virão. Agradecer a todos e obrigado.

*(aplausos)*

**Deputado Getúlio Rêgo:** Com a palavra, o deputado Fernando Mineiro. Dos expositores, todos da mesa já foram contemplados.

**Deputado Fernando Mineiro:** Presidente, quero cumprimentar o deputado Hermano, que nesse momento saiu pra dar uma entrevista. Eu tava até querendo ouvir mais o plenário, mas serei muito breve, sr. presidente. Eu acho que essa polêmica sobre a concepção de educação, sobre a importância que tem o processo educacional de desenvolvimento. Nós educadores temos aqui uma larga tradição de muitos debates sobre esse tema e tenho consciência, a educação do nosso estado é uma educação falida, no fundo do poço. Nós precisamos mudar esse processo, isso é também consensual, como nós estamos premidos por um movimento que tem impacto nesse processo de educação, eu gostaria só de perguntar aos representantes do governo, tanto à professora Betânia e ao secretário Obery, quais são os dados que eles têm da execução orçamentária do primeiro quadrimestre relacionados à lei dos 25% de educação? Porque quando nós analisamos, o primeiro bimestre deste ano, o relatório que vocês publicaram, vocês não cumpriram os 25% de educação, mas era o primeiro bimestre ainda, janeiro e fevereiro. Quicá cumpriram os 60% em relação aos vencimentos dos professores do FUNDEB, é obrigatório. Janeiro e fevereiro. Vocês não cumpriram os 60% obrigatório e também não cumpriram os 25%. Então eu gostaria de saber se já tem uma estrutura do quadrimestre em relação à execução orçamentária que fechou o quadrimestre dia 30 de abril, se já tem um estudo em relação aos 25%. Essa é uma questão importante pra gente poder... e quanto deu o pagamento dos servidores, dos professores, porque naquele desenho que vocês apresentaram, no relatório do primeiro bimestre, o que acontece é que o pagamento de pessoal inclui todo o pessoal, não só o pessoal conhecido como o pessoal do magistério. Então eu gostaria de saber qual é os dados que vocês têm do primeiro quadrimestre para pagamento de pessoal, quanto deu em relação ao FUNDEB e em relação aos demais impostos, se vocês estão levando em consideração os demais impostos. Geralmente, os governos têm usado como fundo, como financiamento, apenas os do FUNDEB. E a outra questão é isso que a professora Eleika falou aqui. Eu sou favorável, num estado como o Rio Grande do Norte, que tenha seu superior. Acho que não podemos fazer o debate, passar a

ideia de ser contrário ao nível superior. Acho que a professora Eleika não é contrária. Eu acho que ela quis dizer aqui, como eu conheço a professora Eleika, eu até me sinto à vontade pra falar, é que não se deve incorporar os gastos com ensino superior nos 25% de educação básica. Acho que é essa uma discussão que nós temos que fazer aqui, pelo menos eu defendo isso. Aliás, não se pode computar os gastos com ensino superior nos 25%. O debate sobre se o estado deve ou não incorporar é um debate longo, porque nós podemos chegar à conclusão, por exemplo, que o estado também não deveria incorporar o ensino fundamental. O problema no Brasil é a discussão do sistema educacional brasileiro, né. As partições das responsabilidades, que eu não vou entrar aqui nesse debate, sobre quem é responsável pelo que no Brasil. Nós não temos uma política de estado pegando todos os níveis, mas enfim. O que me interessa aqui nessa questão pontual é sobre os gastos com educação no primeiro quadrimestre. Qual foi o percentual no primeiro quadrimestre, é isso que eu gostaria de saber.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Nós agradecemos ao deputado Fernando Mineiro e informamos que os questionamentos que forem apresentados serão respondidos ao final. Tem muitas pessoas inscritas, então eu pediria ao secretários que foram provocados agora pelo deputado Fernando Mineiro, a exemplo de outros questionamentos que possam acontecer, que ao final nós possamos ter as devidas respostas. Com a palavra agora, deputada Larissa Rosado.

**Deputada Larissa Rosado:** Bom dia a todos e a todas. Quero abraçar aqui os professores e professoras; representantes do sindicato; deputado Hermano Moraes que provocou essa audiência, e inclusive quero dizer que tinha feito uma solicitação de audiência pública para tratarmos de questões ligadas à educação do estado do Rio Grande do Norte e que estou contemplada com essa, embora nós estejamos vivendo num momento diferente que nós estamos numa situação de greve atualmente, que precisa ser contornada; quero abraçar também os representantes do governo do estado; sindicato já falei; promotora dra. Danielle, enfim; os que compõem a mesa. A minha palavra será bem rápida, mesmo porque acho que devo mais ouvir o sindicato e a posição também do governo sobre uma proposta concreta pra os homens e mulheres que trabalham na nossa educação, pra que eles possam sim voltar ao trabalho a partir de um entendimento. A gente pode discutir a estrutura física, a gente pode discutir transporte escolar, efeitos da educação nas outras áreas da nossa sociedade, mas nós não teremos essa educação se nós não tivermos o professor dentro da sala de aula, contribuindo para a educação dos nossos filhos e filhas. Então eu já me coloquei à disposição do sindicato, pra participar da comissão de intermediação entre o governo e a categoria para chegarmos a um bom termo, para resolvermos essa situação e que os professores sejam respeitados, tanto na sua questão salarial quanto nas suas condições de trabalho, no dia-a-dia de trabalho. Com relação à Universidade, foi falado aqui, nós vamos fazer uma reunião, uma discussão em Mossoró e essa discussão foi puxada pra Mossoró, porque o maior número de professores e alunos da Universidade estão lá pra discutir a autonomia financeira da nossa Universidade. Quando se fala em federalizar a UERN não é só dizer “passar a UERN pro governo federal”, não é assim. Existe

professores envolvidos, emprego dessas pessoas, funcionários também, então uma coisa que deve partir da Universidade é essa discussão. Concordo quando o deputado Fernando Mineiro diz que não podemos é deixar que os 25% que vêm pra educação básica, o recurso da educação superior, discutindo essa autonomia da UERN, de repente ela pode estar vinculada ao ICMS, à receita corrente líquida do estado. Isso pode ser feito. É por isso que é importante que esse processo seja deflagrado. Essa questão da educação também. Pra que a UERN seja forte, pra que a educação básica seja também. Estou à disposição de vocês, vou participar das reuniões que o sindicato terá com o governo do estado para que possamos chegar a esse acordo. Obrigada e sucesso na pauta de vocês.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Nós agradecemos à deputada Larissa Rosado, aqui como bem frisou, tinha também o propósito de convidar à audiência pra discutir a educação, e quando soube da iniciativa da Comissão de Educação, esta casa se associou à iniciativa e está aqui participando, dando a sua contribuição. Nós queremos registrar também as presenças do professor Paulo Pacheco, da Escola Estadual Hélia de Barros, em São Gonçalo do Amarante; Hilden Rocha Barros, da Escola Estadual Professor Pedro Alexandrino, no município de São Pedro; Antônio Justino Marinho, da Escola Estadual Padre João Maria; Matilde Carlos, vinculada ao gabinete da vereadora Júlia Arruda, que agradecemos pela presença; Josefa do Nascimento da Silva, da Escola Estadual Felipe Guerra; Lisiane Lopes, da Escola Estadual União do Povo, de Cidade Nova; Amanda Gurgel, da Escola Estadual Miriam Coeli; Maísa Rodrigues, da Escola Estadual Miriam Coeli; Luzirege Monteiro, da Escola Estadual Estudante Ronald Néio Junior; Célia Silvestre, da Escola Estadual Soldado Luiz Gonzaga; Soraia Cristina Bezerra, da Escola Estadual Miriam Coeli; Teresa Cristina Bezerra, também da mesma escola, Escola Estadual Miriam Coeli; José Fernandes da Silva, da Escola Estadual Felipe Guerra; Eugênio Sávio Santos, do SINTE/RN; Edinalva Melo e Maria da Paz Veríssimo, professoras. Dando continuidade à nossa audiência, ouviremos agora a palavra da professora Janeayre Souto, que representa a Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação.

**Professora Janeayre Souto:** Boa tarde aos componentes da mesa, mas um boa tarde especial às minhas companheiras e companheiros, trabalhadores em educação do estado do Rio Grande do Norte. Primeiro, nós gostaríamos de registrar e parabenizar o deputado Hermano Morais, porque essa audiência cai na nossa 12ª Semana Nacional em Defesa e Promoção da Educação Pública, e amanhã, dia 11 de maio, a educação pública básica das redes estaduais e municipais irão cruzar os braços. Nós iremos fazer uma paralisação nacional em defesa do pagamento, conforme foi votado no Supremo, do piso nacional do magistério. Essa audiência veio a calhar dentro dessa nossa semana nacional de luta, não só do estado, mas nacionalmente, de luta. Nós gostaríamos de iniciar aqui colocando que é muito importante essa audiência escutar o que os representantes do governo têm a colocar, mas também dizer que é bom que a gente começa administrando o estado não só olhando pro retrovisor, mas olhando pro para-brisas do carro. Nós não podemos sempre olhar o que o outro não fez, mas o que eu tô deixando de fazer. Eu digo

isso porque a semana passada – e ainda bem que o Ministério Público está na mesa, dra. promotora, que eu não me recordo o nome da senhora – nós fomos a uma reunião com os motoristas da Secretaria de Educação, servidor da administração do estado como eu, porque eu não sou professora, e lá é necessário que o Ministério Público vá investigar a jornada de trabalho que esta gestão está impondo a esse segmento. Trabalhador, servidor da administração direta do estado como eu, que é obrigado a trabalhar a partir das 4 e 30 da manhã, porque trabalha transportando cadeirante, trabalha transportando deficiente. E pra que garanta que o estudante chegue a essa escola, garantir que ele assista aula às 7 horas da manhã, ele tem que começar a pegar o primeiro aluno às 5 e 10 da manhã e vai até as 18 horas. Garanta uma jornada de trabalho como a CLT, como qualquer legislação trabalhista e o nosso regime jurídico único, a Lei Complementar 122, de 1994, garanta uma jornada de 8 horas. Tem motorista na Secretaria de Educação, promotora, dando três turnos. Trabalha de 7 às 11 e 30, de 13 às 17 e 30 e de 18 às 22 e 30, transportando os professores para a Grande Natal, e isso é inadmissível. Nós cobramos o Ministério Público pra fiscalizar isso, nós cobramos o Ministério Público colocar a situação das escolas. A secretária disse no início, quando chegou aqui, a uma entrevista, que queria, que não era admissível os alunos fora de aula. Quem colocou os alunos fora de aula não fomos nós. Nós nunca vimos uma situação como aqui no Bom Pastor, na Escola Estadual Maria Ilka, falta professor, professora Eleika Bezerra, pras séries iniciais, pro 3º e 4º ano. Até hoje – o início do ano letivo do estado começou dia 14 de março – não chegou professor pras séries iniciais, coisa jamais vista na rede estadual de ensino. A Escola Estadual 7 de Novembro, lá em Alexandria, não tem professor, promotora, pro 3º ano do ensino médio. Falta professor de química, de física, de biologia, de português. E nós não tiramos esse aluno da escola. A nossa greve veio só somar aos alunos saírem da escola. A Escola Estadual Janier de Sousa, que o deputado Getúlio Rêgo conhece, que é lá de São Miguel, lá do Alto Oeste, alunos do ensino fundamental, salas de aula com 70 alunos, sem nenhuma ventilação. Alunos que estudam, 75 alunos do ensino fundamental em sala de aula, e que não podem abrir a janela porque tem uma fossa estourada ao lado da janela da escola. Essas são as condições das nossas escolas públicas. Essa a situação que hoje o Rio Grande do Norte se encontra. Agora também nós queremos aqui, aproveitando que a Secretaria de Planejamento está aqui, nós queremos sentar, secretário. Agora queremos sentar, porque nos interessa saber quantos nós somos, aonde estamos e quanto custamos. Nós já solicitamos isso em várias audiências com a secretária de Educação. Nós queremos saber quantos nós somos, aonde estão os funcionários, os servidores, os profissionais de educação, quantos professores tem de nível médio, quantos professores tem de nível superior. Agora aonde estamos e quanto custamos. Chega de se trabalhar no genérico. Pra concluir, tá certo, voltando aqui ao piso, nós temos hoje uma lei, uma lei que foi votada dia 6 de abril e fechada essa votação no dia 27. Nós temos o piso... o governo anterior, em 2008, nos empurrou um abono mascarado de teto remuneratório. Mas hoje, esse teto remuneratório caiu. Prejudicando, deputado Hermano Moraes, quem tem mais de 10 anos de magistério. Quem tem mais de 10 anos de magistério foi punido pelo governo anterior, não recebeu nenhum tipo de reajuste, porque o

teto remuneratório impede. Tá aqui José Fernandes, tá aqui vários companheiros do magistério que tem mais de 10 anos de serviço, mas esse teto remuneratório caiu quando no dia 6 de abril nós ganhamos o piso como salário-base. Só pra concluir, nós temos aqui só que colocar que é necessário que essa casa – e agradecer à presença do líder do governo, deputado Getúlio Rêgo; do deputado Mineiro; da deputada Larissa; dessa audiência promovida pelo senhor, deputado Hermano; do deputado Tomba Farias; do presidente. Nós sabemos o que significa o presidente da Assembleia ter vindo a essa audiência. Agora precisamos somar esforços pra que, deputado Getúlio Rêgo, em 2008, em 2006, nós zeramos as 12 mil promoções verticais, e hoje já temos mais de 2.200 dormindo no chão, lá na Secretaria de Educação. O setor que faz a coleta de dados da aposentadoria... e eu denunciei isso no site. O setor que faz a aposentadoria não tem condição. Só pra localizar um processo, levam-se seis meses, por falta de estrutura, deputado Hermano Moraes. E é necessário que a gente veja essas condições. Pra concluir, é absurdo a gente chegar numa audiência em fevereiro, Seu Fernandes, companheiro da base, em fevereiro, e a Secretaria anunciar que paga as horas suplementares que o nosso plano de carreira, a 322, frutos de uma audiência no dia 11 de novembro de 2005, nessa Casa, nesse plenarinho, nós lotamos esse plenário aqui, nós conquistamos a Lei Complementar 322, de 11 de janeiro de 2006, professora Eleika Bezerra, e que nos garante 10 horas suplementares, mas que o estado nos deve. A secretária chega e nos coloca que paga em março. Chega março, não chega nos nossos contracheques. Nós vamos pra Casa Civil, o secretário da Casa Civil, o dr. Paulo de Tarso Fernandes, olha pra gente e faz: “eu só tenho a lamentar esse desencontro de informação.” E nós temos a lamentar o quê? O que é que nos resta lamentar? Tô concluindo, dizer agora, que a nós, enquanto direção do SINTE, enquanto Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, enquanto Central Única dos Trabalhadores, que também representamos aqui nesse momento, nos interessa buscar a intermediação para esse conflito. Eu tenho dito por onde eu passei: a queda de braço, a busca de quem pode mais, não nos interessa. Nós queremos, hoje, sentar às 16 horas na Casa Civil e estamos, categoria e direção, na expectativa de que o governo nos apresente uma proposta, e aí, Dra. Danielle, que a gente consiga sair desse impasse, porque nós queremos estar nas nossas salas de aula, com as nossas crianças, mesmo que o estado não nos ofereça condição, mas nós queremos garantir o ano letivo. Agora pra garantir, é preciso que a gente tenha dinheiro pra comer. É preciso que a gente tenha condições pra se transportar e é preciso que a gente tenha condições de sobreviver. E ao chegar aqui, pra concluir, ao cumprimentar a professora Eleika, eu dizia, como dizia o poeta: “a gente não quer só comida, a gente quer comida, diversão e arte.” Muito obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Nós agradecemos a participação da representante da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação e temos outras inscrições também de professoras, mas vamos conceder agora a palavra importante daqueles que são o objeto maior da nossa audiência, conforme, inclusive, foi bem enfatizado pela professora Eleika Bezerra, nós vamos garantir agora a palavra de um

representante dos alunos, dos estudantes. Eu quero convidar agora a estudante Samara Martins, da União dos Estudantes Secundaristas Potiguares, para que ela possa...

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Em seguida, nós vamos conceder a palavra aos demais inscritos.

**Estudante Samara Martins:** Bom dia. Eu acho que, assim como as outras pessoas que falaram aqui, é importante que a gente faça esse debate sobre educação e nós, do movimento estudantil, acabamos de voltar de um seminário que debateu a educação e de um Encontro Nacional de Escolas Técnicas e a gente tem debatido muito essa questão do Plano Nacional de Educação e a importância de fazer esse debate também nos estados e nos municípios pra que tenham os seus planos de educação. A gente acredita que todas essas coisas que foram levantadas aqui, é de fundamental importância pra que a gente avance numa educação pública, gratuita e de qualidade aqui no estado do Rio Grande do Norte. Assim como a gente já tinha conversado com os professores, nós estudantes, apesar do que foi levantado aqui, de ter o problema do calendário e da agenda escolar, nós estudantes também apoiamos a greve dos professores...

*(aplausos)*

**Estudante Samara Martins:** Entendendo que a valorização dos professores é importante pra que tenha um avanço na educação, uma melhoria da qualidade da educação. Porque é importante pra nós, estudantes, que os nossos professores estejam estimulados a trabalhar, estejam estimulados a poder pensar em novos métodos pedagógicos pra poder melhorar a qualidade da nossa educação. Então nós apoiamos a greve e também achamos que tem que haver de fato esse diálogo, logo, pra que consiga se atender as reivindicações que os professores tão fazendo e tão levantando há um tempo já. Teve a dos professores municipais, e agora a dos professores estaduais, que isso aconteça rapidamente pra que a gente consiga também voltar às aulas o mais rápido possível. E estamos com os professores junto disso pra defender a educação. E queremos levantar aqui também, aproveitando o espaço, pra colocar a questão da escola técnica estadual, que a gente tem uma aqui que é o CENEP, que é o Jessié Freire, e que nesse Encontro Nacional de Escolas Técnicas, a gente debateu a importância da escola técnica, da formação profissional dos estudantes e que não foi colocado aqui no debate hoje, então a gente acha que é importante ter, nas considerações finais, colocar também o que é que a secretária de Educação tem pensado sobre as escolas técnicas aqui, da expansão disso, da qualificação das escolas que já existem. Não temos muitas, temos o CENEP com várias dificuldades. Os meninos iam participar aqui também, mas não puderam, porque tão repondo prova por causa do encontro que a gente participou. E a gente tá na defesa agora, numa campanha nacional, defendendo 10% do PIB pra educação, então que haja um maior investimento na educação...

*(aplausos)*

**Estudante Samara Martins:** E defendemos também os 50% do Fundo Social do Pré-sal pra educação, pra que de fato haja um maior investimento, que não tenha isso de “ah, nós não vamos garantir o salário

dos professores, nós não vamos garantir a melhoria das escolas, nós vamos ter que fechar a escola porque não tem professor e não vamos garantir a assistência estudantil, pros estudantes não saírem da escola, não ter evasão escolar”. Então estamos defendendo que tenha um maior investimento e vamos defender tudo que for pra garantir a melhoria da qualidade da educação no nosso estado. Obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Nós agradecemos à estudante Samara Martins, aqui representando a UESP, União dos Estudantes Secundaristas Potiguares. Dando continuidade, respeitando as inscrições, vamos ouvir a palavra agora da professora Amanda Gurgel.

**Amanda Gurgel:** Bom dia a todas e todos. Durante cada fala aqui, eu pensava em como organizar a minha fala. Porque assim, são tantas questões a serem colocadas e tantas angústias do dia-a-dia de quem está em sala de aula, de quem está em escola, e eu queria pelo menos conseguir sintetizar minimamente essas angústias. Mas também como as pessoas apresentam muitos números, e como sempre colocam “os números são irrefutáveis”, eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala, que é um número composto por 3 algarismos, apenas; bem diferente dos outros números que são apresentados aqui, com tantos algarismos; que é o número do meu salário. Que é um 9, um 3 e um 0, meu salário-base. R\$ 930. E aí eu gostaria de fazer uma pergunta a todos e todas que estão aqui, em nível superior com especialização. Se vocês conseguiriam, mas respondam só se não ficarem constrangidos, obviamente. Se vocês conseguiriam sobreviver ou manter o padrão de vida que vocês mantêm com este salário. Não conseguiriam. Certamente, esse salário não é suficiente pra pagar nem a indumentária, né? Que os senhores e as senhoras utilizam pra poder frequentar esta Casa aqui. Então assim, a minha fala não poderia partir de um ponto diferente desse. (...) Em sala de aula, só quem está pegando 3 ônibus por dia pra poder chegar ao seu local de trabalho, um ônis precário, inclusive, é que pode falar com propriedade sobre isso. Fora isso, qualquer colocação que seja feita aqui, qualquer consideração que seja feita aqui, é apenas para mascarar uma verdade, que é uma verdade visível a todo mundo, que é o fato de que em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso estado, na nossa cidade, no nosso país, a educação foi uma prioridade. Em nenhum momento. Me preocupa muitíssimo a fala da maioria aqui, inclusive da secretária Betânia Ramalho, com todo o respeito, que é: “não vamos falar da situação precária porque isso todo mundo já sabe.” Como assim não vamos falar da situação precária? Gente, nós estamos banalizando isso daí? Estamos aceitando a condição precária da educação como uma fatalidade? Estou me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil, é isso? Salas de aula superlotadas, com os alunos entrando a cada momento com carteira na cabeça, porque não tem carteiras nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo. Nós não podemos ser imediatistas, ver apenas a condição imediata, precisamos pensar a longo prazo. Mas, a minha necessidade de alimentação é imediata. A minha necessidade de transporte é imediata. A necessidade de Jéssica de ter uma educação de qualidade é imediata, certo? Então eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa

concepção. É errônea, extremamente equivocada. Eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá. Inclusive além, propriedade até maior do que grandes estudiosos. Parem de associar a qualidade da educação com professor dentro de sala de aula. Parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores 3 horários em sala de aula, certo? Porque é assim que os professores multiplicam os R\$ 930. R\$ 930 de manhã, R\$ 930 à tarde e R\$ 930 à noite. Pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume francês. É pra ter condição de pagar alimentação dos seus filhos. É pra ter condição de pagar a prestação de um carro que muitas vezes eles compram pra poder se locomover mais rapidamente entre uma escola e outra, e que eles precisam escolher o dia em que vão andar de carro, porque não têm condições de comprar o combustível. Tá certo? Então a realidade nossa, o cenário da educação no Rio Grande do Norte hoje é esse. E eu não me sinto constrangida em apresentar o meu contracheque nem a aluno, nem a professor, nem a nenhum dos senhores aqui, porque eu penso que o constrangimento deve vir de vocês. Sinto muito. Eu lamento. Mas deveriam estar todos constrangidos. Entende? Então assim, entra governo e sai governo [...] Mais uma vez, Betânia, mas não tem novidade na sua fala. Sempre o que se solicita da gente é a paciência, é tolerância. E eu tenho colegas que estão aguardando pacientemente há 15 anos, há 20 anos, por uma promoção horizontal. Professores que morrem e não recebem uma promoção. Então eu quero pedir à secretária, em primeiro lugar, paciência. [...] Não aguentamos mais, esse discurso. Não aguentamos. O que nós queremos é objetividade. Como é que é? Queremos sair desse impasse? Queremos. Mas como? Sem nenhuma proposta, de mãos abanando? Voltar mais uma vez desmoralizados pra sala de aula, pro aluno dizer: “professora, a gente ficou aqui sem ter aula e só isso? Vocês receberam R\$ 20, R\$ 30?” Dão risada. Pedimos ainda, secretária, pra que a senhora não vá mais à mídia dizer assim: “pedimos flexibilidade”, como se nós fôssemos os responsáveis pelo caos, que na verdade só se apresenta pra sociedade quando nós estamos em greve, mas que tá lá todos os dias. Dentro da sala de aula, dentro da escola, em todos os lugares. Certo? Então, respeito. Não se refira à nossa categoria dessa forma. Não se refira. Nem se refira apenas como se fosse a direção do SINTE que tá querendo fazer essa greve. Não é não, é 90% da categoria no estado inteiro, nos interiores, aqui na capital. Certo? Pedimos aos deputados apoio. Estejam mais presentes, participem ali. Vão à nossa assembleia, procurem ouvir esses trabalhadores. Procurem saber a realidade. Certo? Pedir à Promotoria que esteja com a fiscalização efetiva ao Ministério Público, que não seja pra dizer “professor não pode comer desse cuscuz não”, porque é um cuscuz alegado, que a gente come, o cuscuz da merenda. Porque a Promotoria tá ali pra dizer que a merenda é do aluno, não é do professor. Certo? É assim que funciona. Diga-se de passagem, nós não temos recursos pra estar nos alimentando diariamente fora de casa. Não temos pra isso. São muitas questões mais complexas, certo? São questões muito complexas, que poderiam ser colocadas aqui, mas infelizmente o tempo é curto e eu gostaria de solicitar isso, em nome dos meus colegas que comem o cuscuz alegado, em nome dos meus colegas que pegam 3 ônibus pra chegar ao seu local de

trabalho, em nome de Jéssica, que tá sem assistir aula nesse momento, mas que fica sem assistir aula por muitos outros motivos; por falta de professor, por falta de merenda, certo? É isso que eu quero dizer.

**Deputado Hermano Morais:** Parabéns à professora Amanda Gurgel. Realmente, deixa constrangidos todos nós, como já estão constrangidos há muito tempo os professores, que mantêm essa disposição de melhorar a qualidade do ensino no nosso estado, mas é preciso ter meios adequados para fazer. Ouviremos agora a palavra da professora Fátima Cardoso, do SINTE/RN, e registrando também a presença entre nós do deputado Nelter Queiroz.

**Professora Fátima Cardoso:** Primeiro, parabenizar, antes dos cumprimentos, o deputado Hermano, por mais uma vez estar trazendo a essa Casa esse debate da maior importância; cumprimentar a mesa, todos os participantes aí, as autoridades presentes, em nome do nosso companheiro Rômulo e cumprimentar este plenário que tem uma formação, que pensa, que discute e que tenta ser interlocutor também social, através aí da estudante Samara, que aqui deu o seu recado precioso à sociedade e dedicar esta nossa fala, enquanto dirigente sindical, ao professor Elias Garcia, do presidente Kennedy, que faleceu esperando uma aposentadoria. A gente está nessa luta há muito tempo e tem escutado, nesses sucessivos anos, os discursos sobre educação. E ao fazer uma confrontação, a gente sente que a realidade é bem outra. Essa realidade que a Amanda acabou de colocar aqui, como profissional da área de educação, de uma vivência que extrapola a capacidade humana de resistir a determinados momentos em que se é necessário estabelecer o conflito, se é necessário estabelecer a contradição. E a gente fica ouvindo as postulações, as falas e pensando: “até quando nós vamos conviver com a natureza desse estado de desobrigação com os profissionais também?” além dos alunos, dos estudantes. É bom a gente pensar também num outro cidadão que se encontra dentro da escola. Outro dia eu participei de uma audiência pública na outra casa que tratava do *bullying*, e todo mundo falava de uma forma geral e esqueceu do professor baixinho, magrinho, de óculos, aquele careca, assim como ele é autodenominado, como ele é visto, com uma perda de identidade. A sociedade tem trabalhado isto, tem expropriado a identidade desse profissional. Além de expurgar dele aquilo que lhe é mais caro, que é o direito de ter cidadania também. E nós não estamos fazendo isso vendo o lado corporativo de classe, apenas. Nós estamos vendo que no conjunto, nós representamos também aquele cidadão excluído, aquela cidadã que está também fora do contexto de uma realidade que deveria ser de todos os cidadãos e cidadãs, de garantia. E eu queria trazer um debate aqui, um debate que ninguém está percebendo. Nós temos, ultimamente, recebido quase toda semana, notícia de que professor morreu, e a faixa de idade, de 50 a 60 anos. Agora, gente, é preciso ver o que é que está acontecendo. A maioria dos casos, o diagnóstico é câncer ou problemas cardiovasculares, problemas de cardiopatias desta natureza. E originado de quê? Originado da relação de violência que ele vive hoje. Ele é violentado sob todos os aspectos. E aí, a gente não vai tratar dessa situação? Como disse Amanda aqui, do feijão com arroz, nós não vamos tratar da saúde do trabalhador não? Precisamos fazer esta reflexão também. E é uma reflexão séria porque ele está dentro do chão da escola, convivendo com todas as adversidades e ainda tentando fazer

uma grande costura de manter a escola viva, que, aliás, mantém. Mantém, graças ao seu esforço e à sua dedicação, e não por acaso, professora Betânia. Chamar o debate da qualidade do ensino é necessário, mas primeiro a gente tem dito ao longo, desde 1979, não é de hoje, não. Essa cantilena nossa vem desde 1979, que sem a valorização profissional, nós não vamos ter condições de resolver problemas sociais da educação. E não adianta aqui a gente forçar e dizer: “olha, o número do IDEB é esse, é aquele...” em razão dos professores não serem comprometidos. São comprometidos. Agora não é possível você ter condições de desenvolver uma boa prática pedagógica, em tese, de estar mediando os processos educacionais de ensino e de aprendizagem, se você não tiver a equação da valorização profissional. E pra fazer a valorização profissional, precisa-se de investimento na educação. Como disse Samara, nós vamos lutar, vamos continuar lutando pelos 10% do PIB, os 50% dos recursos oriundos do pré-sal para investir na educação, mas é necessário a gente cuidar nesse momento, e aqui a gente queria fazer coro com algumas vozes que foram ditas. Olha, essa greve, ela não só está forte como ela está mandando um recado. Ela está dizendo: é hora de cuidar dos profissionais também, como é hora de cuidar dentro das escolas, dos alunos e das alunas que vão para uma biblioteca que não tem condições, professora, embora tenha até livro. De se estabelecer um trabalho pedagógico, porque muitos dos profissionais foram, inclusive até, retirados dessas funções pedagógicas em nome da sala de aula, no que no nosso entender, é prejuízo enorme, porque nós precisamos de termos muitos profissionais dentro da escola para compor essa orquestra que deve afinar a definição dos processos pedagógicos a se realizarem no interior da escola. E aí nós queríamos, professora Betânia, dizer que a sua fala, ela é pertinente num processo de discussão a longo prazo, mas que num processo mais próximo de uma necessidade, da urgência que nós cobramos, inclusive nos oito anos passados, um plano estadual de educação que não foi feito. É urgente discutir três pilares fundamentais: a valorização profissional, e nós temos que sair daqui dizendo que não é imprudência da nossa parte, mas dizendo que é uma realidade concreta. Nós precisamos negociar, inclusive acho que não sei nem se a audiência está mantida hoje, gostaríamos até de saber se a audiência está mantida hoje às 16 horas. Sair da governadoria com uma definição que garanta efetivamente a nossa pauta momentânea e o compromisso nosso de discutir a educação. Qual é a nossa pauta momentânea? É o pagamento imediato aos funcionários da educação que não receberam a primeira etapa do seu plano de carreira, que são mais de 4 mil, e o reconhecimento de parte do governo do estado da tabela de salários do magistério. E nós temos dito isso, professora, que nós estamos abertos a um processo de educação na mesma natureza, no mesmo caminho dos demais servidores, para que não haja uma distorção terrível que pode ser provocada, se assim o governo entender, entre um e outro servidor. Nós iremos ser servidor de quinta categoria, recebendo salários baixíssimos, se a governadora não assumir a tabela em equiparação aos 14 planos de carreira da gestão pública desse estado. Sabemos que tem algumas dificuldades e aqui nós não iremos deixar de dizer que elas não existem, mas sabemos também que a superação dessas dificuldades passam pela compreensão que se tem de educação. Não basta retórica. É preciso ação, ação concreta, e é isso que o sindicato faz o diálogo com a sociedade para que

a gente possa estar chegando a um processo de qualificação sem precisar de IDEB, de Provinha Brasil ou de coisa dessa natureza, mas pelo investimento, pelo compromisso do estado e dos profissionais que fazem a educação, tanto os funcionários quanto os professores, pedagogos e demais profissionais que atuam no chão da escola. Muito obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Após a participação da professora Fátima Cardoso, concedemos a palavra agora à também professora Luciana Lima. Parece que não está... depois da professora Luciana Lima, nós teremos mais dois inscritos, e aí passaremos para as considerações finais.

**Professora Luciana Lima:** Boa tarde a todos e a todas, meus amigos, companheiros de trabalho, companheiros de luta, boa tarde à mesa. E assim, eu me senti muito contemplada com a fala da Amanda, porque eu também fiz uma listinha de coisas para serem ditas aqui. Começava também pelo meu salário, por coincidência, porque eu tenho 23 de estado. Durante esses 23 anos de trabalho e dedicação à escola pública, a gente sempre esteve na luta, porque como Amanda disse aqui, a gente sempre ouviu os mesmo discursos. Infelizmente, estamos ouvindo mais uma vez. Por que a gente, num começo de governo, a gente não dá esse tempo? A categoria foi instigada a dar 120 dias de prazo pro governo poder se organizar, poder apresentar uma proposta. Por que a categoria disse “não”? Qual foi o motivo? É porque ao longo de anos essa categoria, ela já vem sofrendo com essa desvalorização, com esse salário injusto que a gente recebe, com ataques que a gente vem sofrendo dentro da escola, exigências que hoje a educação traz pra dentro da escola, pros profissionais de educação e que essas exigências não são recompensadas com um salário justo. Hoje a gente não pode mais pensar educação como na época que eu entrei, há 23 anos atrás, não é mais aquele modelo. É totalmente diferente. As exigências são muitas. Hoje o professor, ele não... o professor que trabalha os três horários, como colocou a professora Amanda aqui, manhã, tarde e noite, como é que ele planeja suas aulas? Como é que ele pensa, como é que ele é capaz de pensar os seus alunos nas suas individualidades? Ele não consegue. Mas, por que o professor se sujeita a trabalhar dessa forma? É porque ele quer fazer de conta, no seu trabalho? Claro que não. O professor, ele se sujeita a isso porque o seu salário é baixíssimo e ele tem que se manter. Por que a gente tá falando muito em salário? Porque uma coisa que me chamou atenção foi uma proposta da professora Betânia, que coloca premiação, 14º salário. Premiação pra professor. O melhor prêmio, professora Betânia, que a senhora pode dar aos professores, não é um 14º salário, porque a qualidade não vem só nessa coisa da disputa. O que se cria com esse prêmio é uma disputa dentro da escola, entendeu? Então vai acontecer isso. Pode ser que essa não seja a intenção, claro que não é. A sua intenção não é essa, mas é isso que concretamente vai acontecer. O melhor prêmio é um salário justo, é um salário digno, é um salário para todos, e não só para aqueles que por acaso trabalham um único expediente porque têm outras atividades que não seja a educação, tem outra forma de vida, que são poucos. São poucos os que às vezes podem se dedicar melhor. Então premiar a categoria, premiar não só um ou outro profissional, é atender essas reivindicações que nós estamos fazendo hoje. É atender sim, garantir essa isonomia, essa

questão dessa hierarquia salarial que existe, é manter isso, é garantir isso. Não é nem manter, é garantir. É isso que a gente, com essa greve que a gente tá fazendo, a gente leva também uma reflexão sobre a situação da escola pública, não é só a questão salarial, não. A escola pública estadual, a promotora Dra. Danielle colocou aí que a escola, ela está perdendo, acho que foi o secretário também que colocou isso, que perde recursos na educação, também colocou isso. E por que o estado tá perdendo recurso? Porque o estado hoje tá oferecendo uma educação que os pais dos alunos e os alunos estão percebendo que não vale a pena. Estão retirando da escola pública os seus filhos. Os estudantes também sabem disso, que a escola pública estadual hoje, ela não está garantido educação de qualidade. Então se não garante, eu vou correr pra outro canto, eu não vou ficar nessa escola que não me garante uma educação boa, que no futuro eu vou ter um trabalho, que eu vou me profissionalizar. Essa escola não tá me garantindo isso, então eu vou pra outro canto, eu vou pra quem me garante isso. Então realmente a educação do estado do Rio Grande do Norte tá perdendo e está perdendo por irresponsabilidade, por falta de compromisso de vários governos que já passaram, e que infelizmente a gente tá assistindo nesse novo governo, qual é o cenário que tá sendo colocado pra gente, pros educadores e pra educação? É um cenário, como disse a senhora e como disse Fátima Cardoso aqui, que a gente vê uma perspectiva de longo prazo. Longo prazo, a perder de vista. A gente quer agora. A gente quer já, a gente tem pressa.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Com a palavra agora, o professor José Teixeira, do SINTE/RN.

**Professor José Teixeira:** Quero saudar a mesa na pessoa do Hermano Morais, deputado Hermano Morais, idealizador desta brilhante audiência. Saudar os demais parlamentares que estão aqui interessados em participar desse debate e dar a sua contribuição para a educação pública desse estado; saudar os meus companheiros e companheiras, trabalhadores e trabalhadoras em educação, na pessoa do companheiro que nos representa na mesa, o companheiro Rômulo; os estudantes que estão aqui, sejam todos os segmentos que estão aqui já às 13 horas, praticamente, contribuindo com este debate; professor Isauro, meu ex-professor da faculdade, que está aqui também, eu quero saudá-lo. Mas, precisamos dizer aqui para os companheiros, para as companheiras, mas principalmente para os assessores do governo, que nós estamos voltados para o governo do estado, por que estamos voltados para o governo do estado? Porque o governo do estado é o nosso patrão, que agora está representado pela pessoa jurídica da governadora Rosalba. Até o ano passado, era outro governo. E nós não estamos aqui num embate com a pessoa física, nós estamos aqui num embate com a pessoa jurídica do governo, e que, nas nossas caminhadas e andanças, nós encontramos alguns companheiros agora, atualmente, eu já revelei esse exemplo pra própria secretária de educação e o chefe da Casa Civil, onde alguns companheiros dizem hoje: “olha, eu estou frustrado com o atual governo, porque enquanto candidata, ela dizia: ‘eu sei como resolver os gargalos da educação no Rio Grande do Norte.’” E ele disse assim: “bom, eu votei porque na verdade nós já estávamos numa situação difícil, porque os sucessivos governos discursam que sabem resolver e não resolveram até o momento?”, e aí esses colegas se dirigem a nós,

do sindicato, dizendo isso. Então já está frustrado pelo fato de... nesses 100 dias, nesses 100 dias de governo atual, nós esperávamos que já, na verdade, tivesse aí uma aceno, apresentação de uma proposta que pudesse realmente mudar o cenário da educação no nosso estado e o que nós nos deparamos é, na verdade, uma proposta com o documento que pede mais 120 dias. E aí nós temos que assumir aqui, enquanto direção, perante a nossa categoria, que na verdade não dá mais pra esperar, até porque na nossa história da educação, no nosso estado e nos municípios desse estado, nós vivemos já um momento onde professores das redes municipais não queriam ser professores, ou seja, ganhavam taxas simbólicas e torciam pra ser professor da rede estadual, né, que ganhava, né... não ganhava muito, não. Mas, em relação aos municípios, ganhavam taxas simbólicas. Queriam, na verdade, ganhar status sendo professores da rede estadual. E hoje já se inverteu a lógica, viu Amanda, companheiros e companheiras. Se inverteu a lógica. O menor município desse estado, os menores municípios, não todos ainda, conseguimos aí negociar o piso atual, mas já temos os menos municípios desse estado, inclusive o município que é considerado, Nísia Floresta, foi divulgado aí pelos meios de comunicação um município miserável, que é o caso de Bento Fernandes. Nós fechamos o piso de acordo com o plano de carreira em março. De lá pra cá, vem pagando o piso. Então os menores municípios do estado já estão pagando o piso, ou seja, o piso pela orientação do MEC. O que até agora o estado não apresentou nem uma contraproposta, porque a nossa proposta está aí já, inclusive com a secretária, está no extraclasse, a nossa proposta de equivalência com as demais categorias. Mas, como contraproposta, não nos foi apresentado ainda nada pelo governo do estado. E aí, dizer aqui pra professora Eleika, que parece que passou um recado para todos nós, nós nunca duvidamos da competência da professora Betânia e nem da sua equipe. Aliás, em apresentação da direção do SINTE com a secretária e os líderes em meados de janeiro, nós dissemos isso, inclusive à própria secretária. Agora nós temos dúvidas, dissemos à secretária, se a Secretaria de Educação vai ter, através da secretária Betânia, autonomia política, mas principalmente financeira, para na verdade impulsionar as reivindicações, ou seja, as necessidades cruéis que vive a educação no Rio Grande do Norte hoje. Essa é a nossa grande preocupação com a educação no Rio Grande do Norte. Portanto, companheiros e companheiras, é essa a reflexão que quero deixar aqui para os companheiros e companheiras. Não tem mais pra onde irmos. A legislação já está muito clara, definida, ratificada inclusive pelo Supremo. Então nós esperamos hoje, às 16 horas, termos aí a contraproposta do governo que possa na verdade ser avaliada na próxima assembleia da nossa categoria e assim poder por fim a esse movimento paredista que nós reconhecemos, aliás, quando vamos entrar na luta, nós já fazemos todas as reflexões tanto na assembleia estadual como nas assembleias regionais, onde os companheiros nos perguntam: “mas não tem uma outra possibilidade, uma outra saída para que não entremos em greve?”, porque nós na verdade avaliamos os transtornos, é um momento de instabilidade, é verdade. Mas, chega-se à conclusão de que até o momento, não teve outra saída e foi por isso que nós deflagramos o movimento paredista e portanto, companheiros e companheiras, só há

retorno, pelo que eu sinto, aí pelo estado inteiro, só há retorno com uma proposta com o mínimo de sensibilidade do governo. Obrigado.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Ouviremos agora a participação do último inscrito antes de retornarmos a palavra aos que integram a mesa. Com a palavra agora, o professor Anselmo, também do SINTE/RN.

**Professor Anselmo:** Bom dia a todos e a todas, aos representantes da mesa, ao deputado Hermano Morais, a secretária de Educação e aos demais deputados, senhoras e senhores aqui presentes. Antes de mais nada, pra mim é uma honra estar nessa tribuna, afinal de contas eu sempre ouvi, e não é de agora, que eu comecei a votar, que tanto a Câmara dos Vereadores quanto a Assembleia Legislativa era a casa do povo. E sendo a casa do povo, recebe o povo. Mas assim, eu iria começar, a princípio, também falando do meu salário, do meu contracheque. Mas aí também tem um questionamento aqui que eu gostaria de passar pra secretária, em relação à jornada de trabalho que foi aprovada no dia 27 de abril pelo STF. A composição da jornada de trabalho, ela ficou da seguinte forma: a composição dela se dá com dois terços em sala de aula e um terço de extra-regência. E a aplicação disso tem que ser já, então nós também queremos uma resposta em relação a isso, do governo do estado, o qual a senhora representa. Mas, me permitam, senhoras e senhores presentes, deputados e deputada, eu vou quebrar o protocolo. Mas quebrar o protocolo puxando a sensibilidade de quem vem lá do sertão, apesar de ter nascido na capital. Me permitam rimar, e a rima é de coração; eu vou ter que fazer a leitura, porque quando eu cheguei, eu tava um pouco emocionado e acabei escrevendo isso. “Me permitam recitar com clareza e emoção. É tão triste ver fechar uma escola no sertão. E o governo anuncia que vai fechar um montão. Entra governo, sai governo, e não tem resultado, não. Para o meu Rio Grande do Norte, é sofrimento para a educação. Falta professor, falta estrutura e tem estagiário sem compreender onde estão, se na escola ou solto na multidão. Sofre o alunos, sofrem os pais do aluno, sofre em geral a população. E nós estamos na casa do povo, esperando dos deputados e do governo uma digna solução. Vamos juntos construir, dando um ‘viva’ verdadeiro à educação. Chega de falar no passado, isso tá se reproduzindo na prefeitura também. Vamos colocar uma pedra em cima disso tudo. E uma referência, que a gente não precisa mais fazer, não. Temos que negociar de fato o piso e plano da educação, pois com salário de fome não aguenta mais o professor nem o funcionário tal situação.” Senhores, eu escrevi isso...

*(aplausos)*

**Professor Anselmo:** Para homenagear os meus colegas e também a toda a população que nos ouve nesse momento e que estão nos seus lares, nas suas casas. São os pais de famílias, são os alunos que muitas vezes são iludidos por uma propaganda da televisão, seja da prefeitura ou do governo do estado, que coloca que o sindicato, que os professores estão equivocados, estão errados por uma greve. Eu devo estar errado, mas deixe eu quebrar mais uma vez o protocolo e homenagear aqui a duas pessoas que, me permitam, eu me emocionei um pouco, mas é de onde eu tenho tirado parte do meu sustento. Recebendo

R\$ 1046,32 e tenho que fazer um empréstimo pra poder custear o meu doutorado... me desculpem. Eu tenho recorrido à Universidade Vale do Acaraú, onde eu tenho um 4º, um 5º expediente. E a professora Ísistá aqui presente e é uma das pessoas responsáveis, junto com a professora Teresa, e sabem da situação que nós vivemos. Em 2005, vergonhosamente, para ter um 3º salário, isso já professor do estado e município, eu fiz o concurso do estado, fui o 1º colocado para o município de Extremoz. Meses depois eu pedi minha exoneração a pedido de um ex-secretário de Educação, já falecido, porque eu estava entrando naquele processo de “ah, não pode ter três empregos e tal, você só tem que ter dois, etc”, a acumulação de cargo, me permitam. E aí eu pedi minha demissão. E até então eu não recebi o salário dos meses trabalhados também. Então assim, o que eu tenho a dizer aqui nessa tribuna? Além da minha emoção e de dizer pra vocês que desde os meus 14 anos que eu me encontro em sala de aula, e hoje eu estou à disposição do SINTE, mas estar no SINTE é aprender também. Nós fomos retaliados por diversas vezes, por pessoas que estão no governo e que não compreendem a luta do trabalhador. Eu gostaria muito que os senhores deputados, que muitos colegas fossem à minha casa ver o que eu consigo fazer com esse salário. Muito, muitíssimo obrigado, senhores.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Emocionado e emocionante depoimento do professor Anselmo, encerrando os depoimentos, as participações dos que estão no plenário. Agora nós queremos também conceder a palavra ao colega deputado Getúlio Rêgo, que tem a responsabilidade também de ser o líder do governo nessa casa.

**Deputado Getúlio Rêgo:** Senhor presidente e deputado Hermano Moraes, que muita felicidade tomou a iniciativa de realizar essa audiência pública, eu quero cumprimentar todos os membros dessa mesa, através da professora Betânia Ramalho, que é a gestora da Educação no nosso estado, e a representante do Ministério Público, Dra. Danielle. E despertar aqui um fato que julgo muito importante para o futuro da educação no Rio Grande do Norte. Eu estou no exercício do 8º mandato como representante do povo neste poder legislativo. Portanto, eu já participei de sete governos anteriores. Em nenhum deles eu vi uma atitude tomada com tanta clarividência como a que tomou a governadora Rosalba. Ela foi buscar, nos quadros da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a uma profissional que foi destacada, escolhida pelo comando da nossa Universidade Federal. Me disse o reitor, o professor Ivonildo Rêgo, na hora que fui convidá-lo, a pedido da governadora, pra assumir essa função, que em função de compromisso já assumido na sua gestão, que será finalizada agora no mês de maio, ele estava impossibilitado de aceitar o desafio. Eu, naquela mesma oportunidade, no gabinete da reitoria da nossa Universidade, pedi a ele pra buscar dentro dos quadros da Universidade alguém que tivesse o perfil adequado pra dar um choque de gestão e mudar os rumos da educação do Rio Grande do Norte. Ele já me avisou, professora Betânia, naquela oportunidade, que tinha, na sua pessoa, que comandava a COMPERVE, o nome ideal para, se aceitasse e se a Universidade disponibilizasse para que esse governo inovar na gestão da educação do Rio Grande do Norte. Eu fiz um pronunciamento na Assembleia

naquela oportunidade, dizendo da missão que havia desempenhado a pedido da governadora, e posso dizer aos representantes do Sindicato dos Trabalhadores de Educação do Rio Grande do Norte que exercem uma função permanente de defesa da categoria de forma muito legítima, que ninguém pode desperdiçar a chance de dar um crédito à nova gestão de educação que está lá, sob o comando da professora Betânia Ramalho, com um detalhe: a autonomia para compor sua equipe sem nenhuma interferência da política partidária. No passado, qualquer secretário que fosse indicado para a função, tinha já que ser rateado às demais coordenações, subcoordenadorias, dentro do núcleo central da gestão. Era deputado A, deputado B, deputado C, senador, deputado federal. Cada um apadrinhando uma indicação. Esse momento é novo para o Rio Grande do Norte, é absolutamente novo. E ouvindo uma jovem, que apesar da jovialidade, já demonstra toda a sua segurança ao falar em pública, representando uma das instituições mais importantes da democracia moderna brasileira, no pós-Constituição de 1988, a representante do Ministério Público, Dra. Danielle, eu quero dizer aos membros do Sindicato dos Trabalhadores de Educação: a greve não é o único caminho. Vamos entender que esse fato que relatei é auspicioso. Eu compreendo o sofrimento dos professores pelos baixos salários. Eu entendi o desabafo da professora Amanda, que tem todo um potencial na formulação que fez e colocando a emoção como instrumento da sua apresentação. Esse momento, repito: é novo. Quem duvida da competência da professora Betânia Ramalho? Acredito que ninguém dentro do próprio Sindicato dos Trabalhadores de Educação, isso já foi dito aqui também. Qual o pensamento do governo Rosalba? É resgatar a educação de qualidade para a nossa juventude. Isso pode ser feito em quatro meses, em seis meses, acho impossível. Foi dito aqui que foram oito secretários em dois governos. Qual a possibilidade da continuidade de um trabalho de planejamento, se muda as cabeças, se muda o viés político-partidário? Talvez, em quatro anos, seja muito mais possível dar educação do Rio Grande do Norte o status que ela já deveria estar merecendo há muito tempo. Eu testemunhei vários bons secretários de Saúde durante esses sete mandatos que exerci na casa. O professor Hélio Vasconcelos...

**Deputado Hermano Morais:** Secretários de Educação, você disse Saúde.

**Deputado Getúlio Rêgo:** É o coração que fala mais alto, porque sou médico. Da Educação. Professor Hélio Vasconcelos, um profissional de direito e que tinha muita vinculação com a esquerda, mas que no momento ainda da discrição política no estado e no país, lhe foi alçada a condição de gerente da nossa Educação, um gesto de ousadia do então governador José Agripino... professor Laércio, professora Eleika... resgastando um outro originário da esquerda, punido pela ditadura, professor Marcos Guerra. Um profissional qualificado da educação, professor Luiz Eduardo Carneiro. Pra citar apenas alguns, mas cada um deles não teve o instrumento que a professora Betânia tem nas mãos, o domínio de toda a composição da sua equipe. Professora Betânia, nós confiamos no seu trabalho. E eu, como líder do governo nesta casa, tenho tido sempre o cuidado de transferir a todos os colegas da base do governo. Educação é impermeável a qualquer busca de favorecimento político-partidário. Vamos contribuir, os sindicatos também. Os sindicatos têm uma responsabilidade permanente, não só na defesa da categoria,

mas de revitalizar a educação do Rio Grande do Norte. É preciso refletir profundamente sobre essa nova situação que se encontra o Rio Grande do Norte. O governo tá submetido a um conflito político, aliás, jurídico. Se por um lado há um plano aprovado pelo Congresso Nacional, sem a cautela antecipada de ouvir os estados e municípios da sua disponibilidade financeira para implantação desse piso. Existe uma lei federal que limita os gastos do estado para com o pagamento de pessoal, e este governo eu não assumi, esse limite tava desrespeitado em 2.5%. A quem buscar uma decisão para que a governadora possa implementar o que a lei determina. Porque nesta casa, recentemente, em 2010, nós aprovamos vários projetos do governo, mas foram projetos que nós votamos a favor porque nós tínhamos consciência que o momento eleitoral não permitia qualquer resistência a nenhum benefício concedido aos servidores que merecidamente necessitavam de uma impulsão nos seus vencimentos, mas não chamava atenção. O governo antes vinha dizendo: “o estado está no limite máximo da possibilidade de contratar pessoal, porque impedido pela Lei de Responsabilidade Fiscal”. E como, de uma só canetada, mandar vários projetos pra Assembleia sem garantir que o estado teria recursos financeiros para implantação? Não houve levantamento do impacto financeiro de nenhum desses projetos e nós votamos a favor alertando. “Votamos, mas tememos que na hora da aplicação da lei, isso não vai valer.” E já começou a ver a frustração ainda em 2010. A professora tem razão. Eram centenas, talvez mais de milhares de aposentadorias que estavam sobrestados, paráliticos na burocracia da Educação do Rio Grande do Norte e da administração do Rio Grande do Norte. Está havendo um esforço, a professora Betânia já disse que essa fila já diminuiu bastante, mas ainda há pendências. Estamos conscientes disso. Agora o que quero dizer, em nome de um parlamentar que já está maduro, é que a paixão político-partidária tem que ser arquivada neste momento. Nós estamos tratando de algo que é inadiável, é melhorar o padrão da educação ofertada às nossas crianças e aos nossos jovens, e pra isso nós temos plena convicção que a nova gerente da Educação, além de ter competência pessoal e estar montando uma grande equipe, e vai ter total apoio da governadora para implementar os projetos que a Educação do Rio Grande do Norte precisa para melhorar o seu desempenho. Muito obrigado.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Incluída a participação dos que estão no plenário, com a participação do ilustre deputado Getúlio Rêgo, nós passaremos agora às considerações finais, quando aqueles que estão à mesa e que foram provocados por algum questionamento, terão oportunidade para fazer os devidos esclarecimentos. Antes eu gostaria de fazer um registro e parabenizar a toda a equipe de educadores da Escola Estadual Stela Wanderley. Na última sexta-feira, mesmo em período de greve, mas dentro de uma programação que já estava previamente agendada, através do programa Amigos da Escola, uma atividade que acontece na parceria com a Secretaria Estadual, secretarias municipais de educação, e também com patrocínio da Rede Globo de Televisão, nós tivemos lá a participação dos professores mesmo em movimento paredista, foram lá para contribuir para a sua realização, a participação de professores da rede escolar como um todo, inclusive familiares dos alunos. Uma atividade complementar

muito importante e é bom que nós registremos essas atividades extracurriculares que têm ajudado a minimizar, dando uma contribuição positiva para a melhoria da educação em nosso estado. Gostaria inclusive de aproveitar o ensejo, nós vamos fazê-lo também por requerimento pra se apresentar nesta casa, fazer um apelo à secretária no sentido que possa dotar aquela escola, que está localizada aqui na zona sul de Natal, ali no conjunto Pirangi, dotar aquela escola de uma quadra de esportes. Os alunos estão fazendo suas atividades físicas na praça pública em frente, com risco inclusive de travessia perigosa de uma avenida que está à frente, então esse é parte do cenário da educação. Então faço aqui esse registro, nós vamos oficializar esse pedido, mas há uma necessidade de nós garantirmos essa condição mínima, essa estrutura mínima para as atividades complementares. Esse evento realmente foi realizado com muito êxito, com várias atividades educativas, culturais, oficinas e também até atividades relativas à assistência à saúde dos alunos e professores. Nós tínhamos também aqui, e eu vou dirigir uma pergunta à professora Betânia Ramalho. Aliás, dois questionamentos. Um é com a preocupação, acredito, dos pais dos alunos, principalmente, e também dos professores com relação à reposição das aulas tão logo acabar, se encerre, queremos que se encerre o mais breve possível a partir de um entendimento que possa acontecer já na tarde de hoje, se Deus quiser e se nós tivermos a lucidez para chegarmos a um bom termo, para que precisamos também de um esforço de todas as partes do governo e também daqueles que estão integrando o movimento grevista, mas uma preocupação também com relação à reposição das aulas, para que não haja prejuízo futuro aos alunos. Existe também aqui uma pergunta que foi dirigida por escrito pelo jornalista Eugênio Parcelle, nos seguintes termos: “para minimizar ou solucionar um problema, torna-se fundamental ter consciência do problema. Neste aspecto, é importante a produção de conhecimento para se ter clareza da situação. Neste sentido, gostaria de saber por que a Secretaria de Educação não realiza uma pesquisa sobre o analfabetismo funcional, que possibilitaria um olhar mais sério e profundo sobre os resultados que estamos dando na educação com indicadores de aprendizagens locais.” Então há essa sugestão que foi colocada, pois não. E eu gostaria também de acrescentar um outro aspecto também, se pudesse, eu esqueci de enfatizar, no breve pronunciamento que fiz no início dessa audiência. Eu percebi também, nos estudos que nós fizemos, completa defasagem daqueles que hoje são os gestores da Educação no estado, não só os diretores das escolas, mas aqueles que também que exercem outras funções. São gratificações realmente aviltantes, um completo desrespeito àqueles que têm uma responsabilidade muito grande em conduzir as escolas que recebem gratificações ínfimas.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Não podemos exigir nem até despertar interesse, né. Sabemos que a grande maioria que hoje está gerindo os recursos, fazendo a administração dessas escolas, o fazem por amor à causa, mas do ponto de vista financeiro, do incentivo financeiro, é realmente uma vergonha. Então eu faço também esse apelo, perguntando inclusive se já há algum estudo, alguma intenção do governo no momento oportuno de rever todo esse quadro, que realmente tá muito defasado. Nós temos

aqui agora na fase final, teremos oportunidade de ouvir primeiro a promotora e coordenadora do CAOPS Cidadania, Dra. Danielle Fernandes, que representa aqui o Ministério Público Estadual e que também em algum momento se sentiu provocada pelas participações de alguns que aqui se pronunciaram. Em seguida, ouviremos a palavra do secretário estadual de Planejamento e Finanças, e por último, a palavra da professora Betânia Ramalho, secretária estadual de Educação. Com a palavra agora, a Dra. Danielle Fernandes.

*(aplausos)*

**Promotora Danielle Fernandes:** Deputado Hermano e todos os demais presentes, a minha fala é muito rápida, eu preciso só de um minuto, pra agradecer o convite dirigido ao Ministério Público e esclarecer que eu tomei nota de todas as colocações que foram feitas, que foram dirigidas ao Ministério Público ou não, mas que despertam a nossa vocação, a nossa atuação. Queria esclarecer que o Centro de Apoio que eu coordeno não é um órgão de execução, ou seja, não é uma promotoria com atribuição para agir diretamente, nós somos um órgão articulador interno e eu estou representando aqui a Dra. Carla Amilco, que é a promotora de Educação encarregada da rede estadual, ela está de férias, mas eu tive contato com ela hoje e vou repassar todas as colocações que foram feitas aqui pra que ela tome conhecimento e adote as providências que entender cabíveis. Nós nos sensibilizamos sim, com todas as colocações que foram feitas aqui. A instituição se identifica com a comunidade e é visando efetivar os direitos fundamentais que a gente trabalha, então pra nós também é vergonhoso ouvir muita coisa aqui, nós somos agentes políticos e temos responsabilidades, embora tenhamos limitações também, mas nós temos o nosso papel e estamos conscientes dele, certo? Então eu quero registrar o meu compromisso de repassar pra Dra. Carla e demais promotores de Educação aqui da comarca de Natal as colocações, críticas e reivindicações que foram feitas. Obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Nós agradecemos pela participação do Ministério Público nesta audiência, concedendo agora a palavra ao doutor Obery Rodrigues Júnior, secretário estadual de Planejamento e Finanças.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Deputado Hermano Moraes, se eu me senti provocado, foi no bom sentido. Nós ouvimos aqui os depoimentos emocionados dos representantes do sindicato dos professores e eu quero me dar o direito também de me indignar com essa situação. Eu sou um servidor público. Pra ser mais preciso, eu sou empregado público, porque eu não sou estatutário. Eu sou engenheiro da extinta Companhia de Desenvolvimento Industrial, que tinha o direito ao piso salarial do engenheiro, que uma lei federal garantia 8,5 salários mínimos. Segundo me consta, nós perdemos esse direito também. Não sou estatutário, portanto, ao me aposentar, vou me aposentar pelo Regime Geral da Previdência, limitado aquele teto da Previdência aí, se eu alcançá-lo. Mas, como cidadão, eu me dou o direito de me indignar também com essa situação. Tenho reflexões diárias permanentes a respeito dessa questão da educação do município onde eu moro, do estado onde eu moro, do país onde eu vivo.

E isso, evidentemente, orienta minha ação como no cargo que estou ocupando atualmente orienta essa minha ação, essa indignação. Evidentemente, dentro de um contexto, de uma equipe de governo é que nós temos que atuar conjuntamente, sob uma orientação da governadora do estado, que como foi dito aqui pelo deputado Getúlio Rêgo, já deu demonstrações muito claras do seu compromisso com o futuro da educação ao inovar, digamos assim, na escolha da dirigente da Educação, a professora Betânia Ramalho, como aqui relatou o deputado Getúlio Rêgo. Bom, mas respondendo objetivamente a questão que o deputado Fernando Mineiro colocou, o dado que eu tenho é que até abril deste ano, o estado já repassou, em termos financeiros, o equivalente a 26.94% para as despesas de manutenção e desenvolvimento do ensino. Eu queria fazer apenas uma consideração, um registro sobre essa questão dos relatórios obrigatórios da Lei de Responsabilidade Fiscal, o Relatório Resumido de Execução Orçamentária e o Relatório de Gestão Fiscal. O Relatório Resumido de Execução Orçamentária, como o próprio nome tá dizendo, é um relatório de execução orçamentária, não é financeiro. É preciso que se tenha essa compreensão, porque é assim que a lei determina. Aquelas planilhas, aqueles quadros que são preenchidos com dados extraídos diretamente do Sistema de Administração Financeira, o SIAF, muito conhecido por todos que alimentam esses relatórios, fica muito difícil a gente trabalhar com essa suposição que o estado tá manipulando, que o estado não tá considerando tal receita da composição dos recursos da educação. Eu me recuso, como servidor público e como gestor dessa área de planejamento, admitir essa situação. Mas, como eu disse, o Relatório de Execução Orçamentária às vezes você tem, e todos que atuam nessa área sabem disso, que você tem aquela disponibilidade financeira, deputado, aquele recurso na conta, mas a execução da despesa infelizmente, porque você faz a despesa mas você não tem o recurso para honrá-la. Não, o processo de execução da despesa é muito lento do empenho daquela despesa, passando pelas fases subsequentes, liquidação e pagamento. Então você tem o Relatório de Execução Orçamentária, como o próprio nome tá dizendo lá, as despesas liquidadas. Ela já passou pelo processo de empenho, pra chegar à liquidação, mas não foram pagas, então não aparece no financeiro. Aparece até aquela fase de liquidação. Isso é uma coisa clara, eu acho que nós estamos à disposição na Secretaria de Planejamento, porque isso não foi inventado por mim, não foi inventado por Vossa Excelência, é uma realidade. É um dado que se tem que mostra a execução orçamentária do governo. Ao final do exercício, aí sim. Você tem que fechar com o balanço a questão financeira e mostrar se o estado deixou dívidas a serem pagas, escritas em restos a pagar desde que houvesse disponibilidade financeira, desde que haja disponibilidade financeira pra você escrever em restos a pagar. Do contrário, você tem que fazer como nós estamos fazendo agora, anulando o orçamento deste ano, as dotações do orçamento deste ano para escrever despesas de exercícios anteriores para poder pagar, porque essas dívidas, elas não estavam previstas no orçamento de 2011. Não tinha essa proibição. A Assembleia Legislativa, esta casa, ao aprovar, até porque seria uma ilegalidade se tivesse feito diferente. “Nós vamos alocar aqui tantos milhões de reais para pagar uma dívida.” Não existe essa possibilidade, a lei veda esse tipo de procedimento. Então os números são muito claros, só pra repetir o que foi repassado até abril,

26.94%, nós estaremos com a professora Betânia à tarde na reunião com o sindicato, e eu repito que os dados, as informações estão disponíveis na Secretaria de Planejamento para acompanhamento, para discussão, para auditoria, assim entenda o sindicato da educação. Muito obrigado.

**Deputado Hermano Morais:** Concedo a palavra ao deputado Fernando Mineiro, que pretende fazer esclarecimento acerca do que foi dito há pouco pelo secretário de Planejamento...

**Deputado Fernando Mineiro:** Primeiro, a gente pode até discutir, doutor Obery, aqui ou em outra ocasião, sobre o que é prestação de contas e os balancetes. Eu não fiz nenhuma referência aqui a números lá colocados no relatório como liquidados, nenhuma. Eu fiz referência aos números colocados como pagos. Aliás, no Portal da Transparência o pago, estranhamente, é maior do que o liquidado. O senhor é da área e entende isso, mas não quero discutir técnica orçamentária aqui não, tá no Portal da Transparência. Só que o que a gente precisa entender: hoje no Portal da Transparência, doutor Obery, o saldo é 773 milhões. Hoje, agora, meio-dia. Se o senhor pegar a despesa e a receita, tá lá a diferença de 773 milhões. Não quero entrar nessa discussão, queria saber do senhor o seguinte: os 26.94 estão incluídos a questão da UERN? Você tem o desdobramento quanto representa a UERN dentro do geral?

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** No momento aqui eu não tenho disponível, mas posso apresentar...

**Deputado Fernando Mineiro:** Tá, e o senhor também vai apresentar hoje à tarde os dados do gasto com pessoal e essa questão?

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Eu vou até lhe... se o senhor me permitir, eu tenho realmente aqui o que tá previsto no orçamento.

**Deputado Fernando Mineiro:** Previsto a gente conhece o que tá, né. Foi aprovado aqui.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Exatamente, então aqui tá previsto 27.48%.

**Deputado Fernando Mineiro:** É, o previsto a gente conhece porque foi aprovado por nós.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Pois é, mas é um dado.

**Deputado Fernando Mineiro:** O que a gente precisa saber é o realizado. Acho que é importante a gente fazer esse debate tentando desdobrar o que foi realizado com pessoal, com manutenção.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** O senhor está convidado a ir à Secretaria de Planejamento ou à secretaria, eu não sei nem onde é a reunião, pra esclarecer isso aí. Eu reafirmo que esses dados estão abertos. O governo não tem absolutamente nada a esconder.

**Deputado Fernando Mineiro:** Não, e nem deve ter.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Pois é, mas há uma insinuação ao se referir à caixa-preta...

**Deputado Fernando Mineiro:** Não, não.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** A isso, àquilo outro.

**Deputado Fernando Mineiro:** Deixa eu só dizer uma coisa pro senhor.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** Pra fazer o debate com respeito...

**Deputado Fernando Mineiro:** Deixa eu só dizer uma coisa pro senhor. É a primeira vez que eu tô lhe vendo. Se tem uma coisa que me caracteriza, é não fazer insinuação. Eu digo diretamente. Eu vou repetir aqui: o orçamento é uma caixa-preta. E eu quero, com o direito que eu tenho de deputado estadual eleito, como cidadão, ter os dados. Qual o problema? Não tem nenhum problema.

**Secretário Obery Rodrigues Júnior:** O senhor vai ter todos os dados que o senhor necessitar.

**Deputado Fernando Mineiro:** Irei. Não precisa nem se avexar com essas questões. Não quero traduzir essa discussão através de um subterfúgio. A discussão não é essa. Eu sou direto nas questões, por isso que eu não fiz nem considerações sobre a questão educacional. Eu quero os dados, só isso. É um direito que me assiste, e não sei porque tem dificuldade em passar os dados ou então fazer um discurso sobre isso. Então é isso que eu vou fazer, e vou continuar insistindo nessa questão. Acho que é necessário, política pública se constrói com a questão do orçamento. Fiz isso no governo passado, no governo Wilma, que eu era aliado. Sempre cobre e sempre debati o orçamento com o governo do qual eu era aliado, então eu vou fazer isso. Isso é uma coisa que não tem nenhuma possibilidade de não acontecer. Vamos discutir sim os dados com a questão da educação. Quanto se gasta com pessoal, quanto não se gasta. E acho mais, acho inclusive que o estado deveria passar toda a questão das finanças para a Educação. Eu já falei isso pra professora Betânia sobre essa questão, eu acho isso. Acho que é importante a própria Educação ter acesso aos dados da educação.

**Secretária Betânia Ramalho:** Pra isso eu precisaria retomar a Universidade pra ter competência pra conhecer de uma área que não é a minha. A minha área não é de finança, não é econômica. Eu não acompanho, eu procuro aprender e aprendo rápido, entendeu? Mas eu não acho que essa seria uma boa proposta, me desculpe.

**Deputado Fernando Mineiro:** Tudo bem, mas acho que a LDB, a senhora sabe muito bem, professora Betânia, mais do que eu, até porque a senhora é professora nessa área, define que os recursos da educação devam ser definidos pela pasta de Educação.

*(aplausos)*

**Deputado Fernando Mineiro:** Eu até me admiro que a senhora não queira fazer isso. Eu respeito, mas essa é uma grande luta de todos os gestores da Educação. Eu fico admirado que a senhora, como gestora competente que é, não queira fazer.

**Secretária Betânia Ramalho:** Eu tô dizendo que eu acompanho todos os recursos, deputado, entendeu? É da minha obrigação. Inclusive buscar os esclarecimentos, por isso que o doutor Obery se encontra hoje aqui e vai nos acompanhar em todas as negociações. E a questão de tornar claro o orçamento, isso é uma prerrogativa nossa, é o direito de todos, entendeu? E não há nem porque discutir esse assunto. Eu acho que esse ponto tá vencido quando se tá colocando à disposição, e é bom que isso aconteça num momento como esse. Eu acho que isso é um avanço, deixar claro essa maneira transparente e educada da gente negociar e dialogar.

**Deputado Fernando Mineiro:** Pronto, pronto...

**Secretária Betânia Ramalho:** Então pode ficar muito à vontade, realmente eu não me sinto com competência no momento de dominar a área financeira.

**Deputado Fernando Mineiro:** Não, é uma opção.

**Deputado Hermano Morais:** Deputado Mineiro, eu pediria à Vossa Excelência que concluísse fazendo as indagações que julgar necessárias para que nós possamos então ouvir o momento final da secretária de Educação.

**Deputado Fernando Mineiro:** Eu vou esperar receber os dados, né, desdobrados pra gente poder analisar e foi isso que eu perguntei, se o dado era 26.94, se tava incluído o ensino superior e ele afirmou que estava. É isso que eu quero saber, os dados, porque os dados que estão no portal, eles são diferentes dos anunciados aqui. Essa que é a questão. Basta qualquer pessoa analisar o que tá no Portal da Transparência e o que tá sendo anunciado aqui. Tem uma distância muito grande entre o portal e o anunciado aqui, basta entrar agora, [transparencia.rn.gov.br](http://transparencia.rn.gov.br). É só entrar agora pra ver a diferença entre o Portal da Transparência e o daqui.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Morais:** Nós agradecemos ao deputado Fernando Mineiro e agora vamos conceder a palavra à professora Betânia Ramalho, gestora da Educação em nosso estado, que terá agora o tempo suficiente para responder aos questionamentos feitos como também as sugestões apresentadas. A senhora tem a palavra para concluir a sua participação nesta audiência.

**Secretária Betânia Ramalho:** Bom, eu acho que vocês podem imaginar o peso que é de uma professora, de uma educadora, ter sido convencida pelo meu reitor a assumir a pasta da Secretaria com uma única intenção, o sonho de contribuir. E aí eu não tenho mérito em relação a isso, porque olha, o mérito é sonhar e poder contribuir. O mérito é sair de uma zona de conforto, que é a Universidade, dos meus estudos, minhas pesquisas. Eu já achava, Teresa, que a COMPERVE, oito anos com Ivonildo, ali já tinha sido suficiente para ter dado uma contribuição, porque é um trabalho também de muita responsabilidade. Mudamos a face da COMPERVE pra introduzir a pesquisa, o estudo, e o estudo e a pesquisa voltada pra educação básica. Se vocês entrarem no site da COMPERVE, vocês terão todos os dados relacionados desde 2003, todos os resultados dos vestibulares em que é possível compreender o desempenho de alunos da rede pública, rede privada, as habilidades que não foram atendidas por essas redes. E é possível inclusive chegar a cada aluno, o desempenho de cada aluno, porque criamos um Observatório do Estudante Universitário que possibilita, com um banco de dados muito qualificado, compreender as trajetórias desses alunos, quem são esses alunos, essa trajetória devolvida pra dentro da Universidade, porque na política de inclusão social da Universidade, nos interessam apenas buscar que o aluno tenha mais acesso e a questão da inclusão ao conhecimento, inclusão dentro da Universidade. Então existe também um banco de dados muito importante e talvez tenha sido esses estudos e o acompanhamento ao longo desses últimos oito anos vendo a relação educação básica pública com o ensino superior que tem me atraído e eu tenha sido convencida a aceitar um cargo tão pesado, mas tão

importante. Eu acho que saí com a disposição de contribuir. Eu acho que isso me coloca muitos problemas, mas me dá uma satisfação enorme, desde que eu possa realmente contribuir, e aí a governadora sabe, todo o *staff* da governadora sabe quais foram as condições para vir contribuir com a educação do estado. O deputado Hermano me chamou atenção de uma explicação que precisa ser dada em relação às escolas que foram extintas. Na verdade, a imprensa noticiou algo que não deveria necessariamente ter tomado aquela interpretação. As sete escolas que foram fechadas, dessas sete, seis estavam extintas precisando apenas de uma assinatura pra concluir o processo. Escolas e municípios, algumas com uma sala de aula que foram perdendo a sua função com a expansão do sistema municipal de ensino, que constrói mais prédios, que se apropria cada vez da sua finalidade maior, que é com a pasta do ensino fundamental. Então, das sete escolas, seis já estavam sem aluno. Apenas uma, que ficava num prédio alugado da maçonaria, com um aluguel bastante elevado pra um número muito pequeno de alunos que ao longo dos anos vinha repetindo. A notícia não foi bem dada porque precisaria de uma explicação. Eu acho que é uma questão de interpretação, até. Os processos já existiam, inclusive houve, na gestão passada, um procedimento muito sério de acompanhamento, de dar prazo pra essa escola que eu tô me referindo, mas olhando nas redondezas, não se justificaria o investimento tão elevado, inclusive com um aluguel que eu julgo elevado pro atendimento pra quase 160 alunos, mas também o pagamento de eletricidade, de luz, água, etc. Então isso foi uma decisão que eu acho, que eu julguei muito acertada, mas já tinha sido tomada na gestão passada. As demais escolas, que noticiaram 300 escolas, que a professora Auxiliadora – que é da SOINSPE, da Inspeção de Ensino – tem muito gabarito pra explicar, foi essa parte que eu acho que precisaria, deputado Hermano, de uma explicação pra acabar de vez com a polêmica. Certamente, nenhum gestor fecha escola. A escola é um templo sagrado, não se fecha. A gente cria, a gente moderniza, a gente tem que garantir à escola cada vez melhores condições. Não temos dúvida que nenhum gestor, nenhum governo usaria de uma prerrogativa dessa natureza, e isso eu chamo atenção porque muitas vezes a própria imprensa, por uma falta de habilidade em noticiar, gera uma imagem muito negativa, pejorativa, depreciativa dos fatos que acontecem, como muitas vezes noticiaram em várias escolas questões que eu diria assim: olha, pras condições que estamos recebendo a rede de ensino, muito precária em alguns casos. Tem um vazamento na minha casa, nas chuvas, aparece. Tem um corredor com água que isso pode ser solucionado. Se esse fosse o problema maior, eu estaria muito mais confortável pra resolver, porque isso é muito fácil. O problema é a questão do conteúdo e no contexto de uma escola que certamente não é atrativa. Mas, a questão da atratividade de uma escola pela via física, eu acho que é possível se dar passos importantes, desde que nós tenhamos também gestores muito mais qualificados, muito mais atentos e um acompanhamento permanente. A questão da gestão é séria, o problema do Churchill é sério porque houve, em poucos anos atrás, um gasto enorme para deixar a escola em melhores condições. Eu tenho os dados que me passaram na Secretaria e, curiosamente, a escola se depreciou muito rapidamente. Acho que isso precisa de um acompanhamento maior. A Secretaria, ela faz uma gestão que eu digo que é uma verdadeira cidade. Ela

tem que fazer a gestão não só do recurso, mas também desde a estrutura física como uma cidade, o esgoto, as vias de acesso até os diplomas dos alunos, até os certificados, até o acompanhamento da gestão pedagógica. Então é uma verdadeira cidade, sem estrutura para funcionar como tal. Então estamos pegando essa estrutura muito precarizada pelas descontinuidades, pra tentar colocá-lá numa outra rota, em outro nível, diria, que dê agilidade, que dê realmente condições pra que a própria Secretaria responda por algo que muitas vezes não aparece concretamente. É um processo educativo. Então a nossa obrigação, o nosso grande sonho com o novo projeto de educação do estado é direcionar o foco da Secretaria, qualificá-lá pra que ela responda pela qualidade, pelo acompanhamento, pela gestão. Então esse é projeto que não se constrói com pouco tempo. É muito fácil depreciar em pouco tempo, e todos nós sabemos. Depreciar é muito fácil. Depreciar um projeto é facilíssimo, agora construir leva muito mais tempo. Então isso é um fato que eu gostaria de falar, só lembrando que tantas escolas percam a sua função porque não vai mais ter aluno numa escola com uma única sala de aula, muitas vezes até na casa dos professores. Eu tô falando dos municípios. Essas escolas precisam, dentro de um programa de racionalidade de recurso e de um melhor atendimento, serem realmente extintas porque novas estão surgindo. Eu queria sintetizar um pouco a minha fala. Eu acho que com boa vontade, acho que a plateia entendeu o que eu trouxe como análise, como contribuição. Temos que recompor a educação do estado. Não fazemos isso com pouco investimento e sem o foco na escola, na sala de aula, nos alunos, nos professores. Como eu falei, na valorização. E claro, isso não pode ser uma retórica. Eu tenho muita condição de entender o que a professora Amanda falou, porque eu vivi essa experiência como professora, seis anos na rede pública no município de João Pessoa, e que muitas vezes o ganho não dava pra pagar o transporte e meu pai tinha que bancar. Eu não trabalhava apenas por vontade, era por necessidade, como no caso de muitos professores e professoras. Aliás, o magistério tem uma identidade muito forte porque nós entramos no magistério muito jovens. Na minha época, eu pude entrar inclusive como professora leiga, alfabetizando adultos e depois indo pra rede pública de ensino. Então eu conheço e lamento, e é isso que nos dói. O pouco avanço do nível de profissionalização do magistério, da dignificação do trabalho docente. Quando eu cheguei à Universidade, eu já tinha passado por todas as etapas da educação, todos os níveis, mas também vivi um processo na Universidade Federal da Paraíba de grandes problemas financeiros. De greves, de reivindicações. Olhando hoje as conquistas e as condições que foram dadas à universidade pública no âmbito federal, os Institutos Federais, isso também foi parte de um movimento, foi parte de conquistas em que o governo chegou a um momento, traçou um plano de metas, não só um plano de conquistas, mas um plano atrelado a desempenho. Todos nós somos submetidos a desempenho. As progressões deixaram de ser por tempo para serem conquistas em termos de pontuação. E por sorte, no governo Lula, o magistério superior, a categoria teve ganhos efetivos conquistados e pela primeira vez, conversávamos com Ivonildo, em muitos anos, nós tivemos a primeira turma de Medicina que conclui um curso sem uma greve. Então o fato de seis anos de uma categoria que teve uma conquista na luta, no embate, mas num governo que deu realmente condições de

construir a carreira de professor. Essa seria a minha grande obsessão. Quem não estaria que quem não está fortemente, eu diria assim... sintonizado com o problema que é permanente no magistério. Sabemos que não dá pra continuar como está, agora temos que buscar as condições. Sabemos que não dá pra pensar só em qualidade sem significar o trabalho do professor. Acompanhei o processo construído também pela Espanha; nos anos 86 e 87, o magistério tinha problemas dessa natureza, mas houve uma decisão política de construir a carreira junto com os professores, então temos exemplos, sabemos os passos. Estive com o ministro Haddad há uns 15 dias atrás, exatamente discutindo essas questões. Como dar passos, como resolver o problema da educação básica não é no Rio Grande do Norte, é no país, sem dignificar o trabalho dos professores. O problema da dignificação dos professores, o problema da educação básica, ela não dá passos apenas com investimento pra construção de prédios, pra ampliação de prédios. Isso é necessário, mas com essa política de pulverizar os recursos por meio de projetos pra tudo, nós temos – principalmente aqui no estado, que é o que eu acompanho de perto – tido ganhos efetivos. Fizemos um mapeamento, são mais de 100 projetos financiados pelo governo para tudo. Pra correção de série, pra correção de leitura, pra biblioteca, todos necessários. Mas, dentro de um grande projeto de pulverização de recursos. Então, lamentavelmente o recursos existe, mas não existiu ainda a vontade política de dar um marco para traçar uma trajetória com um tempo determinado, porque ninguém muda uma realidade dessa maneira. Mas, não dá pra adiar, o ministro é sensível com essas questões. Ele fala e a gente tem vontade de dizer, muito bom ministro, mas temos que passar agora da constatação e do sentimento pra uma ação, pra algo. Ele acha que não se constrói isso, deputado Mineiro, com pouco tempo, mas eu acho que a gente tem que apostar no que já está sendo vislumbrado. Mais investimento, a luta por 10% do PIB e outros que falam do pré-sal, etc. Eu acho que apostando no governo que continua o passado, apostando no que vem sendo anunciado pela própria presidenta, a década da educação, a década da valorização do magistério, a gente possa ter um futuro não muito distante para recuperar algo que já deveria ter sido ponto de pauta e ponto de decisão política do estado brasileiro, que é a valorização, a dignificação do professor. Eu sei que é muito difícil manter o magistério nessa condição e muito difícil estar convivendo com uma greve a cada ano com o prejuízo que já falamos. Não é o caso de ser insensível aos problemas do magistério, jamais. Quem me conhece, sabe a trajetória, seria uma heresia pensar assim, seria uma irresponsabilidade estar aqui falando pra os colegas, me expondo dessa maneira e subtraindo algo que eu não posso resolver sozinha. Por isso que temos que procurar uma saída, e a saída é pelo dialogo. Eu acho que não fomos suficientemente, eu diria, claros quando pedimos 120 dias com o sindicato pra procurar uma saída. Não é pegar a interpretação que muitas vezes foi dada e empurrar com a barriga pra ter mais tempo, não é isso, porque o problema não se resolve também com quatro meses. O problema é sentar na mesa e ver o que se tem, o que se herdou de dívida, como a gente pode anunciar algo daqui pra frente, porque não há outra saída. O doutor Obery, eu acho que é muito oportuno, muito sintomático ele estar aqui nessa plenária discutindo e se comprometendo em colocar os recursos da Educação e de outras áreas, se for possível, à disposição,

porque nós precisamos construir essa saída coletivamente. Eu defendo o diálogo, eu acredito que é a única maneira, e não tenho tido limites pra conversar com os colegas que estão no sindicato, não tenho tido limites pra inclusive lamentar que essa pauta já deveria ter sido vencida há muito tempo, porque precisamos da categoria organizada pra discutir qualidade, discutir estratégias pedagógicas, discutir a inovação que a educação precisa. Não dá pra também continuar reproduzindo os mesmos esquemas de educação escolar, porque muitos alunos não querem mais aprender dessa maneira. E o que é que faz? Você vai largar esses alunos que não querem se submeter a uma educação desses moldes? Uma escola que é atrativa, recursos pedagógicos do século passado, vamos dizer assim. Temos que ter estratégia, temos que construir. O céu é o limite pra gente buscar alternativas, estratégias para motivar os alunos, para apoiar os professores, os professores que são verdadeiros heróis nessa questão sabem disso. Há um montante de recursos que foi gasto com qualificação nas gestões passadas, que é algo absurdo. Então uma formação que praticamente não mudou a realidade, não formou. Temos que pensar sobre tudo isso, e a melhor maneira é ter realmente uma boa estratégia pra racionalizar os recursos, qualificar a gestão desses recursos e pensar cada vez mais que é possível mudar. Eu acredito na mudança, eu acredito no bom senso de todos nós. Temos que ter uma saída. Lamentavelmente, eu não esperava que o impasse acontecesse nos quatro meses que nós estamos, nessa minha gestão. Esperávamos ter mais tempo, mas negociando permanentemente. Eu sei da pressa, eu sei que muitas vezes a inquietação é compreensível, no entanto não temos como resolver isso num passe de mágica. E só pra encerrar, eu me coloco sempre à disposição pra discutir, pra tornar cada vez mais transparente as intenções, as finalidades. Vamos avançar naquilo que eu trouxe e que eu coloquei, isso quero dar visibilidade e algo que não pode também deixar de ser considerado. Estamos pegando não só as questões financeiras, mas de uma desestruturação técnica-administrativa muito forte. Eu não tenho dados consistentes inclusive pra saber onde cada professor tá e onde cada funcionário da Secretaria, muitas vezes, se encontra. Eu estou sim com um pré-projeto, como eu falei, do Sistema Acadêmico que está sendo adaptado pra Secretaria de Educação, como contrapartida da UFRN. É o melhor sistema, que inclusive tá sendo vendido aí pros ministérios, pras universidades em geral. Acredito que possamos dar passos seguros, planejados e a questão do professorado, realmente que é uma prioridade e é um reconhecimento nosso. Precisamos encontrar a saída. Da minha parte, vocês podem contar comigo, eu gostaria realmente de não me decepcionar e vim pra ajudar. Vamos ver qual é a maneira que eu tenho de contribuir. Eu tô me colocando 12 horas por dia à disposição da educação do Rio Grande do Norte, pra que a gente possa dar esses passos contando com os colegas. Com muito respeito, com muito carinho. E portanto, é isso. Muito obrigada.

*(aplausos)*

**Deputado Hermano Moraes:** Nós queremos agradecer a todos que aqui estiveram até essa hora e que continuam nesse recinto. Ainda não terminamos ainda, queria um pouco de atenção nesse momento final, valorizando esse grande momento nessa casa, que cumprindo também o seu papel no âmbito da Comissão de Educação, como são temáticas de educação que temos a responsabilidade de presidir,

contando com a participação de vários deputados que estiveram. Gostaria de agradecer ao deputado Getúlio Rêgo, deputado Fernando Mineiro, que ainda estão nesse momento; Larissa Rosado, que esteve até pouco tempo; deputado Poti Júnior, Walter Alves, Tomba Farias, entre outros que aqui estiveram também participando dessa atividade. Dizer que o nosso intento, nesse início de atividade, enquanto presidente da Comissão de Educação, comungando também com o pensamento dos deputados Poti Júnior e Walter Alves, que também integram a comissão. Juntamente com o Centro de Estudos e Debates dessa casa, muito bem coordenado pelo jornalista Oliveira Wanderley. Podemos discutir os vários assuntos hoje aqui tratados de uma forma mais tranqüila, em benefício da melhoria da qualidade da educação desse estado. Na realidade, uma tarefa que compete a toda a sociedade, mas que tem hoje uma responsabilidade maior colocada nas mãos da professora Betânia Ramalho. Já tivemos duas audiências, quero aqui dar o meu testemunho; as duas audiências terminaram muito tarde, por volta das 20 horas, e ela lá ainda ficou trabalhando com sua equipe. Então não será por falta de dedicação, de conhecimento de causa e de compromisso com a educação, com essa causa tão nobre que nós haveremos de perder essa oportunidade. Penso que o debate aqui travado hoje em alto nível, diga-se de passagem, com a participação dos que estão na mesa, cada um representando um segmento, mas também dos que estava no plenário e puderam também dar a sua contribuição, demonstram sua maturidade em torno desse assunto, já que essa é uma tarefa, repito, que compete a toda a sociedade. Então eu queria convocar a todos nesse momento de dificuldade, inclusive, que atravessamos, no momento de paralisação das atividades na rede pública estadual de ensino, nas atividades no início de ano letivo, em meio a um impasse que existe, mas que esperamos também contribuir para sua finalização de forma satisfatória. Eu diria que esse trabalho deve continuar. A Comissão de Educação, assim com a participação também de outros deputados, como aqui vimos, que mesmo não participando da Comissão de Educação, têm igual propósito, igual desejo de contribuir no sentido de resgatar a boa qualidade no ensino oferecido pela educação estadual. Gostaria também de dizer que temos a plena convicção e acredito que houve unanimidade em todos os pronunciamentos de que a melhoria do nível da educação no estado passa, necessariamente, pela valorização dos seus quadros, valorização dos recursos humanos, com o reconhecimento pecuniário, do salário mais digno, mas também condições adequadas de trabalho, além da qualificação profissional que deve ser motivo também, tenho certeza, de preocupação da equipe capitaneada pela professora Betânia. Então esta casa, como foi dito pelo presidente, que aqui também esteve, Ricardo Motta, e se pronunciou, essa casa também tem esse compromisso de somar naquilo que estiver ao seu alcance, não só na busca de uma saída para esse impasse hoje existente, mas na busca da realização de um sonho muito maior. E essa tarefa sabemos que exige um tempo maior para a sua concretização, que é exatamente podermos dotar a nossa escola pública estadual de uma condição melhor, e assim oferecermos a uma parcela significativa e importante da sociedade norte-rio-grandense de condições dignas de ensino, de aprendizado, enfim, que a sociedade tanto almeja e tanto tem necessidade para ter a sua participação efetiva nesse processo de desenvolvimento econômico e social.

Eu gostaria então de reiterar o compromisso da Comissão, nos colocando inclusive à disposição para participar dessa audiência de hoje, onde esperamos que tenhamos êxito. Acredito que essa audiência de hoje, ela prepara bem o espírito, o desejo, a vontade de todos para que nós tenhamos aí já uma saída e o reestabelecimento das aulas. Pra isso, é claro, nós esperamos que o governo, dentro das suas limitações, das dificuldades aqui expostas, possa também apresentar alguma proposta, se não de atender imediatamente aos anseios da categoria, mas pelo menos de estabelecer condições, dados, propostas, datas para que nós possamos aí encontrar uma saída satisfatória que possa realmente, já no primeiro passo, nesse pacto que deve haver pela educação pública desse estado, possa ser dada. Então é esse o nosso desejo e esperamos que dentro dessa ideia desse projeto, desse sonho de construção, inclusive de transformação das escolas, como foi aqui bem explicado, escolas que estavam deficitárias e aí tem uma que foi inclusive colocada, e foi motivo de estudo nosso também. Uma escola que já teve como vice-diretor, inclusive, o ex-deputado Osvaldo Garcia, que passa por dificuldades, tendo um dos maiores índices de evasão, mas é uma escola tradicional, a Escola Estadual Winston Churchill, no curso noturno. Que nós possamos também, nessa ideia de reconstrução e melhor aproveitamento, quem sabe transformar aquela ociosidade em um momento novo de qualificação profissional, pra que tenhamos uma escola muito bem situada, vizinho ao SENAC, que é uma instituição de excelência em qualificação profissional, aí, quem sabe, construindo também um novo momento em termos de qualificação profissional para a nossa juventude, que está ávida, ansiosa, desejosa realmente de um novo momento para a educação desse estado. Assim, encerro esta audiência pública, agradecendo a presença de todos e reafirmando o propósito em somarmos em favor da educação pública desse estado. Muito obrigado.

*(aplausos)*

## **Apêndice B – Transcrição de entrevista ao vivo no RN TV 1ª Edição**

**Data: 19 de maio de 2011.**

**Entrevista ao vivo:**

**Lidia Pace:** Olá, boa tarde. Aqui no estúdio, uma entrevista com a professora Amanda Gurgel, que fez uma declaração sobre o ensino público no estado e chamou a atenção de todo mundo.

**Lidia Pace:** E daqui a pouco Amanda Gurgel, professora que fez uma declaração sobre o ensino público no estado, participa de uma entrevista aqui no estúdio.

**Lidia Pace:** E depois do intervalo, professora do estado e município, Amanda Gurgel, que fez uma declaração sobre o ensino público, será entrevistada aqui no RN TV.

**Lidia Pace:** Ela ganhou destaque na mídia nacional depois de participar de uma audiência pública na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Norte, na semana passada. Em plenário, fez um relato da vida de um professor no Rio Grande do Norte. Expôs a realidade que passa dentro e fora de sala de aula de forma simples, sincera, do ponto de vista de quem vive, de quem persiste viver da educação. Amanda Gurgel é professora de Português. Obrigada por aceitar nosso convite e estar aqui hoje no RN TV.

**Amanda Gurgel:** Obrigada vocês.

**Lidia Pace:** Mas antes da gente começar a entrevista, eu gostaria de chamar você pra rever aí um pouquinho, um trechinho da sua fala lá na Assembleia Legislativa. Vamos ver? Vamos lá.

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Como as pessoas apresentam muitos números, e como sempre colocam “os números são irrefutáveis”, eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala, que é um número composto por 3 algarismos, apenas; bem diferente dos outros números que são apresentados aqui, com tantos algarismos; que é o número do meu salário.

*(aplausos)*

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Que é um 9, um 3 e um 0, meu salário-base.

**Lidia Pace:** Amanda, você não teve vergonha nenhuma em expor o seu contracheque, quanto você ganha e disse isso com todas as palavras. Agora, você imaginaria que quando você foi até a bancada falar pra aqueles deputados, falar também pras pessoas que estavam ouvindo em todo o Rio Grande do Norte, a repercussão seria tão grande? Boa tarde.

**Amanda Gurgel:** Boa tarde. Jamais imaginei, mesmo porque, como eu tenho falado sempre, isso é a minha rotina. Rotina não só minha, mas de toda a nossa categoria. Então, jamais imaginei que pudesse causar tanta repercussão uma coisa que é tão óbvia. Acredito que o que tenha sido relevante tenha sido o fato de ser... dessas considerações terem sido feitas naquele espaço, que era o espaço da Assembleia Legislativa, diante daquelas pessoas.

**Lidia Pace:** Até porque muito já se falou sobre a qualidade do ensino, sobre as dificuldades que vocês têm, né, de infraestrutura básica dentro de sala de aula, fora também. Mas, você falou muito na questão mesmo pessoal do que um professor passa, né, também; até chegar na escola, dentro de sala de aula, na volta... quer dizer, a procura por um outro emprego porque só com um não dá pra viver hoje. Você já tinha isso pontuado, digamos assim, esses itens que você iria falar, ou foi mesmo de forma espontânea, você foi falando e foi aparecendo, digamos assim, os problemas?

**Amanda Gurgel:** De forma espontânea, porque assim... isso é o que nós comentamos diariamente nas escolas. Na hora do intervalo, é só do que a gente fala; do cansaço, da rotina, do diário que tem que preencher, da aula que tem que preparar, da prova que tem que corrigir, do trabalho que tem que propor, do ônibus que tem que pegar. Então, não tinha o que preparar. Era apenas falar sobre a rotina, sobre a realidade nossa.

**Lidia Pace:** Você acha que pode mudar algo pra melhor, digamos assim, depois desse teu relato?

**Amanda Gurgel:** Eu não acreditava, mas diante de tanta repercussão, eu acredito que sim, desde que as pessoas compreendam que não basta uma mobilização apenas no espaço virtual, não é? Se todas essas pessoas que estão se identificando com o que eu falo naquele vídeo, que falei naquela Assembleia e que se identificam com essa angústia que eu disse ali, então essas pessoas precisam transformar esse sentimento em uma ação, e que seja uma ação coletiva, e não individual. Uma ação de toda a categoria, organizada em prol da conquista de seus direitos.

**Lidia Pace:** A repercussão na internet foi enorme, né, hoje é só o que se fala no Twitter, em outras redes sociais. Você inclusive não tem, você não participa, mas já tem teu nome lá, você já tá sabendo, né? No Twitter, no Facebook, já tem perfis com teu nome.

**Amanda Gurgel:** Sim, fiquei sabendo, fiquei preocupada, inclusive. Eu não participo dessas redes, ironicamente, até, por falta de tempo. E por não ter muito esse perfil de quem está sempre mexendo com a internet, eu não faço parte desse mundo, é engraçado.

**Lidia Pace:** Você sabe que com certeza você mexer com muita gente, né? E tem muita gente te admirando nesse momento, né. Por isso até você tá aqui hoje, pra falar um pouco mais pra essas pessoas. Queria que você finalizasse, sei lá. O que você quiser dizer, o que você quiser falar não só pra aqueles alunos que fazem parte do teu hall, mas como todos os outros que participam da rede municipal, da rede estadual e que também têm essas dificuldades junto com os professores.

**Amanda Gurgel:** Ah, eu gostaria de dizer que nada disso do que eu expus ali, da forma como eu expus, seria possível se não tivesse 90% da minha categoria, da qual eu me orgulho muito, em greve nesse momento. Então, eu gostaria de dizer que é desse jeito que devemos permanecer, até que a governadora Rosalba tenha a dignidade de nos apresentar uma proposta que atenda às nossas reivindicações. Nós temos atos organizados, a categoria deve se informar pra estar presente em todos eles.

**Lidia Pace:** A gente continua acompanhando aí, né, essa greve estadual. Brigada pela participação, Amanda. Muito obrigada mesmo.

**Amanda Gurgel:** Obrigada, boa tarde.

**Lidia Pace:** Pois é, o RN TV termina aqui. Uma ótima tarde pra você.

## Apêndice C – Transcrição de trecho do Programa Domingão do Faustão

**Data: 22 de maio de 2011.**

**Entrevista ao vivo:**

**Faustão:** Diretamente dos estúdios da Globo de São Paulo pra essa super galera, começa o Domingão. O Domingão destaca: essa professora estremeceu o Brasil essa semana. Olha o que ela fala sobre a qualidade do ensino no Brasil

**Amanda Gurgel (no vídeo):** [...] em nenhum governo, em nenhum momento que nós tivemos no nosso estado, na nossa cidade, no nosso país, a educação foi uma prioridade.

**Faustão:** Agora, o VT que eu pedi pro Mateus. A análise, como a gente combinou, de 45 segundos, tem o VT. Solta aí.

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Eu gostaria de pedir aos senhores, inclusive, que se libertem dessa concepção. É errônea, extremamente equivocada. Eu digo com propriedade, porque sou eu que estou lá. Inclusive além, propriedade até maior do que grandes estudiosos. Parem de associar a qualidade da educação com professor dentro de sala de aula. Parem de associar isso daí. Porque não tem como você ter qualidade em educação com professores 3 horários em sala de aula, certo? Porque é assim que os professores multiplicam os R\$ 930. R\$ 930 de manhã, R\$ 930 à tarde e R\$ 930 à noite.

*(aplausos)*

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Pra poder sobreviver. Não é pra andar com bolsa de marca nem pra usar perfume francês.

*(aplausos)*

**Faustão:** Na verdade, era uma reunião com a secretária de educação do Rio Grande do Norte, deputados, e essa professora, que é solteira, órfã aos 4 anos de idade, criada pelos tios da Bahia, mas que nasceu, mora e nasceu em Natal, no Rio Grande do Norte; resolveu pedir a palavra, e aí incendiou a galera. Mas, com consistência, com conteúdo. Por isso, você vai conhecer agora... você sabe o quanto é importante a questão da educação. E educação não é só aquele negócio de você não arrotar na mesa, não comer com os cotovelos em cima da mesa. Educação é você se instruir pra você saber quais são os seus direitos, quais são suas obrigações, pra você ter consciência e lutar pra melhorar esse país. E isso é fundamental, é essencial. E é um problema, não é do governo da Dona Dilma, que tá começando agora, nem do outro, nem do Fernando Henrique. É um problema desde que Cabral chegou aqui, o problema é sempre o mesmo. Então um tem que começar. Pelo menos ela tá fazendo a parte dela. Ela é Amanda Gurgel que vem aí.

*(aplausos)*

**Faustão:** Não só a coragem pra enfrentar todas as autoridades, porque na verdade ela tá aqui porque a consistência do discurso dela não foi só contra a má qualidade, o desrespeito que o professor sofre, mas

com respeito à má qualidade do ensino brasileiro. Pra vocês terem uma ideia, o Brasil teve uma queda de analfabetismo nos últimos 10 anos, pelo Censo do IBGE. Só que a repetência no ensino, o índice de caras que repetem, da galera, é a mais elevada da América Latina. Imagina com relação ao resto do mundo. Outra coisa: 13,8% dos brasileiros largam os estudos no 1º ano do ensino básico, gente. Nessa área, o Brasil tá só à frente da Nicarágua. Tô falando aqui só entre nós, América do Sul, América Latina, Central, até o México. Imagine em relação ao resto do mundo. O Brasil está em 53º lugar, entre 65 países analisados pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos. Então o problema dela, que ela levantou lá, dentro do mundo do Rio Grande do Norte, que é a 3ª, está entre as 3 piores médias de salário de professor, é no Rio Grande do Norte, na rede pública brasileira. Na verdade, o que a Amanda tá fazendo é falando de um assunto que envolve todo mundo. Seja você professor, seja você aluno, seja você pai e mãe. Principalmente se você é um cara responsável, que paga imposto e luta por uma sociedade mais justa, mais decente. Quando é que deu na tua cabeça a ideia de levantar? Você foi preparada pra enfrentar as feras todas e falar o que você tava pensando, Amanda, ou não? na hora, deu uns 5 minutos e falou: “hoje é o dia”?

**Amanda:** Na verdade, essa é uma atividade que faz parte da minha rotina. Desde que eu entrei para o serviço público como professora, eu luto em defesa dos nossos direitos. Então eu sempre participei de assembleia, sempre participei de atos públicos e sempre emprestei a minha fala aos meus colegas, e essa foi só mais uma ocasião em que eu fiz isso. A diferença é que era diante dos deputados, diante da secretária, da promotora de educação...

**Faustão:** Você jamais escondeu, aliás pro seu orgulho, pro orgulho de todos os professores, que você é sindicalizada, você paga sindicato, você já tentou ser presidente do sindicato. Quer dizer, você põe a cara pra bater. Você mostra a que veio sempre, e sempre foi assim na tua vida?

**Amanda Gurgel:** Sempre. Na verdade, eu acredito que faz parte do processo educacional ensinar as pessoas a lutarem pelos seus direitos. Sendo assim, eu não seria a primeira a fazer o diferente. Se eu ensino meus alunos a lutarem pelos direitos deles, eu tenho que ser a primeira, tenho que servir de exemplo pra isso. Então sou sindicalizada sim, já disputei por duas vezes – não para o cargo de presidente ou coordenadora-geral do sindicato – mas disputei por duas vezes em uma chapa a direção do sindicato, mas ainda não tive essa oportunidade.

**Faustão:** Olha, por exemplo, e vê se você concorda ou não com o que fala a professora Amanda Gurgel sobre a questão professor e merenda.

**Amanda Gurgel (no vídeo):** [...] pedir à Promotoria que esteja com a fiscalização efetiva ao Ministério Público, que não seja pra dizer “professor não pode comer desse cuscuz não”, porque é um cuscuz alegado, que a gente come, o cuscuz da merenda.

*(aplausos)*

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Porque a Promotoria tá ali pra dizer que a merenda é do aluno, não é do professor. Certo? É assim que funciona. Diga-se de passagem, nós não temos recursos pra estar nos alimentando diariamente fora de casa. Não temos pra isso.

*(aplausos)*

**Faustão:** Quer dizer, com o salário que ganha um professor, ele não tem direito nem de pegar a merenda que vai pro aluno, é isso?

**Amanda Gurgel:** Justamente. O fato dos professores se utilizarem também da merenda do aluno, se alimentarem com aquela merenda, é considerado pela Justiça como um desvio da merenda. Existe uma fiscalização em relação a isso. A promotora, ela se dispõe até a visitar as escolas pra saber se realmente a merenda, ela está sendo entregue apenas aos alunos.

**Faustão:** E o professor recebe vale-refeição?

**Amanda Gurgel:** Não, não recebe, até porque cada vínculo que nós temos são vínculos que não chegam a ser de 8 horas diárias de trabalho. Então nenhuma instituição que nos emprega tem obrigação legal de fazer isso, mas a verdade é que nós somos obrigados a trabalhar o dia inteiro e às vezes até à noite, como eu falei naquele dia, sem que nenhum desses órgãos se responsabilize por essa parte, que é a alimentação.

**Faustão:** Na verdade, eu repito, é um assunto “local”, ou estadual do Rio Grande do Norte, que pela sua importância, mostra algumas divergências ou algumas discrepâncias, mas mostra a realidade brasileira. Olha o que Amanda Gurgel falou naquele dia, naquela reunião em Natal, sobre a questão salário:

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Eu gostaria também de apresentar um número pra iniciar a minha fala, que é um número composto por 3 algarismos, apenas; bem diferente dos outros números que são apresentados aqui, com tantos algarismos; que é o número do meu salário. Um 9, um 3 e um 0, meu salário-base. E aí eu gostaria de fazer uma pergunta a todos e todas que estão aqui, em nível superior com especialização. Se vocês conseguiram, mas respondam só se não ficarem constrangidos, obviamente. Se vocês conseguiram sobreviver ou manter o padrão de vida que vocês mantêm com este salário.

*(aplausos)*

**Faustão:** Pra você que ligou a televisão agora, essa é a professora Amanda Gurgel de Natal, Rio Grande do Norte, que a semana passada enfrentou não só a secretária de educação local, como também alguns deputados que estavam falando sobre a questão do ensino e acabou fazendo um desabafo que vale pra todo o país, pra conscientizar todo mundo da importância do professor. É só você que já estudou lembrar: que professor influenciou na sua vida? Seja aquele professor chato que pegava no teu pé nas aulas de Matemática, seja a professora romântica dos tempos de Filosofia, seja a professora de História, enfim. Todo mundo, quando olha no retrovisor da vida, vai descobrir um professor que foi fundamental na sua formação. E espero que você tenha essa consciência em relação ao teu sobrinho, ao teu filho, ao teu neto. Por isso que a gente tá aqui com a professora Amanda Gurgel, pra colocar em discussão esse assunto. Por exemplo, quando ela fala, se você não sabe, no Brasil são 2 milhões e meio professores. 53

alunos matriculados. E a qualidade? Será que a qualidade de ensino no Brasil tá progredindo na mesma proporção do número de alunos? Tudo isso a sociedade brasileira tem que discutir, tem que exigir. Afinal, estamos ou não numa democracia? Não é questão partidária desse ou daquele partido, ou desse ou aquele governo. Isso vem desde que o tal de Cabral pintou aqui, é sempre a mesma história. Olha o que ela falou nessa questão de virar “a redentora do país”, salvadora da pátria.

**Amanda Gurgel (no vídeo):** Estou me colocando dentro de uma sala de aula com um giz e um quadro pra salvar o Brasil, é isso? Salas de aula superlotadas, com os alunos entrando a cada momento com carteira na cabeça, porque não tem carteiras nas salas. Sou eu a redentora do país? Não posso, não tenho condições. Muito menos com o salário que eu recebo.

*(aplausos)*

**Faustão:** Amanda, você tem informação: no resto do Brasil a situação é a mesma? É pior ou você admite que tem estados numa situação bem melhor?

**Amanda Gurgel:** Essa questão ficou comprovada depois da veiculação nesse vídeo no Youtube, num site de compartilhamento de vídeos, pelos comentários que foram postos ali, ficou comprovado que essa realidade é idêntica em todo o Brasil. De Norte a Sul do Brasil, não há um estado sequer em que os professores não compartilhem deste mesmo sentimento. E isso, Fausto, porque foi colocado aqui, é importante então ressaltar, o nosso salário, o salário que nós recebemos. É tão discrepante em relação ao salário dos deputados que o salário de um deputado só é suficiente pra pagar a 30 professores. Então veja bem: como é que a gente pode dizer que um professor seja responsável pela salvação do país, como eu coloquei, e é o peso que colocam sobre as nossas costas, não é? Que é de ser responsável completamente pela educação daqueles alunos, sem que seja oferecida qualquer estrutura pra isso, e sem que seja oferecido um salário digno.

*(aplausos)*

**Faustão:** É a professora Amanda Gurgel ao vivo aqui no Domingão, às 6 e 10. Amanda, outra coisa que é importante você colocar pra galera: como o salário é um salário aviltante, é um desrespeito ao professor, ele é obrigado a trabalhar de manhã, à tarde e à noite. E na verdade, pra quem não sabe, ou vão ter que saber, o professor tem que ter o tempo pra ele estudar, pra preparar a aula, pra ter o mínimo de descanso, senão ele vai trabalhar como tem trabalhado, como você falou, 3 períodos: de manhã, à tarde e à noite. Aí o que é que acontece? O professor cansado, ele vai dar uma aula bem inferior a que ele daria se estivesse descansado, mais ainda: é um professor que nunca vai tá bem informado.

**Amanda Gurgel:** Exatamente. A dificuldade, em termos de estrutura, ela começa por aí. Professor não tem condição, hoje em dia, mais de ler, não é? Não tem condição de preparar suas aulas dignamente, levando em consideração inclusive a multiplicidade de alunos que existe ali. Porque nem todo aluno se interessa pelo mesmo tipo de conteúdo, e isso é normal. As pessoas são diferentes, se interessam por coisas diferentes. O ideal seria que o professor planejasse, a cada dia, uma aula que contemplasse a todas essas diferenças, mas isso não é possível justamente por essa jornada extenuante de trabalho, a jornada

muitas vezes tripla, em três horários, como foi dito. E infelizmente, não há como ter qualidade em educação dessa forma. É uma confusão que os secretários fazem. Inclusive, quando nós estamos em greve, eles acham que, eles tentam convencer as pessoas de que somos nós os responsáveis. E na verdade, no momento em que estamos em greve, apenas um único momento durante todo o ano em que nós passamos ali dentro desse sistema, e que esses problemas vem à tona. Mas os problemas, eles estão ali todos os dias. Só que eles são abafados porque não têm espaço para divulgação em nenhum lugar. Entende? Aí quando nós estamos em greve, isso ganha uma repercussão na mídia, pelo menos nas mídias locais, e aí as pessoas passam a acreditar que a culpa é nossa. Mas na verdade a culpa é desse sistema que está estabelecido, como você bem disse, desde o Império.

*(aplausos)*

**Faustão:** Professora Amanda Gurgel falando com a gente aqui no Domingão e falando da questão da educação num programa popular, num programa de entretenimento, mas também de prestação de serviço público. Nós esquecemos de falar também, não bastasse tudo isso, a falta de segurança, a insegurança física do professor e dos alunos nas salas de aula, né. Tem isso também. Não sei se em cidade pequena, mas em cidade grande, com certeza.

**Amanda Gurgel:** Isso existe em todos os lugares, também. É mais um reflexo desse problema, porque veja bem. Recentemente nós acompanhamos aí um caso trágico, que foi esse caso que aconteceu em Realengo, não é? Daquele rapaz que era uma pessoa que mais frente ficou comprovado que ele tinha problemas psíquicos. E aí, Fausto, me diga uma coisa: você acha que um professor que tem 3 horários em sala de aula, que muitas vezes chega a ter 600 alunos. Ele vai ter condição de observar em um aluno que seja mais quieto, mais calado, mais comportado, que não interaja com os demais, que existe nele um comportamento preocupante? Que talvez ele seja um aluno que precise de um acompanhamento médico, de um acompanhamento psiquiátrico, psicológico? O professor não tem condição de observar isso. O professor, ele na verdade entra em crise e vai percebendo a cada dia, e quando ele se depara com aqueles vários diários que ele tem, aquele tanto de alunos que ele tem, e ele não associa mais aqueles nomes aos rostos dos alunos. Porque os professores perderam a condição de simplesmente aprender o nome dos alunos porque não dá mais.

*(aplausos)*

**Faustão:** Não dá nem pra decorar nome de aluno.

**Amanda Gurgel:** Não dá, não dá. Então você percebe que existe até uma perda de identidade dentro desse espaço da sala de aula, que era um espaço que deveria ser um espaço aconchegante, até, eu diria, como antigamente era. Ainda no meu tempo, que não é um tempo tão distante assim, no meu tempo de estudante, ainda havia essa possibilidade de haver uma aproximação entre o professor e o aluno. Hoje em dia não há mais.

**Faustão:** Ela tem razão, ela tá falando aqui de um tempo que eu graças a Deus peguei esse tempo em que escola pública era o chique, era legal, era uma escola super preparada. E eu lembro dos meus tempos

do Grupo Escolar SudMenucci em Porto Ferreira, Cesário Coimbra em Araras, o Culto à Ciência, um colégio que tem mais de 100 anos. Todos colégios públicos e que pelo menos naquela época eram referência de qualidade, de respeito ao professor, orgulho para os alunos. Carla Prata, você não ia ser professora?

**Carla Prata:** Pois é, Faustão. Eu cheguei a cursar quatro períodos de Matemática, mas desisti.

**Faustão:** Por que você desistiu?

**Carla Prata:** Lá faltava água, não tinha como a gente fazer xixi. Faltava luz, então a gente ficava num calor absurdo, tendo que ter aula naquele calor. Faltava água pra beber, a gente não tinha como beber água no colégio. Inclusive faltavam professores pra algumas matérias. Então isso me fez desistir de dar aula.

**Faustão:** Imagina se na formação o professor já pega isso, o que ele pode esperar do futuro, né Amanda?

**Amanda Gurgel:** Pois é. Isso é frustrante e mais frustrante ainda é saber que os secretários e os governos diante de toda essa realidade, eles acreditam que a escola funciona como um depósito de crianças. Porque a preocupação maior deles, no momento em que nós estamos como hoje no Rio Grande do Norte, no Ceará, em Santa Catarina, em Duque de Caxias, todos esses estados e cidades que eu tô colocando aqui, que são estados em que estamos em greve. A maior preocupação deles é o fato de os alunos estarem em casa e as mães ou os pais estarem encontrando dificuldade pra sair pra trabalhar.

**Faustão:** Aí fica aquele negócio: joga os pais contra os professores e culpam os professores por essa situação.

**Amanda Gurgel:** Justamente. A preocupação não é com a qualidade, como está sendo dito aqui a todo momento, mas sim com o fato de o aluno não ter onde ficar por não estar na escola.

**Faustão:** Esse é o país que quer fazer Copa do Mundo; não tem nem rodoviária, quanto mais aeroporto. E muito menos escola.

*(aplausos)*

**Faustão:** Carol Nakamura, quem tá com você aí?

**Carol:** Comigo está Leila, que é professora de Português e Artes aqui em São Paulo.

**Faustão:** A Leila é professora de Português e Artes, vai fazer a pergunta e vai fazer o desabafo. Fala o que você quiser.

**Leila:** Em primeiro lugar, parabéns, viu Amanda? Pela força, tá? E eu gostaria de saber como é que você tá se sentindo depois dessa repercussão do seu vídeo da internet, e poder estar hoje aqui com o Faustão?

**Amanda Gurgel:** Olha, eu estou me sentindo com a responsabilidade e com o dever de nesse momento emprestar a minha voz a todos os professores do Brasil. Não estou vaidosa, não acho que isso seja um momento que sirva para a promoção da minha imagem; isso nunca foi a minha intenção. Jamais imaginei que isso pudesse acontecer, mas estou disposta como estou aqui hoje, não para isso, não para me promover, mas porque me sinto sim na obrigação de, já que foi aberto esse espaço, aberto espaço em

diversos locais, inclusive, para denunciar esses problemas e falar em nome dos meus colegas professores do Brasil inteiro.

*(aplausos)*

**Faustão:** Quer dizer, você botou a cara e tá pronta pra encarar a responsabilidade. Lembrando: essa moça aqui que é forte, com esse tamanho todo, ela ficou órfã aos 4 anos de idade e foi criada por tios. Não faltou a ela o apoio da família, né; da Dona Teresinha, avó dela, da Andressa, Andréia e as irmãs. Ela foi fazer faculdade, foi à luta, o que ela quer apenas é ter condição pra trabalhar e exercer a profissão que ela escolheu, mas com o mínimo de dignidade. Carla, quem tá com você?

**Carol:** É a Cláudia, de Curitiba.

**Faustão:** Cláudia, o que você quer fazer? Que pergunta?

**Cláudia:** Oi Amanda, parabéns pelo seu trabalho. Eu gostaria de saber qual a situação mais precária que você já enfrentou numa sala de aula.

**Amanda Gurgel:** Olha, situação precária assim... não dá nem pra dizer a mais precária. No início do ano letivo, por exemplo, na escola da rede estadual na qual eu trabalho, nós iniciamos o ano sem ter metade do quadro dos professores formado ali, certo? Faltava metade dos professores e como a colega falou ali, não é, faltam professores pras matérias, faltam carteiras, muitas vezes faltam lâmpadas nas escolas, falta merenda, falta tudo. Então assim, esse caos é um caos generalizado e que não é só no Rio Grande do Norte, não é só em Natal. É no Brasil inteiro, pelo descaso dos governos.

*(aplausos)*

**Faustão:** Atenção, porque agora vou colocar pra galera dar opinião. Você concorda com o que tá falando a professora Amanda Gurgel? Essa pesquisa nós vamos mandar pra presidente Dilma, que é muito preocupada com a educação. Vamos ver se ela vai ter condição, vontade política, se não sofrer nenhum tipo de boicote, e vai conseguir realizar o que tem que ser feito nesse Brasil. Amanda, parabéns. Você escolheu a profissão que você tinha que escolher mesmo. Seja qual foi a dificuldade, você vai encarar essa dificuldade. E por isso tinha que ser uma mulher no Nordeste forte como ela pra encarar essa situação.

*(aplausos)*

**Faustão:** Conte com a gente sempre e essa luta não pode parar agora não, tá?

**Amanda Gurgel:** Eu gostaria só de dizer uma coisa. Só mais uma coisa. Nós vamos realizar a partir de hoje já, um grande movimento pela internet. Mandem suas mensagens com o *hashtag* #dezporcentodoPIBja, por extenso e tudo junto, para que nós alcancemos esse movimento pela internet e gostaria de solicitar ao auditório uma salva de palma para os estados que estão em greve nesse momento.

**Faustão:** É aí a movimentação da sociedade brasileira de forma ordeira, democrática, prum assunto vital, essencial. O país só vai ser um país digno se cuidar da educação. Se não, não tem jeito. Brigado, Amanda. Até já. Grande Amanda Gurgel.



## **Apêndice D – Transcrição da entrevista de Vanderlei Felipe Nogueira**

**Entrevistado: Vanderlei Felipe Nogueira**

**Profissão: Policial Militar**

**Data: 18 de setembro de 2014.**

**Entrevistador:** Entrevista com Vanderlei Felipe Nogueira. Vanderlei, como você descobriu a existência do vídeo no site do deputado Fernando Mineiro?

**Vanderlei:** Bem, quem passou pra mim foi minha esposa, que ela é professora e achou interessante, o vídeo; e eu resolvi publicar no Youtube.

**Entrevistador:** Por que você decidiu postar na sua conta pessoal no Youtube, esse vídeo?

**Vanderlei:** Porque as palavras dela foram muito realistas, da situação atual da educação no Brasil, e não só a situação da educação em si, mas sim de todo o sistema da rede pública. Ensino, saúde e segurança. Não é muito diferente da situação da educação. As palavras dela foram muito realistas nesse sentido.

**Entrevistador:** Você estava acompanhando de que maneira a greve dos professores da rede estadual de ensino naquele período?

**Vanderlei:** Presente, porque minha esposa é uma professora. Nessa época, ela estava também mobilizada.

**Entrevistador:** Você já conhecia ou já tinha ouvido falar da professora Amanda Gurgel?

**Vanderlei:** Não, nenhum contato com ela. Até hoje eu não sei, não conheço pessoalmente.

**Entrevistador:** Ao postar o vídeo no Youtube, você compartilhou e enviou o link pro e-mail de outras pessoas?

**Vanderlei:** Várias pessoas, inclusive na área de educação, saúde, segurança, amigos, familiares... em Twitter, Facebook.

**Entrevistador:** Quando ou em que situação você percebeu o crescimento nas visualizações no vídeo na sua página?

**Vanderlei:** Foi muito rápido. Ele começou a ter reconhecimento muito rápido. De inicial, foi mais de 2000 visitas na minha página, em coisa de 15 dias. Daí foi só aumentando. Hoje tá em média de 2 milhões e quatrocentos e alguma coisa... 2 milhões e 500 mil visitas.

**Entrevistador:** Quando você percebeu que aquele vídeo tinha tomado uma proporção muito grande?

**Vanderlei:** A partir do momento que começou a aparecer no Yahoo e os canais de televisão começaram a entrevistar a professora Amanda, né. Eu não tive nenhuma intenção dessa dimensão desse vídeo. Coloquei pra compartilhar entre os amigos mesmo, só que tomou um rumo muito grande.

**Entrevistador:** Você foi procurado por algum meio de comunicação para falar sobre essa postagem na sua conta do Youtube?

**Vanderlei:** Bem, uma repórter de São Paulo me procurou, mas na realidade ela queria saber se eu conhecia Amanda Gurgel. Eu disse que não conhecia e ficou por isso mesmo.

**Entrevistador:** Ela se identificou, você lembra o canal, o veículo...?

**Vanderlei:** Não, ela não falou. Só falou que era uma jornalista de São Paulo, perguntando se eu tinha algum contato com Amanda Gurgel. Eu disse que não, não conhecia. E daí, encerrou.

**Entrevistador:** Vanderley, qual seu entendimento sobre o seu papel nesse processo que a gente pode chamar de circuito comunicacional?

**Vanderlei:** Eu acho que as palavras dela serviram até como desabafo, né. Não só pra mim, como toda a sociedade brasileira, que mostrou a realidade que o país vive hoje, uma educação precária, sem nenhuma expectativa...

**Entrevistador:** Por exemplo, vou voltar à pergunta no sentido assim... o seu papel como cidadão, como esposo de uma professora, de ter tomado a iniciativa de ter colocado o vídeo na sua conta pessoal do Youtube, que de repente esse vídeo tomou uma dimensão muito grande. Analisando todo esse processo, qual foi seu papel?

**Vanderlei:** De divulgação? Seria esse?

**Entrevistador:** Eu tô perguntando a você.

**Vanderlei:** É como eu tô dizendo. Não tive nenhuma intenção, assim, desse vídeo tomar essa proporção que tomou, né. Meu papel foi só de repassar uma informação que minha esposa passou pra mim e tive o prazer de divulgar na mídia.

**Entrevistador:** Você utiliza que meios de comunicação para buscar informações?

**Vanderlei:** Todos, né. Principalmente a internet.

**Entrevistador:** Se arrependeu, de alguma maneira, de divulgar o vídeo?

**Vanderlei:** Não. Até agora, não.

**Entrevistador:** Você votou em Amanda Gurgel?

**Vanderlei:** Não.

**Entrevistador:** Por que?

**Vanderlei:** Vai entrar em detalhes, assim, nisso?

**Entrevistador:** Não, só pra...

**Vanderlei:** Eu não sou de acordo com a ideologia partidária dela.

**Entrevistador:** Só por isso.

**Vanderlei:** Não pela pessoa dela, mas pela ideologia do partido.

**Entrevistador:** Até porque você não conhece, né.

**Fonte:** Exatamente. Não pela pessoa.

**Entrevistador:** Qual o sentimento que você teve ao assistir esse vídeo pela primeira vez, quando sua esposa lhe mostrou?

**Vanderlei:** Sentimento?

**Entrevistador:** Quando ela chegou em casa e disse “olhe aqui no site do deputado Fernando Mineiro esse vídeo”. Quando você assistiu, o que você sentiu? Como cidadão, como ser humano.

**Vanderlei:** Eu vi que foi uma tapa no rosto dos políticos ali, né. Porque ela descascou tudo que tava por trás, de baixo do tapete. Colocou pra todo mundo saber o que realmente acontece na educação.

**Entrevistador:** Você ainda hoje, quando entra na sua página do Youtube, você confere o número de visualizações?

**Vanderlei:** Eu dei uma olhada ontem, depois de você ter me procurado, já tava com 2 milhões e 500 mil visitas.

**Entrevistador:** Você percebe que as pessoas ainda olham?

**Vanderlei:** Olham sim. Semana passada teve vários comentários. Sempre tá tendo.

**Entrevistador:** As pessoas ainda comentam.

**Vanderlei:** Comentam sim. Tem pessoa que assistiu mais de 20 vezes o vídeo, e não cansa de assistir.

## **Apêndice E – Transcrição da entrevista de Amanda Gurgel de Freitas**

**Profissão:** Professora

**Data:** 18 de setembro de 2014.

**Entrevistador:** Entrevista com a professora Amanda Gurgel. Por que a senhora foi para a audiência pública promovida pelo deputado Hermano Morais, naquele dia 10 de maio de 2011?

**Amanda:** Aquela audiência, ela entrou como uma das atividades do calendário da greve de 2011. Os professores da rede estadual estavam em greve naquela ocasião, acho que fazia mais ou menos 30 dias de greve, por aí, e a gente tinha tido uma assembleia na mesma semana que ficou encaminhado da gente participar. Aí eu fui participar da audiência como uma atividade do calendário da greve.

**Entrevistador:** Quando chegou a audiência, já estava determinada a se inscrever para falar no espaço destinado aos participantes?

**Amanda:** Não, eu não sabia como funcionava. Eu nunca tinha participado de uma audiência pública. Aí quando eu cheguei lá, eu vi que tinha algumas pessoas se inscrevendo pra falar e eu perguntei como era que fazia. O rapaz prontamente me ofereceu a lista das inscrições e eu me inscrevi, mas eu não tinha essa determinação de falar, até porque eu nunca gostei muito de aparecer publicamente, assim. Mas, eu costumava falar nas assembleias da categoria, mas também tinha outros professores mais experientes do que eu, e inclusive quando eles chegaram, que eu fui uma das primeiras a chegar, aí quando outras pessoas foram chegando, eu disse “só tem uma vaga que eu me inscrevi, não tem mais, mas se você quiser, você pode ficar no meu lugar, você fala no meu lugar.” E todo mundo “não, não. Fale você.” Mas, eu não tinha esse objetivo de falar.

**Entrevistador:** Pra você responder isso tem até uma pergunta formulada. O teor do seu discurso foi programado, ou seja, a senhora tinha pontuado o que ia falar naquele momento ou o discurso foi improvisado?

**Amanda:** Foi improvisado e foi em base às outras falas que eu tinha ouvido. A fala da própria secretária, a fala do Ministério Público, no caso era uma promotora substituta que estava lá, da professora Eleika, que era representante do IDE, do próprio deputado e tudo. E eram falas muito superestruturais, superficiais, que falavam da educação de acordo com os teóricos, de acordo com os números... de acordo com o que é pra ser, e não de acordo com o que é. E eu fiquei bastante indignada, porque nós estávamos naquela situação, reivindicando a aplicação da lei do piso, que é o salário mínimo do professor e naquela ocasião nós ainda não recebíamos, na rede estadual. Como é que pode, ficar falando... “o retrato da educação do Rio Grande do Norte.” Era esse o tema da audiência, e ficavam falando de uma forma tão abstrata. Eu: “quer saber?” fui ficando indignada ao longo da audiência e pensei uma fala assim: “eu vou falar o retrato da educação do Rio Grande do Norte. Esse não é o retrato da educação do Rio Grande do Norte. Mesmo que seja um intelectual, um deputado... quem quer que seja que esteja falando, não é esse

o retrato. O retrato é muito mais cruel do que tá aparecendo.” Na hora eu pensei algumas coisas, que são as coisas que afligem os professores e falei sobre essas coisas. Foi improvisado.

**Entrevistador:** Até o dia da audiência, a senhora já tinha aparecido na televisão em alguma situação? Qual?

**Amanda:** Já tinha aparecido, mas fazia muito tempo, porque foi na época do movimento estudantil. Eu fui do DCE, do Diretório Central dos Estudantes da UFRN. Naquela época, que era 2003, 2002, mais ou menos, na gestão que eu participei do DCE, surgiu uma luta muito grande na cidade contra a bilhetagem eletrônica no transporte. Era uma lei de Pio Marinho, que instituía esse cartão, essa bilhetagem eletrônica, identificação eletrônica dos estudantes. O DCE entrou com muita força contra esse projeto do vereador Pio Marinho, e eu fui uma das representantes do movimento estudantil da UFRN, então naquela ocasião eu cheguei a dar algumas entrevistas.

**Entrevistador:** A audiência ocorreu no dia 10 de maio. Quanto tempo depois tomou conhecimento de que o vídeo estava viralizando no Youtube e qual a sua reação?

**Amanda:** Eu acho que foi mais ou menos uma semana, eu não me lembro exatamente. Eu sei que eu comecei... assim, as pessoas me reconhecendo na rua, e no Orkut muita gente me parabenizando, naquela época era Orkut. “Você é aquela professora? Parabéns!” E eu fiquei “gente, eu não tô acreditando nisso. As pessoas estão me reconhecendo.” Eu fiquei com vergonha, fiquei tímida. Eu tava no ônibus, as pessoas falavam comigo; eu tava na parada, as pessoas falavam comigo, batiam palma, me abraçavam. E eu ficava tímida, eu ficava constrangida, na verdade. E depois, quando eu tomei ciência de que de fato era um fenômeno da internet, e aí entrevista, inclusive... foi o auge, assim. Inacreditável, quase. Aí eu vi que eu tinha uma tarefa muito importante para cumprir naquela ocasião. Eu disse “ora, eu tô sendo ouvida no Brasil inteiro, as pessoas estão me ouvindo no Brasil inteiro pela internet, pelas redes sociais, pelo próprio Orkut, pelo Facebook...” Eu tentava falar com as pessoas pelo Orkut, na época. Mas, era muito rápido, eu não conseguia porque eram muitas viagens, e tudo. E eu pensei: “se eu estou sendo ouvida, eu tenho que falar.” Quanto tempo nós passamos esperando ser ouvidos? Os professores, sobre os problemas que existem na educação. E aí, enfim... foi isso. Tomei pra mim a consciência de que realmente tinha que aproveitar aquela oportunidade pra falar sobre os problemas da educação.

**Entrevistador:** O vídeo foi publicado oficialmente no portal do deputado Fernando Mineiro, do PT. Depois, foi postado por um cidadão chamado Wanderley Felipe no Youtube. A senhora conhece ou procurou saber a pessoa que postou o vídeo que foi visto por mais de 2 milhões? Não, no caso, o deputado, mas o cidadão que baixou o vídeo do portal do deputado e publicou no Youtube, que é o vídeo que tem mais visualizações.

**Amanda:** Olha, naquela época eu recebi uma mensagem... deixa eu ver como foi que eu conversei com esse rapaz. Alguma coisa que se usava naquela época, de internet. Não era o Whatsapp. Era MSN. Pelo MSN, né. Ele falou comigo, ele disse que era casado com uma professora que me conhecia, que já tinha participado de várias greves. Pronto, eu me lembraria disso se fosse depois. Eu ia lembrar os nomes, e

tudo. Ele era como uma professora que tinha participado de várias atividades da greve comigo, e tudo. Ele tinha dito que ela já me admirava bastante pelas falas que eu fazia na Assembleia, e tudo. Mas, eu não cheguei a falar com ele pessoalmente. Ele falou comigo pelo MSN pra pedir autorização pra colocar no Youtube. Ele falou “oi, eu sou casado com fulana...” não me lembro agora. “[...] e eu vi o seu vídeo, ele tá num formato que não pode ser compartilhado no Youtube, só que eu consegui converter. Eu posso postar no Youtube?” Eu disse “claro, fique à vontade. Esse vídeo, ele já tem alguns acessos e tudo, e ele é uma coisa pública. É um instrumento que nós temos pra nossa luta.” Assim como qualquer outro professor com uma fala e tudo, eu acho que era pra ser utilizado dessa maneira. Mas, infelizmente a gente nunca chegou a ter um contato assim, de conversar e tudo.

**Entrevistador:** Como administrou e reagiu ao número de entrevistas que concedeu depois do episódio?

**Amanda:** Eu reagi muito confusa, era muito difícil refletir sobre aquilo. Não dava tempo, na verdade. Era uma entrevista atrás da outra, e muitos convites nacionalmente, dos professores que estavam em greve, querendo que eu fosse lá pra falar sobre a experiência da greve, pra falar sobre a situação, comparar a realidade da educação no Brasil, o Rio Grande do Norte, o Rio Grande do Sul, Ceará e Porto Alegre. As pessoas queriam saber disso, e foi muito legal, porque foi um elemento que desmascarou essa questão de que o problema são os indivíduos – os professores ou os alunos – não, é uma política nacional. Funciona do mesmo jeito nacionalmente, significa que é pensado dessa maneira. Então eu não refletia muito sobre isso, eu ia fazendo as entrevistas e as viagens, a participação nas atividades, nas greves nacionalmente por isso. Eu tava determinada a cumprir esse papel, não de representante dos professores, porque eu não fui eleita pra isso em nenhum lugar; mas, de qualquer maneira, como uma pessoa que tem propriedade pra falar sobre o assunto porque vivenciei. Vivencio, na verdade. Não deixei de ter contato com os meus colegas, não deixei de participar das assembleias, não deixei de ter visitar as escolas... então foi isso. Eu fui fazendo, sabendo que eu estava fazendo uma coisa que não era em meu benefício, era em benefício de toda uma categoria de profissionais, que inclusive é uma categoria que vem sofrendo cada vez mais, muitos ataques, muitas perdas de direitos, muito assédio moral, muita desvalorização perante a sociedade como um todo, né. Não é só por parte dos governos, é perante a sociedade como um todo. É tanto que ninguém quer ser professor, mais. Quase ninguém, mais. Então foi isso, foi mais como uma tarefa a ser cumprida.

**Entrevistador:** Houve algum tipo de arrependimento ou situação desconfortável em decorrência da dimensão do vídeo e dimensão da notícia?

**Amanda:** Não houve. Até hoje eu me sinto em dívida por não ter como dar retorno às pessoas. Por exemplo, as muitas mensagens que chegam até hoje no Facebook, as milhões de mensagens que chegaram no Orkut e no Facebook – quando eu passei a ter – e que eu nunca dei retorno, nunca consegui... por exemplo, o próprio rapaz que postou; nunca consegui ter o contato permanente com as pessoas por isso, porque sempre tô envolvida em coisas maiores, que dizem respeito não a mim, apenas. No final das contas é isso, eu nunca tive condições de priorizar esse contato com as pessoas, porque eu

sempre refletia assim “bom, essa pessoa, ela tá admirando o que eu estou fazendo”, eu espero que seja assim. “E não a mim enquanto pessoa. Então ela vai continuar admirando e eu espero até que eu a inspire pra que ela possa também ser uma lutadora, reivindicar os direitos e tudo.” E no final das contas, continuei minha rotina de militância sem conseguir priorizar esse contato com as pessoas. Eu gostaria muito, mas realmente não é um arrependimento, mas é uma coisa que falta, eu acho. Até hoje.

**Entrevistador:** No vídeo da audiência, a senhora aparece de maneira bem natural e simples. No entanto, na entrevista ao vivo no RN TV 1ª Edição, no dia 19 de maio, na participação ao vivo no programa do Faustão na Rede Globo de Televisão, a senhora se apresentou com outra aparência, com cabelo solto, arrumado. Essa mudança ocorreu por quê?

**Amanda:** Na verdade isso não foi uma mudança. Até os meus colegas da escola, eles comentaram isso. “Amanda, não acredito. Se você imaginasse que esse vídeo ia acontecer isso tudo, tu não ia nem com aquela roupa nem com aquele cabelo”, porque não era o meu habitual. Eu sempre fui... não de ser arrumada chique, até porque a gente não tem essa condição, professor, né. E também não é o meu estilo, mas eu sempre fui mais cuidadosa de usar maquiagem, de usar no mínimo o pó, a máscara para os cílios, o batom e o blush. No mínimo, pelo menos isso, né. Mas, naquele dia, especificamente, eu amanheci como todo mundo amanhece às vezes, principalmente as mulheres. Tem dia que a gente amanhece assim, não tá com disposição pra se arrumar muito, enfim, não está com essa disposição. E naquele dia eu amanheci assim, sem muita disposição pra fazer maquiagem nem nada, e fui do jeito que eu tava lá, que vocês viram. Inclusive eu acho que tava sem brinco, tava com um brinco muito pequenininho, que não aparecia, e isso nos bastidores foi assunto da gente fazer uma graça com isso, de dizer que justo naquele dia, justo naquele momento eu estava daquele jeito. Mas, isso pra mim é secundário. A do Faustão realmente... realmente foi uma mega maquiagem, porque foi feita lá no camarim, por profissionais e tudo, então é uma maquiagem que eu nunca vou ter na minha vida, nunca vou fazer uma maquiagem daquela. E a outra eu não me lembro...

**Entrevistador:** RN TV no dia 19 de maio, foi uma entrevista ao vivo com Lidia Pace no jornal do meio-dia.

**Amanda:** Ah, sim. Aquela ali sou eu, ali era o meu jeito normal. Aquela maquiagzinha do pó, da máscara para os cílios e tudo. Não era nada de excepcional, era eu mesma, ali.

**Entrevistador:** Outro ponto é também com relação ao tom de voz utilizado no discurso na Assembleia, na entrevista no RN TV e no Faustão. Houve uma mudança de tom de voz.

**Amanda:** Sim.

**Entrevistador:** Como se justifica?

**Amanda:** Bom, isso daí, se eu refletisse um pouco mais também, se eu tivesse refletido um pouco mais, talvez eu tivesse mais certeza pra falar isso, mas eu sempre falo assim. Quando as pessoas dizem “ah, você fez uma fala linda, você nunca mais ia fazer uma fala daquela, de tão perfeita que foi.” O que eu acho é que aquela era uma situação excepcional, assim, eu estava diante de políticos importantes, que a

gente é acostumado a ver como importante, tava em uma situação que eu nunca tinha participado, que era uma audiência pública. Eu nunca tinha falado na Assembleia Legislativa, eu nunca nem sequer... não tinha participado de nenhuma situação daquela, e eu tava falando de um assunto me tocava muito, que é a nossa situação, do professor. E uma situação de muita pressão que era a greve, com ameaça de corte de ponto, com assédio moral e tudo, então todos esses elementos, eles dão a condição pra que a fala aconteça daquele jeito. E as outras entrevistas já são outras situações. Aí já era isso, eu tendo consciência de que era uma coisa muito grande, em situações também inusitadas, porque eu nunca tinha dado entrevista, nunca tinha aparecido no Faustão, mas era um nervosismo diferente. O nervosismo da audiência era um nervosismo indignado, eu acho. Não tenho certeza. E o nervosismo das entrevistas acho que era um nervosismo, assim, de satisfação por estar podendo participar daquele momento e com uma maior tranquilidade, porque eu fui convidada, porque eu sabia que eu tinha um horário pra falar daquilo ali, eu não estava em um espaço onde eu pudesse ser de maneira nenhuma hostilizada... por isso, porque eu fui convidada. É diferente. Na Assembleia eu podia ser hostilizada, podia acontecer qualquer coisa porque eu tava lá como cidadã sim, a audiência pública era pra isso, mas o ambiente não é o mais adequado pra se dizer conteúdo, né. Então eu acho que tem esses elementos assim, mas eu não conseguiria dizer agora, com certeza, o que foi que aconteceu pra ter uma mudança, né.

**Entrevistador:** Todo aquele episódio, que chamamos de acontecimento, trouxe que tipo de mudança na sua vida?

**Amanda:** Foi uma mudança muito brusca de rotina. Antes, eu diariamente me movimentava de Nova Parnamirim até o Nova Natal, dava minhas aulas desde 7 horas da manhã até 5 e meia da tarde e voltava pra casa, chegava mais ou menos umas 7 horas da noite. 6 e meia, 7 horas da noite. Era a minha rotina. E participava das reuniões do partido uma vez na semana, e no final de semana quando tinha alguma atividade nossa, né. E mudou completamente, porque eu passei... primeiro eu fiquei conciliando as atividades, durante a greve eu viajei muito, aí depois tive que conciliar – quando acabou a greve – as atividades da própria escola com essas atividades de entrevista e tudo, que aconteciam na hora do intervalo, o povo ia lá, os jornalistas iam lá, filmavam depois do horário, e depois eu tirei as licenças, tanto do Estado quanto do Município, e depois participei das eleições, e fui eleita. Então assim, foi uma mudança de rotina muito grande, porque na verdade não existe mais rotina, não existe mais aquela coisa que todos os dias eu faço do mesmo jeito. Cada dia é uma coisa diferente, e também não existe mais o contato cotidiano com os aluno, na sala de aula, ou no laboratório de informática, ou na biblioteca, onde eu trabalhei durante um período. É isso, teve essa mudança de rotina, mas não ocasionou nenhuma mudança de padrão de vida, o padrão de vida continua sendo o mesmo, porque mesmo sendo vereadora, continuo recebendo a mesma remuneração de professora, utilizando a remuneração de professora, e continuo normal. Mas, foi uma mudança muito grande de rotina.

**Entrevistador:** A senhora vivenciou aquele acontecimento. Compreende que teve papel de protagonista?

**Amanda:** Hoje eu compreendo, mas durante um período considerável, mesmo participando de tanta coisa, tanta entrevista e assembleias no Brasil inteiro e tudo, eu demorei pra entender o tamanho do espaço que eu ocupava, e a audiência que eu tinha e ainda hoje tenho. Mas, hoje eu tenho essa consciência melhor elaborada sobre isso, mas é uma coisa até que eu não gosto muito de pensar sobre isso, porque até me dá um nervoso, assim, de achar que é muita responsabilidade, mas eu me sinto segura pra realizar, acabar ocupando esse espaço, porque não é um espaço só meu, é um espaço em primeiro lugar dos professores como um todo; eu acredito dessa maneira, e em segundo lugar eu tenho um suporte muito grande que é o suporte do meu partido, que não me deixa fazer as coisas sozinha, que não me abandona, que não deixa as coisas muito soltas, e eu me sinto segura por isso.

**Entrevistador:** Que imagem a professora Amanda Gurgel passou naquele vídeo no Youtube?

**Amanda:** Olha, eu vou dizer porque é o que as pessoas dizem, né. As pessoas dizem muito: “você é muito corajosa.” Então a imagem, o filtro que as pessoas fizeram, a imagem que ficou, foi disso. Foi de coragem, foi de indignação, de exigir justiça... então acho que foi uma imagem disso, de uma pessoa que tem coragem. Eu acho que no final das contas é isso, imagem de coragem.

**Entrevistador:** E que imagem a professora Amanda Gurgel passou quando foi entrevistada no RN TV e no programa do Faustão?

**Amanda:** Eu acho que foi essa mesma imagem. Essa imagem é a imagem que as pessoas dizem até hoje. É isso, o que as pessoas mais dizem é isso. “Você é muito corajosa, você é muito atrevida”, então eu acredito que seja a mesma imagem. Não sei, talvez se eu refletisse um pouco mais, eu pudesse ter outra análise.

**Entrevistador:** Se o circuito comunicacional que proporcionou o reconhecimento da senhora nacionalmente não tivesse ocorrido, teria disputado mandato eletivo em outubro de 2011?

**Amanda:** Provavelmente sim, porque no nosso partido, a participação nas eleições, ela não se dá pela possibilidade eleitoral. Se fosse assim, nós não participaríamos nunca. Nós temos inúmeros candidatos aí, você conhece e tudo, que estão sempre participando, mesmo sabendo que não têm chances eleitorais, mesmo sabendo que a perspectiva de ganhar uma eleição é muito pequena. Então, provavelmente sim.

**Entrevistador:** O seu discurso na Assembleia Legislativa foi decisivo na sua eleição como parlamentar?

**Amanda:** Eu acredito que... eu não sei se decisivo, porque decisivo é muito forte. Acho que os desdobramentos do vídeo, o conteúdo sim, da fala... foram muitos fatores que se somaram, todos relacionados ao vídeo. Mas, eu não sei se apenas o discurso que foi o determinante pra aquele resultado na eleição. Então são muitos elementos que estão relacionados sim ao vídeo, que estão relacionados sim à minha imagem, mas que estão relacionados também com a campanha que foi construída durante as eleições, que foi uma campanha que foi construída com muita força pelo partido, mas que foi construída com muita força por pessoas que até hoje eu não vi, pessoas que até hoje eu não conheço. Tem pessoas que até hoje, de vez em quando, eu encontro no meio da rua e diz: “olhe, eu distribuí tanto panfleto seu. Eu passei lá no partido, peguei e distribuí. Mesmo sem lhe ver, mesmo sem lhe conhecer.” Então assim,

são muitos fatores. Mesmo que as pessoas conhecessem o vídeo, mesmo que as pessoas tivessem assistido a entrevista, se as pessoas não soubessem que eu era candidata através desses desconhecidos que entregaram panfleto aos vizinhos, no local de trabalho e tudo, elas não votariam. Então assim, o resultado eleitoral, ele é muito... é um fenômeno ainda à parte.

**Entrevistador:** É outro estudo.

**Amanda:** É outro estudo. É um fenômeno que precisa ser de fato estudado. Nós não temos essa condição, nós gostaríamos, aqui do partido. Gostaríamos de ter essa condição de fazer um estudo desse. Mas, até se tiver um jornalista que queira fazer, que esteja concluindo o curso e queira estudar isso, eu vou achar muito legal, como eu tô agora muito orgulhosa de estar participando da sua pesquisa. Muito satisfeita. Mas, é isso, a gente não tem, essa resposta é muito complexa.

**Entrevistador:** Perfeito, Amanda.